



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"CAMPUS" DE RIO CLARO
INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS E CIÊNCIAS EXATAS

Educação Matemática e Nova Alta Paulista
orientação para tecer paisagens

Ivani Pereira Galetti

Dissertação de Mestrado elaborada junto ao Programa de Pós-graduação em Educação Matemática – área de concentração em Ensino e Aprendizagem da Matemática e seus Fundamentos Filosófico-Científicos, sob a orientação do Prof. Dr. Antonio Vicente Marafioti Garnica, para obtenção do título de Mestre em Educação Matemática

Rio Claro (SP)
2004

Para
Lídio, Ivo Sérgio e Ivo Sílvio

Assim que reconheci o gosto do pedaço de madeleine mergulhado na infusão de flores de tília... imediatamente aquela velha casa cinza da rua, onde ficava o quarto dela, ergueu-se como um palco... e todo o Combray e seus arredores, tomando forma e solidez, voltou à vida... a partir da minha xícara de chá. (Proust in Lowental, 1998: 169)

Agradecimentos:

Ao Professor Doutor Antonio Vicente Marafioti Garnica, pela orientação desta dissertação e pela amizade que me dedicou em todos os momentos de sua realização;

Aos Professores Antonio Jorge, Thiago Alves da Silva Leandro, Luiz Bereta, Denise Boldrini Molliet e Edson Fávero, que me permitiram caminhar por trilhas que levavam ao seu passado;

Aos Professores Doutores Antonio Carlos Carrera de Souza, Carlos Roberto Vianna e Terezinha Santarosa Zanlochi, membros da Comissão Examinadora, pela importante contribuição emprestada a este trabalho;

Ao Lídio, pela generosidade com que acompanhou todas as etapas desta trajetória.

SUMÁRIO

Educação Matemática e Nova Alta Paulista: uma orientação	07
História e Memória, ou O desejo de trazer o passado ao presente	10
A Colonização da Nova Alta Paulista O café, as ferrovias/rodovias, a imigração e a marcha para o Oeste	37
A ocupação da Nova Alta Paulista	48
Professor Antonio Jorge	55
Professor Thiago Alves da Silva Leandro	94
Professor Luiz Bereta	109
Professora Denise Boldrini Molliet	121
Professor Edson Fávero	145
Carta de Apresentação	176
Carta de Cessão e Roteiro para Entrevista	178
História Oral, Memória, Depoimentos: Considerações gerais e singularidades dessa investigação	181
Bibliografia	198

Resumo

Utilizando a História Oral como metodologia de pesquisa, esta investigação pretende ser uma contribuição para constituir uma paisagem da Nova Alta Paulista, última região do Estado de São Paulo a ser colonizada pelo homem branco. Dessa paisagem participam como elementos constitutivos essenciais o professor de Matemática, seu cotidiano e suas práticas. O texto é construído como uma entrevista, uma sessão de orientação, um diálogo entre orientador e orientanda, tecendo não só considerações sobre o "objeto" da pesquisa mas, também, ao próprio processo de elaboração da investigação.

Palavras-chave

Nova Alta Paulista, História Oral, História da Educação Matemática Brasileira

Abstract

Using Oral History as methodology, this investigation intends to be a contribution to produce a landscape of Nova Alta Paulista, the last region of São Paulo State colonized by white man. Mathematics teachers, their everyday life and practices take part in this landscape as essential elements. The text is written as an interview, a session of direction, a dialogue between the professor and the master's degree student, speaking not only about the object of the research, but also the own process of investigation production.

Key words

Nova Alta Paulista, Oral History, History of Brazilian Math Education.



Uma região é um espaço atravessado pela história que o institui como referencial para os próprios homens. Nenhuma região existe a priori: ela é resultado de uma série de representações que possuem historicidade, é um contexto, uma paisagem elaborada por nossos olhos e mentes, carregada de lembranças e significados, e antes de poder ser um repouso para os sentidos, a paisagem é obra da mente, compõe-se tanto de camadas de lembranças como de extratos de rochas.¹

¹ Excerto de texto extraído de BARALDI (2003). Acima, reprodução de tela de Sadi Lando (acervo particular).

Este trabalho apresenta-se como o registro integral de uma sessão de orientação sobre a Educação Matemática na Nova Alta Paulista – um diálogo entre orientador e orientanda – ocorrida no dia 13 de agosto de 2004.

A intenção dessa “entrevista”, foi servir de arremate e moldura a um trabalho de pesquisa que, num mesmo texto, pretende vincular compreensões locais e globais, textos anteriormente elaborados e perspectivas passadas, atuais e futuras. Para diferenciar os momentos dessa entrevista dos textos previamente elaborados que foram a ela incorporados, optou-se por alterar a “posição” dos textos (margens) e o tipo/tamanho das letras (respectivamente: mais à esquerda-*Times New Roman*-corpo 14; e mais à direita-*Arial*-corpo 13).

Educação Matemática e Nova Alta Paulista: orientação para tecer paisagens

Nos nossos dias, já ninguém duvida de que a história do mundo deve ser reescrita de tempos em tempos. Esta necessidade não decorre, contudo, da descoberta de numerosos fatos até então desconhecidos, mas do nascimento de opiniões novas, do fato de que o companheiro do tempo que corre para a foz chega a pontos de vista de onde pode deitar um olhar novo sobre o passado.
(GOETHE apud SCHAFF 1998: 219)

Fale um pouco sobre você, sobre sua trajetória profissional e seu cotidiano atual.

Eu sou Ivani Pereira Galetti, nascida na cidade de Dois Córregos, no Estado de São Paulo, em 1944. Meus pais são Euclides Geraldo Pereira, já falecido, e Guiomar dos Santos Pereira. Fiz meus primeiros estudos na cidade de Jaú. O curso primário no Grupo Escolar “Dr. Lopes Rodrigues”, parte do ginásial, até a terceira série, na Academia “Horácio Berlinck”, a conclusão do Ginásial e o primeiro Científico no Instituto de Educação Estadual “Caetano Lourenço de Camargo”. Em 1965 mudei-me para Dracena, cidade da Nova Alta Paulista. No Instituto de Educação Estadual “Engenheiro Isaac Pereira Garcez” desta cidade, me diplomei no Curso Colegial de Formação de Professores Primários, em 1968. Em 1969, foi criada a Faculdade de Filosofia Ciências e Letras “Ministro Tarso Dutra de Dracena” hoje Faculdades de Dracena, onde cursei a Licenciatura em Matemática. Logo após o Curso de Matemática, fiz a Licenciatura em Pedagogia. Na época em que entrei para a Faculdade, havia uma grande escassez de professores habilitados

para lecionar Matemática, em toda a Nova Alta Paulista, assim, logo após iniciar a Licenciatura fui admitida como professora de Desenho Geométrico na escola onde havia estudado, o Instituto de Educação Estadual “Engenheiro Isaac Pereira Garcez”. No ano seguinte passei a lecionar Matemática, nos cursos Ginásial e Científico. Em fevereiro de 1976, prestei concurso para o provimento do cargo de professor III, em Matemática, fui aprovada e escolhi um cargo na Escola Estadual de Primeiro Grau “Engº. Isaac Pereira Garcez”, o antigo Instituto onde eu havia estudado. Após outras aprovações em concurso, nos anos de 1979, 1982 e 1986, escolhi respectivamente, os cargos de Professor III de Matemática, na Escola Estadual de Primeiro Grau “Julieta Guedes de Mendonça”; de Diretor de Escola na ETAESG – Escola Técnica Agrícola Estadual de Segundo Grau – ambas em Dracena, e de Supervisor de Ensino, na Delegacia de Ensino de Dracena, onde trabalhei até me aposentar no ano de 1998. Em 1977, fui admitida como professora da Faculdade de Filosofia “Ministro Tarso Dutra de Dracena”, onde leciono disciplinas do Departamento de Matemática. No ano de 2002 ingressei no Programa de Pós Graduação e a partir de então, tenho me dedicado a ele e às minhas atividades nas Faculdades de Dracena.

Se alguém lhe perguntasse sobre o que é o seu trabalho, o que você responderia?

Meu trabalho aborda a formação dos professores de Matemática que atuaram na Região da Nova Alta Paulista no período de 1950 a 1970, no que diz respeito a sua formação e suas práticas cotidianas ao ensinar Matemática. Para compreender essa paisagem uso a História Oral como metodologia de Pesquisa. Penso, portanto, que é um esforço que se inscreve na tendência “História da Educação Matemática brasileira”.

O que a levou a fazer esse trabalho? Quais suas principais motivações?

Minha breve apresentação, acima, esclarece minha motivação principal quanto ao tema: vivo na Nova Alta Paulista e sou professora de Matemática formada em Dracena, cidade dessa

região onde sempre atuei como professora até aposentar-me. A opção pela História Oral, entretanto, não foi, para mim, algo tão natural quanto a escolha do tema de investigação. Explico: ao iniciar o Curso de Pós-Graduação eu tinha concepções referentes ao fazer histórico que, ao longo do tempo, identificamos como muito próximas àquelas do positivismo, concepções segundo as quais a história – isentando-se do fator subjetivo – é um reflexo fiel de acontecimentos passados. À medida que fomos dialogando com a obra de historiadores que tomaram como objeto histórico elementos extremamente originais até então não utilizados pelos historiadores tradicionais, vislumbramos, apesar da pouca familiaridade com as Ciências Sociais (uma vez que a nossa formação é em Ciências Exatas e, nessa formação, as humanidades, classicamente, são relegadas a um papel – quando muito – secundário, apressado e lacunar) a possibilidade de adentrarmos pelo campo histórico, propondo como tema de pesquisa um anônimo – um homem comum – e seu cotidiano: o professor de Matemática. Pretendemos, então, resgatar “uma” versão para a história do ensino da Matemática, focando um contexto que está começando a se organizar econômica social e politicamente – a região denominada Nova Alta Paulista, localizada no extremo-oeste do Estado de São Paulo – a partir de narrativas de professores que vivenciaram esse processo. Pensamos ter, portanto, um “texto” (o ensino da Matemática) e um “contexto” – uma “paisagem” que se diferencia, naquele momento, de forma marcante das demais regiões do Estado de São Paulo.

Fale um pouco mais sobre seu processo de elaboração desse trabalho... Para estudar o professor de Matemática da Nova Alta Paulista, como você realizou sua trajetória metodológica e o que, em linhas gerais, você pode dizer sobre ela?

Nosso primeiro passo foi o de estabelecer um diálogo com autores que nos permitissem compreender as relações entre o trinômio: História – Passado – Memória, uma vez que o nosso desafio seria o de seguir uma trilha – a memória – para alcançar o passado que já se foi e, portanto inacessível diretamente, para obter uma versão (e não “a” versão) para o tema por nós

proposto. Elaboramos um texto nos quais essa perspectiva – segundo pensamos – está mais detalhadamente sistematizada.

História e Memória ou O desejo de trazer o passado ao presente

Os gregos sabiam do estavam falando quando fizeram de sua deusa Mnemósine, a Memória personificada, a mãe das Musas, e portanto, a raiz de todas as artes humanas, da história à astronomia. Entre os escandinavos, nem o deus supremo Odin podia se dar ao luxo de fazer qualquer coisa sem o par de corvos gêmeos, Hugin (Pensamento) e Munin (Memória), que se empoleiravam em seus ombros. A capacidade de estocar eventos, coisas e sensações na mente está entre as bases do raciocínio e da criatividade de deuses e homens – e entre os mais duradouros enigmas da ciência. (Folha de São Paulo, Caderno Mais!, 1/02/2004)

A relação entre história e memória tem sido foco do trabalho teórico de historiadores, psicólogos e cientistas sociais. Consideramos que o entendimento dessa relação é essencial para todo historiador, e em específico para o historiador oral e para aqueles que, como nós, aventuram-se no conhecimento de áreas que não são a nossa, mas com as quais precisamos interagir para compreender nossas práticas. Assim, faremos aqui um esboço do seu desenvolvimento ao longo da experiência humana na cultura ocidental.

Não se trata, certamente, de um trabalho especializado em história, mas de uma compreensão pessoal, formada a partir de diferentes leituras² e experiências, das relações entre história e

² Vários foram os autores que nos serviram como referência para a elaboração deste texto. Dentre outros citamos Hanna Arendt, Jacques Le Goff, José Carlos Reis, Peter Burke, Eric Hobsbawn, Paul Thompson, Philippe Tétard, François Dosse, Marc

memória e de como a oposição tradicional entre uma história crítica e científica e uma história do tempo presente, na qual se inserem a história oral e a memória – inclusive com suas imprecisões e fantasias – encontra-se em vias de transformação.

Para o Ocidente, a história surgiu na Grécia no século V a.C. Até então o mundo grego viveu a época dos mitos, das divindades, das transmissões orais. A partir desse século, os gregos voltaram-se para as realizações humanas e iniciaram as suas primeiras narrativas (que poderíamos, hoje, chamar de “históricas”) visando a evitar o esquecimento dos grandes feitos de gregos e bárbaros.

Heródoto de Halicarnasso, Tucídides e Políbio, foram os iniciadores de uma historiografia com os primeiros vestígios de uma prática que, atualmente, poderíamos configurar como “científica”.

Heródoto, logo no início de *Guerras Pérsicas*, explicitou o seu objetivo ao reconstruir a história e destacou a importância que dava à função da memória:

preservar aquilo que deve sua existência aos homens para que o tempo não o oblitere, e prestar aos extraordinários e gloriosos feitos de gregos e bárbaros louvor suficiente para assegurar-lhes evocação para a posteridade, fazendo assim sua glória brilhar através dos séculos. (em Arendt, 2000: 70)

Segundo Arendt, a percepção que Heródoto tinha da história – evitar que fatos importantes fossem esquecidos – baseava-se na concepção grega de natureza, segundo a qual todas as coisas existiam por si mesmas, sem interferência do homem ou dos deuses, eram imortais, existiriam para sempre, não necessitando, portanto, da recordação humana, da memória, para garantir a sua existência no futuro. Todas as coisas vivas, inclusive a humanidade, estavam incluídas no ser-para-sempre, eram eternas. Entretanto, o ser individual, e só ele, era mortal.³ A individualidade distinguia-se de todas as outras coisas, uma vez que a sua história desenvolvia-se em linha reta e

Bloch e Harald Weinrich. Todos estão devidamente referenciados na listagem bibliográfica.

³ Os animais, que existem somente como membros de espécies e não como indivíduos, também eram imortais.

seccionada, num universo em que a história das outras espécies se movimentava de forma circular e cíclica. Assim, tudo que devesse sua existência ao homem, como palavras e fatos, era mortal. Todavia, através da recordação- da *mnemósine*⁴- era possível dotar os feitos e palavras humanas de uma certa imortalidade, fazendo-os entrar no mundo da eternidade, do ser-para-sempre. A tarefa do historiador e do poeta era fazer palavras e fatos perdurarem na recordação, existirem para sempre. Cabia-lhes transformar ação e fala em palavra escrita.

Heródoto, em sua obra, baseou-se em depoimentos escritos e orais na tentativa de reconstruir uma ligação entre os acontecimentos e de estabelecer suas causas naturais recentes ou remotas. Ele deu início à história factual ao estabelecer um distanciamento entre a história e o pensamento grego mítico-poético e filosófico voltado para o eterno. Rompeu com a tradição escrita e oral de relatar, de forma atemporal, as origens míticas. O objeto de seu conhecimento era o vivido pelo homem.

Tucídides, ao fazer uma leitura crítica dos depoimentos tanto orais como escritos, ultrapassou a simples compilação e nos legou um método : “criticar as fontes, restabelecer os fatos, organizá-los analisando-os” (Tetard, 2000: 14). Em sua *História da Guerra do Peloponeso*, o autor deixa claro o papel que cabe à história: constituir-se em um monumento – a que ele chama “capital imperecível” – que seja ao mesmo tempo memória, exemplo e objeto de meditação.

Para os historiadores gregos a base da história era a verdade. Interessavam-se apenas pelo registro e interpretação de ações humanas recentes. Segundo essa concepção, somente quem presenciava o evento podia relatá-lo de maneira confiável. A história fundada pelos gregos não se interessava nem pelo passado longínquo, que tratavam miticamente, nem pelo futuro. Seu questionamento não era “o que fazer?” – que aponta para o futuro – mas “o que aconteceu?”, questão que remete ao passado. Não esperavam que, ao final, a história pudesse trazer felicidade à humanidade. O papel do historiador consistia em oferecer aos homens a felicidade individual, atribuindo-lhes a fama eterna, a lembrança de seus nomes e de seus feitos.

Como a vida grega era fragmentada em pequenos núcleos, divididos e sempre em guerras, também não possuíam a idéia da unidade e da solidariedade da espécie humana e não

⁴ Mnemosine – memória em grego – deusa da memória, mãe das musas responsáveis por lembrar aos homens os grandes feitos dos heróis.

vislumbraram a possibilidade da existência de uma história universal, embora Heródoto, em sua obra, tenha se referido a outros povos – considerados bárbaros pelos gregos.

No que se tem chamado de “a historiografia grega”, enraizada em sua concepção de natureza, a relação entre história e memória é relativamente simples: o historiador é guardião da memória, dos acontecimentos importantes que deveriam ser preservados para a posteridade, é o responsável por dotar da imortalidade as grandes façanhas e as grandes palavras. O papel da história é tornar imortal a memória. Nas palavras de Arendt (2000: 78):

A história acolhe em sua memória aqueles mortais que, através de feitos e palavras, se provaram dignos da natureza, e sua fama eterna significa que eles, em que pese a sua mortalidade, podem permanecer na companhia das coisas que duram para sempre.

O início da historiografia romana deu-se nos séculos III e II a.C., cinco séculos após a fundação de Roma. Os primeiros historiadores romanos, ainda impregnados da cultura helênica, contavam com o auxílio de poucas fontes históricas. As invasões que sempre ocasionaram o desaparecimento de documentos, a produção cultural voltada quase que exclusivamente para as guerras e a falta de tradição arquivística, faziam com que seus registros fossem muito precários.

Foi Políbio – historiador grego refém em Roma por dezessete anos – quem iniciou os romanos no pensamento histórico. Para ele, uma boa história só poderia originar-se de uma memória viva, de quem houvesse participado dos acontecimentos. Sua história é a história do tempo presente ou de um passado muito próximo. Ele, inclusive, narrou a conquista do mundo pelos romanos – ocorrida nos séculos III e II a.C. – considerando, junto a fontes outras, sua própria memória. Políbio foi além de seus predecessores por sua preocupação com a verdade – “determinada pelo conhecimento das forças presentes, dos pretextos e das causas que determinam o nascimento e o fim das guerras, o poder ou o declínio dos sistemas políticos” (Tétard, 2000: 17) –, pela busca da causa e por elaborar relatos que visavam à demonstração e apresentavam exemplos. Em sua produção destaca-se também uma abordagem racionalista que a diferencia da história formulada pelos seus antecessores.

A partir do século I a.C., inicia-se a construção de uma história centrada em Roma, para firmar e celebrar o seu prestígio. Os historiadores – em sua maioria saídos das classes dirigentes – eram, nessa época, em sua grande parte memorialistas da política e da gesta militar. A grande contribuição da historiografia romana, segundo Reis (2000), foi a criação da idéia de uma “história universal”. Com Políbio esta idéia estava restrita à história do Império Romano. Para ele, o fim da história era o domínio de Roma sobre o mundo. Todavia, o desejo de expansão fez com que os romanos concebessem a idéia de uma “humanidade universal” que incluía não-romanos.

O cristianismo, inicialmente combatido e depois tornado a religião oficial de Roma, legitimou a ambição romana de tornar-se potência universal, fornecendo aos romanos o discurso teológico – aquele da salvação da humanidade – que justificou a expansão almejada por Roma.

A idéia de uma história de todo o gênero humano – à qual pertenciam, inclusive, os povos pagãos e bárbaros – na qual a humanidade tivesse uma história comum, o domínio romano, com uma única finalidade – a salvação cristã – foi absolutamente nova. Esta concepção sobre história, tornou Roma – que contava com poderosos exércitos e rígida disciplina militar– invencível por longo tempo. Na mentalidade romano-cristã, segundo a qual os acontecimentos históricos eram manifestações de Deus, os historiadores interessavam-se, sobretudo, pelo futuro, “lugar da esperança”. O passado, para eles, era o lugar do mal, do pecado que transparecia nos sofrimentos humanos. O futuro significava o fim de um calvário e dependia não mais de leis naturais ou históricas, mas da fé.

O cristianismo, ao eliminar a idéia de acaso e dar um sentido à história, “a redenção”, fez nascer também uma nova concepção de história, a de uma história teleológica⁵. Assim, com o cristianismo a história ganhou uma finalidade, um significado, mas, ao mesmo tempo, perdeu o seu caráter secular.

Tanto o cristianismo quanto o judaísmo são religiões monoteístas fundadas na memória, nas quais os atos divinos do passado são conteúdos de fé e objetos de culto. Os livros sagrados e as tradições insistem freqüentemente na necessidade da recordação. No Antigo Testamento encontramos, com freqüência, frases que indicam o dever da recordação e da memória organizada: “Guarda-te para que não

⁵ A teleologia também está presente no judaísmo.

esqueças lavé, teu Deus...”, “Lembra-te de lavé, teu Deus...” (*Deuteronômio* citado por Le Goff, 2000b: 27). No Novo Testamento, na descrição da Última Ceia, existe a proposta da recordação de Jesus como fundamento para a redenção: “Depois, tomando o pão, e havendo dado graças, partiu-o e deu-o dizendo: Este é o meu corpo que por vós é dado; fazei isto em memória de mim.” (*Evangelho de Lucas* citado em Le Goff, 2000b: 28).

Ao longo do tempo, o ensino do cristianismo nada mais tem sido do que a transmissão da memória de Jesus – onde se insere a mensagem de redenção – confiada à memória e ao relato dos apóstolos e dos seus sucessores.

Com Santo Agostinho, “a memória penetra profundamente no *homem interior*, no seio da dialética cristã do interior e do exterior de onde saíram o exame de consciência, a introspecção, e mesmo até a psicanálise”(LE GOFF, 2000b: 30). Agostinho também elaborou uma versão cristã das três faculdades da alma: *memoria*, *intelligentia* e *providentia*. Em *Confissões*, ao referir-se à memória atribuiu profundidade e fluidez psicológica dentre suas características.

Embora a memória cristã manifeste-se de modo predominante na comemoração de Jesus – Natal, Quaresma, Páscoa e Ascensão – as celebrações eucarísticas também contemplam os santos e os defuntos. Os mártires do catolicismo – considerados testemunhos – depois de mortos, tornaram-se recordações em torno das quais a memória cristã foi se cristalizando. Seus túmulos, que receberam dentre outros nomes o de *memória*, ocupavam lugar de destaque nas igrejas, e o dia de sua morte ou de seu martírio passou a ser comemorado pelos cristãos.

A associação da morte com a memória, amplamente difundida pelo catolicismo, acabou por afastá-la do culto pagão dos antepassados e dos mortos. Em pouco tempo, surgiu também a prática de orar pelos mortos e a dos *libri memoriales* – os obituários – nos quais eram registrados os vivos e os mortos benfeitores da comunidade, dos quais a Igreja queria guardar a memória e pelos quais rezava. Aos indignos, principalmente aos excomungados, punia-se com a exclusão dos *livros de memória*.

Com o aparecimento do Purgatório – no século XII – lugar situado entre o Céu e o Inferno, de onde era possível sair por meio de missas, orações e esmolas, aumentou consideravelmente o empenho dos vivos, em favor da memória dos mortos.

Na Idade Média, ao feudalismo e a cidade – as duas grandes estruturas sociais e políticas existentes – ligaram-se, simultaneamente, as genealogias e a historiografia urbana.

As grandes famílias, a partir do momento em que as estruturas sociais e políticas evoluíram, começam a se interessar por suas genealogias. Esse interesse de pequenos e grandes senhores produziu uma abundante literatura, principalmente na França, nos séculos XI e XII. Nessa época, as dinastias reinantes mandavam elaborar suas genealogias, muitas imaginárias ou manipuladas, para consolidar o seu prestígio e sua autoridade.

As cidades, por sua vez, à medida que se fortaleciam politicamente, passaram também a exaltar seu prestígio, valorizando sua antiguidade, glorificando sua origem e a de seus fundadores; e os momentos em que foram protegidos por Deus, pela Virgem ou por seus Santos Padroeiros.

Ainda na Idade Média, os senhores obtiveram os documentos que garantiam seus direitos sobre a posse da terra, e a expansão das cidades gerou a criação dos arquivos urbanos, que ficavam sob a guarda das assembleias municipais. Genova, pioneira nessa criação, ainda possui os seus registros referentes ao século XII.

No que diz respeito à Literatura, a oralidade permaneceu ao lado da escrita e a memória constituiu-se como elemento da literatura medieval. As *canções de gesta*⁶, por exemplo, integravam-se à memória coletiva, uma vez que exigiam a memorização não só do trovador e do jogral, mas também do público ouvinte.

No ensino, conhecer significava memorizar. O aluno devia registrar todo o conhecimento disponível de memória. Jovens judeus, muçulmanos e cristãos deviam saber de cor os textos sagrados.

Na retórica e na teologia desenvolveram-se teorias da memória que estabeleceram, por exemplo, a distinção entre “memória para as coisas” e “memória para as palavras”, entre “memória natural” e “memória artificial”.

Segundo Weinrich (2001: 51), a *Divina Comédia*, de Dante Alighieri é “uma ilustração literária precisa da antiga arte da memória (*ars memoriae*) /.../ uma obra de arte da memória”, em

⁶ Poema épico medieval, surgido na França, que louvava os feitos maravilhosos e heróicos de cavaleiros da corte de Carlos Magno.

que o autor descreve sua visão do Inferno, Purgatório e Céu, depois de tê-los vivenciado.

Tomás de Aquino foi um dos principais autores do período a destacar – em seu trabalho de resgate da filosofia aristotélica que estabelece, por exemplo, a distinção entre memória e reminiscência – a arte de recordar, formulando regras mnemônicas que exerceram grande influência em teóricos da memória, teólogos, pedagogos e artistas:

“Há quatro coisas que ajudam o homem a bem recordar. A primeira é que disponham as coisas que se deseja recordar numa certa ordem. A segunda é que se adira a elas com paixão. A terceira consiste em as reportar a similitudes insólitas. A quarta consiste em as chamar com freqüentes meditações.”⁷

Com o Renascimento – período de transição entre a época medieval final e o início da Idade Moderna – o homem tornou-se novamente o objeto dos estudos históricos. É o tempo do antropocentrismo, da redescoberta e utilização de antigas virtudes, habilidades e conhecimentos da cultura helênica, perdidos durante os séculos bárbaros, que se seguiram à queda do Império Romano, no século V d. C..

Com o ressurgimento da herança cultural da Antiguidade Clássica, a mentalidade histórica foi influenciada pela idéia de uma história perfeita – nova e global. Os métodos e a crítica histórica passaram por grande progresso. As ciências auxiliares da história, como, por exemplo, a epigrafia, a arqueologia, a numismática também apresentaram sensível desenvolvimento. A história, ainda, aliou-se ao Direito, com o objetivo de unir o real ao ideal, os costumes à moral. O evento cultural mais importante do Renascimento foi a invenção alemã do tipo móvel para a impressão. Até a invenção da imprensa grande parte do conhecimento encontrava-se ou nos manuscritos para serem aprendidos de cor, ou na transmissão oral. O material impresso permitiu ao leitor, além de explorar uma grande quantidade de textos novos, entrar em contato com a uma vasta memória coletiva. Outras inovações, estas ocorridas no campo das artes, como a adoção da pintura a óleo (que permitiu a abertura do espectro de cores e o aumento da qualidade dos trabalhos); o

⁷ Segundo Le Goff (200b: 38) este resumo das regras de Tomás de Aquino deve-se à Giovanni da San Gimignano.

uso de telas feitas de lona (que possibilitou aos pintores escolher a dimensão, forma e textura de suas obras) e do cavalete (que deu ao artista a possibilidade de carregar consigo suas produções) resultaram na intensificação da produção de retratos, outro dentre os objetos da memória.

Um aspecto histórico importante a considerar, segundo Johnson (2001), é que a partir do século XV, especialmente na Itália, os homens conscientizaram-se de que não deviam apenas prender-se à memória, mas explorá-la ao máximo, visando a atingir padrões mais elevados em todos os campos da cultura. É o desenvolvimento dessa idéia que fundará, quatro séculos depois, o conceito de progresso.

No Renascimento, embora tenha havido esforços para se criar uma história nova e independente, a história esteve quase sempre a serviço dos interesses sociais e políticos das classes dirigentes e do Estado. Conseqüentemente, a memória também neles se concentrou. Na França, do século XVI até a Revolução, a remuneração dos historiadores oficiais atesta o domínio da monarquia sobre a prática histórica.

No século XVIII, o processo cultural iniciado no Renascimento atingiu o seu ponto máximo com o Iluminismo, que colocou a racionalidade como critério de valor para a religião, as ciências, o Estado, o direito e a economia. Segundo HOBBSAWN (1998: 269) o projeto Iluminista pretendia

o estabelecimento de um sistema universal de regras e normas de comportamento moral, incorporado nas instituições dos Estados e dedicado ao progresso racional da humanidade: à Vida, Liberdade e Busca da Felicidade, à Igualdade, Liberdade e Fraternidade.

O Iluminismo também apresentou ambigüidades perante a história. Seu racionalismo impediu que o movimento compreendesse e respeitasse as manifestações do irracional – as “manifestações de fé” – contidas nos registros da Idade Média e da Antigüidade Clássica. Entretanto, a hostilidade à irracionalidade produziu “discernimentos significativos”. Foi a abordagem crítica da história formulada pelos iluministas que lhes permitiu rejeitar instituições, desacreditar autoridades e fazer a crítica dos registros históricos tais como eram elaborados tradicionalmente. Nesse período lançaram-se as bases de um

Novo Mundo, com reflexo na história, que passou a atribuir mais importância ao estudo das sociedades – em detrimento ao interesse pelas grandes personalidades – e ao tempo presente. Contudo, a julgar pelos nossos autores de referência, o esforço iluminista para dotar a história de racionalidade não foi suficiente para transformar a concepção de história, para desvinculá-la do conceito de filosofia que ensina pelo exemplo. Entretanto, nesse século das Luzes houve um significativo interesse em relação à memória coletiva: proliferaram os dicionários e enciclopédias – formas de memória exterior – publicadas para uso tanto de trabalhadores das fábricas como de artesãos e intelectuais. É também neste século que se iniciam as pesquisas sobre a memória biológica.

Cuidado com os vivos, descuido com os mortos: enquanto os vivos têm a sua disposição uma memória cada vez mais rica, a comemoração dos mortos entra em declínio. Os túmulos, inclusive dos reis, tornam-se modestos e os cemitérios são praticamente abandonados.

Durante a Revolução Francesa não houve grande estímulo à reflexão histórica. Os revolucionários, segundo Lefebvre (apud Le Goff, 2000a) faziam história – destruíam o passado recente – mas não se interessavam por ela, não dedicavam seu tempo a ela. Todavia, a Revolução deu sua contribuição à história no que diz respeito às instituições, aos equipamentos documentais e, sobretudo, ao ensino. Até o século XVIII a história não era ensinada nas escolas: Aristóteles não a reconhecia como ciência, e ela não fazia parte do currículo das universidades Medievais, embora algumas congregações religiosas tenham dado espaço à História em seus colégios. Com a Revolução, ocorre sua inclusão nos ensinos primário e secundário e, mais tarde, no ensino superior, o que possibilitou a difusão de uma cultura histórica.

À Memória, com a Revolução, incorporam-se os rituais comemorativos – as festas nacionais – com o objetivo de conservar a recordação da Revolução Francesa, embora, tenha havido uma seleção – uma manipulação da memória – dos fatos revolucionários “dignos” de comemoração. Também foram criados, na França, os arquivos nacionais e fundados museus públicos. Essa prática foi logo incorporada também em outros países europeus.

Após a Revolução, a memória dos mortos voltou a ser cultuada na França e nos demais países da Europa. Retomou-se o rito de visitas aos cemitérios – lugar de recordação ligado à

memória – onde foram construídos novos tipos de monumentos e introduzidas novas formas de inscrições.

Nadel, confirmando o que já vimos anteriormente, afirma que do Renascimento ao Iluminismo a concepção de história foi predominantemente didática, de ensinamento, de história exemplar. E embora Le Goff nos aponte historiadores franceses do século XVI e XVII que, de certo modo, superaram esta concepção, o nascimento da ciência histórica moderna só se deu realmente com as correntes filosóficas do século XIX.

Uma dessas correntes surgiu na Alemanha, ao final do século XVIII, e teve como figura mais importante Leopold Von Ranke. Foi um movimento romântico contra o racionalismo Iluminista, uma oposição entre o espírito alemão e a cultura francesa.

Para os seguidores de Ranke o passado era real e podia ser reconstituído integralmente, sendo possível estabelecer com exatidão o que aconteceu, por meio da erudição científica, que também possibilitava que se estabelecesse de forma definitiva “o” texto histórico. Para eles as hipóteses brotavam automaticamente no decorrer do estudo dos acontecimentos.

A outra, a qual se integram o positivismo francês de Auguste Comte e o materialismo histórico de Marx e Engels, se aproxima do Iluminismo e concebeu a história como parte da Sociologia, ou seja, como uma ciência da sociedade cujo desenvolvimento tem por base as leis sociais pressupondo, inclusive, que é função da história fazer previsões segundo essas leis.

Segundo Nadel, o historicismo

é o reconhecimento de que os acontecimentos históricos devem ser estudados, não como anteriormente se fazia, como elementos para uma ciência da moral ou da política, mas como fenômenos históricos. Na prática, manifestou-se como a afirmação da história como disciplina universitária independente, no nome e de fato. Na teoria, expressou-se através de duas proposições : 1) o que acontece deve ser explicado em função do momento em que acontece; 2) para explicar existe uma ciência dotada de processos lógicos específicos, a ciência da história. (apud Le Goff, 2000a: 84).

Este mesmo autor aponta que o exagero dessas proposições levou a duas distorções: concluiu-se que fazer história significava dar uma explicação convincente; e que a ciência histórica seria capaz de predizer o futuro.

A profissionalização do historiador que se inicia no século XIX, primeiro na França e depois nas outras partes da Europa, baseava-se nos pressupostos de Ranke, cujo método de pesquisa preconizava a história factual, recortada no tempo e centrada em documentos. “O historiador trabalha com documentos. /.../ Não há substituto para os documentos: se não há documentos, não há história” (Langlois e Seignobos citado em Thompson, 1998: 79)

No século XIX, desenvolveu-se consideravelmente o movimento científico, que visava a fornecer os monumentos de recordação à memória coletiva. Na Europa ampliou-se a quantidade de monumentos, placas de parede e comemorativas, nas quais se mesclavam política, sensibilidade e folclore, que começaram, inclusive, a despertar o interesse de historiadores. Acentuou-se também o interesse pelos cemitérios. O desenvolvimento do turismo ampliou o comércio dos objetos de recordação.

O documento adquiriu o sentido de testemunho histórico. Para a escola positivista, leis, cartas, fórmulas, crônicas e histórias constituíam-se em provas objetivas, isentas de intencionalidade. Tais documentos impunham-se por si próprios. Grandes coleções de documentos foram publicadas na Alemanha, Itália e França.

A memória coletiva passou a acolher a memória popular. A fotografia, dando precisão e verdade visual à memória, torna possível manter a memória do tempo e da evolução cronológica e, ainda, multiplicá-la e democratizá-la.

A galeria de retratos democratizou-se e cada família tem, na pessoa do seu chefe, o seu retratista. Fotografar as suas crianças é fazer-se historiógrafo da sua infância e preparar-lhes, como um legado, a imagem do que foram... O álbum de família exprime a verdade da recordação social. Nada se parece menos com a busca artística do tempo perdido do que estas apresentações comentadas das fotografias de família, ritos de integração a que a família sujeita os seus novos membros. As imagens do passado

dispostas em ordem cronológica, “ ordem das estações” da memória social, evocam e transmitem a recordação dos acontecimentos que merecem ser conservados porque o grupo vê um fator de unificação nos monumentos de sua unidade passada ou, o que é equivalente, porque retém do seu passado as confirmações da sua unidade presente. É por isso que não há nada que seja mais decente, que estabeleça mais a confiança e seja mais edificante do que um álbum de família. (Le Goff, 2000b: 48, ancorado em Pierre Bourdieu)

Com as fotografias e os cartões postais que a elas se juntaram criaram-se os arquivos familiares, que Le Goff denomina de “iconoteca da memória familiar”.

No início do século XX, o desejo de fazer uma história mais abrangente e totalizante, diferente da história política e militar – que se apoiava em fatos, grandes nomes e heróis – levou um grupo de historiadores franceses, ligados à revista *Annales d’histoire économique et sociale*⁸ a construir um modelo historiográfico que ampliou o campo das pesquisas históricas e exerceu grande influência.

Até o século XIX, a Europa – berço das revoluções científicas, artísticas, políticas e industriais e cuja economia prevalecia na maior parte de seus domínios – detinha a hegemonia mundial e era tida como “centro” da história. No século XX, ao ser abalada por duas guerras mundiais, por ondas de rebelião, por revoluções e ainda, por crises do capitalismo, a Europa perdeu a sua posição de centralidade no cenário mundial.

Os *Annales*, segundo Reis, fizeram a história da Europa – e da França – vencida, refletindo sobre sua nova posição, traduzindo-a em “problemas”, racionalizando-a. Visavam tanto a sua reconstrução quanto a evitar ressentimentos.

Grande parte do que existe de inovador em história, no século XX, deve-se às iniciativas desse grupo. Marc Bloch, medievalista, e Lucien Febvre, especialista no século XVI, foram os líderes do movimento dos *Annales* em sua primeira fase (1920 a 1945). Bloch e Febvre faziam parte da Universidade de

⁸ A revista teve quatro títulos: *Annales d’histoire économique et sociale* (1929-39); *Annales d’histoire sociale* (1939-1942, 45); *Mélanges d’historien sociale* (1942-44); *Annales: économies, sociétés, civilisations* (1946-) (BURKE, 1997: 11).

Estrasburgo, cidade francesa desanexada da Alemanha após a Primeira Guerra. Essa Universidade, segundo Reis (2000), tinha como finalidades essenciais re-inserir a Alsácia-Lorena (até então profundamente alemã) na cultura francesa; e consolidar a presença da França na fronteira entre os dois países.

Bloch, sob as influências de Michelet e Fustel de Coulanges, leitor de Marx e Durkheim, vivendo a violência de duas guerras mundiais – foi torturado pela Gestapo e fuzilado pelos alemães em 1944 – transformou sua vivência em motivação para seus estudos históricos. Ao introduzir uma nova concepção de objeto histórico, ao fazer uso do método retrospectivo e ao refletir sobre a temporalidade, desenvolveu proposições inovadoras em história, às quais, segundo Reis, Febvre ainda não havia dado muita atenção.

Para Bloch, a história não era a ciência do passado, uma vez que são os temas do presente que condicionam e delimitam o retorno do historiador ao passado, mas, a “ciência dos homens no tempo”, “o estudo dos homens, das sociedades, no tempo”. Segundo ele, o tempo – real e vivo – não podia ser abstraído, e o tempo da história, por constituir-se em uma espécie de teia na qual se inserem os acontecimentos e, ao mesmo tempo, ser lugar do entendimento desses acontecimentos, não permite nem sua desintegração em partes homogêneas, nem sua transformação em simples medida. A essa nova concepção de tempo associa-se a mudança dos objetos da história.

A história tradicional centrava-se na história política, na narrativa dos eventos e dos seus significados: o visível, a mudança, a curta duração. A nova história volta-se para novos objetos como, por exemplo, as mentalidades e os fenômenos econômico-sociais. A narrativa permanece, mas não é mais o objetivo da história.

Também um método específico – o método retrospectivo ou regressivo – foi criado, contrariando a abordagem que procurava explicar o presente pelo passado. Para Bloch, conhecer a origem – o passado – de um processo não é o suficiente para explicá-lo. “Explicar não é estabelecer uma filiação. O presente guarda uma certa autonomia e não se deixa explicar inteiramente pela sua origem” (REIS, 2000: 85). Na concepção de Bloch o historiador não é um pesquisador de origens, uma vez que são os temas do presente que condicionam e delimitam o retorno do historiador ao passado. Sua função é trazer de volta o passado, levando sempre em consideração a reciprocidade das relações

entre passado e presente. No método regressivo faz-se o caminho inverso: o historiador, partindo da sua realidade presente, vai ao encontro do passado – vai do conhecido ao desconhecido – lê a história de trás para frente.

Febvre, por sua vez, revoluciona com a “história-problema”, que se opõe à estrutura da narrativa da história tradicional, na qual eventos políticos documentados eram narrados em ordem cronológica, em sua evolução linear, “do modo como aconteceram”. Para a história-problema é impossível narrar – reconstituir – o fato histórico como aconteceu, uma vez que o historiador recolhe o seu objeto de estudo no passado mas o interroga a partir do presente. Deste enfoque, compreende-se que a organização da pesquisa deve ser uma decorrência do problema que a gerou. É o problema que direciona o fazer do historiador. Suas hipóteses, a escolha de suas fontes e o modo pelo qual ele estabelece a inter-relação entre os eventos para a verificação das hipóteses, são sempre determinadas pelo problema.

Uma nova concepção de fato histórico também foi geradora da história-problema. Para Febvre, a história tradicional construía quebra-cabeças juntando peças da realidade tomadas dos arquivos – os fatos estavam contidos nos documentos. O quebra-cabeça constituiria, assim, um quadro real e total, exterior ao trabalho do historiador. Sob a influência das ciências sociais a *nouvelle histoire* admitiu explicitamente a construção do fato histórico pelo historiador.

Nas palavras de FEBVRE (apud LE GOFF, 2000a: 32):

Dado? Não; criado pelo historiador e – quantas vezes? – inventado e fabricado, com a ajuda de hipóteses e conjecturas, por um trabalho delicado e apaixonante... Elaborar um fato significa construí-lo ou, se quisermos, dar resposta a um problema. E, se não existe problema, não existe nada.

A história tradicional, ainda segundo Febvre, era lacunar. Os historiadores, sobretudo os da História Medieval e Moderna, usavam exclusivamente os documentos arquivados – textos que forneciam datas, locais e nomes de pessoas – ignorando outras fontes – documentos estatísticos, jurídicos, moeda, câmbio – que o auxiliariam, por exemplo, a apreender a realidade econômica das sociedades.

A história dos *Annales*, gerada por problemas e partindo da elaboração de hipóteses, abre e amplia o campo das fontes históricas.

A história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando estes existem. Mas pode fazer-se, deve fazer-se sem documentos escritos, quando não existem. Com tudo o que a inventiva do historiador lhe permite utilizar para fabricar o seu mel, na falta das flores apropriadas. Logo, com palavras. Marcas. Paisagens e telhas. Com as formas do campo e das ervas. Com os eclipses da Lua e os arreios dos cavalos de tiro. Com os exames de pedras feitos pelos geólogos e com as análises de metais feitas pelos químicos. Numa palavra, com tudo o que, pertencendo ao homem depende do homem, serve o homem, exprime o homem, demonstra a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem. Toda uma parte, e sem dúvida a mais apaixonante do nosso trabalho de historiadores, não consistirá num esforço constante para fazer falar as coisas mudas, para fazê-las dizer o que elas por si próprias não dizem sobre os homens, sobre as sociedades que as produziram, e para constituir, finalmente, entre elas, aquela vasta rede de solidariedade e de entre-ajuda que supre a ausência do documento escrito?" (FEBVRE apud LE GOFF, 2000 b: 107).

À ampliação do campo das fontes históricas associa-se a "história total", alargando o campo histórico que passa a acolher todas as relações sociais e humanas abordadas de forma holística. É uma história sem exclusões. Para ela não existe passado histórico e não-histórico, todo passado tem direito à pesquisa histórica.

A síntese das novas concepções de "fato histórico", "história-problema", "história total" e "fonte histórica" favorece a *interdisciplinaridade*, característica fundamental do grupo dos *Annales*, aproximando a história das ciências sociais. Febvre

explica que a ligação entre a história e as ciências sociais não se deve ao método, mas ao objeto comum de estudo dessas ciências – o homem social – que exige, para a sua análise, conhecimento de várias ciências.

Ao final dos anos 30, a revista mudou-se de Estrasburgo para Paris. Em 1944, Bloch foi fuzilado pelos nazistas e Febvre continuou na sua direção até o final da guerra. Nesta nova fase (1946 a 1968), Febvre ainda lidera o grupo até 1956 e embora sua obra estivesse em quase a sua totalidade voltada para a história das mentalidades coletivas, a Revista passou a dar prioridade para a economia e a demografia, avançando em direção à história global, uma das aspirações dos seus fundadores.

Febvre conhece Fernand Braudel, em uma viagem entre Santos e a França, quando este retornava do Brasil, após ter lecionado de 1935 a 1937 na Universidade de São Paulo. Depois da Segunda Guerra Braudel tornou-se colaborador de Febvre na direção da revista.

Embora Braudel tenha sido a figura central dessa segunda fase, quando os *Annales* exerceram grande influência nos estudos históricos, inclusive internacionalmente, uma outra tendência – a história quantitativa – também foi responsável pelo desenvolvimento do movimento. É a partir de Labrousse, que se introduzem no grupo os métodos estatísticos. Ele utilizou-se de conceitos, métodos e teorias da Economia, ao fazer mensurações das tendências econômicas, em seus estudos sobre a economia francesa do século XVIII. Uma outra conquista da abordagem quantitativa foi a história demográfica, que em pouco tempo ligou-se à história social. É também durante essa fase que se intensificam os estudos locais, urbanos e rurais, que se fundamentam em fontes que possibilitam conhecer dados bastante homogêneos, como tendências dos preços e taxas de mortalidade” (Burke, 1997: 73), inaugurando o que se denominou “história serial”. Arquivos até então inexplorados, como por exemplo os arquivos paroquiais – com seus atestados de batismo, casamento e óbitos – e judiciais foram resgatados e passaram a ter *status* de documento.

Uma terceira geração do grupo surge a partir de 1968, quando Jacques Le Goff e Emmanuel Le Roy Ladurie, entre outros jovens historiadores, passam a compartilhar a direção da revista

com Braudel. Nesta fase, segundo Burke, não há uma liderança significativa, como foram as de Febvre e Braudel e alguns críticos apontam, inclusive, uma certa fragmentação dos *Annales*. Isto porque, enquanto alguns historiadores do grupo deram continuidade ao projeto de Febvre, ampliando os domínios da história incluindo em seus estudos, por exemplo, a infância, o sonho e o corpo; um outro grupo retornou à história política e dos acontecimentos. Por outro lado, a história quantitativa – embora tendo continuidade – foi fortemente rejeitada, por alguns integrantes dos *Annales*.

Nesta fase, o projeto dos *Annales*, em alguns aspectos, radicalizou-se. A relação entre o presente e o passado, por exemplo, transformou-se em “história do presente”, aproximando-se da antropologia cultural.

Assim, a história cultural, cujo objetivo é resgatar os sentidos conferidos ao mundo, que se manifestam por meio de representações – entre elas a linguagem, as imagens e as práticas – assumiu a posição até então ocupada pela história econômico-social, e novos objetos, até então nunca enfocados pelos historiadores, transformaram-se em temas de pesquisas.

O historiador francês Phillipe Ariès, por exemplo, demógrafo por formação e um dos rejeitadores da história quantitativa, resgatou a história das mentalidades⁹ – já presente no projeto dos *Annales*, mas de forma um tanto marginal, uma vez que a história econômica ocupava a cena principal.

Ariès abordou temas concentrados na vida humana, como por exemplo, o tratamento dispensado às crianças entre os séculos XVI e XVIII e a percepção da morte no Ocidente – em uma longa duração – ao longo de toda época cristã.

Outros historiadores desdobraram a obra de Ariès, passando a dar mais atenção aos valores, às atitudes e à vida emocional. Alphonse Dupront, que exerceu uma certa influência sobre o novo grupo dos *Annales*, abordando a peregrinação, voltou-se

⁹ “A história das mentalidades /.../ dirige a atenção exclusivamente para o não-conscientizado, o cotidiano, os automatismos do comportamento, os aspectos extra-pessoais da consciência individual, para aquilo que foi comum a César e ao último soldado das suas legiões, a São Luís e ao camponês que trabalhava nas quintas dele, a Colombo e aos marinheiros de suas caravelas” Guriêvitch (2003: 178).

para as atitudes inconscientes e os espaços sagrados, estabelecendo, inclusive, relações entre a história da religião e a psicologia, a sociologia e a antropologia. Robert Mandrou – seguidor de Febvre – abordou em seu trabalho a saúde, as emoções, as mentalidades, a bruxaria e a cultura popular. Delumeau e Besançon – seguidores das idéias de Freud – escreveram, respectivamente, sobre a culpa e o medo no Ocidente. Jacques Le Goff, medievalista, trabalhou incansavelmente o problema das mentalidades, abordando temas como a ética e o comportamento do homem medieval; analisando textos escritos, rituais, gestos e as analogias entre a arte visual e a arte verbalizada; tipos sociais e psicológicos como o comerciante, o agiota e o tratamento que recebiam da sociedade e da Igreja; a mudança do sistema de valores e a relação dos medievais com a morte. Fez ainda uma história das mudanças das concepções sobre o outro mundo, uma história das transformações que levaram à “criação” do Purgatório que, para alguns historiadores como Burke, é maior contribuição de Le Goff para a história das mentalidades.

George Duby, seguidor de Febvre e Bloch, que inicialmente se dedicou à história socioeconômica, voltou-se para as mentalidades a partir dos anos 60, concentrando seus estudos na história da família, do parentesco, do casamento. Contrariando o ponto de vista de outros historiadores do grupo dos *Annales*, Duby enfatiza a importância da fidelidade cronológica, de levar em conta a linearidade do tempo histórico, de verificar com exatidão a seqüência dos acontecimentos, de articular as fontes com a ordem dos acontecimentos. Para Guriêvitch, esta preocupação de Duby deve-se à necessidade de analisar o fato sempre inserido em um contexto, uma vez que a explicitação da ordem cronológica permite estabelecer relações entre causa e efeito.

Ainda na terceira geração dos *Annales* destaca-se Emmanuel Le Roy Ladurie que, segundo Guiêvittch, é o historiador da atualidade que mais se amolda à afirmação de Marc Bloch sobre o bom historiador parecer-se com “o ogro da lenda. Onde fareja carne humana, sabe que ali está a sua caça” (Bloch, 2001: 20). O objetivo de Ladurie é dar voz aos homens pertencentes a “maioria silenciosa”, “aos homens sem arquivos”, aos camponeses, artesãos, iletrados, que não podiam falar por si mesmos. Ele faz uma história “de baixo para cima”, dando ao

século XX a possibilidade de “dialogar” com homens que viveram há mais de quinhentos anos.

A utilização de séries documentais é extremamente cara aos trabalhos de Vovelle, por exemplo, quando aborda a “descristianização”, estudando as atitudes diante da morte e do outro mundo, analisando trinta mil testamentos. Chaunu usa métodos semelhantes para estudar as atitudes diante da morte, por volta do século XVI.

A história política, não que não havia tido destaque nos trabalhos de Febvre e Braudel, retorna nesta fase, tendo Maurice Agulhon como um de seus destaques. Esse retorno, trazendo à cena Michel Foucault, orienta-se para a discussão da luta pelo poder em diferentes níveis, da micro à macro política. Com essa história política ressurgem o relato dos acontecimentos, a narrativa, que agora não se presta apenas à abordagem dos fatos políticos, mas também de uma grande variedade de temas.

O interesse pela antropologia cultural, pela micro-história e a preocupação com a liberdade fazem renascer, inclusive fora do grupo dos *Annales*, o interesse pela biografia histórica, tema presente na obra de Duby, Le Goff e Ladurie.

Os *Annales*, transformando em históricos grupos sociais e áreas do comportamento até então não incluídos entre os objetos de reflexão dos historiadores tradicionais, ampliaram de forma muito significativa os limites da história.

A expansão do campo histórico, por sua vez, levou a novas práticas que exigiram um novo conceito de fonte, novas abordagens, novos métodos e à necessidade de uma colaboração interdisciplinar, por meio da qual pudessem abordar a humanidade em todas as suas facetas.

A partir da metade do século XX, a inovação no campo da História estende-se por outros países da Europa e alcança os Estados Unidos. Na Itália, por exemplo, Carlo Ginsburg, discorrendo sobre “o método Morelli”, mostra o valor dos detalhes, das pistas, para o conhecimento histórico, que para ele assemelha-se ao conhecimento médico: “é indireto, indiciário, conjectural” (Ginzburg, 1989:157).

A *nouvelle histoire*, em suas fases, ao ampliar o campo histórico, voltando-se para as ciências sociais, modificou as relações da história com a memória, gerando novas maneiras de re-visitar o passado. Agora são os vestígios deixados na memória coletiva por fatos, homens, símbolos e emblemas que permitem a ligação entre o passado e o presente.

não mais os determinantes, porém seus efeitos; não mais as ações memorizadas nem mesmo comemoradas, mas o vestígio dessas ações e o jogo dessas comemorações; não os acontecimentos por si mesmos, porém sua construção no tempo, o desaparecimento e a ressurgência de suas significações; não o passado tal como se passou, mas suas reutilizações permanentes, seus usos e seus abusos, sua pregnância sobre os presentes sucessivos; não a tradição, mas a maneira como ela se constituiu e transmitiu. (Nora, apud Dosse, 2001: 65)

Assim, todos os tipos de registros do passado – tanto remoto, como recente – passam a ser valorizados.

O documento, registro histórico, embora já tivesse perdido a sua rigidez e ampliado os seus limites, até o século XIX, ainda precisava ser escrito, constituir-se em texto. O grupo dos *Annales* alargou a sua concepção e, segundo Le Goff, a partir de 1960 acontece uma revolução documentária, tanto qualitativa quanto quantitativa. A memória coletiva, ampliando-se e acolhendo o homem comum, “as massas dormentes”, como já notamos, passa a fazer uso da documentação de massa – os registros de nascimentos, casamentos e mortes. O computador, ao possibilitar uma ampliação da memória de maior envergadura do que, antes, a escrita havia possibilitado, faz aparecer uma “memória eletrônica”, que favorece um novo modo de organizar a utilização serial de documentos.

O novo conceito de fonte permite à história acolher também outras modalidades de memória: as ilustrações transmitidas pela imagem – cinema, jornais, revistas, fotografias – e as gravações de testemunhos orais, fundamento para a história oral – nascida

nos Estados Unidos e rapidamente difundida na Inglaterra e outros países.

Também no século XX, a genética pesquisa a “memória da hereditariedade”; o surrealismo cria novas formas a partir da teoria da “memória educável”; Freud liga o sonho à memória latente – não consciente – e Nora estabelece que a

“história é feita a partir do estudo dos ‘lugares’ da memória coletiva: lugares topográficos, como os arquivos, as bibliotecas e os museus; lugares monumentais, como os cemitérios ou a arquitetura; lugares simbólicos, como as comemorações, as peregrinações, os aniversários ou os emblemas; lugares funcionais como os manuais, as autobiografias ou as associações: estes monumentos têm a sua história” (Nora, apud Le Goff, 2000b: 55)

Le Goff, complementando Nora, alerta para a existência de lugares da história, onde se podem procurar responsáveis pela criação e dominação da memória coletiva. Quando Weinrich (2001: 255) discute o conceito de contramemória, encontramos exemplo singular dessa perspectiva de Le Goff:

“/.../ o assassinato em massa dos judeus europeus e a tentativa de Hitler de, pelo menos na Europa, exterminar totalmente o povo judeu, podem ser considerados um atentado incomparável e único contra a memória cultural da humanidade, como assassinato da memória (“memoricídio”) elevado à milionésima potência, se essa expressão for adequada. Pois em parte alguma do mundo a memória como força religiosa e cultural se encarnou tão perfeitamente em uma coletividade humana quanto no povo judeu /.../. Hitler e seu séquito sabiam muito bem que a força inaudita com que os judeus se afirmavam no mundo através de séculos de dispersão, desprezo e perseguição só se explicava como força da memória. E como ao mesmo tempo tiveram que perceber que nenhum

processo de esquecimento, nem mesmo a assimilação, conseguira devorar inteiramente esse potencial de memória, mobilizaram sob a sua bandeira “raça” a única memória que conheciam, aquela contramemória embotada e cega do sangue (seja lá o que isso for), para liquidarem de uma vez por todas a memória judaica. E finalmente tornaram a morte, em milhões e milhões de casos, o veredicto de sua luta contra a memória. Queriam uma extinção – na vala comum, na câmara de gás ou durante uma marcha da morte – que não deixasse o menor rastro de memória sobre a terra”.

Bem, e depois de elaborar este texto, quais foram os seus procedimentos ?

O procedimento seguinte foi o de caracterizar com clareza a “paisagem” onde se insere o nosso tema, dado acreditarmos que o processo de colonização da Nova Alta Paulista dotou de especificidades as práticas educativas dos professores da região. Essa nossa percepção é corroborada por alguns momentos dos depoimentos que recolhemos. Notamos, por exemplo, a influência da colônia japonesa fixada na região e as interferências dessa situação no ensino (a língua, por um lado, é um dificultador para o ensino mas, por outro lado, motiva o professor à busca de estratégias diferenciadas). Um exemplo disto pode ser encontrado em dois recortes que apresentamos a seguir: um consta do depoimento da professora Yamamoto Kucinski¹⁰, ex-aluna de um

¹⁰ Fizemos contato com a professora Mutsuko Yamamoto Kucinski, solicitando que nos enviasse dados sobre a sua trajetória profissional o que nos foi enviado por e-mail, do qual citamos, durante o trabalho, algumas passagens. Segue a íntegra da mensagem: “Estudei em Adamantina até terminar o ginásio em 1957. Fiz o colegial em SP e depois curso de Física na então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, da qual saiu o atual Instituto de Física da USP (IFUSP). Obtive mestrado (na área de Física Nuclear) pelo IFUSP e depois mestrado e doutorado pela Universidade de Sussex, Grã Bretanha. Mais tarde fiz um estágio pós doutorado no Imperial College da Universidade de Londres. Fui contratada pelo

dos nossos professores-depoentes; o outro, de um professor da cidade de Tupã, nosso depoente:

“Meus pais eram imigrantes japoneses. Trabalharam na época como cabeleireiros. Aprendi português quando entrei na escola.” (Profa. Yamamoto)

“Eu tinha alunos que eram filhos de japoneses então, por intermédio deles eu conseguia questões dadas nas universidades do Japão... eu estudava aquilo e apresentava para os meus alunos. Uma professora de japonês da Escola “Kai Kan” me ajudou muito. Ela traduzia para mim um colosso de coisas do japonês.” (Prof. Thiago)

IFUSP em RDIDP logo após o bacharelado, onde continuei até 2002 quando me aposentei. A formação e as pesquisas foram nas áreas de Astronomia, Física Nuclear, Física Matemática e Física de Plasmas. Morei em Adamantina de 1950 a 1957. O Ginásio Estadual de Adamantina foi fundado um ano antes de eu entrar, em 1953. Chegaram professores de diversas partes. A maioria ficou alocada no Grande Hotel Adamantina. Alguns poucos foram recrutados no local, penso que em caráter provisório. Os jovens professores chegaram com todo o idealismo de quem estava começando uma carreira. Acho que o professor Antonio Jorge era um deles. Talvez por este motivo houve muita criatividade em programas quase extra-curriculares: professores que recebiam alunos nos fins de semana para ajudar nos trabalhos, aulas de culinária, excursões de corais, de passeios, aulas extras de ciências etc. Houve uma colega cujos pais mudaram para SP, que ficou morando por um tempo na casa da diretora; alguns alunos (inclusive meu irmão), quando foram para SP fazer o colegial, ficaram durante um ano na casa de um ex-professor. Enfim, houve relações personalizadas. O prof Antonio Jorge tinha um método muito especial para ensinar matemática: devagar e sempre, sem sofrimento. Não me lembro de ter estudado e eu sempre sabia. Quando saí de Adamantina para fazer o Científico tive que passar por exames de seleção em Português e Matemática. Tive que estudar sozinha o restinho de programa que ficou descoberto e foi fácil. No colegial (Colégio Estadual Presidente Roosevelt) descobri que tinha base melhor que os outros. Acredito na importância do ensino básico pois tenho uma memória incrível de muitas coisas que aprendi nessa época da vida como teoremas, fisiologia humana, textos de francês, de português... Meus pais eram imigrantes japoneses. Trabalharam na época como cabeleireiros. Aprendi português quando entrei na escola. É mais ou menos isto. Boa sorte. Mutsuko.”

Para entender o processo de colonização da Nova Alta Paulista nos voltamos para o processo de re-ocupação do Brasil pelo homem branco. Isto nos permitiu compreender a colonização da Nova Alta Paulista não como um fato ocasional e isolado, mas consequência de necessidades econômicas do Estado de São Paulo. O professor (especificamente os professores de Matemática da Nova Alta Paulista que são nossos depoentes) é, então, um recém-chegado a uma região que está sendo desbravada, que se diferencia das demais regiões “velhas” do Estado de São Paulo. O professor é um pioneiro. A mensagem da professora Mutsuko também nos dá testemunho disto:

“Morei em Adamantina de 1950 a 1957. O Ginásio Estadual de Adamantina foi fundado um ano antes de eu entrar, em 1953. Chegaram professores de diversas partes. A maioria ficou alocada no Grande Hotel Adamantina. Alguns poucos foram recrutados no local, penso que em caráter provisório. Os jovens professores chegaram com todo o idealismo de quem estava começando uma carreira.”

Então, num primeiro momento, estávamos interessados em buscar a origem do processo de colonização da região em pauta. Entretanto, leituras que fizemos e diálogos que mantivemos em aulas, sessões de orientação, encontros do Grupo de Pesquisa nos levaram, logo de início, à compreensão de que devíamos abandonar a busca “da” versão definitiva, de uma da história “real”, “verdadeira”. Mas, mesmo assim, nosso interesse pela origem ainda permanecia. Nos voltamos, assim, para uma bibliografia “clássica” e, com isso, fomos conhecendo a História do Brasil (ou a História Oficial, como diria Paul Thompson) para melhor entender as circunstâncias que, afirmam os historiadores, determinaram essa re-ocupação (a ocupação pelo homem branco), uma vez que ela é tida como consequência de fatores econômicos radicados em épocas passadas. Nosso interesse nos levou longe. Partindo de tempos e espaços mais recentes, fomos

em busca do passado e re-visitamos o Brasil-República, o Brasil-Império, o Brasil-Colônia, chegando mesmo a Portugal nos séculos XIV e XV, sempre procurando compreender como se deu o povoamento do Brasil. Nos interessávamos sobretudo pelos aspectos econômicos subjacentes à colonização e, então, reconstituímos – do ponto de vista da historiografia clássica – uma “versão” para aquilo que entendemos serem as motivações para o povoamento da Nova Alta Paulista. Um texto, impregnado pela necessidade da busca da causa, foi apresentado à banca responsável pelo nosso Exame de Qualificação. Esse foi nosso primeiro esforço para compreender a estruturação do nosso cenário. Nesse texto tratávamos, primeiramente, da extração de riquezas que franceses e portugueses fazem na costa brasileira no século XVI, pretendendo mostrar que a extração do pau-brasil e de pequenos animais não fixou povoamentos regulares e estáveis. Discutimos, em seguida, como se iniciou a colonização do território brasileiro, tendo como base a exploração agrária, abordando a política da distribuição das terras no regime das capitanias, a opção de Portugal pelo cultivo da cana de açúcar, o investimento do capital europeu nessa exploração e o seu desenvolvimento, principalmente nos estados de Pernambuco e Bahia e as suas conseqüências para o povoamento do litoral da Região Nordeste. Destacamos, ainda, as conseqüências da exploração do ouro e do diamante, principalmente na região de Minas Gerais, para a expansão territorial do país e para o deslocamento do eixo econômico, anteriormente centrado em Pernambuco e Bahia, para a região centro-sul do país e, simultaneamente, tratamos do início da fixação do homem branco nesta região. Em seguida nos voltamos para o Estado de São Paulo, no que diz respeito à sua colonização. Essa abordagem se fez por recortes: antes e depois de meados do século XVIII. No primeiro deles, destacamos as principais atividades do paulista no período, ou seja o recrutamento dos indígenas para o trabalho escravo e a implantação dos moinhos de trigo; estudamos, as causas que levam a Capitania (que inicialmente abrange os territórios de São Paulo, Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso, Paraná, Santa Catarina, e Rio Grande do Sul) a um estado de extrema pobreza. No outro – partir da segunda metade do XVIII – nos voltamos para o café quando São Paulo, graças a essa cultura, conquista a liderança no cenário econômico e político do

Brasil. Traçamos a trajetória dos cafezais no Estado de São Paulo, partindo do Vale do Paraíba e avançando em direção às regiões mais interiores do Estado, ainda não ocupadas densamente pelo homem branco e denominadas “sertões”, e nos dedicamos às duas principais conseqüências da cultura do café: a imigração e a implantação do sistema de transporte, isto é, a construção de ferrovias e rodovias, uma vez que é sobre o tripé café, ferrovia/rodovia, imigrante, que se assenta a colonização do estado de São Paulo e, conseqüentemente, a da Nova Alta Paulista.

Durante o exame de qualificação, entretanto, a banca, pertinentemente, nos alertou que, ainda que esse “ensaio” fosse importante para as nossas compreensões pessoais, deveríamos fazer, nele, cortes radicais, focando mais especificamente apenas o Estado de São Paulo. Nos deixamos dominar, quando da confecção do primeiro texto – isso agora nos é mais claro –, pelo o fascínio da busca à origem¹¹, fascínio este certamente radicado num paradigma mais clássico de pesquisa historiográfica. Atendendo, então, à solicitação da banca de qualificação, reelaboramos aquele primeiro ensaio. Constituindo uma versão – agora focada mais localmente – do processo de colonização da Nova Alta Paulista, o texto atual nos auxilia a compreender a paisagem da qual fazemos parte e que, nesse trabalho, tentamos explorar. O texto, como se poderá verificar, está fortemente amparado no estudo de Monbeig (1998), sendo essa, aqui, nossa principal referência. Como encarte, ao final deste trabalho, incluímos uma pequena mapoteca. Trata-se de lâminas – separadas do *corpus* do texto, como também nos foi sugerido durante o exame de qualificação – com alguns mapas, recolhidos dos poucos textos, especialmente do próprio Monbeig – nos quais figuravam de modo graficamente primitivo, pouco elaborado e com problemas em relação a sua nitidez –, que retratam o processo de colonização em seus vários elementos. Esses mapas foram digitalmente retraçados para poderem auxiliar o leitor.

¹¹ Trata-se do que já foi chamado de “síndrome do careca”, que faz com que o homem, já sem cabelos, comece a procurar pelo fio de cabelo a partir do qual começou a ficar careca. Há sempre um fio anterior e a este, outro anterior. Tal era o fascínio que, em relação à origem das necessidades e contextos que levaram à colonização da Nova Alta Paulista, nos envolvia.

A COLONIZAÇÃO DA NOVA ALTA PAULISTA

O CAFÉ, AS FERROVIAS/RODOVIAS, A IMIGRAÇÃO E A MARCHA PARA O OESTE

“Observei as povoações, e achei que todas são pequenas, ainda as de maior nome, faltas de gente, e sem nenhum modo de ganhar a vida, os campos incultos, tudo coberto de mata brava, a lavoura por máo methodo, só de planta em mato virgem pelo pouco que custa, e pela repugnancia que tem de se sujeitarem ao maior trabalho de cultivarem os campos como nesse Reino. Apenas colhe cada um para seu sustento proprio, muito pouco sobeja para vender ao publico. Ninguém trata de aproveitar os effeitos do paiz, por cuja causa de acha o povo reduzido á mais lastimoza pobreza. A deispersão com que se costuma habitar não permite a devida civilidade, nem a necessária Doutrina espiritual, de que procede que esquecidos os homens das obrigações com que nasceram, seguem a desordem natural dos seus costumes, huns adormecidos nos vícios, outros commetendo execrantes delitos, de que todos os dias ouvião as tristes noticias.” (excerto de carta enviada ao Rei de Portugal, datada de 1787, narrando a situação de São Paulo; In PRADO Jr, 1972: 98).

Até o final do século XVIII, a região a oeste da província de São Paulo, com centro em Campinas, que se estende para o norte de Ribeirão Preto, é pouco povoada. Ali se encontram, ao longo do caminho que liga São Paulo às minas de Goiás, apenas alguns pequenos núcleos que dão suporte aos transportes e comunicações que se fazem pelo local. No início do século XIX, já existem, na região, engenhos de açúcar e algumas culturas cafeeiras de pouca importância. É em sua direção que os cafezais prosseguem após a decadência das plantações do Vale do Paraíba, buscando regiões localizadas acima dos trópicos, com matas exuberantes indicando a fertilidade dos solos.

Enquanto no Vale do Paraíba as vias férreas são onerosas e deficientes, a nova região, denominada “Oeste Paulista”¹² conta desde logo com uma boa rede de estradas. A topografia dessa região favorece a comunicação e o transporte.

Em meados do século XIX a região de Campinas, assume, graças à implantação das ferrovias e aos movimentos de imigração e colonização, a liderança econômica da província (conferir Mapa 1).

A distância dos cafezais e o aumento de sua produção tornam insuficiente a capacidade das tropas de muares, meio de transporte usado na região Norte, para levar o café até Cubatão, de onde as cargas são transportadas – por canoas – para Santos. Assim, a expansão cafeeira é responsável por um grande progresso do sistema de transportes de São Paulo.

Inicialmente, uma sociedade organizada em Londres constrói a Santos-Jundiaí, num total de cento e quarenta quilômetros, denominada *São Paulo Railway*, que o povo logo apelida de “Inglesa”. Do prolongamento da linha se encarregarão os principais fazendeiros de Campinas, Rio Claro, Limeira e Araras, fundando, em 1868, a Companhia Paulista de Estradas de Ferro, que teoricamente deveria atingir o Mato Grosso. Os interesses dos administradores, entretanto, modificam os planos iniciais e constrói-se inicialmente a ligação Jundiaí-São Carlos, depois os trilhos são levados até Araraquara e Jaboticabal. Constrói-se, ainda, uma ramificação até Jaú. Atravessando o Moji-Guaçu, suas linhas, à margem direita do rio, atingem algumas grandes fazendas e a zona de Santa Rita do Passa Quatro, aproximando-se de Ribeirão Preto. Uma outra companhia também é fundada por fazendeiros: a Mojiana que pelo traçado inicial, deve chegar a Cuiabá mas acaba ligando Campinas a Moji-Guaçu, atingindo Casa Branca e Ribeirão Preto e, atravessando o rio Grande chega a Araguari, no estado de Minas Gerais.

Rivalidades retardam a construção de ferrovias na região de Botucatu e São Manuel, mas ao final do século XIX a Companhia Sorocabana de Estradas de Ferro chega a Botucatu. Posteriormente a mesma “Sorocabana” liga Botucatu a Agudos e atinge Avaré (conferir Mapa 2).

Os traçados dessas ferrovias sempre obedecem ao interesse dos grandes cafeicultores, são conseqüências da localização de fazendas e cidades que detêm grandes produções

¹² Essa região, que não coincide exatamente com o oeste geográfico de São Paulo, também é denominada por alguns historiadores de “Oeste Velho”.

de café. Essas ferrovias além de garantirem o transporte do café, asseguram as bases para as futuras penetrações às regiões mais interiores do estado.

Quando as grandes plantações de café começam a produzir, os fazendeiros não dispoem de trabalhadores negros em quantidade suficiente e, impedidos de comprá-los, recorrem aos trabalhadores livres.

As primeiras iniciativas particulares baseadas no sistema de parceria fracassam, posto que são antagônicos os interesses do fazendeiro e do colono. O fazendeiro pensa em substituir vantajosamente o escravo negro pelo trabalhador europeu, enquanto o colono pretende adquirir rapidamente uma propriedade e melhorar suas condições de vida, em curto espaço de tempo. Os fazendeiros optam, então, pela introdução de trabalhadores assalariados e solicitam o apoio do governo.

No final do século XIX, momento em que a marcha pioneira avança para o sertão, os imigrantes subsidiados pelo governo chegam em larga escala a São Paulo. Todavia, os fazendeiros do café não se satisfazem com o auxílio governamental e os mesmos homens que fundaram as companhias de estradas de ferro, agora se associam para participar diretamente da organização da imigração. Com a iniciativa e o capital dos plantadores de café, constituem-se em São Paulo várias empresas destinadas a recrutar imigrantes, principalmente italianos, para trabalharem nos cafezais. Da região de Campinas, as frentes de expansão avançam e novas áreas são ocupadas pelo café. Agora, são os solos de terra-roxa¹³, que se sucedem em manchas próximas umas às outras, que orientam a marcha do café para o interior do Estado.

Na região de confluência dos rios Moji-Guaçu e Pardo, polarizada pela cidade de Ribeirão Preto, forma-se o maior núcleo produtor do melhor café brasileiro. De Araraquara e São Carlos para o oeste e noroeste, as manchas de terra boa não são tão constantes e os cafezais se alternam com campos e cerrados improdutivos. Entretanto, essas terras, com centro em Jaú-Brotas, também se constituem em uma unidade regional produtora de café.

A colonização avança e transpõe o rio Tietê, as plantações chegam a Botucatu-São Manoel, atingem Avaré, Piraju e Salto Grande.(conferir Mapa 3)

¹³ “Terra vermelho-escura, resultante da decomposição de lençóis de rochas efusivas basálticas, profunda e permeável.” (LAPA, 1986: 57)

O Estado de São Paulo, agora com gigantescas plantações de café abriga a terceira grande aristocracia do país – os fazendeiros do café, sucessores dos senhores de engenho e dos grandes mineradores – e conquista a liderança no cenário econômico e político do país. Para este Estado deslocam-se migrantes – particularmente do Norte – aos quais se somam imigrantes europeus.

O preço do café sobe, há um aumento no número de bancos e estabelecimentos de crédito, conseqüentemente, aumenta a quantidade de dinheiro, o que favorece a especulação. Os lucros obtidos, tanto com o café como com a especulação, possibilitam a aquisição de terras virgens, nas quais se instalam novos cafeeiros. Com as superproduções que ocorrem desde o final do século XIX, há um declínio nos preços e formação de estoques invendáveis. O governo, então, recorre a uma política de valorização ou manutenção dos preços, que momentaneamente contém a crise.

Após o abalo econômico, restaura-se o plantio de novos cafezais. Embora a legislação proíba novas plantações, elas continuam sendo feitas clandestinamente. Quando os preços melhoram, a lei perde a força e as plantações avançam mais. As geadas de 1918 – que destroem quatrocentos milhões de cafeeiros – impulsiona também novos plantios.

Depois da crise os cafezais, avançam para o oeste, tomando agora não mais a terra roxa, mas os solos do arenito Bauru, dos espigões¹⁴.

Na “Alta Mojiana”, desde a divisa com Minas Gerais ao sul do rio Grande, até a margem direita do Pardo, fazendas ocupam todos os pontos altos de Batatais e Franca. Entre os rios Pardo e Tietê, os planaltos de Bebedouro, Colina, Barretos e os que se estendem até Olímpia são recobertos por cafezais. Também há plantações nos espigões a partir de Matão, onde estão Taquaritinga, Santa Adélia, Catanduva, Mirassol e São José do Rio Preto. Esta deixa de ser um posto avançado na “boca do sertão”.

Quando as plantações ao norte do Tietê chegam aos locais onde os espigões se estreitam e os vales se alargam, constituindo áreas impróprias para o plantio, as plantações rumam para o sul do rio. Entre o rio Tietê e o Feio-Aquapeí instalam-se plantações, que ultrapassando Araçatuba, chegam até a cidade de Valparaíso.

¹⁴ Espaço geográfico formado entre rios.

Nessa região, no momento em que a crise se torna mais grave, o governo federal, por motivos políticos e estratégicos, ativa a construção da estrada de ferro Noroeste que, partindo de Bauru, dirige-se ao Mato Grosso e deve atingir o rio Paraguai.

De Avaré e Piraju as plantações prosseguem para as terras situadas entre o rio do Peixe e o Paranapanema. Com a derrubada da mata que cobre o arenito Bauru, os cafezais ultrapassam aqueles existentes na terra roxa de Assis e chegam ao final do espigão, instalando-se em Presidente Venceslau, na Alta Sorocabana.

Há ainda uma expansão intermediária no Município de Piratininga, que embora não ultrapassando Marília, que dá início à conquista de um outro espigão, que separa as bacias dos rios Peixe e Aguapeí. O prolongamento da colonização desse espigão, que acontecerá anos mais tarde, dará origem ao que se convencionou chamar Nova Alta Paulista (conferir mapa 4).

Os responsáveis pelo avanço do café em direção ao oeste são geralmente os grandes proprietários das regiões de terra roxa que, prevendo a decadência de seus cafezais, partem no momento certo para o oeste do Estado. A seu exemplo, uma grande corrente de migração interna, engrossada por trabalhadores estrangeiros, também se dirige para o planalto ocidental, seguindo a distribuição dos cafezais.

Araçatuba, Lins e Pirajuí são os principais pólos para os quais os imigrantes se dirigem. Bauru, a essa época, já não é mais atrativa para os colonos, e seu contingente de imigração é muito pequeno. Na Alta Sorocabana, a massa de imigrantes distribui-se entre Assis, Paraguaçu e Presidente Prudente. Para Piratininga, então ponta de linha da Companhia Paulista, dirigem-se os imigrantes que têm interesse em atingir Gália, Garça, Duartina e Marília.

Embora a região localizada ao norte do rio Tietê não seja tão atraente quanto a Noroeste e a Sorocabana, ela também recebe a sua cota de imigrantes nas cidades de Catanduva, São José do Rio Preto e Monte Aprazível. Essa nova fase de penetração dos cafezais, que atrai a massa de imigrantes, novamente leva ao prolongamento dos trilhos. Ampliam-se a Mojiana e a Paulista. Com a construção da Noroeste, pela primeira vez no estado de São Paulo uma estrada de ferro penetra em uma região praticamente desabitada, onde se encontram, além de alguns pequenos núcleos de povoamento, índios que resistem violentamente à entrada do homem branco.

Segundo MONBEIG (1998:196):

Uma multidão variada de fazendeiros, de loteadores de terras e de aventureiros acompanhou os progressos da construção da ferrovia, em um verdadeiro rush, digno da tradição americana. Tanto nos lugares já habitados como nos acampamentos dos empregados da construção abriam-se casas de comércio e nasciam pequenas aglomerações. Os acampamentos às vezes eram em vagões abandonados, como em Birigüi. Essa pressa e a confusão facilitaram todos os tipos de negócios imagináveis sobre as terras e os títulos de propriedade. Ao lado do fazendeiro que comprava para plantar, os grileiros, buscando ganhar o mais que podiam, atraíam habitantes das velhas zonas e lhes vendiam glebas mais ou menos contestáveis. A partir de Bauru e até Araçatuba viram-se pela primeira vez coexistirem grandes domínios e pequenas propriedades. Mas o movimento cessava na altura dessa última cidade, porque o paludismo acabava com o entusiasmo. Birigüi, Penápolis, Lins e Pirajuí tornavam-se centros de zonas cafeeiras em pleno desenvolvimento.

A Sorocabana, cujos trilhos terminavam em Salto Grande, às margens do rio Paranapanema, atinge agora Quatá, Presidente Prudente e Presidente Epitácio. No momento em que se conhece o traçado dos trilhos, sobre o espigão entre o rio do Peixe e o Paranapanema (onde já existe um início de povoamento) há um novo impulso às derrubadas e ao povoamento dessa área. Para os locais onde no futuro estarão Presidente Prudente e Santo Anastácio, afluem os primeiros pioneiros. Enquanto na Noroeste os trilhos precedem o colonizador, na Alta Sorocabana eles praticamente chegam juntos. Como sempre, há uma sincronia entre a expansão cafeeira, a expansão da rede ferroviária e a localização dos imigrantes (Conferir Mapa 5).

Agora, a região ao norte do rio Tietê, excetuando-se o sertão de Rio Preto, encontra-se quase que integralmente povoada. Ao sul do rio, há dois extremos da colonização, um dirigindo-se para a Noroeste, outro para a Alta Sorocabana.

Até 1920, o automóvel só é usado nas grandes cidades ou para viagens individuais entre São Paulo e Rio de Janeiro ou São Paulo e Santos. O transporte do café, entre as fazendas e as estações, continua sendo feito por tropas de muares e pelos carros de boi. Para as viagens usa-se o cavalo ou o trole, modalidade de transporte introduzida no Brasil por imigrantes americanos. Com a introdução dos veículos Ford – que podem transitar nas mesmas estradas usadas pelos carros de boi – no país, e a generalização do uso de caminhões, há uma revolução nos transportes e os fazendeiros se convencem rapidamente da necessidade da construção de redes rodoviárias. O governo assume a empreitada e, em 1922, uma rodovia une São Paulo e Ribeirão Preto, cidade ainda considerada a “capital do café”. Essa estrada avança em direção ao Triângulo Mineiro. Inicia-se também a construção de uma outra estrada que leva a Botucatu e deverá chegar a Bauru e depois ao Estado do Mato Grosso.

Como a expansão automobilística supera a quantidade de quilômetros de estradas construídos e as rodovias construídas pelo Estado não atingem os núcleos de colonização mais avançados, novos caminhos são construídos, outros alargados, por grupos de fazendeiros ou por empresas de colonização em toda a frente pioneira.

A estrada e o caminhão oferecem novas possibilidades para a colonização. Araçatuba e Rio Preto concorrem na abertura de estradas em direção à margem direita do rio Tietê. Araçatuba constrói também rodovias no espigão entre o baixo Tietê e o curso inferior do rio Aguapeí. Entre as cidades da Alta Sorocabana e as da Noroeste há uma grande concorrência rodoviária para obter o controle das plantações de Gália, Garça e Marília. Imigrantes letões de Varpa constroem uma estrada ligando sua colônia a Quatá.

São os caminhos ligados à Sorocabana que possibilitam a chegada das primeiras famílias japonesas a Bastos, na primeira metade do século XX. A chegada de pioneiros a Tupã faz-se pelas estradas abertas entre Quatá, Rancharia e o espigão Peixe-Aguapeí. Plantadores da região de Presidente Prudente abrem também estradas nas florestas e chegam onde hoje está a cidade de Lucélia.

Na Noroeste, o Governo constrói um caminho entre Cafelândia e Platina. Na região em que ele corta o espigão Peixe-Aguapeí fez-se uma criação de porcos e uma plantação de café, que acaba por malograr devido a sua distância à rede ferroviária. A estrada, entretanto, sobrevive aos cafezais

abandonados, e com a chegada dos caminhões, os proprietários das terras retomam o plantio do café. De Presidente Alves, Lins, Pirajuí e Cafelândia partem os pioneiros para colonizar Duartina, Getulina, Garça, Gália e Marília.

Assim, a colonização do espigão Peixe-Aguapeí, é uma consequência da disputa entre a Noroeste e a Alta Sorocabana que, por meio das estradas e do caminhão, alargam os seus raios de ação e conquistam os sertões onde o povoamento apenas se inicia. Entretanto, os limites entre os seus domínios não são precisos, uma vez que não se identificam com as grandes linhas da topografia.

A Companhia Paulista que tem em Piratininga – cidade por ela fundada – sua provisória “ponta de trilhos”, no momento em que a região de Marília começa a ser mais densamente povoada e que o caminhão mostra a sua eficiência no transporte, abre uma nova rodovia ligando Piratininga a Marília. (Conferir Mapa 6)

O trinômio rodovia-caminhão-estrada de ferro, possibilitando o transporte, faz avançar cada vez mais a colonização. Conseqüentemente, as terras se valorizam e regiões até então inacessíveis passam a ser divididas e vendidas.

Em pouco tempo, Rio Preto, Mirassol e Araçatuba têm grande desenvolvimento. Ao lado das estradas, comerciantes se estabelecem e fazem o elo entre o sertão e os locais mais antigos. Superado o isolamento, começam a aparecer pequenas propriedades: os sítios. Às vésperas da crise de 1929, já coexistem, no extremo oeste, dois tipos de propriedades: o sítio e a fazenda.

Em Bálsamo, cidade próxima a Mirassol, localizada na Noroeste, onde até então predominam as grandes fazendas, imigrantes espanhóis se instalando em pequenas propriedades dão início à atividades agrícolas. Em Birigüi, Manuel Bento da Cruz associa-se à empresa inglesa *São Paulo Land and Lumber Company*, e vende grandes lotes a colonos italianos. Na mesma região, a *Brazilian Plantation Company* vende lotes desmembrados de uma grande área, para o cultivo do algodão.

O povoamento da Alta Sorocabana também se faz, predominantemente, pelos sitiantes. Nela, colonos das zonas velhas aplicam suas economias na aquisição de lotes, juntando-se aos imigrantes. Os fazendeiros de Araraquara, Ribeirão Preto e Jaú têm pouco interesse pela região, principalmente por conta da distância (a Paulista lhes possibilita atingir facilmente os

espigões de Rio Preto e da Noroeste e as estradas de ferro articuladas a essa Companhia permitem, bem ou mal, o transporte na região). Para se chegar à região de Presidente Prudente as distâncias são maiores e a Sorocabana – empresa do governo – não oferece serviços da mesma qualidade que os da Paulista.

Assim, são os loteadores, e não os fazendeiros, os maiores interessados pelas terras da região. Duas grandes empresas, que acabam se unindo, “possuem” grandes áreas florestais. Uma é dirigida pelo Coronel José Soares Marcondes que opera com as terras situadas entre a linha ferroviária e o rio Pardo e ainda com as que ficam entre a mesma linha e o rio Paranapanema, na altura de Presidente Prudente. A outra é a Companhia dos Fazendeiros de São Paulo, que detêm mais de duzentos mil alqueires a partir de Regente Feijó, entre a ferrovia, o rio Paraná e o rio Paranapanema. Esses dois grupos formam vários núcleos colonizadores: em Regente Feijó, com imigrantes italianos; em Álvares Machado, com imigrantes japoneses; em Santo Anastácio com espanhóis e italianos; em Piquerobi misturam-se japoneses e mediterrâneos e em Presidente Venceslau alemães e húngaros.

O desmatamento na região é intenso, embora feito de maneira dispersa. A venda dos loteamentos e, conseqüentemente, as grandes queimadas das matas, devem-se à estrada de rodagem, que permite ao homem chegar a regiões cada vez mais distantes.

Das estradas de ferro e das rodovias nascem cidades e pequenos povoados rurais. Na paisagem da região estão inseridos grandes plantações, pequenos cultivos, grandes áreas ocupadas por florestas – poupadas, enquanto a especulação não chega – e o homem, procedente da Europa, Ásia e Bahia, com suas ocupações decorrentes da posse e exploração de um novo chão. Ou seja, ali estão fazendeiros, colonos, caminhoneiros, comerciantes de beira de estrada, loteadores de terra, criadores e tropeiros.

Em 1928 tanto os pioneiros urbanos como os rurais confiavam no futuro, porque o café, a exemplo do que fizera vinte anos antes, permite construir fortunas rapidamente. Mas a crise iria explodir e deveria, por suas conseqüências, complicar ainda mais a paisagem e o mundo dos pioneiros. (MONBEIG, 1998: 204)

A guerra de 1914 agrava a crise cafeeira e a procura de carnes em conserva faz com que os paulistas voltem-se também para a criação de gado. Depois da crise, já não é exclusivamente o café que determina a marcha para o oeste paulista. Agora, nas frentes de povoamento há, além dos cafezais, pastagens.

No período pós-guerra, o café volta a prosperar e os fazendeiros aumentam suas lavouras.

O Instituto de Defesa do Café põe em prática uma política de retenção do café, para alcançar melhores preços. À medida que as colheitas são mais abundantes, aumentam as quantidades retidas pelo Instituto. Os fazendeiros, que exportam apenas a metade do produto colhido e pagam altas taxas sobre o café em circulação, são obrigados a recorrer a empréstimos bancários para saldar os seus compromissos. Em 1925, os excessos tornam-se permanentes e grandes quantidades de café são destruídas.

Em 1929, a crise mundial e o *crack* da Bolsa de Nova York causam uma violenta baixa nos preços do café. A entrada no mercado das colheitas de 1930-1931 (Conferir Mapa 7) agrava a situação e muitos fazendeiros são impossibilitados de saldar seus débitos, com o que muitos estabelecimentos bancários se tornam proprietários de terras.

A revolução de 30 leva Getúlio Vargas ao governo. Ele, contrariando as expectativas dos paulistas, não socorre imediatamente o café. O descontentamento da população de São Paulo faz rebentar a revolução de 32.

Dominada a revolução, o governo federal, para acalmar os ânimos e tirar dos bancos o fardo da posse das terras, reduz as hipotecas agrícolas e as dívidas contraídas pelos lavradores junto aos bancos. Embora os fazendeiros recuperem as suas terras, pesam sobre eles os altos encargos do pagamento de suas dívidas.

Para sanear o mercado, o Departamento Nacional do Café, órgão agora responsável pela gestão da economia e política do café, dá continuidade ao mecanismo de destruição do produto para a manutenção do seu preço.

Nessa época, é proibido fazer novas plantações de café. Mas não se pode exercer total vigilância sobre a expansão dos cafezais, principalmente no extremo oeste do Estado. Nos momentos em que os preços melhoram ligeiramente, eles continuam sendo plantados clandestinamente.

Com a crise cafeeira é o algodão que dá continuidade à marcha pioneira. Durante a Grande Guerra (1914-1918), a cultura do produto já substituíra o café nos momentos de fechamentos de mercado. Agora, Japão e Alemanha são compradores em potencial do novo produto. O Japão, além de comprar, fornece mão-de-obra para plantar e colher o algodão, capital para montagem de casas de comércio e navios para o transporte do produto. O algodão agora substitui o café tanto nas zonas velhas, quanto nas novas. O imperialismo alemão e japonês, aliado ao esgotamento dos solos das regiões colonizadas no final do século XIX, dão continuidade ao avanço para o oeste.

Para superar os efeitos da crise, alguns fazendeiros tentam a sorte em regiões cada vez mais distantes, plantando algodão, outros vendem as matas que possuem, localizadas além das frentes já povoadas. Para vender essas áreas o proprietário o faz ou individualmente ou associando-se a outros fazendeiros ou, ainda, por meio de vendedores profissionais.

Como já não é fácil vender grandes áreas contínuas, elas são oferecidas em pequenos lotes de terra virgem, a preços acessíveis. Seus compradores são japoneses, trabalhadores de plantações arruinadas e colonos.

A crise de 1929 transforma-se, assim, em elemento impulsionador para o avanço em direção às terras novas.

A Segunda Guerra favorece a industrialização de São Paulo, fazendo aumentar a sua população urbana. Há, então, grande demanda de arroz, café, trigo, feijão e batata. À cultura desses produtos dedica-se, agora, o desbravador.

Os Estados Unidos que substituem o Japão e a Alemanha no grande cenário mundial, comprando toda espécie de produtos, incentivam os pioneiros a explorarem a cultura do rícino, da menta e do tungue¹⁵. Há também grande demanda para o algodão e o gado.

Colheitas ruins – aliadas à liberação de preços feita pelos Estados Unidos e a volta dos compradores europeus – e não reposição, pelas plantações clandestinas ou pelas plantações que se fizeram no Estado, dos quinhentos milhões de pés de café que foram arrancados ou abandonados – num período de dez anos – fazem com que os preços melhorem novamente. A partir do momento em que os estoques são reabsorvidos, reinicia-se a plantação dos cafezais. As exportações crescem e,

¹⁵ Plantações para produção de óleo.

mais uma vez, reaparecem plantações jovens tanto no Oeste Paulista quanto no Paraná.

Durante a guerra o país passa por uma grande inflação. São Paulo revive a atmosfera do início da República. Fundam-se bancos, sociedades de comércio e empresas industriais em grande quantidade. A especulação é intensa. As pessoas mais cautelosas compram imóveis. Os mais procurados são os terrenos urbanos, mas a terras das regiões novas também despertam o interesse dos compradores. As condições econômicas e o hábito da burguesia paulista de possuir domínios florestais levam profissionais liberais residentes na cidade de São Paulo e nas principais cidades do interior à aquisição de terras situadas além das estações finais da Companhia Paulista e da Araraquarense. Inicia-se, aqui, mais uma etapa da marcha para o oeste.

A OCUPAÇÃO DA NOVA ALTA PAULISTA

Ao adentrarem pelas matas paulistas, os desbravadores encontram os índios. Os planaltos paulistas são ocupados pelos Caingangues, também denominados coroados. No final do século XIX, cinco pequenos grupos deles, vivem em clareiras entre os rios Peixe e Aguapeí. Eles pescam, caçam, retiram mel selvagem e palmito das matas, tecem fibras vegetais e fabricam cestas.

Para cultivar feijão, abóbora e milho em pequenas áreas, cortam as árvores pequenas, usando machados e foices roubadas ao homem branco, fazem a queimada para limpeza do terreno – conservando as árvores de troncos mais grossos. Seu sistema de construções, com habitações relativamente importantes, e seus cuidados para conservação dos caminhos, indicam uma certa estabilidade de *habitat*. Entretanto, sua agricultura em terrenos queimados é um indicador de nomadismo. Não há dados sobre a duração dessas aldeias.

O contato entre os Caingangues e o colonizador sempre foi violento. Os indígenas costumam aproveitar-se dos momentos de desatenção dos colonizadores para atacá-los e tomar suas armas e utensílios. De suas casas levam tudo que conseguem carregar, matam usando flechas e facas. Os pioneiros, por sua vez, respondem aos ataques também com muita violência.

Expedições com caçadores de índios – os bugreiros – para punir os selvagens são organizadas, inclusive, pela Comissão Geográfica e Geológica do Estado.

A oposição indígena freou por algum tempo o avanço para os sertões, mas, à medida que as terras vão sendo ocupadas pelo homem branco, se acelera o processo de extinção das tribos. É o processo de colonização submetendo os naturais de um solo, que está sendo ocupado para ser explorado. Assim, a marcha pioneira para o oeste, finaliza a obra de destruição indígena, iniciada no Brasil Colonial.

Do nativo subsiste, ainda que de forma indireta, a técnica de queimada das matas para limpar o solo, os caminhos úteis aos primeiros desbravadores, uma vez que os plantadores de café deles se distanciam e alguns traços da língua presentes na toponímia da nova região, onde cidades, fazendas e riachos são “batizados” com nomes indígenas. Segundo MONBEIG (1998, p. 132)

Essa ressurreição erudita da língua indígena comprova o que vem a ser o índio para o habitante da língua pioneira: uma recordação que entrou no domínio da lenda.

A colonização, no sentido oeste, do espigão Peixe-Aguapeí só ocorre no final do século XIX. Essa ocupação inicialmente é muito tímida, se comparada à da Noroeste e Sorocabana.

Após a Primeira Guerra, já no ano de 1928, a Companhia Paulista de Estradas de Ferro prolonga seus trilhos, parados em Piratininga, até a cidade de Marília, agora Município.

Como vimos anteriormente, no início do século XX, pelas estradas de rodagem, já haviam chegado os desbravadores das regiões de Duartina, Getulina, Garça e Marília, vindos de Presidente Alves, Lins, Pirajuí e, principalmente, de Cafelândia, cidades da região Noroeste.

Em Marília se estabelece, em 1924, o patrimônio de Alto Cafezal – ao sul do traçado da futura ferrovia – em 1927, funda-se a Vila Barbosa e, Bento de Abreu Sampaio Vidal cria o patrimônio de Marília. A união desses patrimônios, no futuro, constituirá um único conjunto urbano: a cidade de Marília.

O povoamento de Marília tem os seus momentos iniciais ligados à produção de café. Entretanto, nos momentos de crise desse produto, a região procura novas alternativas para impedir o seu retrocesso: por um lado diversifica sua produção plantando arroz, algodão e amora; por outro incentiva a implantação de

pequenas e médias propriedades, intensificando os loteamentos. Estes, em sua maioria, são da responsabilidade de grandes fazendeiros do café que precisam saldar suas dívidas ou desejam fazer novos investimentos. Na década de 1920, segundo MOINBEG (1998), em Marília,

/.../ o champanhe corria a rodo, quando se jogava para valer. Em 653 edifícios somente três eram casas exclusivamente de moradia; 650 eram locais de comércio, dos quais 87 eram casas de tolerância.

As festas ocorrem ao mesmo tempo em que se intensificam as derrubadas de mata para o plantio do café. Em meio aos cafezais existem grandes plantações de arroz. Quando surge a crise de 1929, é a produção de arroz que atenua os efeitos da crise, possibilitando aos grandes proprietários superá-la por meio da comercialização, nas cidades mais desenvolvidas.

O início da Segunda Guerra encontra a região dedicando-se à cultura da amoreira, com a finalidade de criar o bicho da seda, cujo casulo é matéria prima do tecido utilizado na fabricação dos pára-quedas. Com esse mercado garantido, os agricultores, sobretudo os grandes proprietários de terra, voltam-se para o cultivo da amoreira, no momento em que o algodão já não é mais tão lucrativo. Assim, as terras da região de Marília, ao final da Guerra, estavam ocupadas ou pelo café ou pelas amoreiras. Ao terminar a Segunda Guerra, o comércio dos casulos diminui muito e a amoreira deixa de ser cultivada em grande escala.

A região que, a partir de 1930, para atender à procura, inclusive, do mercado externo, expande a sua cultura agrícola diversificada, continua se dedicando à cafeicultura. Agora, há cafezais não só nas grandes propriedades, mas, também nas pequenas e médias.

Em Marília, em meados da década de 1930, existem quinze máquinas de descascar arroz, vinte e duas para descascar o café, dez descaroçadoras de algodão, três grandes serrarias e vinte e sete olarias. Marília perde, assim, sua aparência de patrimônio e adquire características de cidade. Conserva muito pouco de sua vida ruidosa. Suas principais ruas são pavimentadas e têm casas de alvenaria, grande parte delas de dois andares. Já tem, também, um Ginásio Municipal. A região, que pouco sofreu com a crise cafeeira, volta a progredir

quando o algodão substitui o café. Em 1945 a cidade já possui mais de 5000 edifícios.

Por volta de 1920, Sousa Leão, pernambucano filho de uma família de senhores de engenho, parte para o sul. De um caixeiro viajante adquire, no ano seguinte, uma vasta área de terra situada no espigão divisor Peixe-Aguapeí, onde funda a cidade de Tupã. Pelos caminhos abertos entre as estações de Quatá e Rancharia e o espigão Peixe-Aguapeí os pioneiros chegaram a Tupã.

Paralelamente à venda de lotes urbanos, Sousa Leão estabelece loteamentos rurais, banco local e lavouras de café. O progresso faz aumentar os loteamentos. A estrada de ferro não progride linearmente, os administradores só colocam os trilhos quando a região já conta com uma população razoável e está em plena produção. Na Alta Paulista, como vimos, é a rodovia que facilita a abertura dos loteamentos.

Quando os trilhos chegam a Tupã, no ano de 1941, a região já está muito ativa. Em Bastos, a primeira derrubada ocorre em 1928, quando o patrimônio é aberto. A seguir inicia-se a venda dos lotes rurais. Vindos por estradas ligadas à Sorocabana, ali se fixam as primeiras famílias japonesas.

A Companhia Paulista – que também desempenha o papel de empresa de transportes rodoviários – constrói uma boa estrada de rodagem que liga Tupã à Lucélia e Adamantina. Essa estrada, embora de forma menos cuidada, estende-se até Gracianópolis (atualmente Tupi Paulista) e chega ao Rio Paraná, em Porto Marrecas. Plantadores de Presidente Prudente, abrindo estradas nas florestas, já chegaram também à Lucélia.

A rodovia novamente proporciona a ampliação dos loteamentos, uma vez que o sitiante, afastado mais de duzentos quilômetros da ferrovia, agora não se encontra mais isolado.

Em meados do século XX a concorrência entre os loteadores é imensa. Sua propaganda para vender as terras está assentada nas facilidades de comunicação. Cada vez que há notícia de que uma estrada será prolongada iniciam-se novos loteamentos. Cartazes publicitários destacam a existência, nos loteamentos, de tudo que é essencial tanto à vida material quanto à espiritual. Aqui, a fundação de pequenos núcleos urbanos, destinados à venda dos lotes rurais, precede a fixação do homem na zona rural. O desenvolvimento desses núcleos é o indicador do sucesso do empreendimento.

Os lotes mais valorizados são os que se encontram próximos ao patrimônio, geralmente localizados nos espigões, onde o solo é de melhor qualidade. A especulação é grande e as negociações desenvolvidas pelos sitiante são bem vistas pelos loteadores, uma vez que quando o sitiante vende seu lote próximo ao patrimônio adquire outro, rural ou urbano, de maior valor, ou ainda uma área maior e mais distante, proporcionando lucros às companhias colonizadoras.

A rodovia favorece os loteamentos, que são levados, depois de 1940, até quase às margens do rio Paraná, na fronteira com o atual estado de Mato Grosso do Sul.

Em 1961, a Companhia Paulista de Estrada de Ferro completa o seu trajeto até a divisa do Estado. Em 1950, chega a Lucélia e a Adamantina; em 1959 a Dracena e, finalmente, em 1961, chega em Panorama, às margens do rio Paraná (Conferir Mapa 8).

O mapa de número 09 apresenta o que se conhece, hoje, formalmente como a sub-região denominada Nova Alta Paulista, situada entre as regiões da Alta Paulista (polarizada por Marília), Alta Noroeste (polarizada por Araçatuba) e Alta Sorocabana (polarizada por Presidente Prudente), delimitada, ao norte, pelo Rio Aguapeí; ao sul pelo Rio do Peixe; a leste pelos municípios de Quintana e Pompéia; a oeste com o Rio Paraná, fronteira dos estados de São Paulo e Mato Grosso do Sul.

Ainda que seja essa a configuração política oficial da Nova Alta Paulista, neste trabalho tal sub-região será reconfigurada, posto assumirmos, com Baraldi (2003), que *“uma região é um espaço atravessado pela história que o institui como referencial para os próprios homens. Nenhuma região existe a priori: ela é resultado de uma série de representações que possuem historicidade, é um contexto, uma paisagem elaborada por nossos olhos e mentes, carregada de lembranças e significados, e antes de poder ser um repouso para os sentidos, a paisagem é obra da mente, compõe-se tanto de camadas de lembranças como de extratos de rochas”*.

Feita essa reconstituição sobre a colonização da Nova Alta Paulista, a partir da literatura disponível, qual o passo seguinte?

O passo seguinte seria a escolha dos procedimentos a serem usados na Pesquisa, ou seja, tratava-se, então, de procurar conhecer mais as novas perspectivas históricas para entender nossa região de investigação. O contato com alguns trabalhos de historiadores ligados ao Grupo dos *Annales* e com alguns autores que deles tratam, também nos permitiu ampliar o conceito de documento e isto influenciou nossa escolha sobre os procedimentos a serem usados. Nossos documentos seriam registros recolhidos oralmente. Eles nos permitiriam enfocar o tema proposto de uma forma mais ampla, uma vez que o que se registra nos documentos escolares é de natureza burocrática, não tem vida. Desses documentos – frios e estáticos – não constam interferências de pais de alunos, as dificuldades que os professores têm com os conteúdos. Neles, o burburinho dos alunos e o toque da campanha são silenciados. O que registram sobre a vida dos professores diz respeito exclusivamente aos aspectos administrativos de suas carreiras. Assim, usaríamos a metodologia da História Oral que, ampliando concepções, dá *status* de documento aos arquivos sonoros, cria uma diversidade de fatos históricos e, sobretudo, situando o seu objeto de estudo em um passado recente, nos permite captar acontecimentos que transcendem os registros meramente administrativos. Tomar a História Oral com *status* de metodologia – como estabelecadora e ordenadora de procedimentos da pesquisa teoricamente fundamentados – constitui-se em uma postura “provisória” em relação ao *status* da História Oral, até porque o grupo de pesquisa¹⁶, do qual participamos, ainda mantém a discussão sobre este *status*, ou seja, sobre a própria natureza da História Oral.

¹⁶ Do grupo de pesquisa “História Oral e Educação Matemática” participam Emerson Rolkouski, Heloísa da Silva, Ivani Pereira Galetti, Ivete Maria Baraldi, Maria Ednéia Martins, Marisa Resende Bernardes, Rosinéte Gaertner, Luzia Aparecida de Souza, Antonio Carlos Carrera de Souza, Carlos Roberto Vianna, Gilda Lúcia Delgado de Souza, Sílvia Regina Vieira da Silva, Michela Tuchapesk, Zionice Garbelini Martos, Helenice Seara, Antonio Vicente Marafioti Garnica e Ronaldo Marcos Martins. É um grupo multiinstitucional (envolvendo UNESP, UFPR, USC, FURB, UFMS, UNIP, UNICAMP) formado em meados de

Assim, para nossa investigação, privilegiamos as entrevistas registradas com o uso do gravador. Nosso objetivo é a produção de documentos referentes ao processo de formação e à prática cotidiana de professores ao ensinar Matemática. Neste processo consideramos, inclusive, a relação entre os dados da vida desses professores e o movimento histórico e cultural da região onde estão inseridos. No campo da história oral, de acordo com Meihy, um dos autores que lemos, é possível distinguir três tendências: a “história oral de vida” que trabalha com a narrativa das experiências de vida de um depoente; a “história oral temática” que busca versões de pessoas que presenciaram determinados acontecimentos e cujos depoimentos interessam ao pesquisador que foca um tema específico; e a “tradição oral” que opera com mitos permanentes, com a visão de mundo de grupos sociais cujas concepções têm referências em um passado remoto. Nossa abordagem, neste trabalho, se concentra na segunda dessas tendências, uma vez que nosso foco principal diz respeito às experiências vividas pelos professores em sua formação e prática cotidiana ao ensinar Matemática. Como o nosso depoente ao mesmo tempo em que se constitui como professor de Matemática da Nova Alta Paulista é, também, “ator” de um processo histórico mais amplo – o da colonização da região – sua narrativa foca outros aspectos de sua vida. Isto faz com que seus depoimentos não sejam meros relatos técnicos, como os decorrentes dos registros disponíveis nos arquivos escolares, que criticamos anteriormente. Assim, o sujeito narrando suas experiências como professor de Matemática da Nova Alta Paulista narra-se em processo.

Quantos e quais foram seus depoentes?

Trabalhamos com cinco depoentes. O professor Antonio Jorge, que se licenciou em Matemática, no Mackenzie, e chegou à Adamantina no ano de 1955, momento em que a região começou a se desenvolver. Ele conviveu com os professores Osvaldo Sangiorgi, Benedito Castrucci, Luis Henrique Jacy Monteiro,

2001, cujos participantes desenvolvem trabalhos que, em Educação Matemática, usam a História Oral.

entre outros. Foi o idealizador da FAI, Faculdades Adamantinenses Integradas. A professora Mutsuko, sua ex-aluna, em seu e-mail, pode nos “apresentá-lo”:

“O professor Antonio Jorge tinha um método muito especial para ensinar Matemática: devagar e sempre, sem sofrimento. Não me lembro de ter estudado e eu sempre sabia. Quando saí de Adamantina para fazer o Científico tive que passar por exames de seleção em Português e Matemática. Tive que estudar sozinha o restinho de programa que ficou descoberto e foi fácil. No colegial (Colégio Estadual Presidente Roosevelt) descobri que tinha base melhor que os outros.”

E podemos saber um pouco mais da sua vida, pela suas próprias “palavras”, a partir da entrevista que com ele realizamos, em sua residência, na cidade de Adamantina.

PROFESSOR ANTONIO JORGE

Depoimento recolhido em 4 de Março de 2004 e 14 de Abril de 2004

Tempo de gravação: 2h 8min 27s

A FAMÍLIA

Meu nome completo é Antonio Jorge. Jorge é o sobrenome do meu pai. Meu pai era Dib Jorge, a minha mãe era Abadia Diniz. Por falta de conhecimento – em 1930, em Promissão, uma cidadezinha lá da Noroeste – o homem do cartório resolveu botar meu nome como Antonio Jorge, não pôs o nome da minha mãe. Antonio Diniz Jorge seria meu nome. Então, ficou Antonio Jorge.

Eu nasci na cidade de Promissão, na Zona Noroeste do Estado de São Paulo, no dia seis de maio de 1930.

Meu pai não estudou... naquele tempo não havia muitas escolas. Ele veio da Síria com meu avô – o pai dele – a minha

avó e dois irmãos. Inicialmente, eles moraram em Ituverava, depois eles se mudaram para Promissão.

O pai da minha mãe era Miguel Dinis, o sobrenome era Yunes, mas como o homem do cartório também não soube escrever Yunes e escreveu Diniz, ficou sendo Diniz o sobrenome da minha família. Ele também morou em Ituverava, mas mudou-se para Promissão antes do que o meu avô paterno. Nessa época, Promissão era uma cidadezinha melhor, uma cidadezinha onde já tinha mais recursos.

O meu avô paterno trabalhava com lavoura e com criações...com ovelhas, porcos, já, o pai da minha mãe era mais comerciante. Antes de trazer a minha mãe para o Brasil, ele já estivera aqui. Nessa época, ele comprou três burros de carga e saía pelo interior do Estado vendendo roupas e bugigangas que comprava em São Paulo. Isso, em 1895, 1890. Ele e o Matarazzo também apanhavam bananas no Vale do Anhangabaú, em São Paulo, e as vendiam nas redondezas da cidade.

A cidade de São Paulo começou a se formar em torno do Vale do Anhangabaú, onde ficava o córrego. Todo mundo, sempre que chegava, queria ficar perto de um córrego, de uma água corrente. Nessa época em que o pessoal estava se fixando no Vale do Anhangabaú, Joaquim Eugênio de Lima... não sei se ele era francês ou italiano.... vislumbrou a possibilidade de comprar, por um preço baixo, os terrenos no alto do morro, onde hoje é a Avenida Paulista, o Joaquim Eugênio de Lima comprou todo aquele alto! Depois, na época em que o preço do café melhorou, ele vendeu esses terrenos para os barões do café.

O meu avô trabalhava no comércio, mas nesse comércio pequeno, de vender arroz e feijão, de vender sapatão, cobertor. Era uma casa de comércio, semelhante à Casa Moreira, que existia antigamente em Promissão.

A minha mãe frequentou o Grupo Escolar, por vontade do meu avô, o pai dela. Ela já era mocinha quando foi ao Grupo Escolar, ali ela fez até o terceiro ou quarto ano primário, não estudou mais que isso. Nos mudamos de Promissão para Marília em 1932.

O meu avô materno já estava morando lá. Ele gostava muito de comercializar arroz, comprava arroz em casca, descascava e vendia descascado. Fazendo isto ele montou uma pequena máquina para beneficiar arroz.

Na Revolução de 1930, os soldados que vinham do Mato Grosso (hoje Mato Grosso do Sul) passaram por Promissão e

levaram todo o estoque de mercadorias que o meu pai tinha no armazém. Disseram que depois pagariam, mas até hoje não pagaram [risos]. Como o meu pai gostava de Promissão, ele não saiu de lá, os pais dele moravam lá também... e, comprando a prazo começou a negociar. Entretanto, em 1932... na Revolução de 32, uma outra tropa passou e carregou todo o seu estoque novamente. Aí então, ele foi embora para Marília, foi trabalhar com meu avô materno no comércio de arroz. Chegando lá, ele sugeriu ao meu avô que beneficiasse também o café, que não trabalhasse apenas com arroz, foi então que eles começaram a progredir. Em Marília, nessa época, só havia uma porção de casinhas de tábuas, não havia boas casas lá. Foi somente em 1937 ou 38, que meu pai construiu uma casa de tijolos para nós morarmos. Nossa casa ficava em frente à Máquina, na rua São Luis. A rua São Luis é a rua da entrada da cidade. Na baixada dessa rua, do lado esquerdo, existe até hoje uma máquina muito grande, era a Máquina do meu avô. Essa máquina meu avô construiu em 1934, por aí....

OS PRIMEIROS ANOS ESCOLARES - O EXAME DE ADMISSÃO

Eu estudei em Marília até o primeiro ano do Ginásio. Fiz Exame de Admissão para entrar no Ginásio do Estado.

No Exame de Admissão havia prova de Matemática, Português, um pouquinho de Geografia e um pouquinho de História, mas só do Brasil, e tinha um pouquinho de Ciências também... eles perguntaram alguma coisa sobre lavar as mãos antes das refeições, sobre escovar os dentes depois das refeições.... Eu me lembro disso, porque a minha mãe em casa, nos obrigava a escovar os dentes depois das refeições.... Acabávamos de almoçar e ela dizia: "Vamos para o banheiro... todo mundo... vamos escovar os dentes!"

Eu não sei bem por que existia esse Exame, mas era ele que selecionava os alunos para estudar na Escola Estadual.

Em Marília também havia Escolas Particulares. Eram casas onde funcionavam escolas. Nelas, os alunos do primeiro, segundo, terceiro e quarto ano primário, assistiam às aulas numa mesma classe, com um só professor. Eu estudei em uma dessas escolas. Fiz o primeiro e o segundo ano nessa escola, não... o primeiro, o segundo e o terceiro nessa escola. O quarto ano eu fiz no Colégio das Freiras – no Colégio do Sagrado Coração de

Jesus— porque meu professor, o doutor Pelegrino, foi preso [risos]. Ele foi preso porque... o Getúlio (Vargas) tinha mandado queimar as Bandeiras¹⁷ (dos Estados) em 1937, e ele, como protesto, nos mandou fazer o uniforme escolar com calça preta, camisa branca e gravata vermelha: as cores da Bandeira (de São Paulo) então, ele foi preso. Acho que é por isso que sou patriota.... A família do doutor Pelegrino é muito importante lá em Marília...

Eu fiz a primeira série do Curso Ginásial no Ginásio do Estado de Marília, chamava-se Ginásio Estadual de Marília. Ele ficava na Avenida Sampaio Vidal. Tinha um jardinzinho, depois era o Ginásio do Estado. Lá nós tínhamos aula de Português, de Francês, de Latim... tinha Matemática, Ciências, Geografia e História e... também Trabalhos Manuais. Aliás, uma coisa interessante que eu estava pensando hoje... a minha professora de Trabalhos Manuais era formada. Formada numa Escola Superior em São Paulo. Não sei que Escola Superior era essa. Naquele tempo a gente não pensava nisso... (na Licenciatura). Ela se chamava Professora Pasquina Perla. O professor de Matemática não era formado, seu nome era Gandur...eu não sei o resto do nome dele, a gente o conhecia como Gandur. A minha professora de Português era excelente...a Dona Berta. Ela sabia Português.... Ela já era meio de idade quando ela foi minha professora...

Então, o professor de Geografia chamava-se, não.... esse, o Palermo foi meu professor em Campinas....Agora não lembro quem foi o meu professor de Geografia. Bom, Português era Dona Berta...de Matemática era o professor Gandur, Latim era o Cônego, o Cônego ... tem até uma Igreja em Marília com o nome dele.... agora me esqueci o seu nome.

O trabalho que esses professores desenvolviam... era daquele jeito, todo mundo quietinho e eles falavam a aula inteira. Havia exceções é claro. A Dona Berta, por exemplo, era uma professora que gostava que fizéssemos perguntas... que perguntássemos. O Gandur, o professor de Matemática, também. Aliás, eu gostei muito do Gandur como professor de

¹⁷ Em 1937, sob pretexto de iminência de novo golpe comunista, com base em hipótese subversiva, o Plano Cohen - é a segunda crise que eclode motivada por documento falso - o Presidente Vargas instaurou, com o apoio das Forças Armadas, a ditadura do Estado Novo. Para assinalar o caráter unitarista do regime, as bandeiras estaduais seriam queimadas em concorrida solenidade oficial, no Rio de Janeiro. <http://www.exercito.gov.br/01Instit/Historia/sinopse/geracoes.htm> (acesso em 20/6/2004)

Matemática, porque ele era uma pessoa de gênio alegre, ele ensinava... eu aprendi muito com o Gandur, eu fiz a primeira série do Ginásio com ele, mas, para mim foi fundamental.... professor de Latim também, isto foi na primeira Série.

Como o meu irmão mais velho queria fazer o Curso de Contabilidade, ele precisou estudar em Campinas, meu pai falou que eu devia ir com ele para ficarmos os dois lá.... Nós tínhamos uma grande diferença de idade, meu irmão era cinco anos mais velho do que eu. Fomos para Campinas e ficamos internos no Colégio Ateneu Paulista. Para mim foi ótimo, porque o Colégio era muito bom! Era um ótimo Colégio! Eu estava, então, na segunda série Ginasial. Ali eu tive ótimos professores... o meu professor de Latim era formado pela Universidade de Coimbra. Eu tinha paixão por aprender o que ele ensinava. Um outro professor excelente que tive foi o professor João Fonseca, de Inglês. O professor João Fonseca escreveu livros de Inglês, ele foi meu professor, no Ateneu Paulista, até o segundo Colegial. O que eu sei de Inglês aprendi com ele. Quando vou aos Estados Unidos – eu estive lá em agosto do ano passado – eu converso em Inglês com todo mundo! Até hoje! Eu estive outras vezes nos Estados Unidos...isso vai fazer parte desta nossa história....

No Ateneu Paulista, tinha também o professor Hildebrando Siqueira, ele era professor de Português. Ele recitava as poesias... falava dos poetas e recitava as suas poesias.... Nós sabíamos de cor *O navio negreiro*, de Castro Alves. O meu professor de Matemática era o professor Herlânio Fonseca... ele era excelente professor de Matemática. A fórmula da equação do segundo grau eu nunca mais esqueci... pelo seu modo de ensinar... eu usei muito da sua técnica.... O professor de Geografia era Dr.Carlos Grimaldi.Excelente.

A PRÁTICA COTIDIANA AO ENSINAR MATEMÁTICA

Toda vez que eu começava um assunto novo, sempre contava uma história. Porque aquilo apareceu, como apareceu.... Eu conheci professores que chegavam na classe e diziam: “Bom... a equação do segundo grau é isto aqui. Punham uma fórmula em baixo e diziam: “Para resolver esta equação tem que usar esta fórmula...” Pronto. Acabou. O aluno nunca aprendia aquela fórmula, nunca ninguém ia saber aquilo. Eu não, eu começava contando a história dos árabes e tal... ia

contando... contando histórias... e todo mundo ficava “grudado”, olhando....

Eu também fazia questão de responder a todas as perguntas. Toda pergunta que o aluno fizesse tinha resposta! Todo mundo tinha liberdade para perguntar, eu só não admitia gozação, perguntas tontas, isso eu não admitia não. Mas se o aluno quisesse perguntar vinte vezes a mesma coisa, podia perguntar. Se eu percebesse que ele não tinha entendido, ele podia perguntar até cem vezes, que ele ia ter resposta. Mas, depois eu cobrava... não pense que eu não cobrava.... Hoje, eu vejo os meus alunos... um é engenheiro, o outro é médico....Alguns me dizem: “Professor... vinte e cinco problemas de Matemática... para segunda-feira... professor! Era judiação demais !” [risos].

Um deles, até estava me contando que a filha dele está estudando... e que um amigo dele, telefonou para a professora falando para ela que não tinha cabimento ela passar lição para a menina fazer até segunda-feira, porque ele queria viajar, queria gozar o fim de semana, e a filha dele não podia ir junto, porque tinha que fazer a lição. Então ele disse : “É diferente... viu professor! Não é mais daquele jeito, que era....” Aí eu falei para ele: – *A grande vantagem é que seus pais eram educados, hoje os pais já não são tanto...*

UM POUCO MAIS SOBRE O ATENEU

Eu fiz o Ateneu até o segundo Colegial. Durante um certo tempo em que cursei esta Escola eu era interno...acho que até a segunda e ou a terceira série... nessa época, eu já tinha mais dois irmãos que precisavam estudar. Como meu pai tinha a Máquina em Marília e minha mãe não queria mandar os quatro filhos para morarem sozinhos em Campinas – ela ficou em Campinas (Marília) até que o meu irmão mais velho se formou e voltou – ela foi para lá, alugou uma casa bem em frente ao Ateneu Paulista e todo mundo estudou no Ateneu.

A partir da quarta série... não, do primeiro colegial, eu fiquei sozinho em Campinas, porque o meu pessoal já havia voltado para Marília. O meu irmão mais velho trabalhava com o meu pai na Máquina.

O meu pai tinha um sócio e o filho mais velho desse sócio também estudou fora, foi fazer curso de Comércio para ajudar o pai. Entretanto, ele se envolveu com outras atividades... aprendeu a pilotar, comprou um avião, um pequeno avião para

fazer vôos particulares... e infelizmente morreu. Morreu novo, muito novo. Ele tinha se casado, tinha um filho... foi levar um pessoal, não sei bem onde... acho que no Paraná e o seu avião caiu e ele morreu. Morreram ele e mais dois passageiros que estavam com ele. O meu irmão ficou trabalhando lá na Máquina....

Bom, em Campinas aconteceu um fato que eu vou contar para você, embora não se relacione com Matemática. Quando eu estava na quarta série, Campinas ia receber a visita de um Cardeal da Igreja Católica, então, houve assim... uma disputa entre as escolas... porque o Padre lá de Campinas... o Bispo... era o Bispo de Campinas... queria que um aluno de uma das escolas fizesse uma recepção para o Cardeal, falasse alguma coisa sobre a cidade para o Cardeal, entretanto, esse discurso teria que ser em Latim. Na cidade, havia o Arquidiocesano de Campinas e o Liceu, que eram Colégios de Padres.... O meu professor de Latim, o professor Antonio Aquino Pereira – que era formado em Portugal – me disse : “você vai representar os alunos”. Eu falei: *que é isso? São todas escolas de Padre...* mas o meu professor disse: “Não, não... eu vou escrever o discurso e você vai apresentar... você vai ler o discurso. Eu fui – estava lá o bispo e todo o pessoal – e li o discurso para o Cardeal. Eu até tinha uma fotografia, todo de gravatinha.... Eu estava na quarta série do Ginásio. Bom, isso não tem nada a ver com Matemática, o que tem é que o Latim dá uma facilidade extraordinária para a Matemática, você sabia? Para o xadrez também... porque o Latim exige raciocínio lógico... para formar sentenças em Latim é preciso raciocínio, então o Latim ajuda a Matemática. .

AS AULAS PARTICULARES, O SALÁRIO DO PROFESSOR E A OPÇÃO PELA CARREIRA

Bom, depois eu fui fazer o terceiro Colegial em São Paulo. Para São Paulo eu fui sozinho. Lá, eu conheci um rapaz de Marília que morava numa pensão na Avenida Angélica e fui morar com ele nessa pensão. Eu me inscrevi para o exame de seleção do Mackenzie, para disputar uma vaga no terceiro Colegial do Mackenzie. O Mackenzie tinha cinco salas de terceiro Colegial e fazia um “vestibulinho” para selecionar os candidatos que pretendiam cursar o terceiro Colegial. Eu fui selecionado e entrei para o Mackenzie. Nessa época eu já dava aulas particulares, eu precisava dar aulas particulares para ajudar um pouco... e fui me mantendo lá.

Os meus colegas queriam fazer Engenharia. Eu também estava pensando em fazer Engenharia... mas, eu não queria ser engenheiro, eu sentia alguma coisa diferente. O engenheiro é um profissional... a Engenharia é uma coisa muito fria, onde você não tem muita cultura para desenvolver... eu não queria fazer aquilo. Eu queria dar aulas! Queria ser professor! Que coisa importante! Naquele tempo era muito importante ser professor!

Eu tinha uns colegas que moravam na minha república que me falavam: "larga a mão rapaz... como professor você vai ganhar alguma coisa?" E eu falei: Eu vou ver isso...eu fui saber ...[risos], fui ao Clube de Engenharia, fui à Secretaria da Educação e descobri que como professor eu ia ganhar mais que um engenheiro do Estado. Comparativamente, o professor ganhava mais que o Juiz de Direito....

Quando eu cheguei aqui em Adamantina... na viagem, havia senhor que estava do meulado e que nem olhava para mim, eu tinha tentado puxar conversa com ele, mas ele não respondeu, ele estava de gravata... naquele tempo todo mundo andava de gravata... então, fiquei quieto, não falei mais nada.... Fui morar no Grande Hotel, aquele hotel verde... não sei mais qual é a cor... ele morava lá também.... Quando cheguei aqui eu dava trinta e duas aulas por semana e ganhava mais do que o Juiz de Direito da Comarca (o senhor que havia viajado com ele). Eu não gosto de falar muito sobre isso, porque eu começo a ficar bravo [risos].

Ontem eu fiquei muito bravo, fiquei louco da vida, porque o rapaz da televisão estava falando que no ano passado teve professor que recebeu um prêmio de seis mil reais em dezembro, porque não faltou nenhum dia às aulas. Quase que eu liguei para a rádio para saber se os aposentados também tiveram esse prêmio....Ir à escola é obrigação, "poxa"! Eu quando estava na escola só tirei licença - prêmio... só. Tirei duas licenças-prêmio, o resto recebi em dinheiro, eu não faltava! Eu falei para o meu filho – o meu filho começou a dar aula numa escola em Lucélia, uma escola de Comércio, uma Escola Técnica... – eu falei para ele: – *eu só vou te falar isso: Eu e sua mãe trabalhamos no Helen Keller durante trinta e cinco anos, eu nunca cheguei um dia atrasado. Eu sempre cheguei antes de bater o sinal, nunca depois de bater o sinal. Isso você tem que aprender, não só para a escola, mas para a sua vida. Você tem chegar antes do dono e sair depois do dono. Porque senão você não irá ser bem visto!*

Bem, então eu estava mais apaixonado para ser professor, mas todo mundo lá na minha escola ia fazer Engenharia, então eu quis saber porque estavam fazendo essa opção, qual era a vantagem. Era mais vantagem, financeiramente, ser engenheiro ou ser professor? Eu até falei para o pessoal que para ser engenheiro... se fosse para sermos engenheiros do Estado, íamos ter padrão de empregado e se pretendêssemos ser engenheiros liberais, com Escritório de Engenharia próprio, precisaríamos de capital.

Não adianta você montar um escritório de Engenharia... eu vejo os meninos coitados... eles têm Escritórios de Engenharia, têm alguns que agora, depois de dez anos que eles estão aí, que já fizeram uma porção de casinhas... agora eles estão deslanchando, mas até chegar lá....

Então, o que eu queria era dar aulas! Eu já dava aulas particulares de Latim, de Matemática, de Inglês, de Desenho, naquele tempo tinha Desenho no Colegial.... e com isso eu fui me mantendo. Meu pai mandava o dinheiro para eu pagar a pensão e o resto eu me virava. Então, fiz vestibular para a Faculdade de Filosofia.

A LICENCIATURA, OS PROFESSORES

Eu fiz vestibular para a Faculdade de Filosofia no Mackenzie e comecei a cursar Matemática. Naquele tempo era Matemática e Física. Tive excelentes professores. O meu professor de Análise Matemática foi o professor Willie Maurer, ele era americano. O meu professor de Geometria Descritiva e Analítica foi o Osvaldo Sangiorgi. (Dona Ana, sua esposa, mostra uma fotografia, onde estão quatro pessoas e o professor Antonio Jorge explica). Este é o doutor Benedito Castrucci, que veio fazer uma palestra, aqui, patrocinada pelo GEEM¹⁸, ele queria que eu fosse para a Alemanha. Está é a senhora dele, esta outra é uma senhora alemã que ele conheceu quando esteve na Alemanha, fazendo um curso. Esta fotografia foi tirada aqui na minha casa. Este outro é um professor que o doutor Castrucci estava preparando para fazer o Mestrado.

O MESTRADO NA USP

¹⁸ GRUPO DE ESTUDOS DO ENSINO DA MATEMÁTICA

Eu já estava lecionando na Faculdade em Adamantina, quando fui convidado para fazer o Mestrado com ele (sob a orientação do doutor Castrucci), na USP. Lá, fiz um exame, eu tinha que fazer quatro Cursos de Pós-Graduação em duas Áreas diferentes: na área de Geometria e na área de Análise Matemática. Aí, eu fiz os quatro Cursos de Geometria, porque ninguém queria fazer Geometria, o pessoal preferia fazer Análise. Era mais ... (dona Ana apresenta uma outra fotografia de um ex- aluno da turma de sessenta : Mario Kanashiro e uma outra, sobre a qual o professor Antonio Jorge se refere)

Essa é da minha turma de Matemática: este é o Tamires João de Queirós, este o Alípio Dias Neto, esta é a Susana Maria Nogueira Rangel Pestana, professora de Matemática e estes são o Rubens Paiva e sua mulher Eunice. Ela era minha Vice-presidente quando eu era Presidente do Diretório. O Rubens Paiva era o presidente do Diretório da Engenharia. E esse foi um jantar de confraternização da Engenharia e do pessoal da Filosofia.

AINDA SOBRE A OPÇÃO PELO MAGISTÉRIO E O ATENEU

Como eu já disse eu fiz vestibular na Universidade Mackenzie...o Mackenzie ficava muito perto da minha casa, isto era uma facilidade para mim. Lá, também havia mais vagas no Curso da manhã, o período que me interessava. Fiz vestibular para a Faculdade de Filosofia, porque eu sempre tive intenção de lecionar. Desde que eu estava no Curso Ginásial... desde a terceira série do Curso Ginásial, eu já dava aula para os meus colegas de classe, eu dava aulas particulares... eu trabalhava com os meninos...eu era “molecão” e eles também...como eles tinham dificuldade eu procurava ajudar e desta forma eu fui me envolvendo com o processo de ensinar... de fazer alguém aprender alguma coisa.

Quando eu terminei o Curso Ginásial, em Campinas, no Colégio Ateneu Paulista de Campinas que hoje é um colégio encampado pelo Estado... na época era um colégio particular.... Eu tive professores muito bons no Curso Ginásial, excelentes professores. Eu me recordo dos professores... o Professor Herlânio Fonseca, de Matemática, o Professor Antonio Aquino Pereira, de Latim, um outro professor brilhante que tive foi o professor João Fonseca, foi ele quem introduziu o Inglês no Curso Ginásial, no Brasil. Ele ensinou aos brasileiros como aprender Inglês, em todo lugar existia a Gramática do Professor

João Fonseca.... Ele foi meu professor em Campinas. Eu tive essa felicidade! E, mesmo depois que eu sai do Curso Ginásial, eu lia livros em Inglês... lia romances, histórias em Inglês.

O VESTIBULAR, OS PROFESSORES E OS LIVROS DIDÁTICOS

Quando eu cheguei na Faculdade, os livros eram em Inglês, Espanhol, Francês e Italiano...eu só não consegui aprender alemão...mas, nestas outras línguas eu tinha que ler, porque não existiam livros de Matemática em Português naquele tempo. Eu me lembro de alguns... o do Humberto Cizote, italiano... de um livro do Lídio Fontapier, ele foi professor na USP de São Paulo um pouco antes, mas nos deixou um livro – ele era professor de Análise Matemática –, do Peruca, de Física... depois eu me lembrarei dos outros nomes....

Os meus professores indicavam os livros, nós tínhamos uma biblioteca fabulosa no Mackenzie. Até hoje, qualquer livro que você procurar você pode encontrar nessa biblioteca. Mas, era algo assim... tinha um volume e nós éramos em dezesseis alunos na sala... existiam trinta vagas no Vestibular, para oitenta candidatos, e somente dezesseis passaram. Os outros não foram aprovados.

Dos professores da Faculdade, eu me lembro do Willie Maurer que era professor de Análise Matemática, do Armando Foá de Mecânica Racional... o Osvaldo Sangiorgi era professor de Geometria Analítica e Descritiva e a grande estrela do meu curso era o Abrão de Moraes, professor de Física, ele foi um homem extraordinário. Um outro homem extraordinário, o Luiz Henrique Jacy Monteiro, um dos introdutores da Álgebra Linear no Brasil.... Bem, estes são alguns dos nomes... depois foram entrando outros professores. Eu tive um professor de Didática, o Décio Grisi, também muito bom; o professor de Filosofia, Livio Teixeira também era muito bom.

A FORMAÇÃO PEDAGÓGICA

Nós tínhamos boa Orientação Pedagógica. Como o Colégio Rio Branco e o Mackenzie ficavam muito próximos, nós fazíamos as nossas Práticas Pedagógicas ou Colégio do Mackenzie ou no Colégio Rio Branco, que era pertinho, quase na mesma quadra do Mackenzie. O Mackenzie ficava na Rua

Maria Antonia, ainda existe lá a parte velha... agora há também uma parte nova que foi construída em um bairro... eu ainda não fui lá.

O nosso professor de Didática, era o professor Décio Grizi, ele tem livros publicados, o professor de Filosofia era o Lívio Teixeira. Ele foi também o meu Diretor na Faculdade.

“OS ÓLEOS QUE FAZEM O MUNDO GIRAR”

Aconteceu um fato interessante na Faculdade... eu fui eleito Presidente do Diretório, quando eu estava no segundo ano do Curso. No final do ano, o Dr. Lívio Teixeira, Diretor da Faculdade, me chamou e disse: “Jorge, nós temos que providenciar o reconhecimento da Faculdade, para isso alguém tem de ir ao Rio de Janeiro... porque o Senador que está cuidando do nosso processo, fazendo a verificação do nosso processo que está no Ministério da Educação, deverá estar no Rio de Janeiro na terça-feira, é preciso que alguém vá para lá conversar com ele”. *Se o senhor quiser, posso ir.* “Então você vai, veja o que precisa, o que você quer”, e eu pedi: – *vocês me pagam a passagem, pelo menos umas duas diárias de hotel, porque eu posso chegar lá e... ele pode não chegar nesse dia, chegar no outro ... e eu quero também um vidro de perfume... daquele perfume que a Marilyn Monroe usava, o Chanel Número Cinco.* “Isso é muito estranho!”, ele disse... eu expliquei: – *olha, doutor Lívio Teixeira, eu sou... “moleção”... mas, meu pai falava que existe um óleo que faz o mundo girar: ou é a sua simpatia, a sua delicadeza, ou então é um presente bem dado, bem escolhido...* e o Diretor me disse: “Seu pai tinha razão”...e me deu o perfume para levar [risos].

Chegando ao Rio de Janeiro, fui ao hotel onde o Senador se hospedava e a Secretária dele me atendeu. Aí eu percebi, que ela ia falar com ele...mas que era ela quem estava com o Processo, era ela quem informaria o Processo. Então, eu falei para ela: *Bom... se o senador não chegou ainda hoje.... ele virá amanhã?* “Ah, ele virá amanhã”, disse ela. *Então eu vou deixar uma “lembrancinha” para você, para você não esquecer de marcar meu encontro com ele....* “Pois não, pode deixar”, ela respondeu. Quando cheguei no outro dia, o Processo já estava pronto [risos]. São essas as coisas da vida, não é? Esta foi uma das experiências que eu tive com a Faculdade...

A CRIAÇÃO DO CURSO DE SEGUNDO E TERCEIRO GRAUS EM ADAMANTINA

Quando eu cheguei aqui, nós não tínhamos Faculdade e também não tínhamos o Curso Colegial, então resolvemos montar o Curso Colegial. Fomos procurar o Deputado, fomos à Secretaria da Educação e conseguimos criar o Colegial aqui em Adamantina. Depois, quando o curso Colegial deslanchou, nós começamos uma nova luta para a instalação da Faculdade (de Filosofia).

Aí, precisei convencer todo mundo que dava para instalar uma Faculdade aqui... o pessoal achava que eu estava ficando louco. Naquele tempo, 1966...65 mas, graças a Deus, deu certo!

A AMIZADE COM O PROFESSOR OSVALDO SANGIORGI E A POSSIBILIDADE DE ESTUDAR NOS ESTADOS UNIDOS

Mas, voltando à Faculdade... então, o Osvaldo Sangiorgi... você deve ter ouvido, pelo menos, falar dele, não é? Ele foi convidado para ir aos Estados Unidos fazer um Curso sobre Matemática Moderna. Antes de ir para lá, ele tinha publicado um livro de Matemática. Eu ajudei... participei da elaboração desses livros, eram livros para o Ginásio, de primeira à quarta série de Ginásio, eram os livros de Matemática do Osvaldo Sangiorgi.

Quando voltou dos Estados Unidos ele veio aqui em casa. Eu tinha acabado de fazer a casa... ele veio conversar comigo e falou....Não! eu não tinha acabado a casa, eu estava terminando esta casa... Ele falou: "Jorge, eu fiz doutoramento em Matemática Moderna em Cambridge e quero que você vá para lá também". Como que eu posso ir para lá? "Não, é tudo pago, você não vai ter despesa, você vai trabalhar lá e sua mulher pode fazer o curso de História Americana. Eu quero que você vá, porque depois você poderá ter outras oportunidades na vida... fazer um doutoramento." Não deu! Não dava para ir! Eu estava com a casa por terminar, estava com o dinheiro todo "contadinho", não dava para fazer mais nada, não dava para ir. E, também, minha mulher era muito apegada à família dela, seus pais eram de idade, meu pai e minha mãe também, todos de idade.... Então eu falei: – *eu não posso ir e ficar dois anos nos Estados Unidos*, porque teria que ficar dois anos lá. Acabei não indo, mas o Sangiorgi foi uma pessoa que me ajudou bastante. Inclusive quando fui fazer o concurso... o concurso que fiz em 55... ele.... não, ele não fazia parte da Banca.

OS CONCURSOS PÚBLICOS, O POSTULADO DE EUCLIDES E O PROFESSOR JACY MONTEIRO

Naquele tempo o concurso era assim...vou contar para você como era o concurso. Primeiro era publicada uma relação de cinquenta títulos, de assuntos de Matemática, sobre os quais você fazia uma prova escrita, com duas partes: uma redação e uma outra com problemas para resolver. Depois de alguns dias da realização da prova escrita, éramos chamados para "ler a prova" perante uma Banca constituída por cinco professores: um professor do Secundário e os outros quatro professores da USP. À medida que íamos lendo a prova a Banca perguntava: "por que escreveu isto? O que quis dizer com isto?", e íamos expondo.... Eles também corrigiam a parte de problemas e perguntavam "Escuta, por que fez isso aí? Por que pensou assim? Qual foi a tua idéia?" Querendo ver se sabíamos o que estávamos falando. Depois dessa prova havia uma prova de Erudição, que era uma defesa de Tese. É... uma defesa de tese.

Essa prova de Erudição era assim: eram vinte e quatro títulos... você tinha uma semana para preparar os vinte e quatro, dos quais um era sorteado... o sorteio era na hora (no dia anterior à prova)... No segundo concurso que fiz... caiu um título chamado Postulado de Euclídes. Eu teria a que falar cinquenta minutos sobre o Postulado de Euclides. Eu não tinha nenhum material sobre o assunto, aí o Jacy... o Luiz Henrique Jacy Monteiro me disse que tinha um livro em alemão sobre o Postulado. Ele tinha sido meu professor de Álgebra Linear, ele deu também Geometria Finita e Geometria na Faculdade. Eu gostava do Jacy, nós jogávamos pingue-pongue, lá no Grêmio da USP. Então ele falou para mim: "Ó, posso fazer uma coisa para você, como à tarde eu não tenho aula, vou traduzindo e você vai escrevendo, depois à noite você estuda e na outra noite você dá a aula." E assim fizemos. No Postulado havia além da parte matemática uma parte histórica. Era uma explicação de como Euclídes chegou à conclusão de que esse Postulado era verdadeiro.

Quando eu fui fazer a exposição sobre o Postulado até gelei, porque normalmente havia duas ou três pessoas assistindo a prova de Erudição, não era todo mundo que tinha interesse por isso, mas como o Jacy havia comentado na USP que eu ia abordar esse tópico, estava cheio de gente lá. Havia professores e alunos da USP, os alunos do último ano estavam todos lá

sentados. Eu havia preparado os outros tópicos, mas esse que foi sorteado no dia anterior à prova... o *Postulado de Euclides* eu não havia preparado, porque eu não tinha material sobre esse assunto. Eu só consegui prepará-lo, depois do sorteio, porque o Jacy me deu o material....

Bom, eu cheguei lá e dei aula. Na Banca estavam o Sangiorgi e um “cara” rigoroso, o Edson Farah, o Edson Farah... sabe o que aconteceu? Eram duzentos e sessenta e um candidatos inscritos para esse segundo Concurso e só compareceram oitenta. Quando eu perguntei o que havia acontecido me responderam: “Ah! é por causa do Edson Farah”. Quando divulgaram a banca os candidatos desistiram.

Eu já havia feito um concurso... o Presidente da Banca havia sido o Benedito Castrucci... No primeiro concurso escolhi o cargo em Adamantina.

Quando eu cheguei aqui eu fiquei sabendo que podia ocupar outro cargo. A Ana já estava aqui quando eu cheguei e estava tendo alguns problemas com um Cargo de Dracena, que ela pretendia ocupar. Perguntei o que estava acontecendo e ela me disse que pretendia acumular o seu Cargo com outro, na cidade de Dracena. Eu quis saber o que era esse acúmulo. Ela me explicou que era possível escolher um segundo Cargo. Então fui à Flórida e lá havia um Cargo vago, lá não havia professor efetivo de Matemática – eu e a Ana ainda não estávamos namorando nessa época... ela era noiva – então, fui para São Paulo, inscrevi-me no Concurso, graças a Deus, passei e escolhi Flórida e fiquei com dois Cargos, um em Adamantina, outro em Flórida. E a Ana ficou com Adamantina e Dracena.

UM DIRETOR DE ESCOLA DO OESTE PAULISTA

Mas ela esqueceu um pouco da história (dona Ana havia falado anteriormente sobre o seu acúmulo de cargo em Dracena). O Davi¹⁹, não queria acertar o horário das aulas para a Ana, porque ele e a Mhirtes²⁰ eram muito amigos. Eu não tinha nada contra a Mhirtes... o problema era que a Ana escolheu a cadeira (cargo) e a Mirthes não estava classificada, ela ficou no artigo 6º, esperando vaga, ela havia sido aprovada, mas não havia vaga para ela. A Ana e um amigo até foram à Dracena

¹⁹ Professor Davi Arantes Ferreira, diretor do I.E.E. Engº Isaac Pereira Garcez, em Dracena.

²⁰ Myrthes Freimam Rother, professora de Trabalhos Manuais no I.E.E. Engº Isaac Pereira Garcez, em Dracena

conversar com o Davi sobre o horário das aulas, mas ele disse que não mudaria o horário. Um dia, quando eu e a Ana já estávamos casados, ela me disse: "Ah, aquele 'cara' está demais... passou da conta!" Ele colocava o horário de tal modo que quando ela saía da aula, o ônibus já havia vindo embora! Então eu fui lá e falei com ele: – *Você quer ser removido para onde?*, "Ah, por quê?", ele perguntou. *"Porque se você não acertar o horário da minha mulher, nós vamos mandar você para Jacupiranga. Então, é melhor você escolher para onde você quer ir, porque aí nós já te mandamos para o lugar que você quer."* Ele então acertou o horário (fez um horário para que ela pudesse lecionar nos dois Municípios). Logo depois, eu fui a São Paulo na Secretaria da Educação... o Secretário da Educação era um padre... eu queria saber o que deveria ser feito para criar um cargo de Trabalhos Manuais em Flórida Paulista. Quando eu cheguei na Secretaria da Educação para falar com o Secretário, a sua secretária – que tinha sido minha colega no Colégio de Santo Amaro – me disse: "O que você quer?" *"Eu quero um Cargo de Trabalhos Manuais lá em Flórida"*, "Mas como é isso?", respondi: *"Ah, eu não sei também, mas eu vim até aqui para saber"*. Ela ligou para a Secretária da Educação e me disse para procurar uma cidade que tivesse o Cargo e não tivesse professor que o Cargo seria transferido para Flórida. Ela mesma localizou a cidade e quando eu cheguei aqui na quarta-feira, já havia saído a criação do Cargo. Aí então, a Mirthes escolheu Flórida e depois permutou com a Ana e voltou para Dracena e, então, a Ana veio para Flórida.

AS PRIMEIRAS EXPERIÊNCIAS DOCENTES

Antes do concurso, quando eu estava no quarto ano da Faculdade, eu já lecionava. Como havia cursado Didática eu tinha autorização para lecionar. Eu lecionava em Santo Amaro e no Colégio da Lapa em São Paulo. Este era um colégio particular, seu dono era o Gamba, ele foi Secretário da Educação... ou qualquer coisa parecida. O Colégio de Santo Amaro chamava-se Alberto Ponte, era uma Escola Estadual... o seu diretor era o Luiz Contier. Eu só fui lecionar nesse Colégio da Lapa, porque o Professor Sangiorgi mandou que eu fosse lá. Ele me disse: "Você vai pegar uma classe agora, e então você vai ver se vai ser professor de Matemática ou não". *Por que?* perguntei. "Porque é uma classe noturna... são duas classes

noturnas que você vai pegar lá, de alunos repetentes e transferidos”.

Lá todo mundo era mais velho do que eu... eu tinha vinte e três anos. Logo que eu entrei na sala, veio um aluno me bateu nas costas e me perguntou de onde eu havia sido transferido, eu respondi que não era transferido, que era o professor de Matemática. E os “caras” ficaram me olhando assim... e falavam “que, professor de Matemática, o que!”.

Entre os alunos havia chofer de táxi, policiais militares, enfermeira... tinha de tudo na classe. Era um curso regular. Aos poucos eles foram se acostumando, foram se adaptando comigo. Eu era muito bom, brincava muito, mas na hora do “vamos ver, vamos ver!”, não tinha conversa não. Até me adaptei muito bem...depois no outro ano, me deram mais classes. Nesta escola eu fiquei quase três anos, não dois anos... porque eu comecei a lecionar em 54, eu fiz o Concurso em 55... lecionei lá em 54 e 55, depois eu vim embora para cá.

A CHEGADA AO EXTREMO OESTE DE SÃO PAULO

Eu cheguei em Adamantina em 1955. Adamantina era como você pode ver nesta foto (mostra a foto).

Aqui não tinha quase nada, tudo estava ainda cheio de toras (de madeira). Tinha algumas casas de comercio na rua Rio Branco, já existia a Avenida Ademar de Barros, que era a saída para Presidente Prudente. Além das casas de comércio havia postos de gasolina. Essas casas de comércio vendiam arroz, feijão, sapato, roupa, caixão de defunto; cada uma loja dessas lojas vendia de tudo. Algumas não subsistiram, desapareceram....Tinha também a Casa Moreira, que era uma loja grande... em Dracena também tinha a Casa Moreira; o cinema – o Cine Adamantina – onde é hoje a Nossa Caixa... o cinema era ali. Estavam também terminando um outro cinema, um cinema maior. A Estação Rodoviária ficava aqui na baixada. Quando cheguei, fiquei hospedado no Grande Hotel, depois quando fui para escola e conversei com os professores percebi que o preço daquele hotel era muito alto se comparado com o do hotel Brasil onde os professores se hospedavam. Esse hotel era mais simples, mas tinha muita gente boa. A Ângela morava lá, a Sônia morava lá... todos professores da escola...o Ari... não, o Ari não morava lá, o Ari morava em outro lugar.

Então, eu também fiquei hospedado lá. A Estação Rodoviária era logo ali atrás.

O DEFUNTO E A JARDINEIRA²¹

Aconteceu um fato interessante naquela época....Naquela época, não havia ônibus, eram jardineiras. Não sei se você lembra disso.... A jardineira era aberta dos dois lados, levava as malas do lado de fora. Então, uma vez aqui estava faltando caixão de defunto e a jardineira estava trazendo um desses caixões, da cidade de Valparaíso, ele estava amarrado em cima dela (no bagageiro). Havia um gaiato que estava vindo na jardineira, mas do lado de fora...como começou a chover ele subiu no teto do ônibus (da jardineira), entrou no caixão e ficou lá dentro. Quando a jardineira chegou na Rodoviária, ele abriu a tampa do caixão e saiu. Como ninguém sabia que ele não estava morto, não ficou ninguém, sumiu todo mundo.

O POVOAMENTO DA REGIÃO: O CAFÉ

Quando começaram a abrir a Estrada de Ferro (Paulista)...os donos da Companhia Paulista eram também os donos destas terras aqui... de Lucélia... não... de Lucélia nem tanto, eles tinham poucas terras perto de Lucélia. Eles eram donos das terras de Adamantina, Flórida e Pacaembu. Então, eles começaram a vender lotes de terra de dez, vinte, trinta e quarenta alqueires. Não havia lotes de quinhentos alqueires, lotes grandes. Deste modo a região obteve um grande número de pequenos proprietários e o comércio das cidades foi melhorando.

Esse pessoal plantava... aqui só havia mata. Um amigo meu aqui de Adamantina, o seu Orlando Vendramini – já falecido – e a senhora dele chegaram aqui, vindos de Oriente, cidade próxima à Marília. Para cá vinha gente de Marília, de Bauru, de Garça, de Ribeirão Preto, de Rio Preto, de Araraquara, de Assis. Esse pessoal vinha porque esta era uma região que estava se abrindo. Inicialmente eles plantavam arroz, feijão, milho, algodão. Ao fazer essas lavouras eles iam derrubando a mata, abrindo áreas maiores e então plantavam o café. Era o café que dava dinheiro para eles e o seu plantio se estendeu por toda esta região. Você deve ter percebido quando chegou aqui.... O café dominou a região. Ao ganhar dinheiro as pessoas construíam uma casa de tijolos, uma casa melhor. Foi assim que

²¹ O episódio faz parte do imaginário popular, tendo, inclusive, figurado num dos filmes de Amâncio Mazzaropi.

a Avenida Rio Branco, deste lado de cá (próximo a sua casa) melhorou muito. Essas casas todas foram construídas na época de 1955... não, mais, de 60 para cá. A minha casa, essa casa que eu moro aqui, ficou pronta em 1962. Eu me casei em 58, em 62 eu fiz essa casa. Mas essa casa na época era um....

SEU SALÁRIO E O DO JUIZ DE DIREITO

Minha mulher tinha duas cadeiras (Cargos) no Estado, eu tinha mais duas. O Juiz de Direito da Comarca, ganhava menos que eu! O Dr. Antonio Garridos Vinhais, meu amigo, meu compadre....Quando ele chegou, eu arrumei aulas para ele na minha escola... para melhorar o seu salário. O Juiz era aquele senhor de gravata que havia viajado no trem comigo, quando vim para Adamantina, aquele com quem eu tinha tentado conversar e ele não respondeu... Como eu já disse ele também foi morar no Grande Hotel, mas nós ainda não conversávamos, ele era muito sério! Mas, depois ele se mudou para uma casa aqui em baixo, comprou essa casa da esquina e se mudou para uma casa vizinha à minha. A minha casa tinha muro, mas era próxima a dele...então, quando eu fazia churrasco eu chegava no muro e dizia: *vamos comer um churrasco! Vem para cá!* Ele começou então, a se aproximar e ficamos amigos. Ele gostava demais de quibe e a Ana faz um quibe ...ela aprendeu com a minha mãe, mas hoje ela faz um quibe melhor que o da minha mãe! Ficamos amigos. Ele batizou o Olavo. Nessa época ele já estava em Assis. Nós levamos o Olavo lá para ele batizar.

O Juiz dava aula aqui na Escola, no Ginásio do Estado. Dava aulas de Matemática para complementar o seu salário. Eu, como professor, ganhava mais que ele. Depois, ele se tornou desembargador em São Paulo... eu até disse para ele que não ia nem perguntar quanto ele ganhava para não ficar bravo.

A COMPRA DA CASA

Sobre a construção da casa... nós tínhamos um salário bom. Minha mulher tinha dois salários e eu tinha mais dois salários....Ela dava doze aulas em Dracena e mais seis... oito aulas aqui. Ela dava umas quatorze aulas (por semana), eu dava vinte e quatro aqui e vinte e quatro em Flórida, e surgiu a oportunidade....Quando o Dr. José Antonio construiu essas casas aqui, eu morava próximo à farmácia, em uma casa que ele havia construído e vendido para uma outra pessoa. Eu

pagava aluguel lá. Então, ele me ofereceu esta casa. Depois que vi a casa, perguntei se ele estava louco, porque esta era uma casa para ricos... Outras pessoas com as quais eu comentei sobre a casa também me falaram que eu estava ficando louco, as casas vizinhas a esta foram vendidas para fiscais de renda, um fiscal comprou a casa da esquerda e outro comprou a da direita, fiscal de renda até hoje ganha um salário muito bom. Mas, eu sentei com a minha mulher, fizemos as contas, tínhamos que dar trezentos mil de entrada – a casa custava mil e duzentos... um milhão e duzentos mil cruzeiros – e o restante pagaríamos em prestações mensais de vinte e cinco mil cruzeiros. Então eu falei pra Ana: *Nós vamos comprar essa casa....*

Nós tínhamos dois terrenos aqui na Avenida, que dei como entrada, no valor de trezentos mil, então sobraram somente as prestações de vinte e cinco mil cruzeiros. Como eu e a Ana juntos ganhávamos trinta e dois mil cruzeiros, sobravam sete mil cruzeiros para vivermos.

Combinamos que não íamos mobiliar a casa, isso nós faríamos quando estivéssemos mais folgados....Nós tínhamos móveis, meu pai havia mobiliado a casa inteira para mim.... Eu comprei a casa. Nessa época o Juscelino Kubitschek estava começando a construção de Brasília e o nosso salário já havia sido aumentado, uma vez por causa da inflação. A inflação foi crescendo e as prestações eram pela *tabela price*, não aumentavam. As prestações eram de vinte e cinco mil cruzeiros. Eu ainda falei para a minha mulher: *daqui a pouco nós já vamos estar ganhando mais, vai sobrar dinheiro para nós* e foi o que aconteceu, em pouco tempo estávamos ganhando oitenta mil por mês, então, fui ao Banco Moreira Salles, quitei as duplicatas e passei a escritura da casa. Foi assim que consegui comprar a casa.

Você quer ver? O José Euclides Ferreira Gomes, o pai do Ciro Gomes – ele morava na primeira casa virando à direita... o Ciro vinha brincar aqui em casa. Chegando ali na porta ele gritava “oi tio!!!” e se jogava no chão... aqui era tudo de madeira, taco... ele se jogava no chão e vinha escorregando até no aquário – me disse que eu ia quebrar...e eu falei para ele que largasse de ser bobo e comprasse a casa em que morava, não era uma grande casa, mas era uma casa boa, uma casa bem construída. Ele achava que eu estava ficando louco, mas eu lhe disse que a construção de Brasília, pelo Juscelino Kubitschek, aumentaria a inflação e que ele devia comprar a casa uma vez

que tinha um bom salário – ele era fiscal de rendas – e as prestações não aumentavam. Como a esposa dele, dona Maria José, que também era professora falou que somente o salário dela daria para pagar as prestações, ele comprou a casa e depois quando acabamos de pagar tudo ele brincou: “Ainda bem que você é turco.” Bom, eu não sei se estou fugindo muito do assunto...

A PRÁTICA COTIDIANA AO ENSINAR MATEMÁTICA

Sobre o meu trabalho na escola... eu sempre fui um professor... eu não era muito carrancudo não, eu até brincava um pouco, mas brincadeira tinha hora, durante as minhas aulas não tinha brincadeira, nem barulho na sala. Era para aprender, para estudar. Na introdução de cada assunto eu contava uma história sobre ele. Porque e como aquilo havia aparecido, que não havia caído do céu, aparecido simplesmente não. Se apareceu, por que apareceu?

Eu acho que os meus alunos se interessavam por Matemática, porque eu cuidava de uma coisa muito importante, que eu não falei para você na outra vez que conversamos e que depois me lembrei.... Quando eu trabalhava nas séries mais adiantadas, oitava série e classes do Colegial... sempre nessas classes havia um aluno que se destacava mais, que tinha mais facilidade, então, eu formava grupos de estudo na classe... isso em 1958, 57...nessa época eu já fazia isso. Uma outra coisa que fazia era pedir para os alunos, quando fossem estudar em grupo, me avisarem o local onde estavam estudando, para eu passar por lá, fazer uma visita. E sempre passei. Passava na casa de um, passava na casa de outro, entrava... chegava... batia palmas e eles falavam para mim: "Ô professor, vamos entrar professor!", eu via o que eles estavam fazendo, procurava saber quais eram suas dificuldades. Como eu fazia isso metodicamente eu passei a ter não só o respeito dos alunos, mas também dos pais deles... o respeito e a confiança dos pais deles.

Quando um aluno não ia bem eu avisava o pai dele, explicava que não era por culpa do aluno, mas talvez porque lhe faltassem alguns pré-requisitos para aprender. Aconselhava o pai a arrumar alguém para dar umas explicações para ele sobre os conteúdos anteriores... eu não podia ficar voltando, porque os outros alunos estavam mais na frente... ele havia ficado sozinho atrás. O pai, então procurava ajuda, eu mesmo indicava

alguma aluna ou aluno que pudesse ajudar... e isso era muito bom.

A TRAJETÓRIA DOS SEUS ALUNOS

O Celso, do jornal da cidade, vai publicar um artigo sobre a minha vida, nele eu não cito o nome de ninguém, porque eu não posso citar nome de aluno...eu estava fazendo as contas... só em Adamantina, eu tive mais de quinze mil alunos! Como é que eu vou citar nomes? O Egídio Bonora, um aluno meu, há trinta anos me telefona no dia dos pais. Ele morava num sítio, que fica a seis quilômetros daqui. Ele se levantava as quatro e meia da manhã, ajudava o pai tirar o leite, tomava o café lá no sítio... comia o pão com manteiga dele... e vinha assistir às aulas aqui no Ginásio. Na hora do almoço ele voltava para casa, lá ajudava mais um pouco, almoçava e voltava para fazer Educação Física. Eu observei isso e então perguntei para o professor de Educação Física por que não o colocava em uma outra turma...eu não tenho muita paciência quando vejo que as coisas que não estão sendo feitas muito de acordo e que ninguém está se incomodando. Eu me incomodo... eu vou ver, quero saber porque não estão sendo feitas de acordo...eu sempre fui assim, desde moleque eu era assim.... Aí, esse professor falou: "Não, não pode Jorge, eu não posso encaixá-lo em uma turma com alunos de outra idade, fica ruim". Então falei para mim mulher que ia à casa do moleque falar com o pai dele, para que ele almoçasse aqui em casa nos dias em que havia aula de Educação Física. Nas segundas, quartas e sextas ele tinha aula de Educação Física, então ele ficaria aqui em casa nesses dias, almoçaria e depois voltaria para o sítio. Fui lá, falei com o pai dele, que me perguntou se eu cobraria alguma coisa, respondi que não, que não queria nada, que era para ele deixar o menino aqui em casa... eu gostava muito dele... ele era um menino bom, estudioso....Então, ele vinha e ficava aqui em casa.

Foi a nossa sorte nossa, porque o irmão da Ana já tinha sido reprovado três vezes na série que ele estudava, lá em Caconde. Ele não era burro não, ele era preguiçoso. Ele gostava de pescar e jogar futebol, mas ele saía para ir à escola e em vez de ir à escola pegava uma varinha que ele já deixava escondido no quintal, parava num córrego e ficava pescando. Depois que me casei com a Ana, eu percebi o que acontecia e então falei para ela que devíamos trazer o seu irmão para cá, mas que eu estabelecería as regras do jogo...se ele estivesse de acordo ele

viria, senão eu não o queria aqui, porque teríamos problemas, ele nos atrapalharia. Ela Concordou. Fomos a Caconde, falei com o pai e o irmão mais velho dela, que era quem tomava conta das coisas lá, sobre as regras que o Fernando teria que obedecer, que ele freqüentaria a escola, que não sairia de casa a não ser quando eu autorizasse, que teria que estudar todas as noites, que não jogaria futebol, que só faria ginástica, no dia de ginástica. Como era novidade ele veio. Quando ele começou a chegar em casa à tarde, jogar os livros, tomar banho, jantar e ir dormir eu falei para ele: *Não é assim, não. Depois do almoço vai estudar ... das duas as seis você estuda e todos as noites nós vamos ler romances, livros de história para você aprender.*

Um dia ele falou para Ana: “pô! desse jeito eu não vou agüentar!”, e Ana lhe disse que ele tinha muita sorte por estar aqui. Foi então que este moço, o Egídio Bonora, nos dias que almoçava aqui em casa, começou a dar aulas para ele. Você vê como as coisas se encaixam?

Estou falando do Egídio, porque é um moço que continua muito ligado a nós. Mas, eu tenho aluno que foi para a NASA, o nome dele é Vagner Kamakura. Ele trabalhou na NASA e depois foi trabalhar em Massachussets, num Instituto de Massachussets. É professor lá, tem dezessete livros publicados nos Estados Unidos. O presidente anterior dos Estados Unidos (Bill Clinton) estava com problemas na Universidade de... eu estou precisando tomar remédio... numa das Universidades lá dos Estados Unidos onde tem os mórmons, a sede dos mórmons é lá (Estado de Utah). Ele estava com problemas na administração e na organização e esse moço, o Wagner Kamakura foi o convidado para organizar a Universidade. Ele teria tudo o que precisasse para fazer isso. Eu conversei com ele nos Estados Unidos, eu estava lá quando ele foi e conversamos sobre isso.

Eu tenho uma menina, a Mutsuko Yamamoto, ela era desse tamanho assim... uma japonesinha... a Ana também foi professora dela, pequenininha, mas uma cabeça.... Eu falava: *Mutsuko, você vai ser professora de Física!* Ela respondia : “Eu não!” É a Diretora do Instituto de Física Nuclear da USP! Deste tamanho assim! Você não acredita... aluna minha! O doutor Fernando Jacinto, aqui de Adamantina, médico pediatra também foi meu aluno. Até hoje quando ele me encontra na rua ele fala: “Oh, professor me dá uma equação de segundo grau que eu

quero resolver para o senhor! Até hoje eu resolvo.” E eu respondo : *Tá bom...*

O Urias Belucci, aqui de Adamantina, foi um grande aluno! No terceiro Colegial ele foi fazer o cursinho em Piracicaba, quando logo depois, veio para cá na Semana Santa esteve aqui em casa, todo mundo vinha aqui em casa... Ele veio e falou: "Professor, eu estou lá em Piracicaba, estou fazendo o Cursinho", eu disse que sabia, que ele já havia me falado e perguntei como ele estava lá. "Ah, está muito bem." Ele respondeu. " O Senhor conhece o professor de Trigonometria do Cursinho?" *Não sei quem é, qual é o nome dele?* "Urias Belucci... sou eu" Ele saiu daqui, tinha completado o segundo Colegial e foi dar aula de Trigonometria no cursinho de Piracicaba. Ele já tinha feito Trigonometria, eu dava Trigonometria no segundo Colegial...

Esses são alguns exemplos que eu estou lhe dando. Aqui em Adamantina há engenheiros... o Valdir Rossi... bom, tem um monte de gente aqui que foi meu aluno. Eu não posso citar o melhor deles.... Tem também um outro aluno meu o Mario Kitahara que está Brasília. Ele é diretor da Embratel... é um dos diretores lá.

Então, eu tenho a satisfação de estar aqui em Adamantina... hoje eu encontro esse pessoal na rua e eles fazem uma festa que me comove, me faz sentir bem.... Se o pessoal falasse "ô... você está velho, está decrépito", era ruim, mas não, encontro com eles na rua e eles perguntam como estou, se estou precisando de alguma coisa... e isso é muito bom!

Eu acho que eu trabalhei bem, tenho a consciência tranquila. Eu dei o máximo que pude, nós fazíamos exercícios... a programação era anual. Meus alunos faziam trabalhos... eu ainda tenho um trabalho que uma aluna minha que fez no terceiro colegial sobre Geometria Espacial. Ela estava no terceiro Colegial, era um assunto que não havíamos visto ainda, mas ela fez um trabalho muito bom...está guardado, não sei se eu posso achá-lo hoje....

A SOCIALIZAÇÃO DOS CONHECIMENTOS

Nós fizemos reuniões de professores aqui, não havia uma organização formal, não havia uma sociedade, nada disso. O Thiago²² fez depois, a mesma coisa lá em Tupã.

²² Professor Thiago A. S. Leandro, um outro depoente desta pesquisa.

Nós reuníamos os professores para discutir...porque a grande dificuldade era que nem todos tinham feito Faculdade. Muitos deles tinham aquele curso da CADES²³, tinham “diploma” da CADES, eles não tinham uma formação sistemática. Então, nós ensinávamos para eles, principalmente, como ensinar Geometria. Ninguém ensinava Geometria aqui.... Eu fui a São Paulo e em uma reunião um professor falou um absurdo – era um professor de Matemática efetivo lá em São Paulo – ele disse : “Eu acho que nós poderíamos excluir Geometria do Currículo, porque afinal de contas deixamos Geometria para o final do ano e acabamos não dando... para que ficar perdendo tempo com isso?” Eu perguntei *O senhor é professor de Matemática? O senhor é formado em Matemática?* E ele respondeu “Eu sou formado em Matemática na Faculdade não sei o que lá o que”. E eu falei: – *Escuta, pelo amor de Deus desce daí e para de falar....* Não podemos falar uma coisa dessas, você já viu? A Geometria é essencial para a formação do raciocínio de criança. O professor ainda disse: “É, mas só que a gente às vezes não dá...” eu complementei: *Não dá porque você não faz planejamento. Eu sempre dei. Dei tudo. Faça um planejamento que você vai conseguir dar.* Aí, os outros professores bateram palmas. O pessoal ficava constrangido ao ouvi-lo falar isso.

Eu acho que fiz a minha parte como professor de Matemática. Ajudei bastante. Ensinei bastante. Estudei bastante. Eu resolvia os problemas de Vestibular e levava para os meus alunos do terceiro Colegial. Depois que eles resolviam eu dava a solução dos problemas para eles. Eu sempre fiz isso, em todos os meus anos de trabalho.

SUAS CONCEPÇÕES SOBRE O ENSINO ATUAL

Eu não gosto muito de falar da Educação atual. Eu acho que a degradação da Educação não poderia ter começado em São Paulo e começou principalmente em São Paulo. Aquela senhora que foi Secretária da Educação²⁴ no último Governo (Governo Mário Covas) foi um desastre. O jovem precisa de desafios, ele tem que se sentir desafiado Ele não vai se conformar em passar sem estudar, hoje não precisa estudar mais, o aluno não fica reprovado, tem que passar obrigatoriamente, tem promoção obrigatória. Cadê o desafio que ele está tendo? Sabe qual o

²³ Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário.

²⁴ Teresa Roserley Neubauer da Silva – Secretaria da Educação do Estado de São Paulo de 1995 a abril de 2002

desafio que eles estão tendo? O desafio de ficar vendo televisão...sexo, droga, crime, assalto...é isso que eles estão vendo, isso é o desafio deles hoje. Eles já estão com medo de sair de casa...depois alguém vai oferecer um cigarro de maconha para eles fumarem...esse é o desafio...ele não está tendo outros desafios.

Nós estamos tendo prejuízos com o Sistema de Educação do Estado de São Paulo. Eu não sei o resto do Brasil como está, mas em São Paulo eu acho que está um desastre.

Uma outra coisa: colocar cinquenta e dois alunos numa sala de aula? Tem cabimento? Não é possível! Outro dia eu falei isso na Faculdade, comentando com alguns professores...não sei se eles ficaram com o 'nariz meio virado' mas, acho que esses nossos Governos perderam as estribeiras. Eles não sabem administrar coisa nenhuma porque... vou dar um exemplo: como uma advogada do INPS, uma senhora, advogada do INPS sai do Brasil e leva para a Suíça não sei quantos milhões de dólares? Trezentos milhões de dólares, duzentos milhões de dólares... não sei quanto foi que ela levou e ninguém viu, ninguém ficou sabendo. Depois de alguns anos que ela estava morando na Suíça eles disseram: "Como ela está morando na Suíça?" Aí então, descobriram que ela tinha dado um desfalque e ela foi presa. Devolveu vinte mil dólares e o restante? Ninguém viu isso? Ninguém sabia? Então, o nosso problema do INPS não é o número de aposentados que tem não, é o número de pessoas que "metem a mão" lá dentro...é falta de administração... Qualquer empresa se tiver um negócio saindo a jorro de um lado, vai quebrar.

OS DIRETORES DAS ESCOLAS

No meu tempo os Diretores das escolas já eram licenciados em Pedagogia, eles vieram para a direção por Concurso. Quando eu cheguei aqui, nós tínhamos uma diretora, a dona Noêmia Bueno do Vale, que era excelente! Ela era formada em Pedagogia pela Universidade de São Paulo e tinha feito concurso para ser Diretora. Ela era excelente, era rígida, mas orientava o professor, sabia orientar, tinha condições de conversar com os professores, conversava com os alunos e sempre foi muito educada... muito boa diretora.

Em Flórida estava o Enis, Epafhoras Gonçalves Enis. O Enis tinha uma boa formação pedagógica, embora tenha sido indicado por políticos...mas era um "cara" muito bom, foi muito

bom diretor. Também houve um diretor que passou por aqui... coitadinho... era um infeliz, não sabia nada. Mas, normalmente quase todos os diretores que passaram por aqui foram bons diretores. O Antunes... Francisco Antunes de Oliveira foi o diretor que me deu a oportunidade de criar o curso Colegial. Quando eu falava em criar o curso Colegial, o pessoal ficava com medo e quando falei para ele, ele me disse para fazer. Disse: "Pode fazer... vai lá que nós agüentamos as pontas aqui" e conseguimos a criação do Curso. Ele foi à Prefeitura e conseguiu aumentar um pouco o prédio. Fizemos laboratórios... saímos na rua pedindo dinheiro para os pais dos alunos, para fazermos três laboratórios...três laboratórios nós construímos. Quando ele foi embora, deixou saudades, ele era muito bom, muito competente.

Entretanto, a administração escolar era mais questão de Secretaria do que propriamente de Pedagogia. O Antunes, por exemplo, ele tinha condições de fazer Orientação Pedagógica, agora o Paulo da Costa – ele era evangélico – que foi um outro diretor via pecado em tudo... tudo estava errado, todo mundo fazia tudo errado, ninguém fazia nada certo. Acabou indo embora porque não agüentava mais a pressão... começou a haver muita pressão e quando ele não agüentou mais foi embora. Ele criava muitos problemas. Tivemos também o Barrera e um outro também muito competente do qual eu não me lembro o nome...no álbum do Fernando (seu filho) tem, eu vou procurar e vejo como é que ele chamava....Esses diretores eram muito bons, eles davam orientação, mas não era uma Orientação Pedagógica, eles orientavam mais o preenchimento de papéis, era uma orientação mais administrativa, não era pedagógica.

Mais tarde nós começamos a ter reuniões, depois que nos vinculamos à Regional de Presidente Prudente começaram as reuniões, inclusive, eu cedi a Faculdade muitas vezes para a realização de Cursos....

A PAIXÃO PELA GEOMETRIA E UM POUCO MAIS SOBRE A SUA PRÁTICA

Eu sempre tive mais paixão pela Geometria. Quando eu começava os trabalhos de Geometria, eu sempre começava contando a história do Egito para as crianças... falando para eles que o Faraó quando ia plantar trigo para armazenar, repartia as terras entre os habitantes da região. Mas como é que ele ia cobrar uma taxa desse pessoal que estava arrendando as

terras? Então eles começaram a procurar uma forma para calcular a área do terreno que cada um pegar. Se ele ia pegar uma determinada área, então teria que pagar sobre essa área. Mas, como calcular essas áreas? Então, eles começaram fazendo um quadrado e viram que o quadrado dava certo para se dividir... e se chegava numa área de acordo com o tamanho do lado do quadrado. Depois passaram para o retângulo...com o retângulo também dava para fazer (calcular áreas)... E depois, o que eles fizeram ? Quando eles cortaram um retângulo no meio, viram que dava dois triângulos. Então foram tirando, foram criando.... criaram o conceito de pirâmide.... Aí eu falava de disco voador para eles... era época de disco voador... eu falava: – *Olha... eu... eu.. acho que quem construiu aquelas pirâmides deve ter sido alguém com um disco voador na mão.* “Por que?” eles perguntavam? *Por que? Quanto pesa uma pedra daquela pirâmide? Cento e vinte toneladas! Quanto que é cento e vinte toneladas.* “Cento e vinte mil quilos.” *Então, se você pensar... quantos quilos carrega um caminhão de transporte?* “Ah, quinze mil quilos.” *Estão como é que vai carregar cento e vinte mil quilos? Andar na areia do deserto com uma pedra... arrastar uma pedra na areia do deserto?* Eles ficavam meio cismados. “Mas como isso era possível?” *Por isso que eu estou falando para vocês, o disco voador vinha, pegava a pedra e colocava no lugar.* Então eles riam, riam mas gravavam

Quando falava sobre equação do segundo grau, por exemplo... eu sempre me bati por isso, com os outros professores: *nunca chegar e colocar a fórmula no quadro e depois uma equação em baixo e resolver... A criança precisa saber como se chegou a essa equação do segundo grau... Por que tem que fazer desse jeito....* Então nós mostrávamos... começávamos do começo... falávamos do Báskara.... Sempre tem uma história para você motivar. E, as crianças sempre ficavam esperando que eu fosse falar alguma coisa. Engraçado... tem uma senhora aqui, a Lídia Estela, que foi ao Egito com uma excursão... eu encontrei com ela lá na FAI²⁵ e ela me disse: “Professor, lembrei do senhor a semana passada”. Eu perguntei: *por que?* “Porque quando cheguei no Egito e vi as pirâmides me lembrei das histórias que o senhor contava para nós” [risos]. Você vê que o tempo passa, mas as coisas ficam gravadas na cabeça. Então, eu fazia o máximo de brincadeiras que eu podia fazer, mas brincadeira para que eles percebessem

²⁵ Faculdades Adamantinenses Integradas.

que tínhamos um objetivo a alcançar. Eles sabiam que eu estava brincando, mas que tinha um objetivo.

Por exemplo: por que usamos o Sistema Decimal de contagem? Porque nós temos dez dedos na mão. O mais lógico seria usar a base doze e não a base dez. Por que a base doze? Porque doze tem vários submúltiplos. Então, eles entendiam o porquê do uso da base dez. Quando você acaba de contar os dez dedos da mão, tem os dez dedos do pé para contar então, é por isso que o homem começou a contar na base dez, era mais fácil... e íamos falando... De vez em quando um aluno perguntava: "Mas, quem que escreveu esses números? Quem que inventou esses números aí?" *Bom, depende. Tem uma parte que foram os árabes que começaram a rabiscar até ficar dessa forma, mas também foram ajudados pelos hindus.* Um dia eu falei para eles:— *Qual foi a maior descoberta do ser humano dentro da Matemática? O que vocês acham que foi o mais incrível?* Um falava uma coisa, outro falava outra. Eu falei: — *Não. É o zero! O zero foi a coisa mais incrível que os hindus fizeram.* Quer dizer, criaram um símbolo para representar aquilo que não existe. Você já pensou nisso? Isto é super importante, super inteligente!

Então, as minhas aulas sempre tinham atrativos. Quando eu estava lecionando no Segundo Colegial, em Trigonometria descrevíamos o desenvolvimento da senóide... tinha um mocinho numa das turmas... um japonêsinho... o pai dele se chamava Tamotso, que mexia com eletrônica, consertava televisão. Eu o chamei e falei: — *Vamos fazer uma senóide, para mostrarmos para os alunos como ela funciona?* "Ah professor, o senhor fala e nós..." *Eu estou pensando no seguinte: fazemos um círculo, fazemos os raios do círculo dividindo... depois vamos encher de lampadazinhas ligadas a uma tomada e conforme nós formos virando a tomada essas lâmpadas vão acendendo...chega aqui no...aqui em cima, desce e tal....* E o rapaz falou: "Eu vou fazer professor". Você sabe que ele fez um "negócio" desse tamanho assim, de madeira... tinha um relóginho embaixo e conforme o grau, a senóide ia andando.

A REFORMA DO ENSINO : LEI 5692/71

Só que infelizmente... por isso, eu fico assim... com as reformas do Estado.... Quando o Estado mudou separou o Segundo Grau do Primeiro Grau. A nossa escola, que ficava onde hoje é o Florídes Cavalline, virou escola de Primeiro Grau e

nós fomos para uma escolinha vagabunda que tinha lá... pequena, apertada.... Eles mandaram o pessoal da Prefeitura fazer a mudança – isso não podia gravar – sabe o que eles fizeram? Pegaram os aparelhos de laboratório que eu tinha comprado... o laboratório... e jogaram pela janela. Esse aparelho do menino eles jogaram lá de cima, do segundo andar, perdeu tudo. Restaram algumas coisas que ainda estão lá. Nós tínhamos compramos um telescópio... Quando criamos o Curso Colegial, tínhamos feito uma coleta aqui na cidade, recolhemos dinheiro para comprar o laboratório. Fomos a São Paulo e compramos três laboratórios de firma especializada e ainda sobraram sessenta mil cruzeiros. Então eu falei para os pais dos alunos que estavam comigo em São Paulo fazendo a compra – havia uma comissão, para isso – *Vamos aplicar esse dinheiro também, quero comprar um telescópio, que é uma coisa que não tem em nenhuma escola do interior. Você fala em telescópio, o aluno ouve falar, mas não sabe o que é. Então vamos comprar um telescópio.* E compramos um telescópio bom com os sessenta mil cruzeiros.... Víamos as luas de Júpiter, os anéis de Saturno... eu mostrava para os alunos... ensinava os nomes das constelações. Eu ia à noite na escola para fazer isso.... O que eu estou querendo dizer é que trabalhei não tanto pelo salário mas, pelo prazer de trabalhar, de dar aula. Adorava dar aula! Até hoje se eu tivesse a oportunidade eu gostaria de dar aulas... mas, hoje eu acho que eu não vou me dar bem na sala de aula, porque os meus alunos sempre foram respeitosos comigo, sempre foram....No começo, quando eu cheguei aqui em Adamantina, todo mundo ia para a escola de gravata, os alunos iam de gravata, uniforme com gravata.... E os professores também usavam gravata, quem não tinha guarda-pó, usava paletó. Quando o professor entrava na sala de aula os alunos se levantavam...não sei se isto é do seu tempo. Hoje mudou. Hoje o aluno xinga o professor... xinga a professora. Eu não concordo com isso. Eu acho que isso está errado. É falta de autoridade, não só do professor, mas principalmente dos pais. O aluno deve ser educado pelos pais. Onde ele fica até os sete anos de idade? Na casa dele. Na escola nós vamos dar formação científica, literária e física, para ele. Nós vamos dar formação! A educação é de casa que ele tem que trazer! Então, a falha está na família, não está tanto na escola, a escola vai complementar...

Mas isso tudo é muito complexo.... Não sei o que nós temos que fazer para mudar essas coisas...

A CRIAÇÃO DA FACULDADE DE ADAMANTINA

A Faculdade foi o seguinte: depois que o Curso Colegial estava instalado que começou a funcionar, eu comecei a falar em criar uma Faculdade aqui em Adamantina. O prefeito era meu amigo, ele morava aqui na esquina. Todo dia que eu encontrava com ele, eu falava: – *Ô Altino, vamos fazer uma Faculdade?* E ele começou a ficar meio interessado, mas... o povo... o povo é um caso sério.... Tinha muita gente que falava: “você está ficando louco, vai para o Juqueri... conseguir a instalação do Colegial foi uma sorte, mas Faculdade... Faculdade é diferente”. Eu nunca acreditei em negativismo, eu sou mais é positivo, só que eu sou positivo com os pés no chão. Eu não vou falar que eu vou construir um Observatório em Adamantina, não há condição para isso, mas para a criação da Faculdade havia condições. Então, o Tino (Prefeito) começou a falar com as pessoas que deveríamos criar uma Faculdade aqui. Elas, entretanto, achavam que isto seria muito trabalhoso. Como nós comentamos anteriormente, os alunos não tinham a opção de estudar em outras cidades, eram poucos os alunos que podiam estudar fora. Então, como já tínhamos o Colegial, por que não uma Faculdade que abria mais uma porta para esses alunos? E começamos a falar sobre isso. Eu tinha um amigo que também era professor no Hellen Keller, chamado Cássio Estércio dos Santos, ele era dentista dava aula de Ciências... de Biologia...eu comecei a falar com ele sobre a Faculdade e ele me respondia “ô Jorge, se precisar de mim, pode contar comigo”. Até que um dia o Tino me disse: “Jorge recebemos uma verba do Governo Federal” – antigamente tinha um imposto que o Município recolhia para o Governo Federal, chamado Vendas e Consignações... era alguma coisa assim... – “o Governo nos devolveu uma verba, agora dá para fazermos a Faculdade, pode começar.” Eu era professor efetivo aqui e em Flórida, eu não podia estar saindo muito, então pedi ao Cássio...eu não podia assumir a Direção, tinha dois Cargos no Estado e não podia assumir um terceiro Cargo e precisava de alguém para assinar os papéis...então o Cássio ficou como Diretor e eu fiquei como Vice-diretor. Ainda outro dia eu encontrei o jornal que publicou essa notícia...está aí.... Outras pessoas aqui da cidade também participaram, o Osvaldo Fiorim que hoje é Vice-Prefeito e naquela época trabalhava na Prefeitura fazendo as relações públicas, o Devanir Romanini foi o nosso Secretário, cuidava dos papéis, um

advogado o Fernando Chagas Fraga também ajudou a preparar os papéis. Depois, pegamos os papéis e os levamos para São Paulo. Fomos nos encontrar com um deputado que era amigo do Tino, chamado José Costa, era um deputado de Ribeirão Preto, um homem extraordinário... um “cara” lutador, ele queria fazer alguma coisa... estava fazendo... conversamos com ele e fomos todos ao Conselho Estadual de Educação. O Erasmo de Freitas Nuse, que era Conselheiro, membro do Conselho Estadual de Educação e conhecido do deputado nos perguntou se já havíamos feito alguma coisa, mostramos o que já tínhamos feito e ele falou: “Ah, Autarquia Municipal? Bem pensado, porque assim ninguém ‘mete o bico’ ” e, pediu para darmos a entrada oficial ao pedido. E assim demos entrada no Conselho Estadual de Educação para a criação da Faculdade de Adamantina. A luta havia começado. A aprovação do Conselho demorou um ano. Um fato que para mim ficou marcado foi quando um membro do Conselho Estadual de Educação, numa das sessões falou: “Adamantina? Onde fica isso? Eu nem sei se existe essa cidade. Como é que querem criar uma Faculdade assim sem mais nem menos?” Fiquei com tanta raiva que sai do Conselho, fui a uma livraria que tinha lá perto, comprei um mapa do Estado de São Paulo, um compasso e circudei a região em volta de Adamantina, peguei os dados do IBGE sobre a população da região e falei para o Presidente do Conselho : *Aqui está o mapa do Estado de São Paulo. Aqui fica Adamantina. Esse círculo que nós traçamos, com centro em Adamantina, equivale a um raio de cem quilômetros e pelo IBGE, nesse raio de cem quilômetros, há trezentos mil habitantes e essas estradas estão quase todas asfaltadas.* O Presidente do Conselho chamou o Conselheiro e falou para ele:[risos] “Oh, está vendo aqui? É isso aqui”. “Ah, eu não sabia”. E, eu falei: *O senhor está convidado a visitar Adamantina. Nós pagaremos a sua passagem, o senhor ficará hospedado lá um tempo para conhecer...* Ele não veio. Demorou mais um pouco e o Conselho aprovou os cursos.

Um fato curioso aconteceu quando nós pedimos a criação da Faculdade, nós havíamos pedido o curso de Letras, de Ciências, de Pedagogia e de História e Geografia. Um membro do Conselho Estadual de Educação não concordou com a aprovação do curso de História: ele disse que já havia muitos cursos de História e de Geografia. Não tinha não... eu sabia que não tinha, mas falei para ele: *o que o senhor sugere?* “Inventem alguma coisa, inventem um curso de... Estudos Sociais”. *Pode deixar.* Cheguei aqui, reuni os professores que nós já tínhamos

mais ou menos em vista e montamos um Curso de Estudos Sociais. Levamos ao Conselho, depois esse curso foi levado para Brasília e o Conselho Federal mandou criar Cursos de Estudos Sociais em vez de Cursos de História e Geografia.

Lecionei na Faculdade desde a sua criação até me aposentar. Fui Diretor dela por uns dois anos... depois por mais seis anos.

A EXPERIÊNCIA COMO DIRETOR DE ESCOLA NA REDE OFICIAL

Eu fui diretor de Escola lá em Monte Castelo²⁶, a minha sede era a Delegacia de Ensino de Dracena, isso foi no tempo do Jarbas²⁷. Eu era Diretor efetivo...fiz concurso para Diretor, para Coordenador Pedagógico e dois Concursos para o Cargo de Professor, me aposentei como Diretor de Escola e como Professor. Eu era diretor, mas continuei também com um cargo de professor em Flórida. Quando meus filhos foram para São Paulo, eu levei esse cargo de Flórida para lá. Eu fui para Itapeçerica da Serra, onde trabalhei uns três anos mais ou menos. Nessa época eu já estava aposentado do meu Cargo de Diretor.

Eu ingressei como Diretor em Monte Castelo, não me lembro bem em que ano, mas foi no final de minha carreira, acho que em 82, 83... porque me aposentei em 85...depois eu me removi.... Mas, estive na sala de aula a vida inteira, mesmo quando fui diretor continuei lecionando, lecionei de 1955 a 1985.

Quando fui diretor em Monte Castelo, eu saía de Adamantina às seis horas da manhã, chegava em Monte Castelo às sete e pouco, dava início aos trabalhos...as aulas começavam às sete e meia.... Eu ficava em Monte Castelo até às cinco horas da tarde...lá o secretário era o Cláudio, eu não sei o que aconteceu com ele –acho que estou falhando muito com minhas relações pessoais – não sei se ele está vivo ou não. A dona Vilma era a mulher do Cláudio... eu almoçava na casa deles. Às cinco horas da tarde eu voltava. Chegava aqui às seis e meia e às sete e quinze entrava na Faculdade para dar aula.... Eu não me lembro do sobrenome do Cláudio...

²⁶ Município da Nova Alta Paulista.

²⁷ Jarbas de Barros César, Delegado do Ensino Secundário na Delegacia de Ensino Secundário e Normal.

Aquela era uma época difícil, a conservação dos prédios ficava por conta da Associação de Pais e Mestres...muita coisa ficava por conta da Associação de Pais e Mestres.

Vou contar uma outra parte da minha carreira... antes de me aposentar como Diretor eu assumi a Direção do Ginásio do Tucuruvi.... Tucuruvi era um bairro aqui de Adamantina, eu vim por remoção. De monte Castelo vim aqui para perto da cidade e depois me removi para o Tucuruvi, que era um bairro mais próximo, com estrada asfaltada. Quando você for para Dracena, olhe para o lado direito da estrada, tem uma curva, depois que passar a entrada de Valparaíso, a outra entrada é a de Tucuruvi.

Quando cheguei fiz uma reunião com os pais, primeiro com os professores, depois com os pais. E a reclamação dos pais era que não havia vagas na escola, que precisava mais salas de aula.... Então, quando fui ver as salas de aula encontrei duas salas fechadas com móveis velhos, móveis quebrados. Eu chamei o Assistente de Diretor – que já estava lá e continuou depois que assumi – e perguntei: *Que negócio é esse... esses móveis quebrados, o que estão fazendo aí?* “Ah, estão quebrados, não sabemos o que fazer com isso aí.” Eu falei: *Ora, conserta.* “Ah, ninguém conserta” *Ah, não? P ode deixar. Espera um pouco.* Fui à Prefeitura e falei com o prefeito, fui ao almoxarifado, conversei com o chefe do almoxarifado da Prefeitura de Adamantina e lhe disse: *Eu quero um marceneiro e um carpinteiro para trabalhar na escola alguns dias.* Eles foram lá e arrumaram tudo que estava quebrado. Era assim: faltava um parafuso na cadeira? Jogava lá. Faltava passar uma colinha na mesa? Jogava lá. Então, fomos arrumando, arrumando e conseguimos duas salas de aula, apenas fazendo a manutenção do que havia na escola. Este foi um caso.

Uma outra vez, havia três crianças com um problema de pele e a professora veio reclamar comigo que o menino estava com a pele muito feia e ela não queria mais o menino na classe dela. *Mas você conversou com o menino, perguntou alguma coisa?* “Ah, eu não! Eu não vou fazer isso”. *Ah, não? Manda esse menino aqui na sala.* Ela mandou, eu perguntei se ele já havia ido ao médico para ver o problema. “Não, não fomos.” Eu perguntei onde eles moravam e ele contou que moravam num pedaço de um sítio que ficava mais para baixo. Eu lhe disse: *Eu vou com você na sua casa. A hora que terminar a aula eu vou lá com você.* Chegando na casa deles... era longe a casa deles... eu perguntei para mãe deles *A senhora já mandou ver o a pele das crianças?* “É... não tem jeito.” *A senhora não tem parente,*

ninguém que possa levar a senhora na cidade? “ Não, mas o médico vem aqui de vez em quando, de vez em quando passa um médico por aqui”, ela respondeu. Fui ao Posto de Saúde saber do médico, havia um médico que realmente passava lá uma vez por mês mas, não marcava hora. Ele passava por lá. Conversei com uma outra professora e ela me disse: “Professor, eles não têm nada na pele não. O problema é que eles não tomam banho”. *Ah, não tomam banho?* Chamei a servente e perguntei-lhe se ela teria coragem de dar banho nas crianças. Ela disse que daria... eram crianças pequenas de seis, sete anos. Fui ao armazém que ficava na frente da escola, onde comprávamos vassoura, sabão, e comprei roupas para as crianças... calça jeans, blusa, sandália... não havaianas... sapato de lona com sola de corda... alpargatas...e três toalhas de banho. Mandeí dar banho nas crianças e falei para eles que falassem para a sua mãe vir tomar banho na manhã seguinte, trazendo roupas limpas. O menino então me falou “Sabe professor, a minha mãe não agüenta mais tirar água do poço porque está muito fundo. Ela só tira um balde de água por dia. Eu também não tenho força para tirar a água do poço. Então, ela tira um balde de água por dia, faz a comida e lava alguma roupa.”. Quando a mãe foi lá, eu lhe disse que o chuveiro era de água quente, que ela deveria tomar banho e pedi à servente que a acompanhasse.... Depois disso eles se transformaram ... mudou a cara deles, as cascas caíram, eles ficaram limpos... caíram aquelas cascas todas... e eu falei para ela que até que arrumassem o poço, eles poderiam tomar banho na escola, que trouxesse as roupas das crianças e tomassem banho lá.

Nós precisávamos também, dar uma pintura no Prédio que estava muito feio. A escola tinha sido construída em um terreno de mais ou menos um alqueire e meio. Grande parte dele estava desocupado. De um lado havia uns pés de café, do outro lado era um pasto que ninguém estava aproveitando. Conversando com os vizinhos da escola, fiquei sabendo que um sitiante vizinho colhia o café produzido no terreno da escola, então falei com ele: *Escuta, o senhor dá quanto do café que colhe para a escola?* “Ah, eu nunca dei nada não” *É, mas agora o senhor vai dar. Quando o senhor colher o café, o senhor manda limpar e torrar um saco e dá para a escola.* “Está bom professor. Não tem problema.”

Do outro lado eu queria fazer uma horta. Disse aos os pais que deveriam limpar, gradear, tombar e esterocar o terreno, trazendo estrumes das granjas vizinhas e que depois

cercaríamos o terreno e faríamos a horta. “O senhor tem dinheiro para isso?” perguntaram. *Não, vocês vão ajudar. Vamos fazer uma quermesse.* Fizemos duas quermesses. Conseguimos dinheiro para cercar aquele pedaço todo. Então, eles gradearam, tombaram... a molecada vinha aos domingos, aos sábado ajudar a fazer a horta. Fizemos a horta. Aí, o pessoal da Delegacia publicou no jornal: “A Delegacia de Adamantina criou mais uma Horta Comunitária” [risos]. Eu e os professores viemos, então à Delegacia. O Delegado perguntou: “O que aconteceu?” *Os nossos professores querem conversar com você, querem saber qual foi a sua contribuição para fazer a horta no Tucuruvi.* “Ué, eu não fiz nada”. *Não, mas no jornal você fez. Foi você quem fez a horta ?* “Não, não. Foi engano”. Então, ele chamou o pessoal do jornal, tirou fotografia dos professores e tal.... Cada bobagem... mas o Estado não deu nada, não deu nada. Nós é que fizemos tudo. Os professores colaboravam...era uma turma boa.

A ATUAÇÃO NO DIRETÓRIO ACADÊMICO

Depois da minha atuação no Diretório Acadêmico do Mackenzie, não tive nenhuma outra atuação política. Lá nós conseguimos a criação de mais Cursos para a Faculdade, ajudamos a ampliar a Biblioteca... nós pedíamos os livros e dávamos o endereço da Biblioteca para que fossem entregues lá, ou então pedíamos que nos chamassem para que fôssemos buscá-los pessoalmente. Assim aumentamos muito o acervo da Biblioteca. Acho que o nosso trabalho mais importante, foi mesmo o reconhecimento dos Cursos.

O nosso Diretório não era muito grande. Não eram muitos alunos, éramos mais ou menos uns trezentos alunos, no máximo.

AS QUESTÕES OFICIAIS - NOVAMENTE A LEI 5692/71

Foi com aquela Lei do Passarinho²⁸ que começou a decadência do Ensino. Ela separou os Ensino de primeira a oitava série, do Curso Colegial. Ficou tudo estanque, tudo fechado, foi uma reforma inoportuna.

²⁸ Lei 5692/71, que reformulou o ensino de Primeiro e Segundo Graus, elaborada em sessenta dias, por nove membros indicados pelo então Ministro da Educação Coronel Jarbas Passarinho.

Nos Estados Unidos, essa mesma reforma já havia sido abandonada. Eles tentaram fazer isso lá, mas viram que não dava certo. Aqui também não deu certo separar as escolas, deixar o Primeiro Grau de um lado e a escola de Segundo Grau do outro. Nós, do Segundo Grau, não tínhamos contato com os professores do Primeiro Grau, eles não sabiam o que íamos pedir depois e nós não sabíamos o que eles estavam ensinando...

Foi uma briga assim meio feia... briga é modo de dizer... com os professores do Primeiro Grau, eu dizia: *Olha, você prepara os alunos assim... porque quando eles chegam lá na escola eles têm deficiência de tabuada, eles têm deficiência disso, daquilo.... então procure ajudar mais... frações, por exemplo: dê a noção de frações, não precisa dar com profundidade, mas dê a noção... ensine a somar, multiplicar frações... assim fica mais fácil...*

E NOVAMENTE O EXAME DE ADMISSÃO

O Exame de Admissão que existia antigamente... tem muita gente que fala que era contra esse Exame, mas eu não acho que ... só se você fosse um bárbaro, porque se fosse uma pessoa equilibrada que soubesse avaliar o que estava fazendo, preparava um Exame de Admissão não para reprovar o aluno, mas para saber onde o aluno estava mais fraco, onde estava mais forte, o que precisava ser estudado. Perguntávamos: *De qual Grupo (Escolar) você é?* “Do Grupo tal.” Então sabíamos o que aquele Grupo estava precisando enfatizar, não só na minha matéria, mas em Português também. Então, o Exame de Admissão era bom, sabe por que era bom? Porque o aluno precisa de um desafio e a meninada se interessava pelo estudo porque sabia que lá frente havia o Exame de Admissão.

Para fazer o Curso Colegial não havia esse Exame, mas no começo, quando não tínhamos o Curso Colegial aqui, os alunos que saíam daqui e iam para São Paulo passavam por uma avaliação para entrar no Colegial, isso nas Escolas do Estado. Nas Escolas Particulares não. Para entrar no Roosevelt, em São Paulo, precisava fazer um vestibularzinho e os nossos alunos passavam...eles precisavam de Português e Matemática. O professor de Português era o Paulo Ciste e com ele era a mesma coisa: “Vamos dar a matéria, vamos ensinar, o aluno tem que aprender. Não é para aprovar e reprovar o aluno não. O

aluno tem sair sabendo ". E graças a Deus eles saíam daqui sabendo.

O GRUPO DE ESTUDOS DO ENSINO DE MATEMÁTICA: GEEM²⁹

Nós participamos de várias reuniões do GEEM e isso foi muito bom. Nos debates discutíamos como estávamos dando um determinado Teorema, porque fazíamos daquela forma.... Eram estudos sobre a Didática da Matemática. O grupo se reunia bimestralmente em São Paulo. No começo as reuniões eram no Mackenzie, nós tínhamos uma sala no Mackenzie, o grupo começou seus estudos lá. O Osvaldo Sangiorgi foi um dos líderes do grupo. O Scipione também ajudou bastante. Eu não tenho muita coisa para falar do GEEM...o Grupo fez muitas publicações boas, inclusive o Jacy Monteiro publicou uma apostila muito boa, pelo GEEM. Nós fizemos uma das reuniões do GEEM aqui, em Adamantina. Foi no Colégio das Freiras, uma reunião com os professores de Matemática da região, veio o doutor Benedito Castrucci, um outro professor que eu não consigo lembrar o nome dele agora. O Osvaldo Sangiorgi veio também, no primeiro dia, foi ele quem abriu a reunião... o Osvaldo Sangiorgi... eu não sei o que aconteceu com ele... ele está em São Paulo, mas está afastado do Ensino, não está trabalhando mais com Educação. Eu não tenho mais contato com ele...faz muito tempo que eu não falo com ele. Quando eu estava em São Paulo eu ainda liguei para ele uma vez ou duas, mas depois que vim para cá eu não falei mais com ele. Foram bons tempos...

A DESPEDIDA

Eu quero que você seja feliz na sua tese. E pode contar com a gente no que precisar, inclusive para ir bater palmas.

OS CURSOS DE PÓS GRADUAÇÃO NA USP

Complementando, gostaria ainda de abordar os Cursos de Pós Graduação que fiz na USP. Não foi Mestrado, porque

²⁹ GRUPO DE ESTUDOS DO ENSINO DE MATEMÁTICA

naquele tempo para fazer Mestrado, tínhamos que fazer primeiro três Cursos de Pós-Graduação. Esse curso de Pós-Graduação foi um sacrifício enorme para mim. Porque eu saía daqui, de trem, aos domingo à noite, ia a Bauru ela tomava o ônibus leito para São Paulo. De manhã, eu ia para a USP, assistia às aulas o dia inteiro e tomava o ônibus de volta, para vir dar aulas na terça feira de manhã. Eu fiz isso durante dois anos. Nesse Curso eu tive aula de Geometria Superior, de Geometria Métrica e de uma outra Geometria que não me lembro o nome. O professor Castrucci deu um dos Cursos, depois veio um professor da Alemanha, o professor Picarti, que dava aulas sobre essas outras duas Geometrias, que ainda não estavam desenvolvidas no Brasil. Suas aulas eram em Inglês, ele era alemão e dava aula em Inglês. Na nossa sala, éramos em doze alunos e a turma diminuiu porque nem todos entendiam Inglês. Como era difícil fazer um curso nessas condições, muitos desistiram.

Fiquei dois anos fazendo isso. Saía daqui, no domingo à noite e terça feira tinha que estar de volta para dar aulas. Dois anos fazendo isso! Quando eu cheguei para receber o último Certificado do Curso de Pós Graduação, o Presidente do Instituto de Matemática e Estatística da USP me disse: “Jorge, eu tenho uma notícia muito triste para vocês, para a classe inteira” – isso foi em 69, agora eu estou me lembrando – “o Ministério da Educação passou a exigir que vocês façam seis cursos de Pós-Graduação e não três. Então, vocês têm que fazer mais dois anos de Pós-Graduação, para depois fazer o Mestrado”. Eu falei: *O senhor tem o Certificado desse último curso que eu fiz ?* “Tenho, está aqui”. *Então me dá que eu não vou voltar mais aqui.* Peguei o Certificado, vim embora e não voltei mais lá! Não tinha cabimento. O sacrifício que a Ana fazia para ficar com as crianças aqui, enquanto eu viajava para lá...eu ficava pensando nas crianças, o Olavo ficava com febre quando eu viajava. Então parei, desisti.

Fiz depois umas Especializações com o René Charnier. ele foi meu colega de classe, mas como era belga e já tinha uns Títulos Superiores foi lecionar em Escolas Superiores. Deixou de ser aluno para ser professor em Araras, na Faculdade de Araras.... Eu fiz alguns cursos com ele, mas depois também parei, só fazia cursos aqui, quando tinha algum curso por aqui.

Nosso outro depoente é o professor Thiago Alves Leandro, residente na cidade de Tupã. O professor Thiago lecionou nesta cidade da Nova Alta Paulista a partir do ano de 1957. Ele foi aluno do professor Cid Guelli, no Curso Científico, e ingressou no Magistério Oficial, por concurso, antes de fazer a Licenciatura em Matemática. Tem vários livros de Matemática publicados, entre eles: *Elementos de Cálculo Vetorial e Trigonometria* (Íris Gráfica Editora) e *História da Evolução dos Algarismos e dos Sistemas de Numeração*, cuja apresentação foi feita por Osvaldo Sangiorgi (Cingral Gráfica & Editora). O professor Thiago é um dos fundadores da Faculdade de Filosofia de Tupã.

Professor Thiago Alves da Silva Leandro
Depoimento coletado em 17 de julho de 2003
Tempo de gravação: 1h 2min 16seg

A INFÂNCIA, O PRIMEIRO E SEGUNDOS GRAUS

Nasci em Santa Cruz do Rio Pardo. Eu fiquei órfão com três anos de idade e sempre tive que me virar sozinho. Tudo que eu consegui, consegui às minhas próprias custas. Como eu era órfão, eu não tinha uma pessoa que me orientasse, que dissesse “faça isso, faça aquilo”... e fui me virando sozinho... por intuição.

Estudei em Santa Cruz, fiz o ginásio lá. Quando terminei o curso ginasial fui para Botucatu. Antes, eu fui para São Paulo. Eu ia estudar no Colégio Bandeirantes, cheguei até a fazer matrícula. Mas lá em São Paulo, conversando com uns colegas, eles me disseram “olha, você que gosta de Matemática... porque você vai ficar aqui? Vai para Botucatu, o professor Cid Guelli é de lá. Ele é um grande professor de Matemática, como você gosta de Matemática, vai se dar bem com ele”. Eu fui. Era o ano de 1947. Ao chegar lá, eu não conhecia nada.... Eu fiz o curso científico no Ginásio Estadual e Escola Normal de Botucatu. Esta era a única escola de Botucatu na época.

Terminei o curso científico em 1949. Fui para Botucatu em 1947. Lá conheci o professor Cid Guelli. Ele era um grande professor, ficou meu amigo, eu gostava muito dele, fui seu aluno por três anos... tivemos em Botucatu grandes

professores.... Tivemos um professor de Física, o Grizi, que foi colega de curso do César Lates. Nosso professor de História Natural era da Universidade de São Paulo, da USP. A USP deu a ele um laboratório, o nosso laboratório de História Natural. Ele era um pesquisador. Nosso curso foi muito bom.

O meu curso ginásial também foi um bom curso. Eu tive bons professores em Santa Cruz. Tive um professor que chamava Arthur de Souza Filho. Quando instituíram o Concurso de Ingresso para o Magistério, ele passou em terceiro lugar.... Prestou concurso, passou e foi para Ribeirão Preto.

BOTUCATU; O PROFESSOR CID GUELLI

Em Botucatu, fui aluno do Cid Guelli. Eu gostei de lá, me dei muito bem, eu era um bom aluno e... dei aulas. Eu me custeava, porque não tinha família. Minha família acabou... não morei com minha família, morava em pensões. Em Botucatu, morei três anos no Hotel Glória. Lá fiquei amigo de todos.

Eu dava aulas particulares de Matemática. Dava aulas no hotel. O Cid Guelli me indicava para dar aulas para os alunos dele. Eram muitos alunos. O Cid Guelli reprovava todo mundo. Na minha turma de primeiro ano científico havia quarenta e três alunos. Ao final do ano somente cinco foram aprovados. Só cinco. Ninguém chamou a atenção do Cid Guelli. O diretor não tomava conhecimento das reprovações. Se o professor reprovasse todos os alunos, eles ficariam reprovados. O diretor não interferia no trabalho do professor, de jeito algum. Não, não é como agora que eles chamam a atenção do professor: "o senhor não está produzindo", eles dizem. O professor podia reprovar quem quisesse. Se o aluno não fosse bem, ele não deixava passar. Era essa a filosofia da época em que eu estudei lá.

Nós éramos em quarenta e três... e passamos em cinco. Eu e os outros quatro continuamos juntos até o terceiro ano, terminamos o curso científico lá.

E todos eles estão bem, uns são médicos, eu professor... o Pachequinho é médico, o Padovan, que depois foi assassinado, também era médico muito famoso lá em Botucatu. Era a minha turminha....

Quando criaram o ginásio na cidade de Bernardino de Campos, eu fui lecionar lá. Depois, eu prestei concurso público para o Magistério Oficial e passei. Eu não era formado

ainda. Houve oportunidade para quem não era formado fazer o concurso, porque havia uma grande falta de professores de Matemática na rede escolar. Então, houve uma abertura para quem já tivesse lecionando... para quem quisesse lecionar, prestar o concurso. Eu fui aprovado no concurso... me formei bem depois.

O CONCURSO DE INGRESSO

O concurso foi muito difícil. Primeiro, fizemos uma prova escrita. Os candidatos aprovados nessa prova faziam, então, a prova de erudição e a prova didática. Eu tirei nota oito e meio na prova escrita e oito e meio na prova de erudição... Depois foi a prova didática. Nessa prova tínhamos que dar uma aula. Eu fui mal “prá burro”... tirei cinco nessa prova, não sei como não me reprovaram....Acho que é porque eu tinha ido muito bem nas outras provas, mas eu fui mal na Didática... não me preparei. Eu não sabia que tinha que fazer alguns preparativos... Para mim, coube dar aula para uma primeira série, fui mal...

Parece que o assunto era Números Primos, eu não me lembro direito... eu sei que um molequinho me perturbou muito, um loirinho... ele me interrompia, eu estava falando, explicando, e ele me interrompia e perguntava, perguntava.... Eu fiquei o tempo todo olhando para ele. Ele levantava a mão... era um menino muito inteligente....

A VINDA PARA A NOVA ALTA PAULISTA

Bem, na verdade eu venci, passei e escolhi a cidade onde eu já estava lecionando, foi a cidade que me acolheu, Bernardino. Eu teria ficado em Bernardino se lá tivesse o curso científico, mas, como eu queria lecionar para o Curso Científico – e lá havia somente o Curso Ginásial – me inscrevi no concurso de remoção para sair de lá. Eu já havia me inscrito para remoções anteriormente, mas na hora (da escolha) eu sempre desistia. No dia da escolha, encontrei um amigo de Botucatu, professor de Matemática, que lecionava em Tupã, o Amarsael. Ele estava logo antes de mim na classificação e se removeu de lá. Então, quando chegou a minha vez, ele me disse: “vai... pode ir agora”. Eu não ia escolher, nas outras escolhas eu havia sempre desistido, nem fui lá para me remover....

Nessa época eu já havia me casado com a Mafalda. O meu sogro ficou admirado quando eu cheguei e falei que havia escolhido. Eles achavam que eu não ia me remover, porque nos outros concursos de remoção eu não havia escolhido. Então, eu escolhi Tupã.

Era um inferno. Eu não sabia onde ficava Tupã. Para mim, Tupã ficava entre Bauru e São Paulo. Quando eu cheguei na casa do meu sogro e disse que eu havia escolhido Tupã, meu sogro quase caiu de costas. Ele perguntou: “sabe onde é que fica isso?” Respondi: sei, sim senhor, fica entre Bauru e São Paulo. Ele falou: “Você sabe coisa nenhuma, isso aí fica quase no Mato Grosso, fica depois de Marília”. Ele conhecia até Marília, mas eu vim mais à frente de Marília.

Como eu já havia escolhido, não podia fazer mais nada. Vim para cá. Chegando, da rodoviária, telefonei para Mafalda e disse: *vou desistir, não vou tomar posse, vou desistir....*

No fim, acabei ficando, gostei. Fiz amigos aqui. O Paulo Natanael era o diretor da minha escola, nós nos demos muito bem. Vivíamos muito bem na escola. Tive colegas muito bons. Havia um professor que era meu colega de Botucatu, ensinava psicologia, o Mário (Mário Callefi). Eu me dei bem aqui. Eu vim para cá em 1957.

Quando vim, as ruas de Tupã ainda não eram calçadas. Quando desci na rodoviária fiquei desiludido com a cidade. Mas, aí, a Mafalda veio... ela era professora efetiva. Removeu-se para cá também e constituímos aqui a nossa família. Nasceram os meus filhos, a Márcia e o César. Os dois são engenheiros... acabei ficando aqui. Fizemos a casa...

A CRIAÇÃO DA FACULDADE DE FILOSOFIA DE TUPÃ

Ah... eu criei a Faculdade de Filosofia de Tupã. A Faculdade era o meu sonho. Eu fui para Brasília... eu “dei duro”, eu consegui criar a Faculdade sozinho. Ninguém me ajudou, eu gastava do meu dinheiro. Eu até perdi uma licença-prêmio por me envolver demais com a criação da Faculdade. Nessa época eu já fazia mestrado. O diretor da escola dizia que tinha que colocar falta para mim (porque ele era meu amigo).

A criação da Faculdade foi muito importante para nós. Meus filhos fizeram Faculdade, primeiro aqui, só mais tarde eles saíram de Tupã, quando já estavam mais amadurecidos.

O prédio da Faculdade fui eu quem construí. Arrumei o terreno e consegui a sua doação. O dono do terreno fez a doação porque ele queria que a região onde estava localizado o terreno, onde ele morava, crescesse. E isso acabou acontecendo. As terras dele valorizaram bastante. Aquela parte da cidade se desenvolveu graças à Faculdade.

Quando eu cheguei a Tupã, em 1957, os moradores eram quase todos de outros lugares... de fora. Muito poucos eram daqui. Eu tive muitos amigos. Um engenheiro, o Zé Campos, por exemplo, que lecionou Física na escola; Dona Nereide (Nereide Celli de Mendonça), a professora de História, era de Itápolis; o marido dela era o doutor Edu, dona Nereide lecionava na Faculdade também, Dona Nereide.... O Callefi (Mário Callefi) lecionava Psicologia; o Jordão (Lucílio Jordão de Oliveira) lecionava Física... um rapaz formado em Rio Claro... fui eu quem o trouxe para cá... Nenhum dos professores era daqui. O Paulo Natanael também não era daqui.

Os alunos... oitenta ou noventa por cento dos alunos eram japoneses. Eles eram bons alunos. Muitos deles hoje são engenheiros, médicos... não havia quase brasileiros, de outras nacionalidades também não, eram quase todos descendentes de japoneses, nisseis. Eles formavam um grupo... minha filha estava lembrando que na classe dela quase a metade dos alunos era nissei e que, na época, eles não se misturavam com os outros alunos, formavam um grupo à parte.

O principal produto da região de Tupã era o amendoim. Aqui na região havia muito amendoim, todas as máquinas daqui beneficiavam o amendoim. Tínhamos até uma fábrica de óleo desse produto na cidade, ainda há uma aqui... havia café também... e um pouco de algodão.

O CEMIV

Eu criei um Centro, chamado CEMIV – Centro de Estudos de Matemática “Índia Vanuíre”. O nome da escola onde eu lecionava também era “Índia Vanuíre”³⁰.... Esse meu Centro fez sucesso. Nós trabalhávamos... eu dava aula para os bons alunos... depois eu transformei esses alunos em monitores. Aos sábados e domingos nós enchíamos a escola de alunos. Formávamos grupinhos de alunos que assistiam às

³⁰ Instituto de Educação ‘Índia Vanuíre’

aulas com os monitores. Eu monitorava e eles davam as aulas. Eu passava de sala em sala, às vezes eu os substituía. Eu também entrava nas classes e orientava como é que devia ser o curso. Os exercícios eram preparados por mim. Eu fornecia todo o material... e isso funcionava.... Os participantes do Centro mais tarde se transformaram em excelentes profissionais.

Nesse tempo tinha uma vantagem: havia nota. Então eu designava os bons alunos para dar as aulas e convocava os que não iam bem para assisti-las. Se não fossem eu dava zero. Isso eu dava mesmo! Os pais podiam fazer o que quisessem comigo... eu não tomava conhecimento deles, “metia” zero para o aluno e dividia a nota dele por dois. Então, eles me respeitavam, inclusive porque eu não faltava às aulas. Eu nunca faltei, eu nunca dei falta abonada!

Eu entrava na sala de aula, “passava a mão no giz” e trabalhava o tempo todo, sem parar... não adotava livro, nunca adotei livro... No CEMIV, nós elaborávamos apostilas, questões, mimeografávamos material.... Eu escrevi livros também....

A LICENCIATURA

Eu já era professor efetivo há muito tempo quando fiz a Licenciatura em Guaxupé, no Estado de Minas Gerais. Eu comecei a Licenciatura na USP (Universidade de São Paulo) em São Paulo, depois me transferi para Guaxupé. O mestrado eu fiz na PUC (Pontifícia Universidade Católica) de São Paulo.

Eu morava aqui em Tupã e estudava em Guaxupé. Eu ia todas as quintas feiras, de carro, para lá. Guaxupé fica a uns trezentos quilômetros daqui. Eu ia pela Mojiana, de carro, lá eu dormia no hotel... e assistia às aulas. No fim eu acabei dando aulas lá... imagine... dei aulas de Análise Matemática. Eu tinha uma certa fama, eu me destacava... quando faltava professor eles me chamavam.

Eu ficava em Guaxupé quinta, sexta e sábado, todas as semanas. No sábado, as cinco, seis horas da tarde, eu retornava para Tupã.

Esse curso era chamado “Curso Vago”. A escola só funcionava nos finais de semana, de quinta-feira em diante. Guaxupé tem bispado. O bispo era o responsável pela escola. No primeiro ano do Curso, as aulas eram no Palácio do bispo.

Eu não sei o nome da escola, eu não me lembro... mas eu posso procurar.

Tivemos professores muito bons lá... o Barsoti, outro... como é que ele se chamava? Um grande professor... eu era admirador dele, ele era competentíssimo! Ele ia de Belo Horizonte para Guaxupé de avião... o Riguetto!

As aulas desses professores eram comuns... expositivas e, havia provas, muitas provas. Nós também dávamos aulas, que eram assistidas por um colegiado de professores.

Depois fiz mestrado na PUC. Todas as férias eu fazia cursos no Mackenzie. Como meu filho fazia engenharia no Mackenzie, eu ia muito lá... e acabei fazendo cursos lá.

A minha filha se formou na FAAP³¹, em São Paulo. Os dois são engenheiros, fizeram engenharia... ele fez no MACKENZIE, ela na FAAP. O marido da Márcia – o Roberto – também é engenheiro. Nós éramos voltados para Matemática, meu filho, além de ser engenheiro também dá aulas de Matemática. Ele gosta de Matemática.

A PRÁTICA DOCENTE

Eu era respeitado como professor, nunca matei aula. Eu entrava para dar aula... eu nunca levei um papel, um lembrete, nunca levei um livro, nada... eu levava apenas a caderneta. Fazia a chamada, pegava o giz e dava a aula.

Eu quase não preparava as aulas, porque conhecia os conteúdos. Fiz um bom curso de Matemática, fiz um bom colegial, meu professor foi o Cid Guelli, um grande professor. Como já disse anteriormente, eu tive professores que eram mais pesquisadores que professores. Eu fui iniciado desse jeito.

Eu vivi num ambiente muito bom. A minha escola em Botucatu é um monumento. O prédio da escola é um muito grande. Botucatu é uma cidade que se destaca culturalmente, tanto em Ciências Físicas, quanto em Literatura. É uma cidade tradicional voltada para a cultura, lá há clubes... e eu estudava mesmo!

Eu morei sozinho em Botucatu, eu dava aulas para poder estudar, pagar pensão, para me manter lá.... eu tive muitos alunos lá. Eu me lembro de ter dado aulas particulares

³¹ Fundação Armando Álvares Penteado

para o filho do sargento do Tiro de Guerra, que ia muito mal em Matemática... era o próprio Cid Guelli quem me indicava. Quando os pais falavam com ele sobre os filhos que não iam bem em Matemática, ele mandava os pais colocarem os filhos para estudarem comigo. Eu conhecia toda a matéria dele, sabia tudo... e ensinava para os meus alunos... eles “davam conta do recado”. Foi assim que me tornei professor, que fui “pegando gosto”. Desde o tempo de ginásio, eu dava aulas para os colegas que iam mal. Nós nos reuníamos, eu e meus colegas, e dávamos aulas... então, “peguei o gosto”... eu sempre me dei bem dando aulas, eu sempre gostei...

Eu nunca levei material algum para dar aulas, eu conhecia todo o programa, o programa inteirinho, eu sabia onde parava o conteúdo em cada classe... na aula seguinte, eu sabia de onde recomençar.

Durante a semana as aulas eram normais. Aos sábados e domingos eu reunia a turma para rever a matéria. Todos os finais de semana! Eu trabalhava de manhã, à tarde e à noite; aos sábados e domingos.

O trabalho que eu desenvolvia no CEMIV sempre foi gratuito, mas era muito gratificante. Os meus alunos são até hoje muito agradecidos, eles não faziam cursinho, passavam no vestibular sem fazer cursinho... até na Escola Politécnica alguns entraram...até hoje muito eles são muito agradecidos.

Um casal, o ano passado, nas férias ...não sei se em dezembro... um casal de japoneses esteve aqui em casa. Eles vieram visitar uma tia que estava doente em Pompéia, mas ele quis vir a Tupã me fazer uma visita para dizer o quanto ele foi muito bem sucedido profissionalmente, graças à boa base de Matemática que teve. Ele trabalhou na Chevrolet até se aposentar, e mesmo depois de aposentado, continuou sendo muito bem remunerado.

Recebemos também, recentemente, a visita de dez japoneses que foram meus alunos há muito tempo. Eles me presentearam com uma escultura japonesa, que dizem trazer sorte. Foi uma grande festa.

A AMIZADE COM OSWALDO SANGIORGI E BENEDITO CASTRUCCI

Em todas as férias eu fazia cursos. O Oswaldo Sangiorgi foi, além de meu professor, meu amigo particular. Ele vinha

aqui em casa. Um dos livros que escrevi³², (História da Evolução dos Algarismos e dos Sistemas de Numeração) tem a apresentação dele. O Benedito Castrucci também era meu amigo. Ele vinha aqui em casa, trazia sua mulher, a dona Ermelinda. Um estava com oitenta, o outro com oitenta e dois anos. Eu fiz essas amizades graças aos cursos que frequentei. Eu conheci o Castrucci na USP. Fui aluno dele e ficamos amigos... fiz uma parte da Licenciatura na USP em São Paulo... depois me transferi para Guaxupé.... Eu também fui aluno do Jacy Monteiro, ele era professor de Álgebra.

AS AVALIAÇÕES

Ah... para minhas avaliações eu fazia provas. E tinha uma coisa: os alunos levavam a sério as provas, eles tinham muito respeito... porque se eu desse zero para um aluno – e, eu dava zero mesmo – ninguém mudava essa nota, ninguém mudava uma nota baixa que eu desse. Isto nunca aconteceu!

Eu trazia os alunos com dificuldades para estudar aos sábados, aos domingos. Eles não reclamavam. Nunca ninguém brigou comigo por causa disso. Se iam mal, eu ensinava. Meus bons alunos, os monitores que eu preparava, ensinavam nos finais de semana. Eles não faltavam não. Eu acompanhava todas as atividades. Se faltasse eu dava zero, não perdoava...

Eu sempre usei o giz para dar aulas, às vezes usava um avental – uma época comecei a usar avental, mas larguei – eu me sujava muito com o giz... os alunos diziam que eu escrevia com a mão esquerda e apagava com a direita...o que acontecia realmente, é que às vezes eu estava escrevendo uma equação na lousa, a lousa acabava e a equação não havia acabado, então eu continuava escrevendo a equação na parede, na parede verde...fiquei famoso pelas coisas que os alunos falavam... eles comentavam muito tudo isso....

Havia também muitos comentários sobre as provas. Eu sempre avaliei por meio de provas. Nas provas, eu nunca dava os exercícios que estavam no caderno do aluno. De jeito nenhum. Eu usava, para avaliar, questões que não havíamos feito em classe, questões de vestibulares.

³² Além desse, o professor Thiago escreveu vários livros abordando Cálculo Vetorial, Cálculo Diferencial e Integral e Trigonometria.

Eu resolvia todas as questões dos vestibulares realizados no Brasil, ainda tenho esse material...resolvia também questões dadas nas Universidades no Japão. Eu conseguia essas questões, por intermédio dos meus alunos que eram filhos de japoneses. Eu estudava todo esse material e o apresentava para os meus alunos. Era a professora Rosa Hiroko Matsuzaki, da escola japonesa Kai-Kan, quem fazia as traduções para mim.

Eu ia muito a São Paulo, lá eu ficava nas Universidades, ficava na USP, ficava na PUC... eu estudei na PUC... ficava no Mackenzie...meu filho fazia engenharia no Mackenzie, eu ia muito ao Mackenzie... estava sempre muito bem atualizado em relação à Matemática, eu era um pouco respeitado também, modéstia à parte.

Lecionei na rede estadual até o ano de 1983.

CONCEPÇÕES SOBRE O ENSINO NO ESTADO DE SÃO PAULO

O que estragou o ensino, na minha opinião, foi aquela Secretária da Educação que tirou as notas. Aquilo estragou tudo, porque o aluno ao entrar na escola já sabia que ia ser aprovado. O professor ficou com as mãos atadas, não tinha mais meios para manter a disciplina. Você dava questões, eles não faziam. Como é que você ia repreender o aluno se ele não fazia? Isto aconteceu no finzinho da minha carreira, graças a Deus! Foi quando eu estava para me aposentar que esse sistema foi implantado. No meu tempo não... no meu tempo era nota "no duro". O professor tinha autoridade, podia reprovar o aluno. Pelo menos, aqui, o diretor que era até meu amigo, nunca interferiu no meu trabalho. Eu cheguei a reprovar quarenta e três alunos, aprovei apenas cinco de uma classe de quarenta e oito. Ninguém nunca reclamou. Os pais sabiam que eu dava aulas para os filhos deles. Se iam mal, eu os trazia para minha casa, repetia as aulas... eu fiz uma lousa aqui em casa para isso. Eu também abria a escola aos sábados e domingos para que eles tivessem aulas. Lá eu ficava o dia inteirinho trabalhando com os meninos. Então os pais não brigavam, não reclamavam, porque sabiam que eu me esforçava para dar aula para eles. Minha casa sempre foi cheia de alunos.

Certa vez (quando o governador Mário Covas declarou não ter verbas para dar aumento para os professores e pediu

sugestões para conseguí-las)³³ eu criei um caso muito sério, eu fiz um documento e mandei para Secretária da Educação dizendo que eu dava aulas e que nunca entrou um inspetor para saber se aquilo que eu estava dando era verdadeiro ou não. Eu fiz o documento dirigido diretamente para a Secretária da Educação. Nesse documento eu também apontei que os alunos que cursavam o CEFAM (Centro de Formação Específica e Aperfeiçoamento do Magistério) e se matriculavam apenas para receber... parece que cento e cinquenta reais... não sei quanto por mês... e que eles faziam o curso apenas pelo dinheiro e não porque queriam ser professores.

Eu também denunciei gastos exorbitantes...essa denúncia podia, inclusive, prejudicar o prefeito... falei das escolas que estavam a cerca de cem metros uma da outra e que tinham oito administradores cada uma, citei nomes...essas denúncias foram entregues ao deputado Carlos Messa e ao Alckmim, que na época morava em Pindamonhangaba, mesma cidade em que mora meu filho.... A que foi entregue ao Alckmin chegou às mãos da Secretária, a outra não. A Secretária, então, questionou o Delegado de Ensino... fez um ofício para o Delegado perguntando se tudo era verídico, e ele confirmou. Depois ela me respondeu dizendo ter recebido as denúncias e que ia estudar o caso. Depois, acabaram diminuindo o número de supervisores.

Na escola nós fazíamos reuniões. Meus colegas não acreditavam no governo, nenhum dos meus colegas acreditava que a educação pudesse melhorar. Toda mudança que o governo fazia era para piorar e não para melhorar. Havia muita preocupação com a parte financeira, com dinheiro. Os professores também... a maioria dos professores queria, sim, receber o ordenado. Eu até cheguei a falar: se atrasar um dia o ordenado do professor, acontece uma revolução. Eles reclamam, xingam e falam mal do governo, fazem de tudo só porque atrasou um dia. Mas eles não fazem nada para melhorar o trabalho deles, para merecer o dinheiro que eles ganham. Aí foi um problema enorme, brigaram comigo aqui na cidade.

A qualidade do ensino depende muito do professor. Eu tive um colega, que lecionava Química, ele discutia... não gostava do diretor. Por qualquer coisa, ele entrava, fechava a porta da

³³ Informação dada pela esposa do Professor Thiago, professora Mafalda.

sala de aula, debruçava na janela e ficava cinqüenta minutos debruçado, olhando para rua. Os alunos podiam fazer o que quisessem, ele não tomava conhecimento, não dava aula. Isso acontecia na nossa escola. Ele até discutiu comigo, porque numa das reuniões eu falei... perguntei por que ele não deixava de ser professor, falei que talvez ele pudesse ser mais útil em uma outra profissão porque, lecionar para ficar na janela vendo o tempo passar, esperando o tempo passar... vendo o movimento na rua e abandonando os alunos, deixando-os jogar batalha naval, entre outras coisas, não era certo, não era honesto. Que ele desistisse de dar aula. Eles brigaram muito comigo por causa disso, mas eu não tomava conhecimento, eu não largava aluno não, eu dizia sempre: *prestei concurso, passei, escolhi, não devo nada para ninguém. Nem para política, absolutamente para ninguém. Eu leciono aqui por mérito próprio, por competência e estou aqui para dar aula.* Modéstia à parte, eu tinha boa formação....Quando o professor não é bom ele prejudica o processo.

Agora tiraram as notas. No meu tempo havia nota. E se um aluno reclamasse e o professor não gostasse, ele podia desgraçar com o aluno, então, eles tinham medo, não reclamavam. Às vezes o professor não era bom, não produzia e ninguém reclamava... quem é que ia reclamar do professor? Ninguém ia reclamar. Os alunos tinham medo do professor, da reação do professor. Eu tive uma turma boa, uns colegas bons, a Márcia, minha filha, foi minha aluna, meu filho César também....

A PARTICIPAÇÃO NAS ENTIDADES DE CLASSE; A ACARP

Eu sou sócio da APEOESP³⁴, eu sempre participei dos movimentos dos professores. Saía daqui, ia às reuniões em São Paulo. Fundei uma associação, a ACARP³⁵, que existe até hoje. Lá na parede do prédio onde ela funciona está escrito em letras metálicas que eu que fundei a ACARP. Nessa associação nós dávamos cursos para os professores, para alunos. Dávamos assistência pedagógica, eram cursos para dar assistência... não era bem pedagógica... era cultural. Eu dava é conteúdo mesmo. Eu resolvia as questões dadas nos

³⁴ Associação dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo

³⁵ Associação Cultural Assistencial e Recreativa dos Professores

vestibulares da USP, do Mackenzie e que caíam nos vestibulares e dava para eles. Eu resolvia todas as questões com meus colegas. Todas elas.

A ACARP tinha sede. Nós tínhamos reuniões aos domingos de manhã. Depois que eu saí os que deviam dar continuidade ao trabalho começaram a relaxar. Enquanto eu estive lá eu levava a sério, nós visávamos o aluno. Atualmente, se um professor é mal preparado quem perde é o aluno. Afastar esse professor não pode, porque ele é efetivo. Nós apertávamos o professor, era o caso do Helvétio, professor de Química: o miserável que debruçava na janela e não dava aula. E ele era competente, eu acho... a Márcia, minha filha, não gostava dele. Os alunos não gostavam dele.

Grande parte dos meus alunos fez engenharia, outros fizeram medicina, há também professores. (Um aluno, a quem o professor de Química deu zero sem ler a prova dele, foi aconselhado pelo professor Thiago a ir para Itajubá e fazer o Vestibular. Hoje ele é médico na cidade e o filho dele também já é médico)³⁶. É... ele perseguia, eu nunca me conformava com um colega que reprovava um aluno por meio ponto. Era aquela choradeira. Ficava por meio ponto... eu perguntava: *mas, porque que você deixou somente por meio ponto? Dá esse meio ponto, o que é meio ponto? Não é nada, como é que vai avaliar o meio ponto?* O Helvétio era um dos que reprovavam por meio ponto.

A OPÇÃO PELO MAGISTÉRIO

Eu, entretanto, me sinto realizado. Desde moleque, eu tinha vontade de ser professor. Eu conhecia uma senhora, uma professora aposentada, já velha, chamada dona Maria Joaquina. Ela tinha um sobrinho, o Henrique. O Henrique era meu colega. Nos fundos da casa havia um quartinho, com carteiras, lousa, tudo. Nós dávamos aulas lá, não cobrávamos nada. Nós íamos ao Ginásio pegávamos os conhecidos... os filhos de conhecidos, levávamos lá e preparávamos esses moleques. Eu ensinava Matemática, o Mineiro dava aulas de Português, o Henrique ensinava História. Nós fizemos uma escolinha nossa. A nossa conversa era essa. Quando terminávamos as aulas nós íamos ao jardim, aos bares, e a

³⁶ Informação dada pela esposa do professor Thiago, professora Mafalda.

nossa conversa era sobre os nossos cursos lá, como é que fazia, como é que não fazia. Pegávamos questões que caíam nos vestibulares e discutíamos essas questões entre nós, para depois, dá-las aos alunos. Era isso que nós fazíamos.

O Gabriel foi meu aluno, eu que formei o Gabriel, hoje ele está fazendo prova de seleção para trabalhar na UNESP – Universidade Estadual Paulista – ele fez mestrado, doutorado... eu formei o Gabriel, não... não fui eu, ele produziu....

A PAIXÃO PELO ENSINO DE MATEMÁTICA

Eu gosto muito de ensinar, eu ainda dou aulas. Eu tenho a minha lousa. Eu pus um anúncio no jornal. Estava disposto a ensinar Matemática gratuitamente para quem quisesse aprender. Não precisava ser formado, nem aluno, nem nada. Podia ser adulto, analfabeto, bastava que quisesse estudar comigo a matéria... podia vir que eu dava aula. Apareceram alguns interessados. Eu estabeleci umas regras, não podia faltar e a nota mínima era sete. Se faltasse uma vez, não precisava vir mais. Eram as mesmas regras do Mestrado que fiz em São Paulo, lá no Mestrado não podia faltar e nota mínima era sete, se tirasse uma nota menor que sete todas as outras notas tinham que ser acima de sete. Eu implantei esse sistema aqui e não deu muito resultado...os alunos começaram a ir mal... eu comecei a eliminar... faltava? Não precisava vir mais! Teve até teve pai que veio brigar comigo por causa disso. (É, esse aí foi um pastor, que o filho faltou para tocar tuba na igreja. Eu até falei: olha, *a aula do professor tem horário, a tuba não vai desaparecer... mas ele faltou duas vezes...*)³⁷ Eu eliminei o filho dele. O pai pediu uma chance, mas eu não dou chance, eu não volto atrás. Eu disse a ele que ele sabia das regras e que não podia reclamar, que aluno desse tipo não me interessava, que queria dar aulas para quem não falta, para quem gosta de aprender, para quem estuda... que ele procurasse outro professor!

Os pais vinham aqui, brigavam comigo, e eu dizia: *eu não vou ouvir o que o senhor está falando, estabeleci as regras e cumpro essas regras... tire o seu filho!* Ah, isso eu fazia... eu brigava com a turma, mas eles gostavam de mim, quando meus ex-alunos vêm a Tupã eles me visitam... até hoje.

³⁷ Informação dada pela esposa do professor Thiago, professora Mafalda.

OS EX – ALUNOS

O Toninho... para o Antonio Galdino, filho do servente da escola, eu arrumei em São Paulo... depois, através do Castrucci... não, do Cid Guelli, arrumei para ele fazer cursinho no Anglo, gratuitamente. Eu fazia essas coisas... Atualmente, ele trabalha na Johnson ...(é gerente executivo financeiro)³⁸.

A Mafalda foi consultar uma médica em São José dos Campos, e eu fui com ela... conversando com a médica, descobrimos que ela havia sido minha aluna aqui em Tupã, inclusive, ela disse que no dia em que mãe dela faleceu, eu a trouxe aqui para casa, com as suas três irmãs....Eu fiquei com muita pena delas quando elas perderam a mãe e trouxe as quatro para cá... eu não me lembrava mais disso....

O CEMIV dava vida para o aluno, não era um lugar só para estudar, nós fazíamos reuniõezinhas, depois, tomávamos um aperitivo, um guaraná, uma cervejinha. Os alunos trabalhavam, faziam apostilas no mimeógrafo, “publicavam”...eu coordenava o trabalho deles....

Eu fico agradecido pelo seu interesse, faço questão de ver o seu trabalho, quero receber uma cópia dele. Tenho vários trabalhos, e quero que também o seu trabalho conste de meu acervo.

Entrevistamos também o professor Luis Bereta, formado pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras São Bento, que iniciou a sua carreira, no terceiro grau, lecionando Cálculo Diferencial e Integral e Estatística, no Curso de Matemática da Faculdade de Filosofia Ciências e Letras “Min.Tarso Dutra de Dracena”, em 1969. O professor Bereta desistiu do magistério e atualmente reside na cidade de Campo Grande – MS – onde foi realizada a entrevista.

³⁸ Informação dada pela filha do professor Thiago.

Professor Luiz Bereta,
Depoimento coletado em 02 de agosto de 2003
Tempo de gravação: 48min 35s

A FAMÍLIA, A VIDA EM PRESIDENTE VENCESLAU E ALGUMAS INFORMAÇÕES SOBRE A REGIÃO

Meu pai chamava-se Albano Bereta, minha mãe Maria Alferes Bereta, eles eram paulistas. Meu pai era de Itápolis, minha mãe de Araraquara. Eles vieram para Presidente Venceslau em 1935. Eu nasci em 1941. Hoje os dois já são falecidos. Eles eram da terra. Meu pai veio novo para Venceslau, veio logo que se casou. Eles tocavam café, plantavam café. Meu avô, o pai da minha mãe, acho que veio de Araraquara... ele comprou uma área de terra na região, ele tinha uma fazenda no Perobal, Perobal fica próximo a Presidente Venceslau. Era uma fazenda de café.

Meu pai, inicialmente, não possuía terras. Ele e minha mãe eram muito trabalhadores. Meu pai teve açougue e trabalhando no comércio conseguiu, juntar suas economias e comprar um "sitiozinho", mais tarde ele comprou uma casa na cidade, depois uma casa melhor...eu já nasci na cidade.... Quando morreu, meu pai ele já era pecuarista.

Nós somos em quatro irmãos, três homens e uma mulher. A minha irmã mais velha já faleceu. O segundo mora em Venceslau, é funcionário aposentado do Banco do Brasil, meu irmão mais novo está se aposentando na Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. Ele faz parte do Departamento de Educação Física.

Antes de morar em Campo grande, sempre morei em Presidente Venceslau, fiquei dez anos em São Paulo enquanto estudei. Lá, fiz o colegial e a Licenciatura em Matemática. Depois de formado... no segundo ano depois de formado eu retornei a Venceslau.

Eu tive uma infância muito boa. Venceslau era uma cidade pequena..., hoje meu neto é criado dentro de casa...eu morava em Venceslau, a estrada de ferro passava no centro da cidade, dividindo-a em duas... minha casa ficava de um lado, o colégio onde eu estudava, do outro. Eu e meus colegas íamos a pé para a escola...era aquela meninada fazendo uma bagunça ! Que infância eu tive! Uma delícia! Foi muito boa a minha infância! Em

Venceslau, eu vivi até terminar a oitava série, depois fui para São Paulo.

A maioria dos moradores da região de Presidente Venceslau era de fora, gente que vinha atraída pelo café, por terras novas. Eles chegavam de trem e iam parando em Anastácio, Piquerobi, Bernardes, naquela região toda, “a Sorocabana”³⁹ chegava até a barranca do rio Paraná.

Eu acredito que a Sorocabana é mais velha que a Paulista⁴⁰. Pelo que sei, a colonização dessas regiões foram diferentes. A Paulista foi povoada por pequenos sitiantes. Era possível perceber isto pelo comércio. Como havia muitas propriedades pequenas ao redor de Dracena e Tupi Paulista, o comércio daquela região era mais movimentado. Já em Venceslau, era diferente. Lá, como as fazendas ocupavam grandes áreas, havia uma quantidade menor de pessoas e o comércio era um pouco mais fraco. Na região de Dracena havia pequenos sitiantes ligados ao cultivo do café, depois veio a pecuária, a cana de açúcar... a região de Venceslau é hoje uma região de pecuária. O Pontal do Paranapanema é uma região de muito gado, de grandes fazendas.

Naquela época os donos das propriedades rurais moravam “no sítio”, a expressão que usávamos era “mora no sítio”. Eram imigrantes, a maioria italianos. Havia também japoneses.

A IDA PARA SÃO PAULO E A OPÇÃO PELA CARREIRA

Eu fiz o primeiro grau em Presidente Venceslau, em um colégio do Estado. Quando terminei o Primeiro Grau não havia Segundo Grau em Venceslau... eu me lembro perfeitamente de meus professores do Primeiro Grau também... fui para São Paulo, onde fiz o primeiro Colegial no Colégio Paes Leme, o segundo Colegial, não sei bem por que... não me lembro por que “cargas d’água”, cursei em Presidente Prudente. No terceiro voltei para São Paulo. Eu fazia o cursinho e o terceiro Colegial. Depois eu entrei para a PUC⁴¹, onde fiz o curso de Matemática, estudei lá cinco anos... fui reprovado um ano.

Eu achava bonito ser professor, eu gostava. Eu sempre tive grande admiração pela professora dona Nadir. Ela foi minha professora e depois minha colega de trabalho. Ela tinha uma postura...era uma senhora muito séria. Foi ela quem me

³⁹ Região por onde passa a Estrada de Ferro Sorocabana

⁴⁰ Nova Alta Paulista

⁴¹ PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA

incentivou a seguir a carreira do magistério. Ela dizia: “porque não Matemática”? Eu já tinha uma “quedinha” pela Matemática, gostava... e como não recebi nenhuma orientação sobre a profissão que devia seguir, de meus pais, que tinham baixo nível de escolaridade, acabei sendo professor. Hoje, entretanto, se pudesse escolher novamente, não seria professor.

Não, porque economicamente... embora, durante todo o tempo em que exerci o magistério eu nunca tenha tido problemas com a disciplina dos alunos, era tudo muito tranqüilo, graças a Deus... mas, depois de formado eu me questionava: porque que eu não fiz Engenharia? Eu gostava muito de Engenharia também, e acabei, por falta de orientação, sendo professor.

A LICENCIATURA, OS SEUS PROFESSORES

Na PUC de São Paulo, na Faculdade de Filosofia Ciências e Letras São Bento eu tive como professor de Cálculo Diferencial e Integral Peter Almay. Ele também lecionava em São José do Rio Preto. Meu professor de Geometria Analítica foi o Carlos Alberto Callioly que tem vários livros publicados. Também foi meu professor o Dr. Fernando Furquim de Almeida, ele era da primeira turma formada pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da USP.⁴² Seus professores eram todos europeus. Meu professor de Álgebra foi o Higyno Domingues. Eu gostava mais... eu me dava melhor em Cálculo. Também gostava de Geometria Analítica e de Fundamentos. Eu não gostava muito de Álgebra... de Álgebra Pura.

Eu, ainda, fui aluno do professor Scipione⁴³, ele foi meu professor de Didática, na Licenciatura. Ele era um “cara bacana”, uma vez até cogitamos de escrever um livro juntos, mas depois não deu certo. Quando ele publicou o primeiro livro de Segundo Grau, ele fez um autógrafo bonito para mim. Tenho guardado até hoje⁴⁴. O Scipione era um cara bacana, dava aulas muito bem.

O professor Luiz Mauro Rocha também lecionou para mim. Eu o reencontrei na Faculdade de Dracena, acho que foi naquele prédio de baixo, no prédio velho da Faculdade. Isso foi mais ou

⁴² UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

⁴³ Scipione di Pierro Netto

⁴⁴ O autógrafo diz : “Ao jovem professor Bereta, oferece Scipione, 1977”

menos em 1969, 1970... Ele veio dar um Curso de Especialização. Quando cheguei lá, olhei para ele e disse: *O senhor é o professor Luiz Mauro Rocha*. Ele respondeu: “eu mesmo”, então falei: *Eu fui aluno do senhor no Colégio Pais Leme!* Ele disse: “Rapaz”, mas não é possível! Ele era meio “fechadão” na época em que dava aula para nós e lá ele se mostrou muito amigável, nossa! Ele ficou tão contente, ele dizia: “Não é possível”. E eu respondia : *É...o senhor, o diretor João Rossi. Eu fui aluno do senhor no primeiro Colegial, o senhor dava Geometria e o professor Konoki dava Álgebra....* Ele dava Geometria, ele era muito bom, um professor com uma grande capacidade e anos depois eu fui reencontrá-lo em Dracena. Ele dizia: “Não é possível, um aluno meu de São Paulo e eu juntos, aqui em Dracena” [risos]. Interessante...é... o Luiz Mauro Rocha... era ele mesmo... ele era meio baixinho...

O livro de Cálculo mais famoso da época era o do Piskunov. Depois apareceram outros, como por exemplo, o escrito pelo professor Peter Almay. Eu ainda tenho muitos livros de Cálculo guardados. Eu não sei o que eu vou fazer com eles, estão aí... a bibliografia... já na minha época começavam a aparecer trabalhos de autores de São Paulo.

A PRIMEIRA EXPERIÊNCIA NO MAGISTÉRIO

Quando eu entrei para a Faculdade, já no segundo semestre do primeiro ano comecei a lecionar. Eu lecionava em uma escola estadual na Casa Verde Alta⁴⁵, em São Paulo... Deus me livre! Chegava à noite dava até medo... depois eu fui para uma escola entre Sumaré e Perdizes, um lugar muito bom, um colégio de Estado muito bom, com clientela muito boa, chamava-se Escola “José Cândido de Oliveira”. Ficava na rua Diana. Isso, em 1967. Eu terminei a Faculdade lecionando nesse Colégio. Lecionei também em outras escolas, mas foi lá que fiquei mais tempo.

O RETORNO AO INTERIOR E O TRABALHO NA NOVA ALTA PAULISTA

Depois que terminei a Faculdade... acho que eu fiquei um ano em São Paulo ainda, depois vim para Presidente Venceslau.

⁴⁵ Bairro da Cidade de São Paulo

Nessa época, ainda não haviam sido fundadas a Faculdade de Dracena e de Venceslau.

Havia naquele tempo a necessidade de Registro⁴⁶ e os professores com Registro da CADES⁴⁷ tinham prioridade no processo de atribuição de aulas, sobre os professores formados que ainda não possuíam o Registro. Era uma confusão. Logo de início, embora fosse formado em uma boa Faculdade, perdi as aulas, porque não tinha o Registro.

Logo depois que retornei a Presidente Venceslau, em 1969 foi fundada a Faculdade de Dracena⁴⁸. Foi o Marcelino⁴⁹ quem me disse que eles precisavam de um professor de Cálculo. Eu pensei mil vezes antes de ir a Dracena. Cálculo? Eu pensava... [risos]. Você sabe.... “Rapaz”! Mas eu fui à Dracena. Eu era novo... pensei: vou ver como é... chegando lá, conheci o Geraldo⁵⁰, que queria que eu ficasse dando aulas já naquele dia. Eu disse: “de jeito nenhum”. Eu estava com muito medo, mas assumi as aulas e logo depois comecei a lecionar. Eu me preparava muito para dar as aulas, estudava bastante. Ao preparar o curso, comecei a fazer um livrinho. A cada ano eu ia acrescentando novos conteúdos, excluindo alguma coisa. Era um material feito por mim, para o meu uso. Esse material ainda existe, eu o encadernei⁵¹.

Quanto ao meu trabalho em Dracena, havia uma grande diferença dos conhecimentos que eu trazia e os dos alunos. Eu fiz uma Faculdade de boa qualidade e, graças a Deus, nunca deixei de responder a uma pergunta na época em que lecionei. Se o aluno perguntasse e eu não soubesse, eu dizia: *Eu não sei, mas vou pesquisar*. Muitas vezes eu começava a preparar a aula e apareciam dúvidas e quem ia tirar minhas dúvidas? Não tinha ninguém para tirar minhas dúvidas... Ninguém, ninguém! Então, eu tomava o ônibus e ia a São Paulo, era o professor Peter (Almay) quem esclarecia as minhas dúvidas. No começo foi muito difícil. Depois eu fui montando meu curso de Cálculo: o primeiro, o segundo, o terceiro e o quarto anos, depois deu uma aliviada, mas no começo não foi fácil. Nossa Senhora!

⁴⁶ Registro no Ministério da Educação e Cultura.

⁴⁷ Campanha de Aperfeiçoamento e Difusão do Ensino Secundário.

⁴⁸ Faculdade de Filosofia “Min. Tarso Dutra de Dracena”, atualmente Faculdades de Dracena.

⁴⁹ Marcelino José Teodoro

⁵⁰ Professor Geraldo Mariano Alves, primeiro diretor da Faculdade.

⁵¹ Esse material, elaborado a partir de 1970, foi doado para as Faculdades de Dracena, no dia da entrevista

A primeira turma da Faculdade de Dracena era formada por um pessoal mais maduro, um pouco mais velho, não era uma “meninada” nova. Eu ficava um pouco constrangido, tinha alunos mais velhos do que eu... No começo, eu ficava nervoso, era uma responsabilidade muito grande... depois, graças a Deus, foi tudo tranqüilo. Lecionar Cálculo era diferente de lecionar Fundamentos. Os alunos perguntavam: – Para que serve limite? O que é esse “linha” aí? Para que serve esse “linha” aí? Eu vou te falar... era difícil, não era fácil não.

O INGRESSO NO MAGISTÉRIO OFICIAL

Em 1973 ... 75⁵², prestei concurso, passei logo no primeiro e ingressei como professor efetivo, no Magistério Oficial de São Paulo.

Quando prestamos o concurso, eram muitos candidatos...quatro mil e poucos candidatos, eu acho... Desses apenas trezentos e pouco foram aprovados. O concurso foi difícil... a prova foi muito difícil. Eu fui aprovado meio... mas passei, eu achei muito difícil, muito “puxado”... muitos candidatos foram reprovados, Deus me livre! Poucos passaram nesse concurso!

Depois houve outros concursos. Eu penso que os órgãos governamentais chegaram à conclusão de que se o professor prestava concurso, não era aprovado, mas, continuava lecionando, então, não havia necessidade de dificultar tanto. O primeiro concurso, entretanto, foi muito difícil.

Aprovado, pude escolher a escola de minha preferência, eu gostava de lecionar para o Segundo Grau. Eu escolhi a Escola Estadual “Álvaro Machado”.

Ah! O Ensino Médio, eu gostava demais de lecionar no Ensino Médio, no Curso Colegial. Eu era duro, eu era sério, eu dava aula sério, o meu maior prazer era ver um “menino” terminar o terceiro Colegial em Venceslau, prestar concurso, passar e entrar para a Faculdade. A primeira coisa que eles faziam quando vinham a Venceslau, era ir à minha casa e me agradecer. Essa era a minha maior recompensa. E quantos deles vieram! Outra coisa que podia se ouvir eram os rapazes dizendo: “Sei Trigonometria porque o professor Bereta me ensinou!” [risos] Ah!... Estas eram as recompensas que

⁵² O professor também doou o seus cadernos de questões do Concurso, realizado em 1976, para fazerem parte da Memória das Faculdades de Dracena.

tínhamos. Eu gostava de trabalhar, eu vibrava com aquela “meninada” nova, aqueles jovens, eu vibrava! E tinha menino bom, muito bom! Havia aluno que terminava o Colegial em Venceslau e entrava direto na POLI⁵³. Eu me lembro que havia classes excelentes, excelentes! Os alunos que terminavam o curso ali iam direto para São José do Rio Preto. A maioria ia ainda mais para cima, São José dos Campos, Pindamonhangaba. Procuravam onde havia as Faculdades da USP, da UNESP⁵⁴. Eu gostava demais, gostava sim... eu gostava de lecionar para o Segundo Grau, eu gostei demais do magistério, me identifiquei com meus alunos.

O SALÁRIO E O RESPEITO PELO PROFESSOR

Entretanto, economicamente, o salário da época não era grande coisa. Eu precisava trabalhar muito, tinha três empregos na época para poder juntar alguma coisinha para melhorar a nossa vida. Além disso, com o tempo o nível de ensino começou a decair de tal maneira que comecei a desanimar. O nível caiu muito. Eu era muito respeitado, muito... naquela época ainda era muito bom dar aula, todos me respeitavam, eu me identificava com a meninada, gostava mesmo....

O LIVRO DIDÁTICO

Na época, tínhamos liberdade para escolher o livro didático. O conteúdo dado no Colegial era o que estava no livro didático. Eu usava o livro do Osvaldo Dolce e outros autores, era um dos melhores. Trabalhamos muito tempo com esse livro. Os autores eram professores do ANGLO-LATINO.

Eu também, durante pouco tempo, lecionei para alunos de quinta a oitava séries. Nesse grau de ensino usávamos o Sangiorgi. Inclusive, eu conheci o Sangiorgi. Em Venceslau, fomos campeões em duas fases da Olimpíada de Matemática, e o Sangiorgi foi lá. Ele era muito “bacana” também. Também tenho um livro autografado por ele.

[Sobre uma prova encontrada em um livro] : Esta é uma provinha. eu fazia as provinhas assim. Escolhia as questões que eu queria dar... tinha umas bem “cascudas”. Eu tenho uma porção por aí [risos]. Todas mimeografadas.

⁵³ Escola Politécnica da Universidade de São Paulo.

⁵⁴ Universidade Estadual Paulista

A PRÁTICA COTIDIANA DO PROFESSOR DE MATEMÁTICA

As minhas aulas eram teóricas, com exposição na lousa. Uma vez fizemos uma feira de Ciências. Fizemos algumas concretizações do quadrado da soma, da diferença. Tinha o cubo... as figuras geométricas.

Muito pouco desse material era usado em sala de aula. Eu sempre fui um professor muito prático. Por exemplo, se eu ia dar uma aula sobre um cilindro, eu já levava um cilindro aberto, então, eu fechava o cilindro, montava o cilindro e dizia: “esse é o cilindro”, então os meus alunos tinham noção do que era esse sólido. Eu não chegava com nada pronto. Eu sempre procurava mostrar como fazer tudo. Mas, existiam poucos recursos.

A TROCA DE EXPERIÊNCIAS

Na época em que lecionei em Venceslau, a professora Nadir, que foi minha professora, lecionava na mesma escola que eu. Ela foi aluna do Rui⁵⁵, fez Matemática em Campinas. Ela era pouca coisa mais velha do que eu. Nós trocávamos muitas idéias. Começamos também a cursar a Pós-Graduação em Presidente Prudente... nessa época começaram a aparecer os cursos de Pós-Graduação. Nosso professor foi o Jacy Monteiro, foi ele quem deu o primeiro curso de Pós-Graduação em Presidente Prudente. Era com a dona Nadir que eu trocava idéias, ela tinha mais experiência do que eu naquela época, era mais velha, tinha mais “tarimba”, enfim, trocávamos boas idéias, lecionando no mesmo Colégio, sempre conversávamos sobre as nossas atividades. Com os outros professores de Matemática da cidade era mais difícil... Digamos que eles não tinham o mesmo nível de conhecimento que nós tínhamos. Quando falavam do “Beretão” e de dona Nadir, a “turma” já... ó... [risos].

A AVALIAÇÃO

As avaliações de conteúdo eram feitas por meio de “provinhas”, a avaliação era coisa muito séria. Os alunos aprenderam muito comigo. Eu penso que tive excelentes alunos, Nossa Senhora!

⁵⁵ Rui Madsen Barbosa

A CARREIRA DOS EX-ALUNOS

A média de alunos por sala de aula era trinta e cinco, quarenta alunos. Quando eles terminavam o Ensino Médio suas atividades se diversificavam. Um menino que foi meu aluno hoje é diretor da Navegação Mate-Laranjeira, em Corumbá, ele é engenheiro naval formado na POLI. Bruno, filho de dona Nadir, a professora de Matemática, fez Engenharia Civil na POLI. Esses alunos fizeram o colegial conosco. Há um outro, do qual me esqueci o nome... o seu apelido era “Pé de Cana”... era um japonês... ele saiu do Colegial e foi direto para a Faculdade, entrou, se formou. Ele é meio “enroladão”, tem muita dificuldade de comunicação pela sua descendência japonesa... atualmente ele é Fiscal de Rendas, aqui em Campo Grande. De vez em quando me encontro com ele... agora faz tempo que eu não o encontro... mas, já encontrei umas duas vezes ele aí na cidade. Tenho muitos ex-alunos formados em Medicina... outro dia eu estava me lembrando... o Secretário da Segurança Pública do Governo anterior foi meu aluno. O nome dele é Almir Paixão, ele é de Venceslau. Atualmente penso que ele é promotor. Meus ex-alunos estão espalhados por esse “mundo a fora”. Ah! como esse mundo é pequeno... há pouco tempo meu filho conheceu uma menina aqui em Campo Grande e depois descobrimos que o pai dela, que veio para Douradina lecionar e que atualmente é funcionário aposentado da ENERSUL⁵⁶, foi aluno do curso de Ciências na Faculdade de Dracena. Ela disse que o seu pai se lembra bem do Ely⁵⁷ e que ele costuma contar a história de um japonês, que ia com ele para Faculdade, e que quando tinha aula com “Beretão” ficava “todo nervoso” [risos].

OS ÓRGÃOS OFICIAIS, A LEGISLAÇÃO, AS MUDANÇAS

Nossa escola era jurisdicionada à Delegacia de Ensino. Durante o tempo em que lecionei houve uma série de mudanças, a denominação do curso de Segundo Grau mudou de Científico para Colegial, inclusive, até bem pouco tempo as pessoas não falavam Colegial aqui em Campo Grande, só diziam Científico, muitos ainda dizem... faz vinte anos que mudou a denominação em Venceslau... Eu não gostava muito de “papel”. Eu gostava de

⁵⁶ Empresa Energética do Mato Grosso do Sul

⁵⁷ Ely Roberto de Oliveira

dar aulas, de preencher papéis, de planejar e fazer planos de trabalho eu já não gostava muito não....

Na Delegacia de Ensino havia supervisores mas, o nosso colégio, era o Instituto de Educação, lá em Dracena devia ser a mesma coisa, era um Colégio muito respeitado na cidade, digamos que era o mais respeitado, então, como o Colégio era bom não havia interferências, o pessoal ficava mais na “onda”....

Depois, o Primeiro Grau se separou do Segundo. Inicialmente eu lecionava numa escola de Primeiro e Segundo Graus, depois que houve a separação, passei a trabalhar em uma escola só de Segundo Grau. Mais tarde, novamente houve a junção... eu fiquei muito tempo nessa escola... montamos uma equipe excelente! O Ely também deu aulas conosco nessa época. Nossa equipe era excelente! Depois foi saindo um, saindo outro, até que eu saí. O pessoal então disse: “Acabou o ‘Álvaro Coelho’, esse era o nome do Colégio, Colégio de Estado ‘Álvaro Coelho’, o ‘Beretão’ saiu? Acabou”. Os professores do Colégio eram muito sérios, o Colégio era muito bom, muito bom.

O ABANDONO DO MAGISTÉRIO

Eu deixei o magistério porque... eu estava muito bem economicamente. Eu tinha três empregos e como o meu pai deu um pedacinho de terra para cada um de nós, eu pude fazer algumas aquisições, então, comecei a ter problemas de tempo para cuidar de meus afazeres ligados à zona rural. De início, deixei algumas aulas para me dedicar a esses afazeres... não sei... acho que me precipitei, foi “meio de bobeira”.... Nessa época, eu tinha uma fazendinha perto de Venceslau e comprei uma fazenda maior no Estado do Mato Grosso(do Sul), em Bataguáçu. Eu gostava demais também de fazenda, fui criado... meu pai era proprietário rural, eu gostava... eu gosto até hoje.... Então, comecei a enxergar aquilo como um negócio mais rentável e resolvi parar de lecionar, para me dedicar à fazenda. Isto foi em 1985... eu acho.

Eu comecei a lecionar em 1974. Também dei umas aulinhas em Araraquara, para o Colegial, mas não agüentei mais....Aqui em Campo Grande nunca lecionei, não sobrava tempo.

A DIREÇÃO DAS ESCOLAS, OS PRÉDIOS

Durante o tempo em que trabalhei eu sempre fui muito respeitado, eu respeitava as pessoas também, eu me dava bem com todo mundo. Eu nunca tive problemas com o diretor ou com direção da escola. Eles sempre foram meus amigos, sempre trabalhamos em sintonia. Na época, os colégios eram muito bem dirigidos, os colégios que eu conheci e aqueles nos quais tive o prazer de trabalhar eram Colégios que tinham bons diretores, eu cumpria com as minhas obrigações e não causava problemas, então, nunca tive aborrecimentos.

Não me lembro de nenhuma grande reivindicação... honestamente eu não lembro. Nessa época, os alunos eram mais “bitolados” um pouco, não tinham tanta liberdade como hoje, hoje tudo é completamente diferente.

Os prédios eram bem conservados na época. Nós tínhamos um colégio do Estado, o Instituto de Educação que funcionava em um prédio novo, bonito, grande e sempre muito limpo. O Colégio de Segundo Grau em que fui trabalhar mais tarde funcionava num prédio bem velho, não era muito bom, mas podia-se trabalhar bem lá.

A PARTICIPAÇÃO POLÍTICA

Eu nunca pertenci a Associações de Classe ou Sindicatos, mas participei de greves. Eu me lembro que houve uma greve que durou um “tempão”, depois a “mulherada” começou a ficar com medo, [risos] e todos voltaram a trabalhar. Eram aquelas “grevezinhas” do tempo do Maluf, a primeira foi no tempo do Natel, do Laudo Natel, nessas “grevezinhas” eu sempre seguia a opinião da maioria. Grande parte dessas greves não deu resultado algum. Eu acho que não. Um “furava” a greve, outro furava também, outro voltava a trabalhar e logo depois todo mundo resolvia voltar a trabalhar. Alguma coisa sempre se conquistava, mas eu não me lembro muito bem disso....

AINDA SOBRE A SUA PRÁTICA

Como eu já disse, eu gostava muito de lecionar. Eu gostava de ensinar. É claro que eu gostava de ensinar para quem queria aprender. Querer ensinar Matemática para quem não quer aprender... não é possível. Até hoje ouço muita gente falar da minha dedicação ao magistério, durante o período em que lecionei. Isto me deixa muito satisfeito. Por exemplo, em umas duas ou três vezes que nós participamos da Olimpíada de

Matemática nós ficávamos ensinando os alunos de manhã, à tarde e à noite. Nós não tínhamos obrigação nenhuma de fazer aquilo, nós éramos assalariados e nosso salário não era grande coisa, mas, mas nós nos dedicávamos, porque gostávamos do que fazíamos. A minha formação foi muito boa. Eu saí há muitos anos de Presidente Venceslau, hoje vou lá e todos são meus amigos. Graças a Deus, essa foi uma época muito positiva para mim, muito boa. Eu gostei, gostei muito. Eu me dava muito bem como professor, eu gostava de dar aulas, puxa, como eu gostava de dar aulas! Eu vibrava! Eu gostaria de dizer muitas coisas, mas têm muitas coisas que aconteceram e eu já nem me lembro mais....

A DESPEDIDA

Eu que agradeço pela oportunidade de falar sobre a minha vida, sobre a minha carreira no Magistério. Fiquei muito satisfeito em ter reencontrado você⁵⁸, tive muito prazer em revê-la. Foi muito gratificante para mim.

A professora Denise Boldrini Molliet, neta de imigrantes, paulistana, que veio para a cidade de Osvaldo Cruz em 1950, é nossa outra depoente. A professora Denise iniciou sua carreira como professora de Matemática, no Magistério de Primeiro e Segundo Graus do Estado de São Paulo, logo após iniciar o curso em Matemática, na Faculdade de Filosofia de Tupã – fundada pelo professor Thiago, também nosso depoente – no ano de 1968. A entrevista com a professora Denise foi realizada em uma escola onde ela leciona, na cidade de Adamantina.

⁵⁸ O professor Bereta foi meu professor de Cálculo Diferencial e Integral, nos anos de 1969, 1970, 1971 e 1972, na F.F.C.L “Ministro Tarso Dutra” de Dracena, hoje Faculdades de Dracena. (nota da autora).

Professora Denise Boldrini Molliet
Depoimento coletado em 20 de maio de 2004
Tempo de gravação: 1h 17min 55 seg

A FAMILIA E O INÍCIO DA ESCOLARIDADE

Meu nome é Denise Boldrini Molliet, nasci no dia quatro de dezembro de 1941, na cidade de São Paulo, estado de São Paulo. Sou neta de imigrantes, meu pai Orlando Boldrini era filho de italianos e minha mãe Virgínia Fernandez Boldrini filha de espanhóis. Eles foram criados no interior do Estado de São Paulo, meu pai em Casa Branca, na Alta Mojiana, e minha mãe na região velha da Paulista: Agudos, Bauru, Vera Cruz e Marília. Meus pais casaram-se em São Paulo, onde nasci. Tive uma infância muito tranqüila, na época em que eu nasci São Paulo era uma cidade ainda muito tranqüila...

Meus pais não tiveram oportunidade de estudar por muito tempo, ambos concluíram a 4ª série do Grupo Escolar, ele em Casa Branca, ela na cidade de Marília. Não havia muitas possibilidades para estudar naquela época....

Meu pai era barbeiro, ele começou trabalhando como profissional de barbearia e quando eu nasci ele já era proprietário de um salão de barbeiros no bairro do Belém, em São Paulo. Eu nasci no Brás, sou uma italianinha do Brás....o Brás, naquela época era um bairro muito tranqüilo. Tenho dois irmãos: Dalton Boldrini e Darley Boldrini.

Perto da nossa casa não havia um Grupo Escolar Estadual, São Paulo ainda não possuía a grande Rede Oficial de Ensino que tem hoje. Então, eu estudei numa pequenina Escola Particular chamada Paulo Setúbal. Lá eu fiz da primeira à quarta série. Eu sempre gostei de Matemática e meus professores da época me estimulavam muito...

Pequenina ainda, com dez para onze anos, eu fui para Grupo Escolar Roca Dordal, que ficava no bairro do Brás... eu precisava pegar uma condução para ir ao Grupo Escolar, o grupo ficava longe da minha casa. Lá conclui a quinta série.... Eu me lembro que professora Judith Miranda tinha vontade de puxar os cabelos porque eu tinha muitos erros de Português...eles eram muitos... eu tinha muitas dificuldades no Português mas, em compensação uma grande facilidade para os cálculos

matemáticos. Desde aquela época essa matéria já chamava a minha atenção.

O EXAME DE ADMISSÃO

Terminei a quinta série como a primeira aluna da turma e fui enfrentar a tão difícil prova do Exame de Admissão, isso em São Paulo. Nessa época estavam sendo abertos os primeiros Ginásios Estaduais, todos funcionavam à noite. E eu, uma garota para completar doze anos, fiz o Exame de Admissão, fui aprovada na primeira turma (seleção). Entretanto, como os aprovados eram em número maior do que o número de vagas existentes, precisei passar por uma segunda seleção...mas, fui aprovada e comecei a estudar no Ginásio Estadual Professor Ascendino Reis, no bairro do Tatuapé. No mesmo prédio funcionavam duas escolas: no período diurno o Grupo Escolar Visconde de Congonhas do Campo, no noturno o Ginásio Estadual. Lá eu fiz o antigo Ginásio e tive a oportunidade de ter como professora de Matemática, a professora Graciosa Comaschi, uma mulher extraordinária, que sempre me encorajou, que admirava a minha facilidade e me estimulava para que eu fizesse um Curso de Matemática.

O CIENTÍFICO E A BUSCA DA PROFISSIONALIZAÇÃO

Mas eu não me interessei por isso. Na época, fiz até o segundo Científico, nessa mesma escola. Como eu já estava namorando, a minha mãe dizia: “o que você vai ser? O científico não te dá um diploma...”. Assim, por influência da minha família, eu resolvi fazer o Curso Normal. Naquela época, uma moça que fazia o Curso Normal era uma honra para qualquer família, especialmente para uma família de descendentes estrangeiros que não tiveram oportunidades para estudar.

Fui, então enfrentar novamente um vestibular, agora para ser aluna do Instituto Feminino de Educação Padre Anchieta, uma tradicional Escola Normal do bairro do Brás, a segunda em importância no Estado de São Paulo, a primeira era a Caetano de Campos, a segunda o Instituto Feminino de Educação Padre Anchieta. Lá eu tive professores excelentes... o Professor Osvaldo Sangiorgi, foi meu professor de Matemática no Curso de Magistério.

Eu também me lembro do professor Salim Sedé, um ótimo professor de Sociologia e dos professores Marcelino

Casagrande, do Doutor Henrique Grechi, do Sérgio Corrêa e da Mercedes Aparecida Fabri. É complicado lembrar o nome de todos, mas era um corpo docente muito interessante... foi uma experiência de vida maravilhosa.

O professor Osvaldo Sangiorgi estava sempre muito ocupado com seus livros didáticos, participando de Congressos e sempre tirava licenças, se afastava... nós tínhamos um professor que era o seu substituto, o professor Álvaro de Seixas.

Fizemos um curso de Magistério muito bom... eu o considero um curso de excelente preparação na área da Psicologia, da Sociologia, da Metodologia...o professor Benjamin Fronterotta, nosso professor de Desenho, nos habilitava a fazer gravuras e desenhos na lousa, para que pudéssemos trabalhar com as crianças. Terminei o Curso Normal e fiz mais um ano de Curso de Aperfeiçoamento do Normal.

A EXPERIÊNCIA COMO ALFABETIZADORA

E, para minha alegria, quando terminei este curso e me inscrevi como candidata a professora alfabetizadora, por uma coincidência muito interessante, fui admitida como professora primária substituta, no mesmo Grupo Escolar onde eu fiz o Ginásio: o Grupo Escolar Visconde de Congonhas do Campo. E lá, eu trabalhei um ano como substituta efetiva, alfabetizando crianças.

Ainda me lembro das minhas dificuldades com uma primeira série... isto foi há muito tempo mas, foi uma coisa muito importante para mim.

A SUPERAÇÃO DAS DIFICULDADES COM A LINGUAGEM

Tive um professor de Português, também extraordinário, o professor José Lazzarini, que tentou minimizar a quantidade de erros que eu tinha em Português. Ele me estimulou a ler. Com ele desenvolvi o gosto pela leitura. Li toda a coleção de Machado de Assis, José de Alencar... todos os livros famosos da época. Ele foi meu professor no Magistério e no Curso Ginásial. No Curso Normal ele dava temas de redação muito avançados para a época. Nunca esqueço de dois temas: "Batom na ponta de um cigarro: fim de um ideal", sobre o qual nós, jovens normalistas, tínhamos que filosofar... era um tema complicado para a nossa cabeça....Um outro tema também muito interessante: "Azeite, vinho e amigo: o mais antigo". Nunca mais

me esqueci.... Ele dizia: “Menina, você tem que ler, você tem que ler para ter boas idéias, para organizar o seu pensamento”. E com isso eu lia... lia muito. O início, então, foi assim... eu era a única filha mulher...tenho dois irmãos, dois homens. Eu era a única menina da casa.

Acho que a minha dificuldade de linguagem foi decorrência de falta de uma base, que é muito necessária nos primeiros anos escolares. Como eu já disse, cursei o Primário em uma Escola Particular próxima a minha casa. Era uma escola muito simples, com uma professora muito tradicional que tinha de cuidar de muitas crianças ao mesmo tempo, eu acredito que não fui bem alfabetizada. Mas, consegui superar essa deficiência, graças a esses outros professores que tive e que me estimularam.

O interessante é que embora eu seja professora de Matemática, sempre sou convidada a redigir, a falar, a discursar, a escrever... eu até costumo brincar: *eu sou professora de Matemática, não sou professora de Português*. Mas, normalmente nas reuniões de qualquer tipo – eu sou rotariana – no Rotary Club, nas Assembléias Distritais, nas Conferências Distritais, lá estou eu redigindo, fazendo atas, moções. Na minha igreja, eu sou Secretária da mesa diaconal, em todas partes... é incrível... mas, eu sempre estou redigindo alguma coisa. Entretanto, gosto muito mais de Matemática do que da Língua Portuguesa

A COLONIZAÇÃO DA NOVA ALTA PAULISTA – A FUNDAÇÃO DE OSWALDO CRUZ

Então, a minha infância foi assim, fui criada em São Paulo e saí de lá para vir morar em Osvaldo Cruz, em 1950. Osvaldo Cruz era nessa época uma cidade muito nova – ela foi fundada em 6 de junho de 1941 – com características muito próprias.

As terras que cercam a nossa cidade foram adquiridas por um suíço, o senhor Max Wirth, que as comprou do Governo do Estado de São Paulo em 1932. Entretanto, as matas que cobriam essas terras só começaram a ser derrubadas a partir de 1939, quando o senhor Max Wirth contratou uma equipe de lenhadeiros de Guararapes e Martinópolis, para fazerem as primeiras picadas em Osvaldo Cruz, que inicialmente recebeu o nome de Vila Califórnia.

Esse colonizador de Osvaldo Cruz, o senhor Max Wirth, era um suíço, com idéias totalmente diferentes das concepções

dos outros colonizadores, principalmente dos italianos e espanhóis. Do meu enfoque o que ele fez na época, nesta região, foi uma pequena reforma agrária, porque ele vendeu as terras de Osvaldo Cruz em pequenas porções, em pequenos lotes e quem adquiriu essas terras eram ex-colonos da lavoura de café, vindos de Campinas, de Ribeirão Preto e da região do Vale do Paraíba. Esses ex-colonos compraram essas pequenas propriedades com o fruto do seu trabalho como cafeicultores. Eles eram empregados, colonos de antigas fazendas de café, cujos proprietários eram paulistas famosos. Foi trabalhando para esses fazendeiros que conseguiram o dinheirinho com o qual compraram suas terras em Osvaldo Cruz.

Na nossa cidade, temos então desde essa época, pequenos latifúndios (propriedades), que inicialmente dedicaram-se às lavouras de café.

O PRIMEIRO CONTATO COM A NOVA ALTA PAULISTA

Uma das irmãs da minha mãe, Laura Moreno Ruiz, morava aqui em Osvaldo Cruz. O marido dela era funcionário da Mercantil Beneficiadora de café Max Wirt, de propriedade do fundador da cidade. O gerente geral dessa firma – e chefe de meu tio – era o senhor Ernest Molliet.

Quando eu tinha oito anos de idade vim para Oswaldo Cruz, pela primeira vez, passar umas férias, porque a minha mãe estava doente e precisava se distrair.

Achei a cidade extraordinariamente interessante. A cada quarteirão que andávamos precisávamos tirar os sapatos para tirar o areão, porque as ruas eram “de terra”... areão, as casas eram de madeira, os cavalos ficavam amarrados na frente das casas. E eu, paulistana acostumada com São Paulo, com toda a evolução de São Paulo, achava aquilo semelhante os filmes de faroeste. Fiquei fascinada! Passei aqui quinze dias, naquela ocasião.

A COMPANIA DE ESTRADAS DE FERRO PAULISTA

Tive a oportunidade de vir com o famoso trem da Paulista, no Pullman, um carro muito especial que o trem possuía, com gabinetes especiais, com cadeiras giratórias, todas forradas de veludo azul, das quais nunca esqueço, foi uma viagem extraordinária! Fazia pouco tempo que o trem havia chegado a Oswaldo Cruz, a Estrada de Ferro chegou aqui por volta de

1948. Tenho várias fotos dessa época, porque o meu sogro o senhor Ernesto Molliet foi um dos fundadores de Osvaldo Cruz. Ele também era suíço e veio quando a cidade ainda estava começando, para ajudar esse grupo de suíços que estava colonizando a região.

Bom, passei umas férias de quinze dias e fui embora com uma lembrança muito boa de Osvaldo Cruz. Retornei em 1956, seis anos depois, já com catorze anos, para uma outra estadia de férias e conheci o meu atual marido, Reinaldo Ueli Molliet filho do senhor Ernesto Molliet. Começamos a namorar. Era um namoro de juventude... de crianças. Namoramos durante oito anos. Me casei em 1964 e fomos para o Estado do Paraná e depois viemos para cá. Desde então estou nesta região.

O PORTUGUÊS E O FRANCÊS EM ANDIRÁ

No Paraná tive uma experiência interessante.... Quando nos casamos fomos para Andirá, uma cidade do norte do Paraná. Lá havia uma escola estadual chamada Roquete Pinto. Um dia estou na minha pequena casa de Andirá – um lugar sujo, uma terra vermelha... um lugar assim que eu não gostava por causa da sujeira da terra – e bate na minha porta a diretora dessa escola me convidando para dar aulas. Eu lhe disse que não podia lecionar, que não havia cursado uma Faculdade, que tinha feito apenas o Curso Normal, mas ela insistia dizendo que como eu havia estudado em São Paulo, eu devia saber bastante... e que precisavam muito de um professor de Português para a oitava série... ela me deixou em uma situação terrível...aulas de Português? E por mais que eu justificasse dizendo que eu era professora primária, ela continuava insistindo e me pedindo: “Por favor, nós não temos ninguém na nossa cidade para dar aulas de Português para a oitava série”. E por incrível que pareça, lá fui eu ministrar aulas de Português para o que seria atualmente a oitava série. Nesse tempo a Educação no Estado do Paraná era tão rudimentar que a escola chamava-se Escola Normal de Grau Ginásial “Roquete Pinto”. Era um Ginásio onde as alunas recebiam algumas noções de Psicologia e de Didática e ao terminarem a oitava série saiam como professoras primárias... alfabetizadoras.

Eu fui para o Paraná porque o meu marido trabalhava para o grupo de suíços e eles tinham em Andirá uma indústria de óleos a Indústria de Óleos Andirá. Lá eu morei por dois anos e meio, quase três anos.

No primeiro ano, ministrei aulas de Português e de Francês. Eu falo francês razoavelmente... não fluentemente, razoavelmente.... No ano seguinte, a diretora insistiu para que eu continuasse dando aulas, mas eu lhe disse que lecionaria somente se as aulas fossem de Matemática e ministrei aulas de Matemática no ano seguinte. Aí me realizei, porque estava realmente trabalhando com a disciplina que eu mais gostava.

UMA GRANDE PERDA; A OPÇÃO PELA MATEMÁTICA

Depois voltamos para a Paulista (Nova Alta Paulista). Meu marido veio para cá trabalhar com esse mesmo grupo de suíços. Morei inicialmente na cidade de Adamantina por uns dois anos.... Nessa época perdi o meu terceiro filho. Estava tão triste pela perda daquele filho... tenho dois filhos mais velhos... o meu bebezinho faleceu com três meses.... Para que eu me aliviasse da dor, me desviasse do sofrimento, eu fui estimulada pelo meu marido, pelos meus amigos e pelos meus familiares a fazer o curso de Matemática na Faculdade de Tupã. Isto foi em 1968... a FAFIT – Faculdade de Filosofia de Tupã – estava começando as suas atividades e lá fui eu fazer o vestibular, não acreditando que conseguiria ser aprovada porque estava afastada da escola há algum tempo, mas para a minha alegria eu fui aprovada.

Esta foi uma outra experiência muito interessante na minha vida. Nós éramos em mais de oitenta alunos na primeira turma. E dos oitenta apenas cinco eram mulheres. A maioria dos homens era formada de senhores de uma certa idade, grande parte já casados e das cinco mulheres eu era a única casada e a mais velha, as outras eram jovens, recém saídas do Curso Científico ou do Clássico... a maioria do Curso Científico.

E lá em Tupã eu tive o privilégio de ser aluna do professor Thiago (Thiago A. S. Leandro) do professor Taikichi (Taikichi Sugiyama), do professor Manoel (Manoel Leonel Paiva), da professora Dalva (Dalva Fukushima), que foram pessoas maravilhosas.

Eu fiquei assustadíssima quando assisti à primeira aula de Álgebra do professor Taikichi. Era uma disciplina com toda aquela terminologia introduzida pela Teoria de Conjuntos, coisa que eu não conhecia...eu havia terminado o Curso Normal em 61 e isso não existia ainda no Brasil. Era uma coisa vinda do exterior. E quando eu vi o professor Taikichi com todos aqueles símbolos, com toda aquela terminologia tão formal, tão própria da Matemática, eu pensava: Nunca vou aprender isto na minha

vida! Mas aprendi, felizmente e foi muito interessante para a minha vida....

A CARREIRA NO MAGISTÉRIO E O PRECONCEITO

Quando eu estava já no segundo ano do Curso , pensei que devia iniciar o meu trabalho no magistério...queria dar aulas de Matemática. Em Adamantina... eu ainda morava em Adamantina... surgiram algumas aulas de substituição na escola Helen Keller e substitui por um mês a professora Claudete, uma professora famosa de Adamantina de uma didática muito apreciada pelos alunos. No ano seguinte, me inscrevi concorrendo novamente à atribuição de aulas. Não havia aulas de Matemática para atribuição, mas havia aulas de Física. O meu concorrente era um colega de Faculdade, Vitalino Pires, um jovem que nunca havia dado aulas, era um aluno brilhante, mas sem nenhuma experiência no Magistério, enquanto que eu já havia sido professora no Paraná e atuado como professora substituta, mas quando eu fiz a minha inscrição o Diretor pegou a minha ficha olhou bem para mim e disse: “Professora Denise, a senhora me desculpe, a sua qualificação é praticamente a mesma do seu colega, mas, mulher não serve para dar aula de Física, eu vou atribuir as aulas ao professor Vitalino Pires”. E eu fiquei sem as aulas, mas não desisti, em Osvaldo Cruz, me inscrevi para dar aulas no CENE “Benjamim Constant”, a escola mais tradicional da cidade. Quando o diretor da escola, professor Moacir Lordello – um ex-professor de Matemática... excelente professor de Matemática – recebeu a minha inscrição, juntamente com a de dois colegas meus – Zilo Magnani, um rapaz jovem da minha turma de Faculdade e o professor Valmir Finoti, um senhor casado, um pouquinho mais velho do que eu e que como o Zilo também nunca havia sido professor – , analisou as nossas inscrições e mais uma vez eu recebi a mesma resposta: “Professora Denise pelo seu currículo a senhora tem experiência no Paraná, experiência como professora primária, mas mulher não serve para dar aulas de Matemática, por isso as aulas vão ser do professor Valmir e do professor Zilo Magnani”. E novamente eu fiquei sem as aulas. Mais uma vez, não desisti e fui a Sagres – Sagres é um pequeno lugar, próximo ao nosso município de Osvaldo Cruz. É um lugar muito pobre – isso em 1969, lá a inscrição para as aulas ficava atrás da porta da sala do diretor. Os editais eram colocados em datas diferentes por cada escola, conforme a conveniência do diretor. Por acaso,

fiquei sabendo do edital de inscrição para as aulas de Sagres e fui me inscrever. Chegando lá, o diretor, um professor de Ciências, o Milton Zacano, me disse: “como a senhora soube que nós tínhamos inscrições”? *Fiquei sabendo!* E ele foi obrigado a me entregar o papel de inscrição, no qual coloquei a minha situação: que estava cursando Matemática, que já havia sido professora. Quem lecionava Matemática lá, era o professor Romão Sendão Garcia – um professor primário, normalista, muito competente, mas sem habilitação em Matemática – eu, cursando Matemática, ficava classificada na frente dele. O Diretor me perguntou: “Dona Denise a senhora tem carro”? *Tenho.* O diretor que era portador de uma deficiência física – tinha um problema na perna, uma perna mecânica – me fez a seguinte proposta: “se a senhora assumir as aulas, a senhora me traz?” *Pois não diretor, eu dirijo e posso trazer o senhor.* “Então as aulas são suas.” Foi assim que consegui ingressar no Magistério na nossa Região. Achavam que mulher não servia para dar aula de Matemática. Mas assim mesmo fiquei muito satisfeita e por dez anos eu fui professora na Escola de Sagres. Hoje essa Escola se chama Escola Estadual “Prefeito Valdomiro Sampaio de Souza”.

Por dez anos eu tentei voltar para a minha cidade, Osvaldo Cruz mas eu não conseguia, porque as aulas estavam todas com colegas meus de Faculdade... homens ou com pessoas de outros lugares. Foi uma experiência triste, frustrante: “mulher não sabe dar aulas de Matemática”. Mas isso não me abateu, eu tenho experiências muito boas e os meus alunos são testemunhas, de que... eu tenho a impressão que sei, pelo menos um pouquinho, dar aulas de Matemática.

Depois, por uma abertura de uma Lei, que não me recordo mais qual é, tive a condição... quero voltar um pouco mais no tempo. Osvaldo Cruz não tinha professor efetivo de Matemática, os professores de Matemática naquela ocasião, na década de 50, eram pessoas com capacidade, mas eram engenheiros, médicos... não havia ninguém com uma formação específica em Matemática. O professor mais famoso de Matemática, que lecionava até a oitava série era o professor Moacir Lordello, ele foi realmente um professor excelente, um autodidata mas, não era formado, um outro professor que lecionava Matemática era professor Romão Sendão Garcia, que tem o apelido de Tequinha, ele também era professor primário. Ambos adquiriram a Estabilidade Eles eram professores estáveis, não havia professores efetivos. No Colegial, Segundo Grau, havia um

professor japonês (de descendência japonesa), o Alfredo Iugue que era engenheiro. Ele ministrava aulas de Matemática e de Física. Todos os alunos tremiam, tinham pavor, porque ele era muito severo, muito bravo e a Matemática era um terror. Naquela ocasião, Osvaldo Cruz recebeu uma jovem, nascida em Osvaldo Cruz, Rosa Takeda, que era recém-formada no curso de Matemática de Presidente Prudente, se não me engano... não tenho mais certeza se era Unesp de Prudente⁵⁹... bem, ela era recém-formada numa Faculdade Estadual e veio para Osvaldo Cruz e começou a ministrar aulas. Foi uma pessoa excelente no Magistério, foi ela quem abriu as portas para as mulheres... as mulheres passaram a ter maior aceitação como professoras de Matemática. Mas, ela ficou pouco tempo em Osvaldo Cruz e foi para uma outra cidade, se não me engano para São Paulo, não me lembro bem para onde ela foi.

Mas, professores efetivos nós não tínhamos. E por uma abertura da Lei eu consegui desistir de todas as minhas aulas em Sagres – onde lecionei por dez anos da quinta série ao terceiro Colegial, ministrando aulas de Matemática, Física e Desenho Geométrico – e concorrer às aulas de Osvaldo Cruz. Como o professor Moacir Lordelo, que era estável, havia se removido de uma escola para outra, eu consegui a minha transferência em 1978 para a Escola “Osvaldo Martins”. Naquele ano nós tivemos o Concurso no Estado de São Paulo⁶⁰, aliás, nós tivemos um Concurso anterior, em 75...76, com pouquíssimos aprovados, eu, inclusive, não fui aprovada e tive uma decepção muito grande. Mas em 78, eu meus ex-colegas de Faculdade Valmir Finoti, Wilson Pigossi, Zilo Magnani resolvemos estudar juntos para o concurso. Nem todos continuaram, perseveramos mesmo Valmir Finoti e eu. Fomos os únicos aprovados naquele Concurso, aqui na nossa cidade. E tínhamos a nossa disposição para escolher, Escolas Estaduais de Osvaldo Cruz até a barranca do rio (rio Paraná, limite da Nova Alta Paulista e divisa entre o Estado de São Paulo e o Estado do

⁵⁹ A UNESP surgiu em 1976 com a reunião de Institutos Isolados de Ensino Superior do Estado de São Paulo: as seis FFCL-IIES (Faculdades de Filosofia Ciências e Letras – Institutos Isolados do Ensino Superior), a saber, São José do Rio Preto, Assis, Araraquara, Rio Claro, Marília e Presidente Prudente. A FFCL-IIES de Presidente Prudente foi criada em 1959, já com o curso de Pedagogia. O Curso de Matemática de Presidente Prudente começa a funcionar em 1963. Apenas uma faculdade não-estadual existia, à época, em Presidente Prudente: a Faculdade de Direito da Alta Sorocabana, fundada em 1961 (confira VAIDERGORN, 2003).

⁶⁰ Concurso de Provimento de Cargo de Professor III, realizado pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo.

Mato Grosso do Sul). A maioria das escolas tinha cargos vagos, não ocupados por professores efetivos. Então eu escolhi a escola “Osvaldo Martins”, onde me efetivei como professora de Matemática, em 1978. E lá continuei....

A LICENCIATURA

Bom, como eu disse anteriormente, nós formamos a primeira turma da FAFIT – Faculdade de Filosofia de Tupã. Os meus professores eram os professores da cidade de Tupã. Os livros eram poucos, nós não tínhamos muitos livros didáticos... tínhamos as informações que os professores traziam e alguns livros que eles recomendavam, a maioria deles já traduzidos para o Português, mesmo porque, acredito que aquele grupo de alunos não tinha ainda muitas experiências com outras línguas. O domínio de outra língua, nesta região, era muito raro naquela época. Então, nós usávamos livros comuns, em Português. Lembro-me bem que era uma época da inovação, da introdução da famosa Teoria de Conjuntos, com o Grupo Bourbaki. Nós vimos muito os livros do Benedito Castrucci... os do Professor Osvaldo Sangiorgi eram muito citados. Para ser bem sincera, eu não me lembro muito bem quais eram os livros mais usados.

Eu quero dizer também que para mim foi um Curso um pouco complicado, principalmente... as aulas de Cálculo, as aulas de Cálculo eram ministradas pelo professor Thiago⁶¹ (Thiago A.S. Leandro) um professor muito exigente... a maioria das pessoas tirava zero ou tirava dez, na sua disciplina. Lembro-me muito bem, que em uma prova de Cálculo Diferencial e Integral tirei um zero e fiquei para recuperação, foi uma decepção muito grande para mim, mas, depois “rachei” de estudar – tínhamos um grupo de estudos – e consegui tirar dez, isso logo em seguida. O professor Thiago deve se lembrar bem de mim... ele ainda se lembra de mim.

A Metodologia usada pelos professores era ainda Metodologia toda voltada para o ensino da Matemática tradicional. Uma Matemática muito técnica, muito formal...uma Metodologia muito tradicional. Não havia muita diferença daquilo que eu havia visto no Curso Normal, dos livros que eu conhecia... a Metodologia era praticamente a mesma. Eu não percebia muitas reformulações, a não ser a Teoria de Conjuntos, que era uma coisa nova para mim. Os demais conteúdos eram

⁶¹ Um outro depoente neste trabalho e fundador da FAFIT.

praticamente a mesma coisa que eu estudara no Curso Científico. Eu não via muita diferença...A minha formação foi assim...

Mas eu tive um grande privilégio. Trabalhando em Osvaldo Cruz, sempre participei das Olimpíadas de Matemática. Em todas as escolas em que eu ministrava aulas, eu sempre inscrevia meus alunos para participarem dessas Olimpíadas, eu gostava.... Eu também assinava a Revista do Professor de Matemática – eu tenho todas, desde o número um – e sempre mantinha contato com o professor Shigueo Watanabe⁶² e com a professora Renate Watanabe⁶³... sempre fui apaixonada por esses eventos e consegui muitas vezes levar alunos do Ginásio Estadual de Osvaldo Cruz para competir em São Paulo. Tive alunas que conseguiram se colocar em quinto lugar no Estado, o que foi uma honra, uma glória para mim. E talvez por esse meu interesse pela metodologia – sempre tive curiosidade e interesse pela pesquisa de maneiras diferentes de ensinar, pelo uso de recursos não convencionais – fui convidada pela Delegacia de Ensino de Osvaldo Cruz, que era recém-criada, para fazer parte da Equipe de Monitores do Ensino. Antes disso eu havia sido indicada, também pela Delegacia de Ensino, para participar da Primeira Pesquisa do Ensino de Matemática do Estado de São Paulo, no projeto Pesquisa e Avaliação, realizado pela professora Lídia Condé Lamparelli no ano de 1981. Assim, fui para a CENP – Coordenadoria de Estudos Normas Pedagógicas de São Paulo – onde conheci pessoas admiráveis e aprendi muito. Lá, eu vi quanto eu tinha que aprender! Fui orientada para aplicar essa pesquisa e a apliquei nas cidades de Osvaldo Cruz e Pacaembu⁶⁴. O objetivo da pesquisa – era a primeira pesquisa científica aplicada para esse fim – era detectar como estava o ensino da Matemática no Estado de São Paulo que, aliás, dizia-se, uma lástima.

A LEI 5692/71; OS GUIAS CURRICULARES

⁶² Prof. Dr. Shigueo Watanabe, professor titular de Física na Universidade de São Paulo, nasceu em 4 de abril de 1924 em Araçatuba/SP e é bastante conhecido por seu envolvimento na organização das Olimpíadas de Matemática.

⁶³ Professora Renate Gompertz Watanabe

⁶⁴ Cidade da Nova Alta Paulista

Naquela época já se dizia isso. Com a Lei 5692, a famosa Lei de Diretrizes e Bases 5692, houve uma grande reformulação do ensino, com as mudanças propostas nos Guias Curriculares, o famoso Verdão, os professores tiveram que engolir a Teoria de Conjuntos sem entender do que se tratava, sem conhecer seu significado. Assim, tivemos um verdadeiro caos no ensino de Matemática para as primeiras séries. Naquela ocasião, também houve algumas mudanças na Metodologia e na avaliação dos alunos. Os alunos para serem promovidos da primeira para a segunda série passaram a ser avaliados somente em Língua Portuguesa, em Matemática não se avaliava mais. Com isso, muitos professores entenderam que não precisavam ensinar Matemática, bastava ensinar a Língua Portuguesa e se perdeu a possibilidade do desenvolvimento de raciocínio, os cálculos aritméticos foram deixados de lado... também se enfatizou muito a Teoria de Conjuntos, forçando o uso de uma simbologia... era uma coisa assim... muito fora do que realmente as crianças precisavam. Tanto professores quanto crianças estavam perdidos. A resolução de problemas ficou totalmente atrelada à Teoria dos Conjuntos, até mesmo os de resolução aritmética muito simples ficaram atrelados ao conhecimento da Teoria de Conjuntos. Foi realmente um caos para o Estado de São Paulo e os resultados começaram a aparecer, daí a necessidade dessa pesquisa. Eu participei da aplicação, da discussão dos resultados e tive o privilégio de participar também de uma proposta para a solução, para a melhoria desse quadro.

PROJETO ATIVIDADES MATEMÁTICAS⁶⁵

Foi então que a CENP iniciou o projeto *Atividades Matemáticas*, coordenado pela professora Lídia Condé Lamparaelli. Como monitora de Matemática, em 1983, comecei então a receber as orientações em São Paulo, a ser capacitada, a ser orientada. Lá, vi quantas coisas eu fazia, ao ensinar Matemática, que eram essencialmente técnicas, mecânicas e comecei a perceber a necessidade de um ensino baseado na compreensão, na descoberta de conceitos, na participação do aluno, ou seja, a necessidade de modificar a Metodologia. Isso

⁶⁵ *Atividades Matemáticas* é um conhecido material publicado pela SE/CENP, com um conjunto de sugestões para subsidiar a prática docente do professor do Ciclo Básico a 4ª séries.

me encantou de tal maneira que me debrucei sobre esse trabalho e tenho até hoje paixão por ele. E passei a capacitar, a trabalhar com professores primários. Quinzenalmente eu visitava todas as escolas para a implantação do Projeto Atividades Matemáticas. Osvaldo Cruz foi uma das Delegacias que mais se sobressaiu no Estado de São Paulo naquela época, com alto rendimento, porque os professores abraçaram, acreditaram no nosso trabalho e prosseguimos com os *Atividades Matemáticas* Um, Dois, Três e Quatro. Temos até várias atividades no *Atividades Matemáticas* Três e Quatro.... Nós testávamos as atividades aqui em Osvaldo Cruz, íamos a São Paulo, onde discutíamos a viabilidade ou não dessas atividades, as reformulações necessárias, para depois elaborar o material. Isto era apaixonante!

O RESULTADO DO PROJETO PESQUISA AVALIAÇÃO

O resultado da avaliação do Projeto Pesquisa Avaliação foi assustador. As provas foram aplicadas, no mês de novembro, para alunos que estavam terminando a segunda e a quarta séries do Ensino Fundamental. Nós percebemos, pelos resultados, que mais ou menos cinquenta por cento dos alunos sabiam adicionar, menos de trinta por cento sabiam multiplicar, a divisão e a subtração foram uma lástima!

A resolução de problemas nos deixou pasmas. Lembro-me que um dos problemas dizia o seguinte: uma dúzia de laranjas custa setenta cruzeiros – na época eram cruzeiros – quanto custará uma dúzia e meia? A professora da classe quando viu este problema dizia: “como podem colocar um problema desses para uma criança de segunda série? Setenta dividido por doze não é uma divisão exata, como que ele vai dividir por doze para multiplicar por dezoito, se não é uma divisão exata”? A professora não percebia que uma dúzia e meia seria setenta mais trinta e cinco.... O resultado do Projeto Pesquisa Avaliação foi fascinante nesse sentido. Pudemos perceber a necessidade de preparar o professor, de que ele tivesse uma formação mais cuidadosa, inclusive, na resolução de problemas.

A Geometria também foi uma lástima. O seu ensino estava totalmente deturpado... na época se resumia ao estudo das linhas curvas: simples, não-simples; fechadas, não-fechadas, dos triângulos, quadrados... se dizia: “isto é um círculo” e só.... Por que isto acontecia? Porque os próprios professores que ministravam as aulas de Geometria tinham pavor dela e tinham

esse pavor porque, na época em que estudaram a Geometria, ela era pavorosa. Era uma Geometria com uma linguagem essencialmente formal, distante, técnica, muito diferente da que vemos hoje, da que é sugerida na Proposta Curricular de Matemática... uma Geometria experimental, concreta, que parte de trabalhos realizados pelos próprios alunos, parte do próximo e vai para o remoto...e não uma Geometria formal que partia de conceitos que nem definição possuem como : Ponto, Reta e Plano.

O resultado do Projeto Pesquisa Avaliação fez com que a CENP – o órgão encarregado de tentar resolver este problema – rapidamente organizasse alguma estratégia que viesse salvar o ensino da Matemática. E surgiu então o Projeto *Atividades Matemáticas*. Trabalhei e continuo a trabalhar com ele. Até hoje eu sou convidada por várias cidades, eu fui monitora – depois fui também capacitadora na FDE (Fundação para o Desenvolvimento da Educação) – por três anos e ministrei vários cursos tentando modificar a metodologia de ensino da escola fundamental, de primeira à quarta série. Divulguei também o *Experiências Matemáticas*⁶⁶, outro material excelente, que infelizmente nossos professores desconhecem. Ainda são muitos os que não conhecem, que nunca viram este material que propõe uma Metodologia muito apropriada para os dias de hoje.

Eu já ministrei muitos cursos de capacitação. Estive em Barretos, Bebedouro, praticamente em toda a Alta Paulista, na Sorocabana visitei Venceslau, Presidente Prudente. Estive em Tupi Paulista... e, em todos esses lugares tenho divulgado esse projeto sugerindo, uma vez que impor é impossível, uma reformulação de Metodologia.

Temos tido avanços, mas são poucos, precisamos de muito mais... E essa é mais ou menos a minha história no ensino da Matemática. Sou apaixonada pelo ensino da Matemática. E tenho a felicidade, que a grande maioria – não posso dizer cem por cento, porque isso seria mentira – que grande parte dos meus alunos gosta das aulas de Matemática e dentro do

⁶⁶ *Experiências Matemáticas* — material com um conjunto de sugestões para subsidiar a prática docente do professor de Matemática de 5ª a 8ª séries, publicado pela SE/CENP.

possível eu tento interagir com eles, fazer com que participem, trabalhem, discutam, descubram ... gosto demais!

A AVALIAÇÃO

A nossa avaliação muitas vezes ainda se resume a uma mera prova escrita, formal, fria. Ela precisa ser revista. Nós precisamos aprender a valorizar a participação do aluno, o seu trabalho em sala de aula, suas descobertas, sua capacidade de observação.... O professor precisa lançar desafios, porque os alunos têm um potencial muito grande que muitas vezes nós aproveitamos. Então, embora a avaliação tenha avançado, ainda temos muito a fazer nesse sentido... eu mesma tenho que me policiar nesse aspecto, porque a nossa formação foi muito técnica, muito mecânica... *“é assim que se faz”, “porque??” “é assim”*... sem explicar os porquês, sem explicar por que se chegou às deduções.

A História da Matemática é pouco trabalhada. Quando o aluno sabe como o conteúdo abordado se desenvolveu para chegar até a atualidade, como foi a sua evolução, eles têm outro interesse. Então, uma introdução via História da Matemática é muito interessante para que ele entenda porque determinado conteúdo encontra-se da forma em que está. Isto é apaixonante, os alunos gostam, têm muito prazer com isso.

Eu tenho tido algumas experiências nesse sentido, ao ministrar alguns cursos para preparação para concursos, para adultos interessados em aprender Matemática. Eles ficam fascinados e dizem: “ah, então isso? É assim por causa disso? Nunca soube na minha vida! Se eu tivesse sabido disso antes talvez tivesse gostado mais de Matemática...”

OS LIVROS DIDÁTICOS

Na época em que fui professora no Município de Sagres, um lugar muito pobre, era impossível para os nossos alunos terem Livros Didáticos. Naquela ocasião nós seguíamos o famoso Verdão – os Guias Curriculares – eu não adotava livros didáticos, os nossos alunos não tinham condições para comprá-los. Eu colocava o conteúdo na lousa e os alunos copiavam. Eles trabalhavam, pesquisavam, mas isso era feito de uma maneira mais tradicional. Depois, quando o Governo começou a dar oportunidades que as escolas escolhessem Livros Didáticos, eu participava de reuniões com os professores e escolhia o que

eu considerava mais adequado para cada série. Quando eu fui trabalhar na CENP, em 1983, me afastei da sala de aula por um bom tempo. Foi quando descobri toda a beleza... tudo o que existia por trás da Metodologia da Matemática....Então, pude perceber como o Livro Didático é frio! Que muitas vezes trazem conceitos totalmente errados. E passamos então a aconselhar os professores para que tivessem um critério mais cuidadoso na escolha dos Livros Didático. Eu não tenho muita experiência na escolha do Livro Didático... houve um tempo em que meus alunos não poderiam adquirir-los, depois eu estava afastada e quando conheci o Projeto Atividades Matemáticas, eu aboli o Livro Didático e comecei a desenvolver atividades com os meus alunos de uma maneira diferente.

Hoje, eu sou professora de uma Escola Particular onde temos tudo já direcionado, em apostilas. Há cobranças da direção da Escola e dos pais dos alunos quanto ao desenvolvimento dos conteúdos. Eu sigo as apostilas, dentro daquilo que julgo ser viável, mas reformulo, modifico, introduzo e coloco muita coisa que a apostila não tem. Eu retiro atividades dos AMs, dos EMs, e de outro materiais e os introduzo em minhas aulas.

A SUA PRÁTICA COTIDIANA AO ENSINAR MATEMÁTICA; A UNESP DE RIO CLARO

Fiz vários cursos, até mesmo na Unesp de Rio Claro, com o professor Luis Roberto Dante, por quem sou apaixonada...ele é uma pessoa extraordinária! O Professor Geraldo Perez... trabalhamos juntos como monitores. Eu sou sócia fundadora da Sociedade Brasileira de Educação Matemática e tenho participado sempre que possível, das reuniões estaduais e nacionais. Também Participei de alguns ENEM(s): Encontros Nacionais de Educação Matemática e dos Encontros Paulistas de Educação Matemática. E com isso, trabalhei várias vezes com o Luiz Márcio Imenes, fiz com ele vários cursos da Geometria das Dobraduras... eu aproveito tudo isso até hoje, inclusive passo para os professores.... Uso as sugestões do professor Geraldo Perez, da Unesp de Rio Claro, a Metodologia da Resolução de Problemas do professor Luiz Roberto Dante... e tenho um fascínio pelo professor Ubiratan D'Ambrósio, que conheci na Unesp de Rio Claro, durante numa palestra. Foi ali que os meus olhos se abriram para a necessidade de uma reformulação metodológica. Assim como ele, a Beatriz

D'Ambrósio, sua filha, também é outra pessoa extraordinária. Quando a conheci, ela havia chegado dos Estados Unidos, onde havia terminado o seu doutorado. Fiquei encantada com ela.

Essas pessoas todas têm proporcionado para mim uma experiência muito boa e uma abertura de visão para ensino da Matemática.

A NECESSIDADE DE CAPACITAÇÃO

Bom, eu estou afastada do Ensino Oficial, há doze anos, mas o acompanho de perto, porque ainda continuo dando cursos de capacitação para professores, quando sou convidada. As intervenções do Estado no ensino, de uma maneira geral, têm sido catastróficas. Geralmente as decisões são impostas mas não são assimiladas, não são digeridas, não são incorporadas pelos professores, que muitas vezes são incapazes de executar todas as ordens que recebem, até mesmo por que estão totalmente despreparados.

Eu percebo, principalmente entre os professores do Ensino Fundamental, das séries iniciais, que eles se sentem despreparados. A formação deles foi muito carente. Entretanto, eles são abertos e receptivos para qualquer pessoa que venha ajudá-los. Eles querem ajuda, mas uma ajuda concreta, não através de imposição, de papéis, de normas, mas uma ajuda que esteja próxima a eles.

Osvaldo Cruz é um Pólo de Capacitação. Nós tivemos, se não me engano por dois anos, um trabalho desenvolvido nesse Pólo, que recebia professores, dirigentes de escolas, administradores, coordenadores para serem orientados. Mas, as orientações recebidas ficavam para essas pessoas. Normalmente essa pessoa voltava para a sua escola de origem e não passava – ou por falta de oportunidade, ou porque não tinha interesse – as orientações para os outros elementos da escola. É preciso que chegue ao professor realmente o que ele está precisando, o que ele quer. Ele quer ajuda, ele é receptivo, ele é franco ao dizer: “não sei explicar isso, não sei como falar para o meu aluno como resolver isso”. Então, falta muita informação. E em virtude disto as escolas do Estado estão perdendo muito... é verdade que nós precisamos de uma escola para todos....A Escola abriu as portas, ela precisa abrir realmente abrir as suas portas, mas embora ela tenha permitido a invasão de todos, ela não está dando conta de ensinar a todos. Eu

sinceramente não sei como fazer, mas alguma coisa precisa ser feita.

Quando vejo um professor com dificuldades em algum conceito, tendo dificuldades...fico pensando como ele poderá transmitir isso para seus alunos? É complicado...está muito difícil....

APANHAM-SE MAIS MOSCAS COM MEL QUE COM VINAGRE

Eu fui diretora de escola por dois anos. Jamais pensei em ser Diretora de Escola. Mas, em 1989 prestei o Concurso, passei e assumi a Direção de Escola em Pracinha⁶⁷, um município muito pobre.

O papel do diretor é fundamental, se ele estiver motivado, encorajado, ele pode não suprir todas as deficiências, mas ele pode minimizar os problemas dentro da sua própria Escola. Eu tive essa oportunidade. Eu consegui trabalhar com os meus professores, cativando-os. Aliás, eu penso que se *apanham mais moscas com mel do que com vinagre*. Então as pessoas precisam ser cativadas, para aderir a alguma coisa que você queira. É possível fazer algumas mudanças, algumas mudanças são possíveis... porque o Diretor também recebe ordens, ele é obrigado muitas vezes a executar coisas que ele não gostaria de fazer. Lembro-me, muito bem, que como diretora eu tive uma professora de quarta série... uma moça que não era efetiva, mas que era excelente professora de quarta série. Sua classe era super lotada, ela ministrava aulas para quarenta e dois alunos de quarta série...até hoje fico pasma, não sei como conseguia, eu não conseguiria.... Ela mantinha a disciplina, animava os alunos, fazia um trabalho maravilhoso..., mas ficou grávida e precisou tirar licença-gestante. Para nomear a sua substituta eu era obrigada a seguir uma escala organizada pela Delegacia de Ensino. E a pessoa que veio substituí-la era uma pessoa totalmente despreparada. Nesse caso o diretor não tem escolha, ele tem de aceitar uma pessoa despreparada e a classe virou um caos. Eu ficava muito aflita, principalmente pelas aulas de Matemática... eu via aquela pobre senhora que não tinha o preparo suficiente, fazendo barbaridades na sala de aula...e com muito jeito eu precisava chamá-la à parte e orientá-la. Foi muito difícil....Muitas vezes o diretor precisa engolir determinações, orientações e cumprir as ordens que lhe são dadas. Mas ao

⁶⁷ Município da Nova Alta Paulista

mesmo tempo, se ele tiver vontade ele pode modificar muitas coisas. Eu tenho um exemplo atual, aqui em Osvaldo Cruz.

O QUE SE PODE FAZER COMO DIRETOR

Em uma escola onde fui professora efetiva, a Escola Estadual Osvaldo Martins, temos como diretor o professor Sidney Aparecido Zenaro. Quando ele chegou à escola, se fazia oitenta, noventa, ocorrências policiais por mês. Eram problemas de agressão física, drogas... visitando a escola agora, dois anos depois, você não reconhece a escola, a escola é outra. A escola está limpa, bonita e organizada....Hoje ele diz que quando tem oito ocorrências bimestrais é muito. Eu... fico admirada de ver esse trabalho, eu tenho acompanhado o trabalho desse diretor, porque o Rotary Club desenvolve um Projeto – que não tem ligação com o Ensino Oficial – de Prevenção de Gravidez na Adolescência nessa escola. Como o índice de jovens grávidas aos doze, treze, catorze anos era uma coisa assustadora, nós começamos a fazer esse trabalho de prevenção, de orientação, para prevenir a gravidez na adolescência. Essa escola era suja, riscada, com tudo quebrado, carteiras quebradas...hoje, você não reconhece a escola. Esse diretor conseguiu uma coisa admirável... não sei como, mas ele conseguiu, quem sabe ele poderia até ajudar outras pessoas?

É maravilhoso... eu saio de lá radiante por ver a recuperação, temos que acreditar que pode haver recuperação, para isto, precisamos focar o humano e não o material, nas coisas. O que aconteceu foi uma restauração da dignidade do ser humano. Isto foi feito com carinho, o amor que esses alunos recebem lá, resgatou as possibilidades que eles têm.

No pátio da escola há sofás, mesinhas, todos os jornais e as revistas Época, Veja, à disposição, para que alunos leiam e façam pesquisa. Esses sofás eram da sala do Diretor, que era muito linda, os sofás eram lindos, havia tapetes e ele tirou tudo de sua sala e colocou no pátio para criar uma sala de leitura para os alunos. E você vê os alunos pesquisando, lendo...é uma coisa assustadora nos dias de hoje.... Eu fico muito feliz em ver isso!

O SALÁRIO

Quando eu comecei a lecionar, isso por volta de 1960, eu ganhava muito bem. Lembro-me de colegas professores que

foram aprovados no Concurso do Banco do Brasil e desistiram para ser professores, o professor ganhava mais do que um funcionário do Banco do Brasil. Mas, com o tempo o nosso salário foi caindo bastante... aí eles se arrependeram, mas era tarde....

Realmente, o nosso salário não é compensador. Entretanto isto não acontece apenas no Ensino Oficial. O trabalho do professor também não é valorizado nas Escolas Particulares. Ele acostumou a exigir do Governo, melhores salários, mas quando está na Escola Particular se sujeita a um salário um pouquinho acima daquele que o Estado paga e não exige tanto, porque se ele abrir a boca, é mandado embora.

Infelizmente, nós ganhamos pouco. Mas, como eu sou apaixonada pelo meu trabalho – eu reconheço que eu ganho pouco – quando estou na sala de aula eu me esqueço que ganho pouco, nem me lembro do meu salário....Isto está em mim... mas nós ganhamos pouco, realmente.

OSWALDO CRUZ E A NOVA ALTA PAULISTA

Como já disse, a gleba de terra, onde está localizada a cidade de Osvaldo Cruz foi adquirida pelo senhor Max Wirth que a loteou em pequenos sítios. Para cá vieram ex-colonos de Campinas, Ribeirão Preto. A maior parte deles era de descendência italiana e espanhola, havia também muitos japoneses. Em Osvaldo Cruz a colônia japonesa é muito grande. Os suíços são pouquíssimos... o fundador é suíço, sua família, seus descendentes ainda moram na região, mas são poucos... predominam os italianos, espanhóis e japoneses... temos alguns árabes também.

A monocultura do café predominou durante muitos anos... até o final da década de setenta. Depois a cafeicultura passou por sérios problemas e o café foi erradicado. Atualmente Osvaldo Cruz hoje tem uma economia muito sofrida, como todas as cidades da Alta Paulista. Aliás, atualmente nós somos chamados de Corredor da Fome e dos Presídios⁶⁸... porque os presídios estão concentrados na nossa região.

⁶⁸ Há, em funcionamento, cinco Penitenciárias instaladas nos Municípios de Dracena, Junqueirópolis, Lucélia, Pacaembu e Osvaldo Cruz e uma Penitenciária Compacta no Município de Pracinha. Todos esses municípios localizam-se na Região da Nova Alta Paulista.

Osvaldo Cruz, entretanto, tem tentado superar seus problemas econômicos por meio da lavoura canavieira – já temos muita cana em terras arrendadas – e da pecuária. Temos também culturas de algumas frutas: como maracujá e uva. Temos ainda seringais. A Cooperativa de Parapuã⁶⁹ recebe a produção dos seringais e a beneficia transformando-a em borracha. Temos algumas indústrias que estão começando a se desenvolver...a Trinys Só Dança (Indústria e Comercio Ltda), exporta roupas para balé e ginástica para a Europa, Estados Unidos e Canadá, a Indústria de Móveis Lino Forte é um poderio econômico na cidade, a Granol é uma indústria de óleo, que traz recursos consideráveis para a cidade. Temos algumas cooperativas de costura e muita economia informal. Há muitas pessoas fazendo “biquinhos”, trabalhando informalmente. Entretanto, nós temos, como toda região, dificuldades econômicas... a renda caiu muito e temos sentido muito com isso. O poder aquisitivo do nosso povo é pequeno.

Nossa cidade tem uma característica muito interessante... ela é muito receptiva. As pessoas que vêm de fora são recebidas de uma maneira muito bonita. Essas pessoas logo estão integradas.

Quando eu cheguei aqui tínhamos um cinema, que infelizmente foi derrubado...nem cinema temos mais. Temos Associações de Japoneses, a colônia japonesa tem uma associação que permanece até hoje. Tínhamos uma Biblioteca Municipal razoável, que foi instalada depois que cheguei. Tínhamos a Biblioteca do CENE “Benjamim Constant” que era uma biblioteca riquíssima, com um grande número de volumes... a Biblioteca Municipal. Temos também, a Sociedade de Cultura, que se empenha em fazer um trabalho cultural, temos um grupo teatral... isso atualmente, mas quando cheguei o que predominava era a sociedade de japoneses. Eles desenvolviam atividades japonesas tradicionais, que continuam até hoje e movimentam toda a cidade.

As lojas naquela época eram pequenas, eram antigos armazéns, as pequenas quitandas....Esses armazéns eram interessantes porque vendiam praticamente de tudo, neles você tinha desde a parte alimentícia, até botões e linhas. Era muito interessante...mas eles foram diminuindo. Havia algumas lojas de confecções também.... hoje tudo está mudando... temos os

⁶⁹ Município de Parapuã.

supermercados, que não são muitos...mas já temos alguns supermercados e temos muitas lojas de móveis, de confecções.

A TRAJETÓRIA DOS ALUNOS CONCLUINTES

O Interessante é que nessa época as Escolas Estaduais eram tão boas que muitos alunos que terminavam o Ensino Médio prestavam vestibular em Universidades Estaduais e Federais e passavam... passavam nessas Universidades. Outros, devido à dificuldade financeira, permaneciam na cidade sem formação universitária...a maioria continuava na cidade... os filhos das pessoas que tinham melhores condições iam estudar na cidade grande, não permaneciam em Osvaldo Cruz. Meu marido, por exemplo, terminou o Segundo Grau e foi fazer Faculdade em São Paulo, assim como outros, cujas famílias tinham condições de mantê-los fazendo um curso em outras cidades. Alguns voltavam para Osvaldo Cruz depois de formados, mas a grande maioria não retornava, fica mesmo nas grandes cidades. Poucos retornavam para aplicar na cidade aquilo que eles tinham aprendido...quando cursavam uma Faculdade, uma Universidade eles ficavam nos grandes centros. Não retornavam. Meus filhos são exemplo disso.

A PARTICIPAÇÃO POLÍTICA

Eu sou sócia da APEOESP, do CPP, da UDEMO, entidades ligadas à Educação, mas nunca me filiei a outros Sindicatos. Como sou rotariana participo de outras Associações, por meio do Rotary Club.

A VIDA FAMILIAR

Eu gostaria de dar um depoimento familiar. Naquela época, quando eu terminei o grupo escolar, o meu pai achava que mulher não precisava estudar. Ele dizia: “mulher sabendo ler e escrever é o suficiente”, e eu só fui para o Ginásio por insistência da minha mãe que tinha uma visão diferente. Assim, fiz o Ginásio, dois anos do Científico, o Magistério e me casei. Mas, eu me casei com um homem de uma cabeça muito aberta e quando eu fui fazer a Faculdade – já casada, mãe, lecionando – eu tive todo o apoio e o incentivo do meu marido. Ele nunca me impediu de participar de Congressos de Seminários, nunca me cerceou, nunca me barrou, pelo contrário, sempre me estimulou

para avançar. Eu devo muito do que eu sou hoje ao caráter dele, porque normalmente os homens querem a mulher trancada em casa, bonitinha, esperando por eles. O meu marido nunca foi uma pessoa assim, graças a Deus, nestes quarenta anos em que somos casados ele sempre me estimulou, me apoiou e confiou em mim.

O meu filho mais velho fez Economia na UEL⁷⁰, mas antes de fazer Economia, até se encontrar... ele esteve no Mackenzie fazendo Engenharia Civil por algum tempo. O meu outro filho fez Agronomia na também na UEL, é Engenheiro Agrônomo. Os dois estão fora. O mais velho é supervisor de utilidades da *Food Town*,⁷¹ cidade da alimentação do McDonald's, lá no quilômetro dezoito da Anhanguera, ele supervisiona o funcionamento de todos os maquinários do McDonald's. O meu outro filho, o agrônomo, é proprietário de uma firma produtora de estufas a *Green House* no município de Holambra. Ele mora em Artur Nogueira. Eu tenho muita alegria por ele ser um grande empreendedor. Ele participa do Projeto Rosas do Ceará⁷², foi ele quem construiu as estufas para esse projeto do governo do Ceará, cuja finalidade é exportar rosas para Estados Unidos e Europa. Atualmente ele está construindo setenta e oito mil metros quadrados de estufas no Ceará.

Uma coisa muito interessante é que o mais velho tem fascínio pela Matemática, pelas Ciências Exatas... ele gosta demais. O mais novo, o agrônomo sempre gostou, mas não era uma grande paixão.... [risos]. Esta é a minha parte familiar... tenho um marido maravilhoso que me apóia em tudo o que eu preciso fazer.

Agradeço a oportunidade de participar de sua pesquisa. Foi muito bom.

⁷⁰ Universidade Estadual de Londrina, Estado do Paraná.

⁷¹ A *Food Town* – ou "Cidade do Alimento" – é um complexo de produção e distribuição de produtos McDonald's.

⁷² O Projeto Rosas do Ceará é implementado pelo governo do Estado através da Secretaria da Agricultura Irrigada e visa à exportação de rosas.

O quinto depoente que apresentamos é o professor Edson Fávero, que nasceu na região da Nova Alta Paulista, onde se situa toda a sua trajetória escolar e profissional. Licenciou-se em Matemática pela Faculdade de Filosofia “Min. Tarso Dutra” de Dracena no ano de 1972. O professor Edson Fávero foi entrevistado na Escola Estadual de Primeiro e Segundo Grau “Profª Julieta Guedes de Mendonça”, de Dracena, da qual ele é diretor.

Professor Edson Fávero
Depoimento coletado em 4 de julho de 2003
Tempo de gravação 1h 34m 12s

A INFÂNCIA E INÍCIO DA ESCOLARIDADE

Eu nasci num lugar chamado São José do Guaraciaba, município de Tupi Paulista, na fazenda herdada dos meus avós. Eu tive uma infância igual a de outras crianças. Até os 12 anos morei na fazenda e convivia com crianças da minha idade, freqüentei a escola local que chamava “São José do Guaraciaba do Oeste”.

O meu pai era lavrador. O pai... eles vieram para cá para trabalhar com lavoura de café, mas o meu pai tinha outros “requisitos”. Quando folgava o trabalho na lavoura, ele fazia outros serviços... ele era um carpinteiro de boa qualidade. Eu nasci nesse lugar e fiquei... morei lá até os 12 anos. Quando eu fui fazer a quinta série nós mudamos para Dracena.

A minha infância foi tranqüila, dela guardo muitas lembranças... eu vivia na roça, convivia com outras crianças da minha idade... era uma convivência gostosa, minha infância foi na lavoura, na roça mesmo, eu passava a maior parte do tempo fazendo o que toda criança de roça faz, caçando com estilingue, brincando com bola... e outras brincadeiras que a gente fazia na época. Isso, até a idade de começar a fazer o antigo Ginásio. A partir daí, o meu dia ficou, praticamente, todo ocupado, eu saía de casa às nove horas e só retornava por volta das dezenove. A escola passou a ocupar, praticamente, todo o meu tempo. Restavam os finais de semana mas sempre tinha que fazer tarefas, ler alguma coisa... foi mais ou menos assim minha infância.

AS DIFICULDADES PARA O ACESSO AO CURSO GINASIAL – O EXAME DE ADMISSÃO

Na nossa época, tinha o chamado Exame de Admissão, que fazia uma seleção... era um vestibular, que você fazia para passar da antiga quarta série para a quinta série. Era um absurdo! Porque você acabava perdendo um ano da sua vida, aí com esse ...esse chamado Admissão. A gente fazia esse exame, porque o número de vagas nas quintas séries das escolas era limitado. Eu me lembro que da minha turma, dos que terminaram a antiga quarta série comigo, só três deram sequência aos seus estudos, os outros foram barrados no tal Exame de Admissão!

O Estado não oferecia nada. Os cursos que preparavam para o exame eram particulares. Eu freqüentei esse curso em Dracena, por cerca de nove meses e ao final do ano fizemos o exame. Como o Estado não oferecia cursos, quem tinha condição de pagar, bem, e quem não tinha, parava por ali mesmo, encerrava sua carreira escolar.

Tínhamos duas professoras, a de Matemática, Dona Birta e a de Português, Dona Cecília. A Dona Birta era brava como uma cascavel. Eu não sei muito bem... acredito que elas tinham o antigo Normal, o curso de formação dos professores para trabalhar até a quarta série.

O curso era pago... era pago. Eu e minha irmã fazíamos o curso. Como nós morávamos no sítio, saíamos de casa por volta das nove horas, eu andava – era uma vida sacrificada – porque eu andava três quilômetros a cavalo, deixávamos os cavalos numa fazenda vizinha, andávamos mais um quilômetro a pé, tomávamos o ônibus e vínhamos para Dracena. O curso começava por volta de uma hora (treze horas) e terminava às dezessete. Aí retornávamos, fazendo tudo isso novamente, no caminho de volta para casa.

Senti uma grande diferença quando comecei a primeira série. A convivência era outra, porque todos aqueles colegas que você tinha lá na quarta série não estavam mais na quinta, então era tudo novo, gente nova. Você vinha de uma escola, onde só um professor lecionava para você até a quarta série... eu me lembro muito bem dele, ele se chamava Seu Geraldo, era da região de Franca. Quando terminamos a quarta série e fomos para a primeira série – era assim que se chamava, terminava o quarto ano e ia para primeira série, o termo certo era esse – já no primeiro dia, você recebia a visita de quatro, cinco, seis, sete,

oito professores. Até você se localizar, se adaptar, demorava. Era uma situação totalmente diferente daquela vivenciada no passado.

A CHEGADA DA FAMÍLIA À NOVA ALTA PAULISTA; O CAFÉ

A minha família é oriunda de Jaboticabal, meu pai era de Jaboticabal. Quando eles vieram para cá, eles vieram influenciados pela qualidade das terras da região e também pelo seu preço, na época as terras tinham um preço bem

Papai veio para cá em 1945. Quando nasci, em 1948, a região já tinha alguns pequenos povoados, mas segundo meus pais, quando eles vieram, não existia estrada, não existia nada... os transportes eram todos feitos com animais, com carroças e animais. Eles contam que a sua viagem para cá demorou uma semana. Eles vieram influenciados por famílias conhecidas – da mesma região em que moravam – que haviam mudado anteriormente para cá, pensando na lavoura do café. Foi assim que surgiram os primeiros povoados nesta região. Muitos deles já desapareceram, não existem mais. Restaram alguns...outros, na medida em que foi desaparecendo a lavoura do café, desapareceram também.

Quando a minha família chegou aqui só havia mato, mata virgem mesmo. Eles foram derrubando essas matas. No começo eles plantaram lavouras para subsistência: arroz, feijão, mas a intenção principal era plantar o café. Enquanto o café era pequeno... no meio do cafezal plantavam arroz, plantavam feijão, milho, mas só para a subsistência mesmo, a intenção principal era lavoura de café.

Havia poucas famílias na região. Nós não tínhamos vizinhos próximos, os vizinhos eram ... quando eu tinha três, quatro anos de idade... eu lembro de alguns vizinhos... nossos vizinhos eram bem distantes. Quando você precisava de alguma coisa, era difícil ... ainda que no local onde o meu pai morava morassem outros parentes dele, que vieram junto com ele para cá. Ali já tinha se formado uma pequena colônia com a minha família, com os meus parentes. Mas, as outras famílias, as que não eram nossos parentes, moravam bem distante... havia uma grande dificuldade... Nessa época, meu avô ainda era vivo ele era marceneiro, meu avô não trabalhava na lavoura, meu avô era marceneiro.

Meu avô era filho de italianos, meu bisavô nasceu na Itália. Naquela época ele já fazia ... interessante ... há fatos

curiosos...como não existiam na região fábricas de caixões, quando morria alguém, era meu avô quem fazia os caixões para enterrar as pessoas... havia muitas lendas sobre os defuntos. Eles costumavam ser transportados em lençóis até o local onde estava o caixão... havia histórias de assombrações...coisas típicas de regiões novas, que estão sendo abertas, que estão começando... meus pais contavam essas histórias...

O meu avô nunca trabalhou na lavoura, ele era... ele tinha um pouco de sangue nobre, não gostava muito de trabalhar em roça não.

A NOVA ALTA PAULISTA – OS NÚCLEOS INICIAIS

A propriedade era do meu avô. Eles vieram para cá por influência de uma outra pessoa que morava na região de onde eles vieram – que chegou a ser vice-prefeito de Tupi Paulista mais tarde e tinha vindo para cá um ou dois antes – e adquiriram terras logo que chegaram. Eram terras com documentos, tudo certinho, sem problema nenhum... não sei de quem eles adquiriram essas terras... não me lembro.

Aqui já existiam cidades... existiam lugarejos... um deles se chamava... ele já desapareceu também... chamava landara, tinha um outro que se chamava Virginia, este mais tarde mudou de nome e passou a se chamar Arabela. Quando eu comecei ter idade para sair com meu avô, íamos vender queijo nesses locais. A gente colocava as “saquetas” – naquela época os italianos chamavam “saquetas de queijo” – uma de cada lado do cavalo e íamos vender queijo em landara e Virginia. Um outro local era São José do Guaraciaba, onde estudei mais tarde. Todos eles se distanciavam três a quatro quilômetros, a cidade mais próxima, se é que podia chamar de cidade, era Tupi Paulista que ficava a vinte quilômetros da propriedade do meu pai.

O comércio, nesses locais era precário. A base do comércio eram as chamadas vendas... as antigas vendas. Ali você encontrava quase tudo o que você precisava para a subsistência. Também é interessante lembrar que, na época, as famílias da região costumavam trocar mercadorias. Eu me lembro muito bem disso. Se faltasse arroz na sua casa, mas sobrasse milho, você fazia com um vizinho, com um parente, uma troca do milho pelo arroz. Fazia-se troca dos produtos da “cultura de subsistência”. Cada um procurava auxiliar, ajudar, com aquilo que o outro precisasse.

A PRODUÇÃO DA REGIÃO

Além do café havia poucas plantações. Mais tarde começaram a aparecer lavouras de algodão, mas um pouco mais tarde. O algodão... a mamona também foi uma cultura da região. Também existiam algumas serrarias, isso é importante salientar, porque havia duas ou três serrarias na região. Elas apareceram com os descendentes de alemães. Eram os descendentes de alemães que tocavam essas serrarias, eles davam emprego para muita gente da região nessa época. Mas essas serrarias depois foram desaparecendo... De uma delas eu lembro muito bem, ela foi de um parente... ele era casado com uma tia, era um alemão chamado Henrique... ficava num lugarejo, numa fazenda próxima a nossa, não era na nossa vizinha, era próxima... chamava-se Brasília: Serraria da Brasília.

A PROPRIEDADE DO AVÔ

Quando eles (a família do avô) compraram as terras, era uma fazenda relativamente grande, mas depois foi feita a retalhação, foi distribuída... é aquele sistema de retalhar... Para onde o pai ia, levava com ele todos os filhos e à medida que eles iam se casando fazia-se a partilha da propriedade. O que restou para o meu pai, o que ficou com a gente... os outros foram vendendo a parte deles, alguns acabaram retornando para as suas regiões de origem... outros foram para região de Andradina, de Guaraçaí... alguns voltaram para região de Jaboticabal... eles falavam que a fazenda tinha em torno de oitocentos alqueires... falava-se muito em oitocentos alqueires, mas depois foi picando, porque eram doze irmãos.... Mas, a parte que ficou para o meu pai (que até acabou comprando uma pequena parte dos outros) foi de cento e vinte alqueires... italiano não fala em hectares, fala em alqueires....

O SURGIMENTO DAS ESTRADAS E O INÍCIO DO DESENVOLVIMENTO

Eu nasci em 1948, sou de julho de 1948. Comecei a sair, a frequentar os lugares com meu avô – que me levava para todo lugar em que ele ia – por volta de 1951, 52. Em 51, 52 já começaram a aparecer as primeiras estradas, já existia a linha de ônibus, que na época não se chamava ônibus, se chamava

jardineira. Essa jardineira passava, inclusive, na fazenda do meu avô. A sede da fazenda era local de pernoite das pessoas que viajavam nessa linha da jardineira. Eu lembro não só da jardineira e da sua linha, mas também das boiadas. Nessa época, as boiadas eram levadas pelas estradas, não existia o caminhão para transportar bois... a fazenda do meu avô era lugar de pernoite e isso me dava uma “audiência” muito grande, porque eu estava constantemente conversando com pessoas diferentes, de outras regiões, de lugares distantes que passavam por ali. Não eram só os boiadeiros não... muitos andarilhos também passavam pela região e acabavam se hospedando ali. Às vezes nem os conhecíamos direito, mas nunca tivemos nenhum problema.

Em todas as regiões próximas ao rio Paraná já havia fazendas abertas onde se criavam bois. Então as boiadas eram levadas da região de Paulicéia para Andradina e o caminho que faziam era aquele ali... Andradina, naquela época, já tinha um desenvolvimento maior, já era uma região mais desbravada. O gado que era levado de Paulicéia, de Santo Anastácio – Região da Sorocabana – passava pela Paulista e ia para a Noroeste. Os boiadeiros, então, pernoitavam no lugar onde nós morávamos, onde minha família morava.

O SURGIMENTO DAS ESCOLAS

Em 1954, 1955 surgiram as primeiras escolas na região. Os primeiros patrimônios foram crescendo, suas populações aumentaram e surgiram as primeiras escolas. Eu me lembro, inclusive, que duas das professoras que vieram de fora, de outras regiões para cá, moraram muito tempo na casa de meu avô. Quando mais fazendas foram abertas começaram a surgir mais escolas, começamos a ter mais vizinhos e começou a haver um progresso um pouco maior. As lavouras de café já estavam, nessa época, com seis, sete anos e começavam a produzir.

Isto foi mais ou menos em 1955. Surgiram muitos povoados e patrimônios. Mais tarde muitos deles acabaram sumindo, porque a lavoura de café foi dando espaço... isso, por volta dos anos setenta... às pastagens, à pecuária.

Entretanto, esta nunca foi uma região com grande progresso industrial, nunca foi uma região de indústrias, ela ficou presa à lavoura de café. Com a grande geada na década de 70 – uma geada muito forte que acabou com as lavouras de café – o

peçoal da zona rural, que vivia do café, ficou em situação difícilima.

Dessa época para cá, começaram a surgir as pastagens... de indústrias eu não lembro... em um lugar chamado Alto Panorama, uns alemães tentaram montar uma máquina de beneficiar café, que não saiu dos alicerces... havia uma escola agrícola também... que hoje está em ruínas, que nunca chegou a funcionar.

Em Dracena, houve a Anderson Clayton, uma outra que era do Matarazzo... não sei se a Anderson Clayton também era da Matarazzo....Elas se instalaram em Dracena com um poder muito grande, com grandes construções, prédios enormes... essas empresas surgiram com o desaparecimento da lavoura do café causado pelas geadas. Como os cafeicultores não tinham como sobreviver, acabaram fazendo opção por outro tipo de lavoura, o algodão. Foi aí que surgiram a Anderson Clayton, a Volkart e uma indústria do Matarazzo. Estas grandes indústrias apareceram não só em Dracena, mas também em Santo Anastácio – na Sorocabana – e em Andradina – na Noroeste – isso, nas décadas de setenta, oitenta. Depois vieram os frigoríficos para a região.

Essas firmas compravam o algodão e faziam o “descaroçamento”, tiravam a polpa do algodão separando-a da semente. Boa parte dessa semente retornava para os próprios agricultores, para o plantio. A polpa – a matéria prima – ia para os grandes centros...eu acredito que para São Paulo, para a confecção de tecidos.

AS DIFICULDADES PARA ESTUDAR, UM SONHO DESFEITO, A OPÇÃO PELA DE MATEMÁTICA E A EXPERIÊNCIA COMO PROFESSOR PRIMÁRIO

Quando eu cursava o primeiro grau, a quarta série do primeiro grau (curso ginasial), hoje oitava série... eu não fiz o curso Ginasial em Dracena, fiz em Panorama, um município a quarenta quilômetros daqui. Quando eu terminei a oitava série era “moda” fazer o Normal.

Para estudar, eu havia me mudado do sítio para Dracena, o curioso é que não tinha vagas para estudar em Dracena. Quem quisesse estudar tinha que se virar e ir para outros municípios. Isso a gente conta hoje e ninguém acredita, mas naquela época era assim. Então, eu ia todos os dias de Dracena a Panorama. Naquele tempo, não tinha estrada (asfaltada) era estrada de

terra, a gente ia de ônibus, viajava quarenta quilômetros na ida e quarenta quilômetros na volta. Para você ter uma idéia, uma viagem de quarenta quilômetros demorava em torno de duas horas, duas horas... e eu fiz todo o Curso Ginásial em Panorama.

Eu fiz o Exame de Admissão em Dracena e fui aprovado, mas não fui classificado. Como o exame era classificatório e não consegui nota suficiente para ficar estudando em Dracena. Fui para Panorama... fui estudar em Panorama. Lá fiz os quatro anos do curso Ginásial. O ônibus lotava de estudantes que faziam o Ginásial em Panorama, muitos desses alunos, na quinta, sexta série, foram desistindo, até porque isso custava caro. Nessa época o Estado não pagava transporte, não existia isso, o aluno tinha que se virar com o dinheiro dele... talvez, eu até pudesse ter voltado para Dracena na sexta, sétima série, mas, até pelo ambiente que se criou, nunca me interessei por voltar e acabamos terminando a quarta série em Panorama.

Como eu ia dizendo nessa época, era modismo terminar o Ginásio e fazer o Normal, para dar aulas. Eu não quis fazer o Normal, eu optei pelo Científico. Existiam três linhas para você seguir, três áreas: era o Científico, o Normal e o Clássico, como o meu sonho, desde pequeno, era fazer Engenharia Civil, então fui fazer o Científico. Eu fiz o Científico em Dracena, na escola "Isaac Pereira Garcez"⁷³, eu fazia o Científico no período da tarde, isso em 62, 63.

No ano seguinte, depois que fiz o primeiro ano científico eu resolvi fazer também o Normal. Aí aconteceu um outro absurdo. Quando eu fui me matricular no Normal, na escola onde eu fazia o Científico, fui impedido de fazer os dois cursos. Não me autorizavam a fazer os dois cursos na mesma escola, então, fui fazer o Normal numa outra cidade vizinha daqui, em Tupi Paulista. Fiz o primeiro Normal em Tupi Paulista e depois, no ano seguinte, eu voltei para fazer o Normal em Dracena. Fazia o Normal e o Científico. Quanto ao meu sonho de fazer Engenharia, depois de fazer o Científico, até cheguei a fazer inscrição para o vestibular no antigo CECM⁷⁴, mas não consegui aprovação. Para continuar tentando, eu teria que fazer cursinho e meus pais não tinham condição para pagá-lo. Como nesse ano foi criada a Faculdade em Dracena, fui fazer Matemática. Assim, acabei me tornando professor de Matemática. Não está muito desligado da área de Engenharia,

⁷³ Instituto de Educação "Engenheiro Isaac Pereira Garcez".

⁷⁴ À época, havia vestibulares distintos para as áreas de conhecimento. Esses concursos vestibulares eram conhecidos como CECM, CECEA e MAPOFEI.

que é uma área também ligada à Matemática, mas a princípio o meu sonho era ser Engenheiro Civil.

Interessante... por que Matemática? Desde quando eu fazia a primeira, a segunda e terceira séries do Primário, eu sempre gostei ... as aulas de Matemática eram as que mais me empolgavam, então eu tinha uma certa tendência para a Área de Exatas... o Normal eu fiz por necessidade, vi que eu ia ter que começar a me virar, ganhar dinheiro para mim, para poder sobreviver, o Normal me dava essa formação para poder dar aulas...então, fui fazer o Normal.

AS ESCOLAS ISOLADAS E AS ESCOLAS MASCULINAS

Acabou dando certo, logo que acabei o Normal, fui trabalhar em Escolas Isoladas... eu ainda fazia Faculdade...

Nessa época, as Escolas Isoladas eram em grande número na nossa região, havia muitas Escolas Isoladas aqui. Como o número de agricultores era grande, criavam-se Escolas Isoladas nos bairros da região.... Elas funcionavam com uma, duas, três ou até quatro séries numa mesma classe, com um só professor. Existiam as escolas “Escolas Masculinas” eu não sei ... nunca consegui entender por que se chamavam Escolas Masculinas... talvez seja pela distância que estavam dos centros... Essas escolas, Escolas Masculinas, só podiam ser atribuídas a professores, aos homens. E até nisso tive sorte, mesmo não estando bem classificado – eu estava começando – havia uma Escola Masculina para ser atribuída, quando chegou a minha vez na classificação e eu escolhi essa escola.

Foi uma experiência muito enriquecedora, porque cheguei a trabalhar com segunda, terceira e quarta série, numa sala só. Ali, a gente aprende que tem de fazer trabalho coletivo, que precisa da ajuda do aluno... isso foi ótimo para mim. Foi uma vivência espetacular, até pela convivência com o bairro onde se trabalha, que valoriza o professor. Havia a necessidade de estudar para dar aulas, porque quando se trabalha com a segunda, terceira séries, você percebe que embora domine o conteúdo, você não sabe dar aulas... então, tem de estudar muito para poder trabalhar.

Essa escola ficava longe da minha casa, eu me levantava... – eu não tinha carro – eu me levantava às cinco horas da manhã, tomava o ônibus e às vezes chegava tão cansado na escola – a aulas começavam às oito horas e eu chegava na escola por volta das seis e meia, quinze para as sete

– que dormia, um pouco, em cima das carteiras... o cansaço era muito grande.... Nessa época, eu já fazia Faculdade, saía de lá às onze horas da noite e ainda tinha que estudar, porque não podia levar o “negócio flauteado”... então muitas vezes acontecia de dormir em cima das carteiras. Quando as crianças chegavam... eu acordava com o barulho deles chegando.

Nessas Escolas Isoladas havia muitas dificuldades. Era o professor quem fazia a merenda, uma merenda pré-fabricada, a água ficava um quilômetro longe da escola, não tinha poço ... a gente conta isso hoje para os meninos (alunos) e eles não acreditam Isso tudo me deu uma experiência muito grande, vivência... e assim você adquire um pouco mais de amor ao próximo, porque você depende dos outros. Ali, um depende do outro. Na escola havia uma escala (de trabalho dos alunos), que ficava atrás da porta. Na “escalinha” estava quem ia limpar a sala, quem ia buscar a água... as meninas que iam me ajudar a fazer a merenda. Tudo isso foi uma experiência muito boa para quem estava começando... com dificuldades....Eu dormia muito pouco... precisava estudar para dar aula no outro dia.

O SALÁRIO

O salário... a gente trabalhava quatro horas, das oito ao meio dia, o salário da época não era ruim. Eu consegui comprar o meu primeiro carrinho trabalhando – todo mundo comprava “fusca”, era o carro da época – eu comprei um “fusca”, financiado é claro... Comecei a dar aula em 1971. O “fusca” era 69, era relativamente novo... era um bom ordenado, se comparado ao de hoje... trabalhando quatro horas, por dia, eu pagava a Faculdade, consegui comprar um carrinho... enfim, eu sobrevivía Também é interessante lembrar, que a partir do segundo ano de Matemática (não, já do primeiro ano), como eu tinha feito o Científico, eu tinha uma base mais ou menos de Matemática, embora não fosse “aquelas coisas”... comecei a dar aulas particulares, até porque eu precisava ajudar a minha família, que não atravessava uma boa fase financeira. E aula particular, você sabe, o aluno chega com dúvidas, você não “pega” o assunto do começo... então, eu tinha que estudar muito para dar essas aulas...vinham alunos da quinta série, da oitava e do Colegial... você tinha que “se virar” para dar essas aulas. Isso me ajudou, porque tive que estudar muito.

A EFETIVAÇÃO NA CARREIRA

Logo no ano seguinte, veio o concurso para professores primários, passei no concurso, mas demorou dois anos para sair a chamada para o Ingresso. No mesmo ano em que saiu a chamada, fizemos o concurso de PIII, e como fui aprovado não assumi o cargo de professor I, que já havia exercido, como professor substituto, por dois anos.

A LICENCIATURA

Os nossos professores da época... alguns, eu acho que tinham curso universitário completo, outros, ainda estavam terminando o curso (a Licenciatura). Eles davam aula nas Faculdades, pela carência de professor que existia na época. Mas tivemos, no curso de Matemática, ótimos professores, talvez alguns, do meu ponto de vista atual, pecassem pela metodologia que usavam, mas em termos de conteúdo nós tivemos bons professores. O nosso Curso tinha uma carga horária muito boa, foi feito em quatro anos... tivemos professores muito bons, professores que dominavam bem o conteúdo. Alguns deles ainda estavam começando e tinham as suas dificuldades mas, todos levavam o curso muito a sério e nós também tínhamos que levá-lo a sério, inclusive, porque nesse período já dávamos aulas (como P III) e, a partir do momento em que entramos nas salas de aula, tivemos que estudar muito. Aquela Matemática que eu achava que sabia, lá do meu tempo de Científico, eu tive que estudar muito, para acompanhar o Curso. Isso foi bom, foi através dessas cobranças que adquirimos conhecimento. E também pelo fato de estar dando aulas, estudávamos mais e isto ajudava muito.

Nós tínhamos um grupo de estudo... a gente estudava todos os dias, não tinha um dia que a gente não estudasse duas, três horas... era um grupo de quatro ou cinco alunos da classe, inclusive, estipulamos para dar mais seriedade, que aquele que faltasse, sem um motivo justo, tinha que pagar uma multa. Então, estudávamos todos os dias, inclusive nos finais de semana, direto...hoje, quando comento com os alunos que muitas vezes, depois de ter me deitado, eu ficava pensando num exercício que não tinha conseguido resolver e, de repente dava aquele... aquela clareada na cabeça, “pintava” a resolução, e que então, eu me levantava e ia fazer o exercício com medo de não saber mais como resolvê-lo no dia seguinte... eles acham que é brincadeira, não acreditam.

Dos nossos professores, podemos citar... tivemos em Cálculo o Luiz Bereta, professor bastante sistemático, em Álgebra era uma professora que vinha de Tupã, Dona Dalva, Dalva Fukushima. Ela tinha um poder fantástico para decorar as coisas, era impressionante o que ela conseguia fazer... passar, até com as vírgulas no lugar certo, o que tinha nos livros que ela usava. Eram os livros do Jacy Monteiro, do Edgard, do Edgard... não lembro o sobrenome do Edgard (Edgard de Alencar Filho) e ela conseguia fazer isso... com muita facilidade... era uma cópia fantástica do livro, que ela fazia na lousa. Havia uma professora de Geometria Analítica, a professora Mio Dobashi, que para mim, em termos de Didática, já naquela época, estava bem na frente dos demais. Às vezes, ela deixava transparecer que não sabia resolver o que ela tinha colocado na lousa e ficava ali experimentando um e outro aluno... e quando ninguém conseguia dar as respostas, então ela ia lá e resolvia. Mas, sempre tentava tirar as respostas dos alunos.... Havia um professor de Desenho Geométrico, que era folclórico, o Claudiner (Claudiner Bernal Martinez) o tal de Claudiner, era uma peça rara. O Manoel (Manoel Leonel Paiva) de quem eu gostava demais... dava Fundamentos ... era um são-paulino doente, mas o “negócio” dele – foi na época que estava surgindo a loteria esportiva – era montar de qualquer forma uma fórmula para ganhar na loteria esportiva, para não dar mais aula. O João Camargo (João Batista de Camargo) deu uma parte de Fundamentos de Cálculo Cálculo Numérico. Hoje ele deve estar no Banco Central, trabalhando na equipe de finanças. Era um ótimo professor, eu o admirava porque ele vinha com tudo muito “preparadinho”, então, ia para a lousa e quando “enroscava” tinha os exercícios ali, tudo pronto, olhava..., enfim, levava a “coisa” muito a sério. Enfim, tivemos ótimos professores. No terceiro, quarto ano do curso já havia Psicologia, Sociologia, que o pessoal não levava muito a sério não. Eram as aulas que nós chamávamos de “terapia”, o pessoal não levava muito a sério essas matérias não. Só mais tarde, é que a gente veio a valorizar a parte de Didática e outras coisas... porque no curso de Matemática essas aulas eram mesmo uma “terapia”.

Os livros eram de difícil leitura... em Cálculo ...usamos o livro do Thomas... foi até um colega, que fazia engenharia na POLI que me deu esses livros de Cálculo... Thomas, volumes I e II, usamos também o Piskunov, que na época era escrito em Inglês. Como não dominávamos o Inglês, íamos logo para a

parte dos exercícios ...em Cálculo, eu lembro de ter usado dois livros, era os que mais usávamos... Thomas, volume I e II e o Piskunov.

Em Geometria Analítica tínhamos uma coleção, da qual eu não me lembro o nome e que usávamos muito... havia também outros livros.

Eu tinha um livro, que se usava no científico, do Manoel Jairo Bezerra. Eu “estraçalhei” esse livro, eu resolvi todos os exercícios que havia no livro de Manoel Jairo Bezerra para poder ter uma base para a Faculdade. Emprestávamos livros de um colega, de outro, na época a nossa Faculdade não tinha uma biblioteca montada, uma biblioteca onde você pudesse pesquisar. Até, não era muito comum mesmo, as Faculdades terem biblioteca. Então, o que a gente fazia? Como não tínhamos poder aquisitivo para comprar livros, parte da matéria os professores apostilavam e, quando precisávamos de um aprofundamento, quando só as apostilas não bastavam, então a gente dividia... um comprava um livro, outro comprava outro, e íamos estudando assim.

A METODOLOGIA NA LICENCIATURA

A metodologia deixava muito a desejar. Em raros os professores da Faculdade que se preocupavam com a Metodologia. Mesmo os professores que vieram de fora – para dar cursos de Pós-Graduação, de Especialização em Trigonometria em Geometria Plana – não enfatizavam a Metodologia, eles se preocupavam muito com o conteúdo... em passar o conteúdo, a Metodologia sempre deixava um pouco a desejar. Mas isso era típico da época... das Faculdades. O que o aluno tinha que dominar era o conteúdo, a Metodologia era uma coisa que ele ia adquirir quando fosse dar aula.

Nós tivemos cursos com grandes professores... com o Luiz Mauro Rocha, com o Manoel Jairo Bezerra e outros, e a gente percebia que eles também não se preocupavam muito com a Metodologia, com a Didática.... Na Licenciatura tivemos disciplinas que deram uma certa base para nós... Metodologia de Ensino, Didática.

A CARREIRA NO MAGISTÉRIO

Eu trabalhei em todas as séries, isso é um privilégio, porque eu trabalhei desde a primeira série, desde a

alfabetização.... O dia em que eu entrei na primeira série, que me disseram que eu tinha que começar a alfabetizar, eu fiquei uns três dias sem dormir, pensando em como começar. Eu tive que recorrer a professores que já davam aulas. Na época eu lembro que tinha um material na rede que se chamava “tijolão”, “o tijolão”, como o próprio nome está dizendo, era um livro que parecia um tijolo e que tinha tudo... tudo quase pronto, desde como começar o trabalho. Mas eu fiquei muito pouco tempo na primeira série, eu não cheguei.... Para sorte minha, aumentou muito o número de alunos da classe e houve um desdobramento, então, uma professora ficou com a primeira e segunda séries e eu fiquei com a terceira e quarta. Mas eu dei aula em todas as séries, nas quatro séries do ensino nas oito séries do Ensino Fundamental. Depois, ingressei como professor PIII e trabalhei também no Ensino Médio. Também fui admitido para dar aulas na Faculdade, na graduação. Então, eu trabalhei em todas as séries... todas.

Quando comecei a dar aula (de Matemática) eu comecei substituindo... curioso, porque eu comecei substituindo em Escolas Isoladas... lá os professores tiravam licença prêmio e a gente se inscrevia para substituí-los, eu comecei substituindo uma licença prêmio. No ano seguinte, eu já comecei a trabalhar com quintas séries... substituindo também. Eu também trabalhei um período como viajante, eu cheguei a vender calçados, mas isso não era o meu forte... acabei voltando para o Magistério. Praticamente fiquei a vida toda no Magistério, foi pouco o tempo em que fiquei fora da sala de aula. Desde 71, 69, quando comecei a substituir, estive praticamente só na sala de aula (no Magistério)

A EXPERIÊNCIA COMO MONITOR E AS PROPOSTAS CURRICULARES

Eu também tive uma experiência ótima na monitoria. Eu era professor efetivo na escola Luiza Rossa Ribeiro e fui convidado para participar de umas reuniões em São Paulo, na CENP (Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas), um órgão da Secretaria da Educação... acho que no ano de 1981. Eu não sabia do que se tratava... e eu fui para São Paulo participar da primeira reunião.

Lá fui informado sobre o que seria feito. Havia uma preocupação com o ensino de Matemática na Rede, alguns professores estavam um pouco descontentes com o modo como

a Matemática estava sendo ensinada nas escolas. Então a CENP, acatando as idéias de alguns professores da Rede, iniciou um movimento para a elaboração de uma programação nova, para substituir os antigos Guias Curriculares. Quem coordenava o trabalho dessa nova equipe era uma professora chamada Lydia Lamparelli. Ela, no primeiro encontro, expôs os objetivos do projeto e deixou bem claro que os que dele participassem deveriam abraçá-lo integralmente. Eu achei o projeto interessante... dois meses depois – alguns monitores que foram chamados na época, inclusive foram dispensados – eu fui convidado a retornar. Nesse ano ia ser feita nas escolas, uma “pré-testagem”, uma prova diagnóstica seria aplicada, nas segundas e quartas séries.

Era uma prova diferente da prova tradicional que os professores aplicavam no dia-a-dia na sala de aula. Nós fomos a São Paulo e recebemos orientação para isso. As regiões foram divididas em setores, na Delegacia de Ensino de Dracena foram sorteadas algumas escolas e nelas a gente aplicaria as provas.

Aplicamos essas provas e em seguida retornamos a São Paulo, para levar um relatório de como foi a aplicação, como tinha sido a expectativa, a atenção dos alunos e a própria tensão do professor. O professor ficou muito angustiado quando ficou sabendo que a prova seria aplicada em sua classe... alguns até resistiram, não queriam.... O resultado dessa prova saiu no ano seguinte e pode-se observar que o ensino da Matemática estava mesmo lá embaixo. Houve uma preocupação muito grande quando se observou que a Geometria não estava sendo dada, que tinha sido abandonada, até porque, por alguma razão os livros didáticos da época colocavam a parte de Geometria em seu final. Então, ficava cômodo para professor, uma vez que ele nunca se chegava lá, acabava por não dar a Geometria. Essa prova serviu mesmo como uma avaliação para o Estado, para ver a situação em que estava o ensino de Matemática. Então, teve início a preparação para a elaboração das Propostas Curriculares.

Mas, antes da elaboração das Propostas, nós tivemos muitas reuniões em São Paulo, na CENP. Nesse período, 82, 83, as Universidades (UNICAMP, UNESP, PUC e USP) também foram convidadas a participar do projeto e os professores Luiz Roberto Dante, Imenes e Nilson José Machado, que trabalhavam

em Universidades, passaram também a integrar a equipe⁷⁵ que iria elaborar a Proposta Preliminar para Rede.

Nós tivemos vários encontros não só em São Paulo, grande parte deles foi na UNESP de Rio Claro. Lá a coordenação era do professor Luiz Roberto Dante. Ele se preocupava demais com a Metodologia para o ensino de Matemática, com a Didática. Nós tivemos umas 400 horas de curso na Universidade, na UNESP de Rio Claro, não só com o professor Dante, mas também com outros professores convidados. Nós recebíamos assim, subsídios para aplicar as atividades em sala de aula e dávamos retorno à equipe – isso foi por volta de 82, 83 – na década de 80 a preocupação tinha sido a reformulação dos conteúdos, que estavam sendo ministrados na rede. Foi mais ou menos assim...

Foi uma experiência muito importante para mim, o meu crescimento foi fantástico, até porque a minha função não se resumia somente em ir aos encontros. Quando retornava à minha Delegacia, eu tinha que fazer reuniões com os professores de Matemática, de todas as séries, não só do Ensino Fundamental mas também do Ensino Médio. E isso foi fantástico, porque eu colhia as informações de colegas daqui e as levava de volta, tudo aquilo que não havia dado certo ao ser

⁷⁵ Uma discussão, ocorrida durante o exame de qualificação, a respeito dessa parte do depoimento do Prof. Edson, nos levou a entrar em contato com o Prof. Luiz Márcio Imenes, o que fizemos, por telefone, em 26 de agosto de 2004.. Concordando com as afirmações feitas pelo depoente, o professor Imenes apenas ressaltou que participou da elaboração da proposta como leitor crítico da versão preliminar, embora – ao contrário dos profs. Dante e Nilson Machado – não integrasse formalmente a equipe de elaboração sendo, à época, professor do Ensino Médio. Ressalte-se, ainda, que em 1984, na cidade de Rio Claro – onde se reuniam com frequência os “monitores da CENP” sob a coordenação do professor Dante –, foi criado o Programa de Pós-graduação em Educação Matemática da UNESP, do qual o prof. Imenes integrou a primeira turma, tendo, mesmo antes disso, nos primeiros anos da década de 1980, participado de várias das reuniões com os monitores. O professor Antonio Miguel, que à época participava da elaboração da Proposta para o Primeiro Grau, em conversa informal, também por telefone (em 25 de agosto de 2004), relatou-nos as atividades dos profs. Dante e Nilson Machado como integrantes da equipe elaboradora da Proposta. Ainda que tenhamos a versão de nosso depoente e as versões dos dois professores que consultamos informalmente, pensamos que um estudo mais aprofundado sobre a trajetória de constituição desse material – e da política educacional do Estado de São Paulo – necessita de referenciais outros. Nesse sentido, como uma colaboração que possivelmente dialogará com essas nossas anotações, referendando-as, complementando-as ou impondo uma nova versão, está o trabalho de Gilda Lúcia Delgado de Souza, ainda em elaboração, no Programa de Pós-graduação da UNICAMP.

aplicado, em sala de aula, era refeito. Foi assim que surgiram os AMs – *Atividades Matemáticas*.

Eles não foram colocados na Rede de um dia para o outro, esses AMs foram pré-testados em sala de aula. Eu ia para as classes e, com os professores, aplicávamos as atividades, via a reação dos alunos, os itens que não davam certo, que precisavam ser reformulados e levava as informações para São Paulo, então, elas voltavam modificadas. Assim foi feito o *Atividades Matemáticas*, os AM(s).

Eu tive participação do primeiro até o quarto AM. Quando começou a elaboração dos EM(s), (Experiências Matemáticas), destinados às quatro últimas séries do Ensino Fundamental eu ainda participei... do quinto e do sexto, porque a partir do sétimo eu já tinha ingressado como Diretor, e não estava mais na Monitoria.

Eu costumo dizer que todos os professores deveriam ter experiências semelhantes a esta. Eu convivi com os maiores matemáticos do Brasil, e alguns do exterior. Tivemos palestras com professores, inclusive, americanos que vieram falar sobre a Resolução de Problemas, sobre as dificuldades que o aluno americano encontrava e que, percebi, não serem diferentes das dos nossos alunos. Foi um período do qual eu tenho muita saudade e que valeu a pena.

A EXPERIÊNCIA ADMINISTRATIVA

Em 1989 eu ingressei como diretor e poderia ter continuado na monitoria. Na época havia essa abertura. Eu fui convidado pelo Delegado de Ensino da época para continuar, mas não aceitei, achei que devia ceder o espaço para que um outro monitor tivesse essa oportunidade. Entretanto, costumo dizer que me sinto um pouco frustrado... quando eu atingi um bom grau ... quando eu poderia estar passando muito daquilo que eu aprendi para os colegas, eu saí e vim para a Direção.

Embora eu tenha me desvinculado da monitoria, não me desvinculei do ensino de Matemática, continuei dando aulas em Escolas Particulares, mas lá é uma realidade diferente: as escolas particulares têm uma realidade diferente. Mas, não perdi o meu jeitão de passar ... nas reuniões que tenho com meus professores, sempre arrumo um “espaçozinho” para falar os professores de Matemática, conversar com eles... assim, obtenho informações sobre o que estão fazendo e acabo passando alguma coisinha também.

A COTIDIANO DO PROFESSOR DE MATEMÁTICA

No começo, como já disse, eu fui professor de primeira à quarta série e precisava ter uma Metodologia um pouco diferente, porque trabalhava com crianças na faixa de oito, nove, dez anos... que exigem mais de você. Eu precisava assumir além do papel de professor, o de conselheiro e pai, na sala de aula. Isso, me deu uma formação um pouco melhor, aprendi a me aproximar dos meus alunos, a sentir, mais de perto, as suas dificuldades. Eu sempre me preocupava um pouco com a forma de ensinar... mas tive muitas surpresas por pensar que sabia ensinar, que sabia muita coisa. Nos encontros da UNESP, fomos surpreendidos com coisas simples, como por exemplo, como você concretiza, para a criança, uma divisão com dois algarismos na chave. Coisas assim que, no dia-a-dia, dando aula, passam “batidas”... coisas simples para nós mas, que para a criança apresenta dificuldades. Quando ensinamos a subtração, dependendo da faixa etária em a criança está, ela tem uma dificuldade muito grande para entendê-la, é uma coisa ainda abstrata para ela.... Então, as experiências que tive me ajudaram muito, eu passei a observar as dificuldades que a criança tem para entender certos conceitos, passei também a não valorizar tanto a memorização.

Uma das preocupações das Propostas Curriculares era a de não valorizar tanto a memorização. Eu também passei a perceber as dificuldades do professor que trabalha com alunos da quinta série em diante. Ele sempre acha que a criança vem sabendo tudo (o conteúdo das quatro primeiras séries) e ela não sabe... e nem ele sabe tudo...

No que diz respeito à Metodologia, eu acredito que eu pequei muito na sala de aula, por achar que o aluno tinha obrigação de entender o que eu estava falando, e nem sempre é assim.

Os livros *Atividades Matemáticas* têm uma preocupação muito grande com a Metodologia. Mais tarde – eu acredito que a partir da década de 80 – os autores de livros também passaram a se preocupar muito com isso, até porque se estabeleceu uma vigilância sobre os livros a serem entregues na Rede Estadual. Inclusive, em nossos encontros na CENP, tivemos oportunidade de analisar livros didáticos... se eles podiam ir ou não para a Rede. A partir daí, os autores dos livros também passaram a se

uma preocupar com a Metodologia a ser usada pelo professor, isso ajudou muito.

Mas, eu acredito que no começo eu pequei muito... e até hoje.... há algumas coisas que você ainda passa por cima... com as quais você deveria tomar um certo cuidado... para não “atropelar” o que você está dando... mostrar o porquê daquilo que você está ensinando, não é?

OS CONTEÚDOS TRABALHADOS

Interessante ...os *Guias Curriculares* foram elaborados na década de 60. E, havia também na Rede, uns livros chamados *Subsídios*. Eram dois livrinhos. Tinha de primeira à quarta e de quinta à oitava. Havia os subsídios de Álgebra e os subsídios de Geometria. Esse era um material muito bom. Ainda hoje, podemos ver que a metodologia usada, a forma que eles usavam para passar os conteúdos, era excelente. Depois veio o “Verdão”, onde o conteúdo era pré-estabelecido. Você tinha que seguir mais ou menos o que estava lá. Inclusive, para o Planejamento (planos) os verbos já estavam determinados, havia uma relação de verbos que deviam ser usados.

Com as Propostas Curriculares, se analisarmos bem, podemos observar que as Propostas Curriculares, os *Atividades Matemáticas* e os *Experiências Matemáticas* nada mais fizeram do que dar uma roupagem nova para um conteúdo que já existia. O conteúdo que era dado anteriormente, proposto nos Guias Curriculares, e o conteúdo proposto nas Propostas Curriculares não são tão diferentes. O que existe agora é uma preocupação de como dar esse conteúdo e por que dar esse conteúdo. Esta é a grande inovação das Propostas Curriculares.

Sobre o lugar que a Matemática tem que ocupar na escola, eu vou dar um exemplo que o professor Luis Roberto Dante sempre usava. Ele dizia: “eu não posso ao dar fração na sexta série responder ao aluno – que me pergunta porque estou ensinando fração – que é porque ele vai usar na sétima série. Só isso não basta. Eu tenho que saber...eu tenho de explicar para esse aluno, o porquê de estar ensinando esse conteúdo, nessa série. Ele vai precisar de fração na sétima série sim, mas não é só porque ele vai precisar na sétima série que eu estou dando frações na sexta série...” Deve ser assim, também, com os outros conteúdos que a gente trabalha. Então, essa é a visão

das Propostas... elas dão uma nova roupagem para o conteúdo que sempre esteve na rede.

O LIVRO DIDÁTICO

Na época usávamos muito o livro do Oswaldo Sangiorgi. Eu, inclusive, fiz um curso com Oswaldo Sangiorgi. O seu livro era muito usado em todas as escolas... todos professores tinham o livro do Oswaldo Sangiorgi. Depois, surgiram outros.

Eu tive uma outra experiência, que ainda não citei. Eu dei aula em Curso de Madureza. É, Curso de Madureza. Você pegava pessoas já com... eu me lembro do primeiro dia que entrei na sala de aula do Curso de Madureza...eu tremia, havia pessoas ali que eram Contadores de Empresas da cidade, pessoas que eu tinha em bom conceito e que estavam ali para assistir à minha aula. Nessa época apareceu um livro... nós estamos falando sobre os livros... um livro do Oswaldo Marcondes, que existe na Rede até hoje, ele foi apenas reeditado, com uma roupagem diferente, com um colorido diferente.... Ele dividia os conteúdos em três livros, em três volumes. Um volume de Geometria, um de Álgebra e outro de Aritmética. A gente trabalhava com esses três livros. Eu me lembro que adotei esses livros porque eles cobriam todo o conteúdo, o conteúdo todinho da época, entretanto, era um livro que só visava o conteúdo, não se preocupava nem um pouquinho com a metodologia.

Esses eram os livros... esse do Oswaldo Marcondes, o do Oswaldo Sangiorgi, do Scipione. Também usávamos muito o Scipione, que era um livro com um aprofundamento maior, um livro mais difícil. Esses eram os livros da moda.

O MADUREZA

O Madureza era um curso para aquele pessoal que não teve oportunidade de estudar, de cursar o antigo Ginásio ou o Ensino Médio, e que queria ganhar tempo. Então, o Estado instalava pólos para realizar exames anuais e o aluno ia eliminando as disciplinas. Quem tinha sorte de fazer o exame e passar em todas elas, pegava o título... o diploma de oitava série ou do Ensino Médio, quem não conseguia ia eliminando as disciplinas aos poucos... por exemplo, um ano ele eliminava Matemática e Português, no outro ano ele eliminava História e

Geografia... funcionava assim. Isto deu oportunidade para muita gente, mais tarde, fazer Faculdade.

Eram cursos particulares, o Estado não bancava isso... eram cursos particulares com aulas, principalmente, de Português e Matemática. Eram “Escolas Particulares”. A gente na época tinha... alugava um salão, montava uma escolinha, onde dois ou três professores davam aulas. Eu não podia lecionar todas as noites, nessa época eu já havia começado a lecionar em Escolas Estaduais. Esses cursos eram um tipo do que hoje chamamos de “Curso Livre”.

OS RECURSOS DIDÁTICOS

Quando eu comecei os recursos didáticos eram muito poucos, quase nada. O ensino baseava-se no Livro Didático, na lousa e no giz. Era praticamente isso que nós usávamos em sala de aula. Quando nos arriscávamos a trabalhar um pouco em Geometria, usávamos materiais comuns, do tipo caixa de sapato... alguma coisa para mostrar... Mas, de um modo geral era lousa, apagador e giz. Praticamente, os recursos eram esses.

AS AVALIAÇÕES E A SEGUNDA ÉPOCA

As avaliações... eu acho que em termos de avaliação, nós evoluímos muito pouco. Se pegarmos as avaliações de vinte anos e compararmos com as avaliações de hoje, veremos que, infelizmente, elas mudaram muito pouco. Nós temos grandes autores, grandes educadores como o Luchesi, por exemplo, que escreveram bons textos sobre a Avaliação – sobre as formas, inclusive, erradas que usamos para avaliar – que foram divulgados na Rede. E vejo que as avaliações daquela época eram mais ou menos iguais às de hoje. Fazia-se uma prova bimestral ou mensal e a avaliação resumia-se a isso. A nota que tirava lá na prova era o resultado da avaliação.

No nosso tempo de Faculdade também foi assim. Você fazia uma prova no bimestre, se tivesse sorte de ir bem, ótimo! Se fosse mal era aquilo e ponto final... Você até podia fazer uma... uma dependência... podia também perder o ano! Eu me lembro de alunos que chegaram a perder um ano, dois... por ficarem reprovados em Matemática por meio ponto, um ponto. Não só em Matemática, mas em outras disciplinas também, estou citando Matemática... as avaliações eram assim,

puramente punitivas... Essa era a forma de avaliar, o estilo na época.

Quando nós começamos a lecionar existia a chamada Segunda Época. O ano letivo terminava em novembro ou no comecinho de dezembro. O aluno (não aprovado) ia para casa dele e ficava (estudando) durante o mês de janeiro e fevereiro. Quando retornava à escola ele fazia a chamada Segunda Época. Hoje criaram, para substituir a Segunda Época a chamada Recuperação de Janeiro. Esta é uma forma do aluno ter alguém para acompanhar os seus estudos. Naquela época não tinha esse acompanhamento. Ele ia para casa dele e se “virava” com o professor particular. Isso era “uma boa” para nós, era uma forma de ganharmos um dinheirinho no mês de janeiro, porque havia uma corrida atrás dos professores, principalmente dos de Matemática, para que preparassem os alunos para fazerem a Segunda Época em fevereiro.

Matemática era o terror das Escolas... esse tabu sempre existiu não é ? Quem leu algum livrinho de História da Matemática viu algumas coisas interessantes... Isso não é novo não é? Vem desde da época dos antigos, de quando eles se reuniam escondidos, para que só meia dúzia aprendesse Matemática. Diziam ainda, que só aprendiam Matemática os inteligentes, os outros não. Então para que chamá-los? Esse tabu que se formou, na verdade existe até hoje, não é? Diminuiu bastante... mas ainda existe. A gente tinha colegas que falavam que se de uma classe de quarenta alunos, vinte fossem aprovados, eles perdiam o sono, por terem aprovado vinte... o normal era aprovar seis, sete...vinte era muito....

OS CONCLUINTES DO SEGUNDO GRAU: SUAS OPORTUNIDADES

Na minha época, eram poucos os alunos que terminavam o Ensino Médio. Vou voltar um pouquinho lá atrás... no meu tempo lá do sítio, de roça, nós começamos em vinte e um alunos a freqüentar a escola... a minha turma, da região em que eu morava, que ia para escola comigo, tinha vinte e um alunos. Desses vinte e um que começaram o primário comigo, cinco terminaram a quarta série e, desses cinco, só dois terminaram a oitava série...esses dois, eu e um colega fizemos Faculdade, nos formamos professores. Para você ter uma idéia, de vinte e um, dois conseguiram cursar uma Faculdade.

Então, esses meninos que terminavam o Ensino Médio, até porque a nossa região ainda não tinha Faculdade e nessa época era muito difícil pagar cursinhos, morar em cidades grandes... a maioria dos alunos quando terminava a oitava série parava por aí mesmo, não prosseguia os estudos....e os que continuavam, em sua maior parte, faziam o Normal (Curso Normal), iam ser professores. Depois, mais tarde, esses professores – até por exigência do Estado – acabaram fazendo Faculdade, cursando Pedagogia, até mesmo para ganhar um pouquinho mais.

Agora, os nossos alunos...nos sentimos realizados quando encontramos alguns ex-alunos do Ensino Médio. Muitos retornaram aqui para a nossa cidade, são engenheiros, médicos, advogados; alguns montaram empresas, farmácias... enfim, estão em várias profissões. Outros foram para os grandes centros estudar e que não retornaram mais... mas muitos, muitos mesmo desses alunos, hoje, estão em situações privilegiadas. Estão em empresas grandes, ocupando bons cargos. Muitos, muitos deles....

As oportunidades se tornaram maiores. Na minha época o leque de opções era muito pequeno. Eu inclusive, tinha um professor de Geografia de quem eu gostava muito – eu sempre dizia que se não fosse professor de Matemática eu seria professor de Geografia – que falava que filho de pobre não tinha opção, não tinha escolha de profissão; filho de pobre entrava na primeira porta aberta que encontrasse.... ele dizia “com vocês não vai ser diferente... quando vocês terminarem o curso vocês não vão escolher uma profissão, a maioria de vocês vai entrar na primeira porta aberta que encontrar... se encontrar uma porta aberta”.

Naquela época era difícil, eram poucos, pouquíssimos, os alunos que davam continuidade aos estudos, que iam fazer o Ensino Superior. Hoje não, hoje a gente observa que as oportunidades são maiores, a região tem muitas Faculdades, enfim, há mais opções, embora, as dificuldades financeiras não tenham mudado muito... as dificuldades financeiras continuam, mais ou menos, as mesmas.

AS QUESTÕES OFICIAIS

Quando eu comecei dar aula sempre existiram os órgãos oficiais: a Secretaria da Educação e a hierarquia da Secretaria da Educação, os órgãos... não diria... fiscalizadores, mas que

acompanhavam os trabalhos, como em qualquer outra Empresa. Na época, havia os Inspetores que visitavam as escolas para saber como elas estavam. Mas, eu nunca fui de me preocupar com a presença do meu diretor ou do meu inspetor. Eu sempre os tinha como pessoas que estavam ali para me apoiar no que eu precisasse e não como um olheiro, um fiscalizador, nunca os vi dessa forma. Nunca me preocupei muito com isso.... Na época havia um inspetor – o termo era inspetor – que se chamava seu Leonardo. O seu Leonardo era tido como um carrasco. Como havia aulas aos sábados nas escolas, ele deixava para visitá-las nesse dia, ele visitava as escolas nos sítio aos sábados, para saber se o professor estava lá mesmo, ou se registrava a matéria e não ia. E, eu via no seu Leonardo uma pessoa que sempre me ajudou muito.... Depois, quando fui para o ensino de quinta a oitava séries e no tempo que trabalhei na Delegacia de Ensino, a denominação já não era mais inspetor, era supervisor....

A EXPERIÊNCIA NA SUPERVISÃO

Aliás, eu fui supervisor também, fiquei na Supervisão por cento e vinte dias, depois vi que não era o que eu queria, o que eu gostava mesmo era da Direção da escola. Então, já experimentei também a Supervisão.

Eu sempre tive na Supervisão pessoas amigas, que me ajudaram, sempre que eu precisei, que estavam ali para me ajudar não para me criticar, para pôr defeito no meu trabalho. Eu acho que a forma de você trabalhar tem muita influência... eu nunca me preocupei se o diretor estava na escola ou não, eu fazia o meu trabalho, o que eu tinha que fazer, eu fazia.

OS PROJETOS DE CAPACITAÇÃO

Uma das incumbências da Monitoria era a capacitação dos professores. Nós ministramos alguns cursos – os cursos deviam ter trinta horas – eles davam vantagens na carreira, contavam para promoção, para remoção. Eu ministrei alguns cursos de trinta horas... eu trabalhei com os professores, passando um pouco de informação, reciclando um pouco esses professores.

Havia um convênio com a Secretaria da Educação. Fazíamos os planos dos cursos, mandávamos para lá e, depois

que eles eram aprovados, nós montávamos esses cursos para os professores.

O PROJETO IPÊ

É interessante lembrar que nesse período 85, 84, o Estado também criou para Rede uma reciclagem de professores que se chamava PROJETO IPÊ. Muita gente tem saudade do PROJETO IPÊ. Seus cursos para os professores foram os primeiros via televisão e eram ótimos. Eles eram coordenados pela Supervisão e pela Monitoria das Delegacias de Ensino. Havia cursos na área de Português, de Matemática... eles eram dados em módulos de trinta horas. Esses cursos eram excelentes. Depois, mais tarde, vieram outros cursos por meio de convênios com as Universidades, principalmente com a UNESP. A UNESP ministrou muitos cursos na nossa Delegacia de Ensino para os professores de Matemática... e de outras áreas... não só os para professores mas, também para os Diretores e para a Supervisão.

A TROCA DE EXPERIÊNCIAS

Existiam também os encontros entre professores. A gente, normalmente, separava o pessoal em turmas porque eram muitos professores na região. Normalmente subdividíamos esses encontros em dois ou três locais diferentes, onde discutíamos ... hoje se reclama da falta desses momentos, essa discussão foi um pouco abandonada.... Esses encontros eram muito bons principalmente, para os professores que estavam começando o seu trabalho na Rede, porque além de você discutir o havia e não havia dado certo, entrávamos em contato com uma gama de professores com experiências muito diversificadas. Eles iam à frente da classe e falavam como estavam trabalhando os mais variados assuntos, mostravam o que deu certo, contavam as suas experiências ...Era uma troca fantástica....isso precisaria voltar a ser feito. Eram as Delegacias que organizavam esses encontros...eles eram excelentes. Isto aconteceu de setenta e cinco... de oitenta até noventa, noventa dois... noventa e quatro, noventa e cinco. Foram muitos esses encontros e eram fantásticos... Nós chegamos a convidar matemáticos, autores de livros, até para dar um incentivo maior. Nós trouxemos, na época, o Oswaldo Dolce, o Giovanni, o Gelson Iezzi... eles estiveram aqui com a gente...e outros professores na época

também....O próprio Luis Roberto Dante, esteve aqui na região. Enfim, nós trouxemos vários autores de livros para participarem desses encontros, com os professores. Eles mostravam metodologias diversificadas, principalmente, para o professor que estava ingressando na Rede e para aqueles mais teimosos que achavam que não precisavam mudar nunca. Isso tudo era excelente, era um trabalho que não podia nunca ter deixado de acontecer na Rede.

AINDA A SUA PRÁTICA

Quando eu lecionava Matemática, antes ir para Delegacia de Ensino, isso nos anos setenta, esses encontros eram raros....A partir de setenta e cinco, setenta e seis começou...assim uma preocupação, uma inquietação na Rede... e, então, começaram a aparecer esses encontros. Neste período, já se pensava numa Nova Proposta, que acabou surgindo depois... esses encontros começaram aí por volta de setenta e seis, setenta e sete. Mas no começo de minha carreira não havia essa preocupação não... no começo você pegava o seu livrinho, punha debaixo do braço e ia para sua sala dar aulas.

OS GUIAS CURRICULARES

Eu participei muito pouco da implantação do “Verdão” ele é um pouco mais antigo. Eu estava começando, não lecionava Matemática ainda... eu comecei dando aula de Desenho Geométrico, trabalhei muito tempo com Desenho Geométrico. Eu ficava quatro, cinco horas preparando uma aula para chegar lá e dar uma aula de cem minutos, porque tinha que preparar mesmo... eu dava aula no Científico e tinha que estudar muito. Então eu participei... acho... que de duas reuniões sobre a implantação do “Verdão”. Dele, eu tenho poucas recordações, quase nada de lembrança.

AS VERBAS, OS PRÉDIOS DAS ESCOLAS

Bom, a carência de verba para as escolas, eu acho que existiu sempre, desde quando eu comecei trabalhar na rede. Eu sou daquele tempo em que para rodar as provas no mimeógrafo, você tinha que levar o álcool da sua casa. Então, hoje até melhorou, porque ninguém mais faz isso... até porque... coitado do mimeógrafo... está encostado lá no canto, ninguém usa mais.

Mas, a carência sempre existiu. Houve períodos... eu acredito que houve uma fase mais difícil. Houve um governo, que passou por aí e que não deixou saudade nenhuma. Nessa época eu já estava iniciando o trabalho na Direção da Escola. Eu me lembro que nós tínhamos que fazer quermesses e jantares nas escolas para comprar vassoura e giz, porque nem isso tínhamos... isso foi no governo do senhor Paulo Maluf. As verbas não chegavam na escola.

Depois, houve uma melhor distribuição, porque a verba existia, só não chegava nas escolas, a verba sempre existiu, o que acontecia é que ela tomava outros rumos. Mas depois no governo do finado Mário Covas...daí para frente, o próprio MEC tomou outro rumo e boa parte dessas verbas passou a ser destinada pelo MEC, isto já na década de 90. Então houve uma melhora, foi quando começou a melhorar... Como já comentávamos, as escolas não tinham materiais...então, a partir dessa época elas passaram a receber uma grande quantidade de material didático. Às vezes chegava tanto material que muitos deles o professor nem sabia usar. Esse material acabava ficando nos fundos dos corredores das escolas e muitos até acabaram sumindo sem serem usados, porque o professor não estava preparado para usá-lo. Bem pouco desse material todo, foi usado.

Mas, depois que se criou um cronograma para o recebimento dessas verbas, embora as quantidades já não fossem tão grandes você sabia, pelo cronograma, os dias e as quantidades do material que receberia. Então, passamos a administrar a escola mediante as previsões do que receberíamos. E... tudo melhorou muito nesse sentido, tanto é, que na escola em que eu sou Diretor, já faz sete ou oito anos que eu não fazemos uma promoção sequer. Eu administro a escola com dinheiro que me mandam. Não é muito mas, dá para administrar muito bem.

Os prédios melhoraram muito também. A conservação dos prédios... melhorou muito se comparada com os anos anteriores. É difícil você encontrar hoje uma escola que esteja assim...em decadência, estragada... Isso também depende muito da direção que a escola tem...é como a nossa casa, você precisa estar sempre "de olho", qualquer coisinha que estraga você tem que estar sempre consertando, porque se deixar vai acabando... acaba mesmo. Mas, isso também melhorou bastante.

AS MUDANÇAS NO ENSINO DE MATEMÁTICA

Atualmente até os livros didáticos cuidam melhor da distribuição dos conteúdos. Existe uma preocupação muito grande em não estancar conteúdos. Eu digo isso, porque as próprias Escolas Particulares procuraram a Rede Pública para aprender com ela e passaram a não ter mais aquelas apostilas frias que estancavam os conteúdos. Hoje a gente percebe que eles se preocupam com uma certa seqüência, não... não “se mata” um assunto na quinta série, na sexta ou na sétima série. Os assuntos têm continuidade (são retomados). É preciso ter continuidade.... Talvez seja essa a grande diferença que existe entre o ensino de hoje e de quando eu comecei a ensinar. Outra diferença é que o professor do passado era mais “conteudista”, ele não se preocupava muito com a formação do aluno... Ele era mais de “jogar” conteúdo mesmo, ele não tinha preocupação em saber o que o que o aluno estava sentindo, isso não era problema dele. O aluno era um ser passivo que estava lá para receber os conteúdos. Como dizia Paulo Freire... era uma educação bancária, você depositava os conteúdos e deixava que o aluno se “danasse” com eles.

Hoje existe uma preocupação maior nesse sentido, os livros também mudaram, eles fizeram uma mesclagem...quando começamos, você não encontrava livro nenhum que tivesse alguma coisa de História da Matemática. Você ia direto aos assuntos... muito direto. Quando se ensinava uma equação, se falava: “dois x é igual a quatro; x é igual a quatro sobre dois; x é igual a dois” e acabou. Não se explicava o porquê daquilo, porque estávamos fazendo aquilo. Hoje não... hoje existe uma preocupação metodológica muito grande sobre tudo isso, não é? O professor tem que conhecer... o professor tem que saber um pouquinho de História da Matemática, ele tem de transformar a Matemática (o ensino da Matemática) numa coisa mais agradável, que não seja tão cruel. Ele não pode pensar que só os alunos inteligentes vão aprender Matemática e os outros não...

Existe uma diferença muito grande nesse sentido, o professor não é mais tão “conteudista” quanto era no passado.

A PROGRESSÃO CONTINUADA

Mas, aqui também cabe uma crítica, porque no nosso tempo o aluno tinha que estudar para passar ser aprovado e hoje a gente sabe que não é mais assim, não é ?

As políticas que temos fazem com que não seja mais assim. Claro que não era correto o que se fazia no passado. Como já citamos antes, havia classes de quarenta alunos, dos quais seis ou sete eram aprovados e a maioria reprovada, isto não era justo... mas, por outro lado, a abertura foi muito grande. Não sei até se ... interpretarmos mal o que foi colocado para a Rede... ou se a intenção era essa mesma...o fato é que hoje o aluno não se preocupa muito mais em estudar.

SOBRE A PARTICIPAÇÃO POLÍTICA

Eu sou filiado à nossa entidade : a APEOESP, mas eu nunca me filiei a partido nenhum. Como salientei antes, eu nunca saí da sala de aula, embora eu seja Diretor de Escola eu continuo lecionando em uma Escola Particular, sou filiado ao Sindicato das Escolas Particulares, mas não sou fanático. Até porque se a gente fizer uma volta ao passado, veremos que quase nada do que foi reivindicado pelas nossas entidades foi atendido. Se você analisar bem, das inúmeras greves que fizemos – eu digo que até por falta de diplomacia nas negociações, mas não sei se só isso – de todas as reivindicações que fizemos, poucas foram ouvidas e quase nada foi atendido. Se você voltar lá atrás, você vai observar isso. Então eu não acredito muito nas nossas entidades não. Acho que o que falta mesmo é diplomacia... eu sou contra o radicalismo, as coisas precisam ser conversadas.

ALGUMAS LEMBRANÇAS POLÍTICAS

Eu já dava aula e houve um acontecimento muito interessante, aqui em nossa região. Certa vez havia uma escola que ia ser inaugurada. O Município passou todas as fotografias da escola, bonita, “pintadinha” de novo e quando vieram verificar a escola não existia, o que existia era a fotografia de uma outra escola...essa é a política que nós tivemos no passado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hoje não abordamos detalhes referentes à Direção da Escola, à formação do profissional da Educação, entretanto, nos últimos dois anos, a Secretaria da Educação investiu muito na Direção da Escola. Nós tivemos vários módulos de estudo... a Secretaria dividiu o Estado em três... quatro centros de estudo, um em Botucatu, um na Ilha Solteira, um em Santa Cruz do Rio Pardo e acho que um no Litoral... não sei em que lugar... Registro? Não sei... Na nossa região, chegamos a frequentar quatro desses módulos, dois em Botucatu, um na Ilha Solteira e outro em Santa Cruz do Rio Pardo. Nesses estudos, eles procuraram mostrar para nós, não só o dia-a-dia do Diretor mas uma visão da Escola como Empresa.

O Diretor precisa compreender a necessidade do trabalho coletivo, precisa estar consciente de que não adianta querer “carregar” a escola sozinho. E esse coletivo..., quando falamos do coletivo, estamos falando da equipe de professores da escola... se a escola não tem uma equipe que trabalha afinada, você não vai conseguir produzir nada na sua escola, nada! Esses cursos ampliaram a visão dos Diretores, ao focar a Escola como Empresa, ao mostrar a necessidade do trabalho em conjunto.

Também há a intenção de se fazer, novamente, convênios com as Universidades, para começar esse mesmo trabalho com os professores. Eu acho isso muito bom. Há alguns encontros dos quais você volta frustrado por não ter visto grande coisa, mas, eles não podem deixar de acontecer... o educador não pode parar de estudar, ele não pode parar de crescer, ele tem que estar sempre estudando, tendo visões diferentes, enfim... ele não pode parar, a escola é uma Empresa que tem que continuar e, você precisa se atualizar sempre.

AS DESPEDIDAS

Fico muito grato por você ter se lembrado de mim. Há muitas pessoas com mais conhecimento do que eu que você poderia ter entrevistado... agradeço e espero ter colaborado com o seu trabalho. Quem sabe, um dia, quando eu tiver fazendo o mestrado você seja a minha entrevistada.

Por que você escolheu esses depoentes?

Pretendíamos estudar o processo da formação dos professores de Matemática e as suas práticas cotidianas ao ensinar essa disciplina, na Nova Alta Paulista, compondo um “painel” com outros estudos elaborados por elementos de nosso grupo de pesquisa, que focam o interior do Estado de São Paulo. Por isso, achamos interessante situar o nosso estudo em uma época em que a região estava se constituindo política-social-econômica e culturalmente. Nossos depoentes são professores que atuaram no ensino de Matemática, em diferentes cidades da Nova Alta Paulista, no período de 1950 a 1970 e cuja trajetória profissional prolonga-se até o final do século XX. Dois deles ainda exercem as suas funções de docência. Um dos projetos do grupo História Oral e Educação Matemática é constituir um mapa da movimentação em relação à formação de professores de Matemática no interior do Estado de São Paulo. Embora não dialoguemos diretamente com os outros trabalhos do grupo – SOUZA (1998), BARALDI (2003) e MARTINS (2003) – que focam a formação de professores de Matemática em outras regiões paulistas, pensamos que nosso estudo, constituindo documentos que trazem as verdades de sujeitos que são parte da Educação Matemática, é uma contribuição para compreensões desse cenário mais amplo.

Como foi o processo das entrevistas (roteiro, data, local, particularidades – se houve). Comente esse processo em relação a cada um de seus entrevistados.

Escolhidos os depoentes, fizemos com eles o primeiro contato, convidando-os a participar de nosso trabalho. Com aqueles que já conhecíamos pessoalmente, caso dos professores Edson Fávero – colega nos cursos de Formação de Professores Primários e Matemática – Luiz Bereta – meu professor de Cálculo Diferencial e Integral, na Licenciatura – e Denise Boldrini Moliet – que havia desenvolvido várias atividades na Delegacia de Ensino de Dracena, onde trabalhei – conversamos pessoalmente sobre a pesquisa. Com os professores Thiago A. S. Leandro e Antonio Jorge, o primeiro contato foi feito por intermédio de

amigos comuns. Todos eles aceitaram prontamente o nosso convite. Após esse primeiro contato, enviamos a eles informações mais detalhadas sobre o trabalho e o roteiro a ser usado na entrevista. Do roteiro constavam sete perguntas para três dos depoentes e oito para os demais. Para organizarmos o momento das entrevistas, anotamos separadamente, em cada uma das perguntas, “focos de interesse”. Tais indicações serviriam de guia para o que, em cada pergunta, pretendíamos que o depoente abordasse. A carta enviada a cada um dos colaboradores, o modelo da carta de cessão e o roteiro das entrevistas estão explicitados a seguir:

Carta de Apresentação

Prezado professor,

Fico muito grata por aceitar participar de nossa Dissertação de Mestrado em Educação Matemática, que será apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação Matemática da UNESP, Campus de Rio Claro.

Nosso trabalho consiste em um resgate da história do ensino da Matemática na Nova Alta Paulista. O foco de nosso estudo é a formação e prática docente de professores de Matemática que atuaram nessa região no período de 1950 a 1970. Como os documentos escritos que dizem respeito à vida desses professores relatam, predominantemente, aspectos administrativos de suas carreiras, sem abordar aspectos de sua prática docente, estaremos utilizando- nos da História Oral como metodologia de pesquisa.

Assim, para investigar o tema privilegiamos como fonte fundamental entrevistas, cujos registros serão feitos com o uso do gravador. Essas entrevistas, depois de gravadas, serão transcritas e textualizadas.

A transcrição consiste em uma primeira etapa do processo de “reescrita” do material gravado. Neste momento nos aproximamos o máximo possível das gravações, conservando, inclusive, o formato de perguntas e respostas: é a “de-gravação” do registro oral. Em uma etapa posterior produzimos a textualização, momento em que – ao eliminar as perguntas e

respostas, diminuir os lapsos verbais, as incorreções gramaticais e os vícios de linguagem, sem desrespeitar os dados do depoimento – conferimos ao texto maior fluência, ao mesmo tempo em que, como pesquisadores, nos familiarizamos cada vez mais com as informações registradas.

A gravação e a transcrição da entrevista serão disponibilizadas para Vossa Senhoria que poderá vetar ou complementar as partes que julgar conveniente. Feitas as possíveis ressalvas, Vossa Senhoria deverá ceder-me os direitos da entrevista por meio de documento específico – carta de cessão – cujo modelo encontra-se em anexo.

Esperando ter prestado as informações necessárias, aguardo o seu pronunciamento sobre a data e local em que poderemos realizar a entrevista, colocando-me ao seu inteiro dispor para outras informações que desejar.

Atenciosamente,
Ivani Pereira Galetti

Carta de Cessão

Eu (nome, estado civil, R.G.) declaro para os devidos fins que cedo os direitos de minha entrevista, gravada em/...../....., por Ivani Pereira Galetti, R.G.4840197, para que ela possa usá-la integralmente, bem como a sua transcrição, sem restrições de prazos e limites de citações, desde a presente data. Da mesma forma, autorizo o uso de terceiros para ouvi-la e usar citações, ficando vinculado o controle à Instituição que tem a sua guarda. Abdicando de direitos meus e de meus descendentes, subscrevo a presente que terá minha firma reconhecida em Cartório.

Local e data
Assinatura

Roteiro para Entrevista

Pergunta 1: Fale um pouco sobre a sua vida. Quem eram seus pais, como foi a sua infância, sua juventude, em que cidade(s) morou...

(*Focos de Interesse*: nome completo, local e data de nascimento, profissão dos pais, locais onde residiu, dados sobre sua infância e adolescência).

Pergunta 2: Quando chegou à Nova Alta Paulista? Poderia, por favor, descrever como era a região nessa época? Falar um pouco sobre os habitantes da região...

(*Focos de Interesse*: dados sobre a posse da terra, a colonização da região, locais de onde vieram os primeiros moradores, descrição da zona rural, cidades, transportes e comércio, no início da colonização; principais produtos agrícolas da região; mudanças ocorridas na região desde a época em que começou sua carreira até hoje).

Pergunta 3: Poderia descrever como foi a sua formação? Onde estudou, quem foram os seus professores, como foi sua vida na Universidade (Faculdade)...

(*Focos de Interesse*: a opção pelo magistério e pelo ensino de Matemática; a formação acadêmica; quem foram seus professores e qual a formação deles, disciplinas estudadas na

graduação, a metodologia e as formas de avaliação utilizadas na graduação, livros utilizados no curso e seus autores).

Pergunta 4: Como foi a sua carreira no magistério? Sente-se realizado com ela?

(*Focos de Interesse*: início da carreira, graus em que lecionou, cargos que ocupou, a realização (ou não) profissional).

Pergunta 5: Pode, por favor, descrever como era a rotina em sua sala de aula?

(*Focos de Interesse*: séries em que costumava lecionar, como eram escolhidos os conteúdos trabalhados em sala de aula, métodos e recursos didáticos usados, livros didáticos adotados, seus autores e os critérios para a adoção dos mesmos, quais os autores de livros e matemáticos importantes da época, recursos didáticos disponíveis e como eram usados, formas de avaliação de conteúdos, número de alunos por sala, trajetória dos alunos que concluíam o ensino médio).

Pergunta 6: Como se recorda das questões oficiais da época? Da legislação vigente, de como era efetivamente aplicada, dos órgãos de inspeção, supervisão...

(*Focos de Interesse*: o papel do Estado na organização da escola, a existência de projetos de capacitação e ou atualização dos professores, onde e por quem eram desenvolvidos, encontros entre os professores para discussão de conteúdos, metodologias e esclarecimento de dúvidas, existência de coordenação, supervisão ou inspeção do processo educacional, o papel do diretor de escola, mudanças significativas ocorridas no processo educacional durante a sua trajetória profissional, descrição dos prédios, salas de aula das escolas e sua conservação),

Pergunta 7: Conte, por favor como foi a sua participação na elaboração do material *Experiências Matemáticas e Atividades Matemáticas*?⁷⁶

Pergunta 8: Teve alguma participação política durante a sua carreira no magistério?

⁷⁶ Esta questão foi abordada somente com os professores Edson Fávero e Denise Boldrini Molliet.

(*Foco de Interesse: se pertenceu a Sindicatos, ou Associação de Professores, existência de movimentos reivindicatórios, como eram e quais os seus resultados, destaque de acontecimentos políticos julgados importantes*).

"Tendo elaborado o roteiro, você fez as entrevistas e isso parece ter ficado claro para mim e para o leitor de seu trabalho. Sabemos, entretanto, que embora haja alguns parâmetros a serem seguidos quando se opta por trabalhar com História Oral, cada trabalho tem suas particularidades (coisas que não pensávamos que surgiriam e que surgem; coisas que gostaríamos que surgissem e sequer aparecem etc). Quais as particularidades metodológicas você apontaria em seu trabalho e como você superou as particularidades que se configuraram como problemas metodológicos?"

Como já dissemos, o que fizemos foi uma busca para conhecer o passado, um registro, através de narrativas, de versões de sujeitos históricos sobre as suas experiências de vida – pessoais e profissionais – para construir “uma” história do ensino da Matemática em nossa região. Entretanto, o passado é irrecuperável e nenhum relato jamais corresponde “verdadeiramente” ao acontecido. Portanto, temos presente que as narrativas de nossos depoentes se relacionam a uma pequena fração daquilo que foi vivido por eles e, em alguns casos, são percepções ou re-interpretações do vivido. Sobre isso, cito parte de um texto que expressa de modo muito peculiar como apreendemos “os fatos” quando trabalhamos com história:

“/.../ na verdade, os factos não se assemelham aos peixes expostos na montra do comerciante. Assemelham-se aos peixes que nadam no oceano imenso e muitas vezes inacessíveis; o que historiador apanhará depende em parte do acaso, mas sobretudo da região do oceano que tiver escolhido para a sua pesca e do isco de que se servir.

Estes três factores são, evidentemente, determinados pelo tipo de peixes que se propõe apanhar. Em geral, o historiador obterá o tipo de factos que deseja encontrar.”⁷⁷

Logo ao iniciar as entrevistas, percebemos que ao resgatar o passado por meio da memória, seguindo os parâmetros da História Oral, aprisionávamos não só os peixes que pretendíamos, mas também outros que sequer havíamos pensado pescar. Alguns sinalizando aspectos docentes e administrativos de um passado recente mas que, aparentemente, já caíram no esquecimento; e outros que nos trariam, em decorrência, uma série de problemas de que precisávamos tratar...

Quais foram essas questões que surgiram no processo, considerando esse modo peculiar de conceber e trabalhar com a História?

Para apresentar o aprisionamento desses “fatos”, os problemas causados por alguns deles e as formas das quais nos valem para ultrapassá-los na trajetória de nossa pesquisa, elaboramos um texto específico que incluímos, em sequência.

História Oral, Memória, depoimentos: considerações gerais e singularidades dessa investigação

O escritor solitário voltou a imergir na multidão, escutou dela os ruídos, tomou nota de suas vozes.(...) Fui consultar os homens, escutá-los falar de sua própria sorte, e ouvir de seus próprios lábios o que não se

⁷⁷ em CARR, citado por SCHAFF, 1988: 167

*encontra muitas vezes nos escritores de maior brilho: palavras cheias de sentido comum*⁷⁸

A história traz consigo as marcas do tempo, ou seja, suas concepções são conseqüências da época em que o conhecimento histórico é produzido. Assim, na Grécia Antiga, tendo como base a concepção grega de natureza, a história constituía-se em relatos muito próximos da filosofia que visavam à imortalidade dos grandes feitos. Em Roma, tornou-se fonte de exemplos e forma de celebrar e firmar o prestígio do Império. Na Idade Média, com a difusão do Cristianismo, eliminando a idéia de acaso adquiriu finalidade – a redenção – e caráter teológico. Com o Renascimento, tendo como parâmetros o resgate das virtudes, habilidades e conhecimentos da cultura helênica, voltou-se novamente para o homem. O Iluminismo fê-la colocar a racionalidade e o ceticismo como critérios de valor, abolindo as manifestações do irracional. No século XIX, com o Positivismo e o Marxismo, buscou *status* de ciência⁷⁹.

A partir do início do século XX, o grupo dos *Annales*, aproximando a história de outras ciências – entre elas a antropologia, a sociologia e a psicologia – revolucionou o fazer histórico, dando-lhe um caráter “multi-focal” e criando novos paradigmas para a sua construção.

Um dos aspectos mais importantes dessa renovação foi a ampliação do conceito de objeto histórico e conseqüentemente a inserção de novas temáticas, até então nunca cogitadas pelos historiadores tradicionais, nos domínios da história.

Com a ampliação do campo histórico surgiram novas abordagens – como por exemplo “a história vista de baixo”, “a micro-história” – e o conceito de fonte extrapolou e ultrapassou, inclusive, uma prática “(...)”legítima – científica, política, escolar (...)”⁸⁰, “(...)mítica moderna(...)”⁸¹ : a prática da escrita, permitindo que outras modalidades de arquivos adquirissem o *status* de documentos.

O novo paradigma criado pelos *Annales*, indo além dos limites franceses, fez seguidores em outros países, entre eles os

⁷⁸ MICHELET, apud GATTAZ (1998: p. 26)

⁷⁹ Estes temas já foram tratados, neste mesmo trabalho, em texto anterior.

⁸⁰ CERTEAU (1999: p. 224)

⁸¹ *ibid* p: 227.

Estados Unidos, onde, depois da Segunda Guerra, podendo contar com a invenção do gravador portátil, desdobrou-se gerando a história oral⁸².

A historiografia nos mostra que já existia, desde a Antiguidade, uma “história oral”. Esta, entretanto, era uma história política, monumental, voltada aos atores principais e aos acontecimentos. Nela, as entrevistas apenas complementavam os documentos escritos.

A nova história oral tem características especiais uma vez que não conta com fontes que se constituem *a priori*, ou seja com fontes já estabelecidas – textos já escritos, “documentos prontos” – mas, que se constituem no decorrer da pesquisa. Seus documentos são “arquivos orais provocados”⁸³, que, entretanto, como os outros “lugares de memória” resgatam *a posteriori* o passado.

Em Certeau⁸⁴, temos que a prática da escrita instaura uma relação entre poder e saber, ou seja, é um princípio de hierarquização social, instrumento de controle e domínio dos que escrevem sobre os que não escrevem – inclusive, ele nos lembra que Robinson Crusoe é o senhor e Sexta-Feira o trabalhador. Assim, a história oral resgatando a oralidade – “o mundo mágico das vozes e da tradição”.⁸⁵ – e valorizando a enunciação acolhe, de forma sistemática, como objeto de estudo, grupos sociais até então excluídos da “história institucionalizada”, da história que contém a “versão oficial” da realidade. Contemplando a memória “não-oficial” e abordando temas de vanguarda, a história oral também estabeleceu novas relações entre o historiador e seu objeto de estudo. Na história do tempo presente as relações não são mais entre o historiador e almas mortas ou textos escritos, mas, entre historiador e depoentes que lhes narram as suas vidas. Os documentos usados na pesquisa não são mais inertes, em sua sonoridade há entonações, dúvidas, risos, repetições e, sobretudo, emoções e distorções.

Entretanto, esta história que aborda o contemporâneo, que se apóia em testemunhos vivos, que recorre à palavra gravada – à oralidade – gerando uma nova

⁸² GARNICA (2004a), considera história oral uma expressão simplificada que traz consigo o significado de “a história re-construída a partir da oralidade”.

⁸³ A expressão “arquivos provocados” é de Jacques Ozouf, conforme indicação de BECKER, Jean-Jacques IN AMADO e FERREIRA (2001, p: 28)

⁸⁴ CERTEAU (1999)

⁸⁵ Ibid p. 224

modalidade de documento – o documento sonoro – e que traz consigo uma outra concepção de objeto histórico, não se constitui em uma “outra história”, mas tão somente em uma nova forma de fazer história.

São essas novas concepções do fazer histórico que nos permitiram superar as noções convencionais do que é histórico – do que a história pode contar – e ainda, pensar na possibilidade de adentrar ao campo da ciência histórica, extrapolando, inclusive, a nossa formação em Matemática e tomar como objeto de estudo o professor de Matemática que atuou na Nova Alta Paulista, entre 1950 e 1970, enfocando – a partir de sua memória – a sua formação e suas práticas cotidianas.

Assim, nossa intenção, aqui, será seguir uma trilha – a memória – para alcançar um passado que já se foi, conscientes de que jamais nos será permitido provar as analogias que estabelecermos entre ele e o que será produzido nesta pesquisa, uma vez que as experiências vivenciadas, passadas, nunca poderão ser revividas ou reconstituídas como foram efetivamente, vividas. Lowenthal⁸⁶, inclusive, dá-nos essa certeza afirmando que “diferentemente dos lugares geograficamente remotos que poderíamos visitar se fizéssemos um esforço, o passado está além do nosso alcance” – e para reforçar esta sua concepção chama ainda o testemunho de Collingwood⁸⁷ – “o passado simplesmente como passado é totalmente incognoscível, somente o passado residualmente preservado no presente é cognoscível”. São as lembranças que nos permitem recuperar a consciência dos fatos já acontecidos e, portanto, é na memória que o passado se fundamenta.

A função social da memória consiste na possibilidade de que as pessoas – valendo-se da linguagem oral ou escrita – podem narrar fatos, circunstâncias, contextos, cenários e objetos, não presentes – partes do passado – fazendo-os transitar além dos limites físicos do corpo de quem narra e depositar-se na memória do “outro”, ou em outros “lugares da memória”⁸⁸. Assim, a memória é nosso elo com o

⁸⁶ LOWENTHAL (1998: p. 67)

⁸⁷ COLLINGWOOD, R.G. apud LOWENTHAL, David, *ibid.*

⁸⁸ Nora estabelece que a “história é feita a partir do estudo dos ‘lugares’ da memória coletiva: lugares topográficos, como os arquivos, as bibliotecas e os museus; lugares monumentais, como os cemitérios ou a arquitetura; lugares simbólicos, como as comemorações, as peregrinações, os aniversários ou os emblemas; lugares funcionais

passado. Por meio dela procuramos recuperar experiências, pontos de vista e emoções de professores que, na concepção da historiografia tradicional, permaneceriam invisíveis e calados.

Desde o início de nosso processo de investigação tínhamos presente que a subjetividade permearia todo o nosso trabalho, tanto no que diz respeito ao resgate do passado quanto aos conteúdos dos documentos que registram as memórias dos depoentes, sejam eles os “arquivos orais provocados”, transcrições ou textualizações.

Em nossa pesquisa, o primeiro dos problemas, relativo à subjetividade, diz respeito à veracidade – tema freqüentemente discutido pelos integrantes do grupo de pesquisa em História Oral e Educação Matemática, do qual fazemos parte. Ou seja, freqüentemente temos nos perguntado quais os procedimentos a serem adotados quando se constata que um depoimento contém imagens interessantíssimas, que um ouvinte – ou leitor – menos atento poderia classificar como “erro” ou “mentira” (o que ocorreu, inclusive, no depoimento de nossos colaboradores e foi detectado durante nosso Exame de Qualificação).

Em nosso caso específico, ficamos, inicialmente, entre dois dilemas. Pode a pesquisa acadêmica acolher a história oral “revestida” de toda a sua subjetividade? Ou seja: pode haver no corpo de uma dissertação de mestrado “não verdades”? O outro, ao darmos voz ao depoente devemos, em nome do positivismo que tem dominado o cenário acadêmico, conferir todas as suas declarações? Podemos, ao dar voz ao depoente, contestá-lo, apontar suas “não verdades”, suas incorreções, esquecimentos, enganos?

Para nos posicionarmos em relação a esta questão nos apoiaremos nas concepções de alguns autores, com os quais dialogamos.

Thompson⁸⁹ explica que a memorização faz-se em etapas sucessivas: primeiro, há uma compreensão e ordenação do objeto, em seguida, por alguns poucos minutos, seu registro é quase exato – a memória fotográfica – e depois um processo de seleção organiza a memória e, por meio de um mecanismo físico, há uma gravação duradoura do objeto na memória. Ao lembrar, o processo é inverso, ou seja, em uma determinada situação o cérebro retoma o objeto e o reconstrói.

como os manuais, as autobiografias ou as associações: estes monumentos têm a sua história.” (NORA, apud LE GOFF, 2000b: p. 55)

⁸⁹ THOMPSON, Paul (1992)

A memória, segundo Henry Rousso⁹⁰, “é a presença do passado (...)” “(...) é uma reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional”.(negritos nossos).

Entender a concepção de memória como o resgate do passado, é portanto, entender que esse resgate não significa a volta dos acontecimentos, mas, a construção de “uma” versão para esses acontecimentos, é conceber que da memória fazem parte:

*lembranças involuntariamente equivocadas, lembranças transformadas em função dos acontecimentos posteriores, lembranças sobrepostas, lembranças transformadas deliberadamente para “coincidir” com o que é pensado muitos anos mais tarde, lembranças transformadas simplesmente para justificar posições e atitudes posteriores.*⁹¹

O resgate do passado e o passado têm “texturas” diferentes, uma vez que esse resgate é, usando um termo de Nietzsche, uma *Erfindung* – uma invenção. Encarar esse retorno do passado como uma produção subjetiva da memória, concebê-lo como “uma” das leituras possíveis do acontecido, conscientizando-se da impossibilidade de fazê-lo retornar de modo objetivo, constitui-se em uma das perspectivas a partir da qual “lemos” a fala de nossos depoentes.

Suas declarações devem ser vistas, cada uma delas, como releituras “únicas” do passado, uma vez que tanto o tempo como o espaço as modificam, e que cada releitura traz de volta “uma” reconstrução, sempre diferente do que foi vivenciado, ou seja, embora não existam duas releituras – duas lembranças, duas reconstruções – iguais, nenhuma delas é “o” passado objetivo, nenhuma delas traz o passado de volta, todas constituem-se em reconstruções diferentes do que passou. “Por mais volumosas que sejam nossas recordações, sabemos que são meros lampejos do que já foi um todo vivo. Não importa quão vivamente lembrado ou reproduzido, o passado torna-se

⁹⁰ ROUSSO, Henry. *A memória não é mais o que era*. IN AMADO e FERREIRA (2001: p. 94).

⁹¹ BECKER, Jean-Jacques. *O handicap do a posteriori*. Ibid, p: 28.

progressivamente envolto em sombras, privado de sensações, apagado pelo esquecimento”.⁹²

Uma perspectiva complementar para encarar os depoimentos coloca relevância na relação entre memória e esquecimento, relação, inclusive, já vislumbrada na Grécia Antiga. Na mitologia grega, *Letes* – uma divindade feminina, filha da *Discordia* – fazia a oposição à *Mnemosyne* – a deusa da memória. *Letes*, em uma de suas representações, era um rio do submundo com águas mágicas que fazia desaparecer todas as lembranças das almas dos mortos.

Weinrich⁹³ define, de forma trivial, o esquecimento como um “buraco na memória”, de onde alguma coisa cai mas afirma que, com Freud, aprendemos que o esquecimento não é inocente, tem seus motivos, é um repressor que continua sempre em ação – o inconsciente – trabalhando e assustando a alma.

Em Michael Pollak⁹⁴ – que se apóia em Halbwachs – temos que embora a memória seja aparentemente um fenômeno individual, é sobretudo um fenômeno coletivo e social, ou seja um fenômeno que se constrói coletivamente e que se transforma e se modifica constantemente. Pollak ainda nos alerta que, além dos acontecimentos vividos pessoalmente, dos personagens encontrados e dos lugares ligados às lembranças, também participam da memória os acontecimentos vividos pela coletividade na qual a pessoa está inserida, inclusive aqueles acontecimentos dos quais a pessoa não participou, aqueles personagens com os quais não teve contato direto ou, até mesmo, os que não pertenceram ao seu espaço-tempo. Pollak, ainda, afirma que as lembranças não têm necessariamente suporte no tempo cronológico, ou seja, não estão obrigatoriamente ligadas a datas “reais” dos acontecimentos.

Esses acontecimentos, personagens e lugares não vividos e não conhecidos – a não ser indiretamente –, de algum modo tornam-se tão fortes no imaginário que não se distingue mais se os vivemos – ou conhecemos – ou não.

Pollak, dando-nos a certeza da presença dessa “memória herdada” – de acontecimentos, personagens e lugares não vividos ou conhecidos – da presença forte do imaginário dos narradores em suas narrações, ajuda-nos a entender, nos depoimentos, suas “distorções da realidade”, vendo-as não como “mentiras” mas como projeções ou transferências de outros

⁹² LOWENTHAL (1998: p. 74)

⁹³ WEINRICH (2001)

⁹⁴ POLLAK (1992)

acontecimentos, personagens ou lugares. O autor, inclusive, dá-nos um bom exemplo dessa transferência herdada, relatando que, quando entrevistadas sobre a guerra da Normandia, invadida em 1940, as pessoas – muito jovens na época dessa guerra – costumavam mencionar os capacetes pontudos dos soldados alemães. Esses capacetes, entretanto, eram típicos dos soldados prussianos que lutaram na Primeira Guerra Mundial.

Em um outro relato, ele diz ser comum, em determinadas regiões, as pessoas transformarem, em seu imaginário, a primeira e a segunda guerras mundiais em apenas uma grande guerra.

LOWENTHAL⁹⁵ ainda chama-nos atenção tanto para o caráter duradouro e poderoso de que as recordações falsas podem se revestir, principalmente quando sustentam uma auto-imagem quanto para a fragilidade da recordação, destacando que “percebemos que os outros geralmente recordam menos do pensam, imaginam parte do que acreditam recordar, e dão nova forma ao passado para adequá-lo às imagens de si mesmo do presente”.

Uma outra perspectiva da subjetividade que precisa ser abordada, diz respeito à concepção de documento.

Para a escola positivista, o documento – sempre um texto escrito – constituía-se como prova do fato histórico, impondo-se por si mesmo. A função do historiador era tirar dos documentos tudo o que lhe fosse possível sem, entretanto, dele se afastar.

O grupo dos *Annales* deu uma nova dimensão ao conceito de documento ampliando o seu sentido, denunciando a sua pretensa objetividade, e dando-lhe estatuto de monumento, de uma construção resultante de escolhas – conscientes ou não – feitas pelo historiador. Sem essa nova concepção de documento, que Febvre explicita com clareza⁹⁶, seria impossível tomar como objeto de estudo os professores de Matemática da Nova Alta Paulista, uma vez que excluindo os “registros oficiais” – que nada dizem sobre as suas práticas – nada mais teríamos sobre suas vidas. Os documentos produzidos nesta nossa pesquisa devem, então, ser vistos como monumentos que registram uma das versões possíveis – aquela da perspectiva de

⁹⁵ LOWENTHAL (1998)

⁹⁶ A citação da concepção de documento segundo Febvre está transcrita em outro momento deste mesmo trabalho.

cada um de nossos depoentes – para o proposto em nosso trabalho. Documentos que, sendo ao mesmo tempo monumentos, poderão ser em qualquer tempo desmontados e reconstruídos. Temos em Le Goff síntese de concepção de documento por nós assumida: documento “é o resultado do esforço realizado pelas sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias. No limite não existe um documento verdade”⁹⁷.

A opção por acompanhar este enfoque não implica a intenção de “manipular a memória” de nossos depoentes – registrada em nossos documentos – de imprimir-lhes uma definição positivista de “verdade de ontem”, de checá-las, de comprová-las. Para isso aceitaremos – sem intromissões – as retificações feitas pelos nossos depoentes aos registros gravados e, a partir do momento em que eles ratificarem nossas transcrições esta será a nossa verdade, “uma verdade de hoje”. Não pretendemos recortar os textos, as suas histórias de vida, procurando, segundo Rosenthal⁹⁸ “a realidade da ‘pessoa real’, atrás do espelho”.

Entendemos que o professor entrevistado e o “seu duplo” – inventado a partir de sua memória – são “dois indivíduos” – criador e criatura – um concreto e outro construído, um vivido e outro tornado texto. Entendemos que a criatura traz em “seu corpo” as marcas do vivido pelo criador, carrega consigo os silêncios repletos de significados – que só o criador pode conhecer e explicar – as lembranças transformadas ou equivocadas e, ainda, seus esquecimentos voluntários ou não.

Criador e criatura não se sobrepõem (quando muito se justapõem). Assim, não vislumbramos a possibilidade de superar esta justaposição, esta dualidade, recortando a criatura – apontando ou mesmo retificando os seus “erros” – para transformá-la numa sobreposição, uma vez que cada recorte seria uma outra justaposição (e nunca a sobreposição). Desse modo, nossa opção é a de, respeitando toda a subjetividade do processo, considerar “o duplo” como uma “verdade de hoje”, como uma nova forma de interpretação do passado, a partir do

⁹⁷ LE GOFF (2000a: p. 114)

⁹⁸ ROSENTHAL, G. *A estrutura e a gestalt das autobiografias e suas conseqüências metodológicas*. IN AMADO e FERREIRA (2001: p. 194)

presente e até mesmo do futuro. Hannah Arendt, apoiando-se na parábola de Kafka, pode nos auxiliar na compreensão da luta travada entre o passado e o futuro:

Ele tem dois adversários: o primeiro acossa-o por trás, da origem. O segundo bloqueia-lhe o caminho à frente. Ele luta com ambos. Na verdade, o primeiro ajuda-o na luta contra o segundo, pois quer empurrá-lo para a frente, e, do mesmo modo, o segundo o auxilia na luta contra o primeiro, uma vez que o empurra para trás. Mas isso é assim apenas teoricamente. Pois não há ali apenas os dois adversários, mas também ele mesmo, e quem sabe realmente de suas intenções? Seu sonho, porém é em alguma ocasião, num momento imprevisto – e isso exigiria uma noite mais escura do que jamais o foi nenhuma noite –, saltar fora da linha de combate e ser alçado, por conta de sua experiência de luta, à posição de juiz sobre os adversários lutam entre si.⁹⁹

Nesta concepção, o tempo apresenta uma “lacuna” onde o ser humano está – entre o passado e o futuro –, de onde ele precisa posicionar-se contra o passado e o futuro ao mesmo tempo. Essa “lacuna” entretanto, não é apenas uma descontinuidade, mas constitui-se num campo de forças, com uma resultante diagonal – uma semi-reta – com origem no ponto onde se chocam as duas outras forças antagônicas. A direção dessa força diagonal da qual se conhece apenas a origem, é determinada pelas das forças que representam o passado e pelo futuro. É o esforço do homem para pensar – no que se inclui o lembrar – o gerador desse campo de forças.

Entendemos, ainda, que o grupo de *Annales* – ao nos mostrar, através de sua obra, que não há hierarquia entre os fatos históricos, que não há fatos ou personagens mais importantes que outros – nos permite, por analogia, não estabelecer também uma hierarquia para as distorções, os enganos cometidos pelos depoentes. Ou seja, não entendemos

⁹⁹ ARENDT (2002)

ser possível estabelecer categorias para classificar as distorções e muito menos estabelecer procedimentos para lidar com cada uma das categorias (como, por exemplo, classificar as distorções em algo do tipo “grave” e “não grave” e, a partir daí, pretender que as “ graves” sejam submetidas a algum tipo de manipulação e que as outras, por serem “menos graves” ou por não terem sido detectadas, permaneçam intactas).

E assim – mais uma vez nos apoiando em Arendt – declaramos que por falta de “experiência de luta” nos furtamos a assumir o papel de juiz do pensamento – e da memória – dos nossos depoentes.

Essa compreensão da subjetividade que envolve toda a nossa pesquisa, ainda nos leva a não analisar as entrevistas, a não destruir a sua estrutura mais do que já o fizemos em suas transcrições e textualizações. Para nós, as respostas que procuramos estão – ou não – nos textos e pensamos que a sua carga subjetiva já é suficiente e não há necessidade de ampliá-la, ainda mais, com as nossas análises.

De um modo geral, o que você compreendeu sobre o seu tema de pesquisa (o professor de Matemática na Nova Alta Paulista)? Que contribuições, segundo seu ponto de vista, seu trabalho traz para a Educação Matemática?

BOSI¹⁰⁰ nos diz que as palavras *colonização* e *cultura*, derivam do mesmo verbo latino *colo*, que para os romanos significou *eu moro, eu ocupo a terra*. Define *colonização* como um projeto que visa a ocupar um novo chão, explorar seus bens e submeter seus nativos. *Cultura* ele define como sendo “o conjunto das práticas, das técnicas, dos símbolos e dos valores que se devem transmitir às novas gerações para garantir a reprodução de um estado de coexistência social”¹⁰¹, complementando que a

¹⁰⁰ BOSI (2002)

¹⁰¹ idem

educação é um “momento institucional marcado deste processo¹⁰²”.

Os nossos entrevistados, à exceção de um deles que nasceu e sempre viveu na região, são pioneiros, oriundos de “regiões mais velhas” do Estado de São Paulo que, ao assumirem suas funções no magistério da Nova Alta Paulista, integram-se ao projeto expansionista instalado nessa região a partir das primeiras décadas do século XX, tornando-se “ator”, não só do processo educacional e cultural, mas também do processo colonizador de uma região distante dos grandes centros e, portanto, com um sistema precário de transportes e de comunicação, onde predomina a cultura do café, em pequenas e médias propriedades, e cuja força de trabalho constitui-se, basicamente, de imigrantes italianos e japoneses que não dominam a língua portuguesa.

Esses professores que chegam à região têm formações diferenciadas e nossos depoentes mostram isso claramente. Dois deles, o professor Luiz Bereta e o professor Antonio Jorge cursaram Universidades na Capital do Estado. O professor Thiago – que conviveu muito proximamente ao professor Cid Guelli – assim que terminou o Curso Científico foi aprovado em Concurso de Ingresso ao Magistério Oficial e, em 1957, veio para a Nova Alta Paulista. Ele licencia-se em Matemática, anos mais tarde, em um “curso vago”¹⁰³ na cidade de Guaxupé, no Estado de Minas Gerais. Os outros dois colaboradores, professor Edson e professora Denise, começam a ensinar Matemática logo após iniciarem a Licenciatura, que foram feitas em Faculdades da Nova Alta Paulista. Ele fez o Curso de Matemática na Faculdade de Dracena; ela na de Tupã, criada pelo professor Thiago A. S. Leandro.

Os professores que tiveram sua formação em Universidades da cidade de São Paulo conviviam com professores experientes, dentre os quais havia estrangeiros e professores de renome no campo da Matemática; usavam uma bibliografia da qual constavam, inclusive, livros escritos em outras línguas e tinham acesso a bibliotecas com bons acervos. Ao chegarem à Nova Alta

¹⁰² *ibidem*.

¹⁰³ Cursos freqüentados pelos alunos somente nos finais de semana.. O trabalho de Ivete Baraldi (BARALDI, 2003), ainda que brevemente, contextualiza o papel desses cursos para a formação dos professores da região de Bauru (SP).

Paulista, encontram uma nova “paisagem” que deles exige uma “transposição” da cultura que dominam. Precisam ser criativos, uma vez que “um novo público” requer práticas para o ensino da Matemática que não podem ser aquelas usadas nas regiões “mais velhas”. Assim, o professor Thiago, ao mesmo tempo em que escreve livros, cria o CEMIV – Centro de Estudos Matemáticos “Índia Vanuire” – onde seus alunos estudam, ensinam e produzem material didático que “publicam” de forma rudimentar. Dedicar-se diuturnamente para que seus alunos ampliem a sua bagagem matemática, para o que estabelece jornadas de estudos aos sábados e domingos, atende alunos com dificuldades em sua residência, e, inclusive, se apropria de “textos” matemáticos produzidos no Japão que – depois de traduzidos por uma professora de japonês – são usados em suas aulas. O professor Antonio Jorge percorre as casas de seus alunos – que estudam em grupo – acompanhando e orientando as suas atividades. Prepara-os e os encaminha para continuar seus estudos em escolas de renome da Capital. Assim, o ensino de Matemática que se desenvolve na região é peculiar, surpreendentemente semelhante e diferente daquele das regiões mais “velhas” do Estado, pois mantendo os conteúdos matemáticos que são tradicionalmente trabalhados nas escolas, cria novas práticas visando a transpô-los para o novo chão, ou seja, a colonização dota de “novas tonalidades” as práticas cotidianas dos professores que, nessa época, ensinam Matemática, ou seja, os professores provenientes dos grandes centros criam um “projeto” para transpor para os filhos de migrantes e imigrantes a Matemática apreendida ou nas Universidades ou com renomados professores.

BOSI¹⁰⁴, nos diz que “a colonização dá ares de recomeço e de arranque a culturas seculares.” Os nossos depoentes comprovam essa asserção. Os agentes do processo de colonização não se reduzem àqueles que trabalham e cultivam o solo. Um grande rol de trabalhadores, dentre eles os da educação, são também colonizadores. Para os professores de Matemática, nossos depoentes, o verbo *colo* assume o seu sentido básico: *o de tomar conta*, com o significado de *cuidar*, cuidar do ensino da Matemática.

¹⁰⁴ BOSI (2002)

Aqui, “o bandeirante” e o professor – de modo diverso do que aconteceu no século XVIII, quando o bandeirante de São Paulo e os jesuítas travaram uma luta de morte – conciliam suas práticas, atuando, cada um ao seu modo, no projeto de colonização. Enquanto uns plantam e comercializam, outros constroem estradas e ferrovias, outros ainda, contribuem para um projeto de formação escolar e cultural. Esses professores não se dedicam apenas ao ensino da Matemática escolar, mas também desenvolvem um projeto expansionista no que diz respeito ao ensino da Matemática. Eles direcionam a trajetória escolar dos filhos dos colonizadores, trabalhando com dedicação e afinco, buscando dar-lhes acesso às tradicionais escolas de Segundo Grau e Universidades da Capital. Para facilitar a frequência de alunos da zona rural à escola, chegam a acolhê-los em suas próprias residências, estabelecendo vínculos que, extrapolando o período escolar, perduram até os dias atuais. Eles também cuidaram da capacitação e aperfeiçoamento dos demais professores da região, uma vez que, sendo amigos pessoais de matemáticos conhecidos, os recebem em visita à região, ocasiões em que estabeleciam fóruns – dos quais participam professores de Matemática da Nova Alta Paulista, formados ou não – nos quais se instaura um outro tipo de cruzamento, o cruzamento entre a Matemática acadêmica conhecida e produzida por esses professores e a ensinada nas escolas pelos professores da região. A colonização dá outros *ares de recomeço e de arranque* à cultura matemática. Esses professores também “plantam” novas Faculdades, com cursos de Matemática, na Nova Alta Paulista, nas quais lecionam e para as quais escrevem livros. Embora, inicialmente, essas Faculdades não tenham um corpo docente com formação acadêmica nem bibliotecas com bons acervos, elas têm o mérito de terem dado uma formação específica tanto aos professores não habilitados que já atuam nos Cursos Ginásial e Colegial, ensinando Matemática, como àqueles que iriam atender à crescente demanda que se instaura na região, em decorrência do processo de colonização. Atualmente, a grande maioria dos professores que atuam no ensino de Matemática na Nova Alta Paulista é formada por essas Faculdades, cujos primeiros embriões foram lançados por esses professores. Entretanto, os *ares de recomeço e arranque* não se restringiram à Nova Alta Paulista. O professor colonizador, à medida que dava

as suas contribuições para a expansão do conhecimento matemático na região, também saía não só à procura da ampliação de seus próprios conhecimentos, mas também de “diplomas acadêmicos”, uma formalização que a legislação passa a exigir. Assim, o professor Thiago procura uma Faculdade no Estado de Minas Gerais, para obter a Licenciatura; o professor Antonio Jorge ao mesmo tempo em que se dedica ao magistério, frequenta Cursos de Pós Graduação, na distante cidade de São Paulo; o professor Luiz Bereta faz longas viagens para buscar, com Peter Almay, seu ex-professor, esclarecimentos para as dúvidas que encontra quando começa a lecionar Cálculo Diferencial e Integral. Os professores Edson e Denise integram-se a projetos da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, que têm como objetivo a melhoria da qualidade do ensino de Matemática. Por meio desses projetos, que também dão *ares de recomeço e de arranque* ao ensino da Matemática, acontece um outro cruzamento, agora entre a Matemática produzida por professores do Instituto de Geociências e Ciências Exatas do Campus de Rio Claro e a ensinada pelos professores da nova Alta Paulista. Inclusive, nos depoimentos dos professores Edson e Denise, encontramos testemunhos da contribuição que os professores deste Instituto deram ao ensino de Matemática na Nova Alta Paulista.

Nosso trabalho é, então, uma tentativa de reconstrução de uma pequena fração da história do Ensino da Matemática, sobre a formação e as práticas dos professores da Nova Alta Paulista. Constituímos documentos que dizem respeito à atuação de cinco desses professores, que se dedicaram ao ensino de Matemática no momento em que o homem branco apropria-se de um novo chão para explorá-lo, e a partir deles estabelecemos algumas compreensões que se constituem em um mapeamento que poderá servir como subsídio para outros mapeamentos mais gerais que, tendo o mesmo foco, sejam mais abrangentes.

Pensamos que, ainda que de forma bastante tímida, nossa proposta foi, também, a de “reencantar” o professor de matemática, “desfocá-lo” de um texto – a sala de aula – e enfocá-lo, como agente, num contexto – o processo de colonização da Nova Alta Paulista. Suas vozes nos levaram à compreensão de que eles não foram coadjuvantes nesse processo, mas atores principais que, “ombro a ombro” com os que se apropriaram do

novo chão e dele passaram a tirar o seu sustento, colonizaram cultural e educacionalmente esse mesmo chão; de que seu embate teve sempre o objetivo de fazer com que as novas gerações do novo chão – onde foram acolhidos – se apropriassem de um acervo cultural do qual não dispunham.

Outras compreensões e posicionamentos que dizem respeito à metodologia usada – a História Oral – também se fizeram necessárias. Pensamos que elas podem ser contribuições para desencadear outras compreensões, com elas compatíveis ou não.

E, por que você não inclui um estudo mais aprofundado sobre a metodologia da História Oral, seus procedimentos e fundamentações?

Bem, o grupo está desenvolvendo pesquisas usando a mesma metodologia que este trabalho usa. A intenção é que essa metodologia, no rastro dessas pesquisas, seja cada vez mais compreendida pelo grupo. Assim, optou-se por constituir a metodologia ao mesmo tempo em que pesquisas específicas vão sendo realizadas. Esse é o motivo principal de não incluirmos, nesse trabalho, um tratamento mais detalhado a este tema (que será, como pensamos, objeto de um outro trabalho de algum componente do grupo ou de um conjunto de trabalhos do grupo). A intenção é constituirmos uma metodologia em trajetória e penso que esta nossa dissertação é uma contribuição para isso, pois ela parte de trajetórias já percorridas por outros trabalhos – e esta afirmação está radicada numa concepção de trabalho cooperativo realizado por todo o grupo de pesquisa “História Oral e Educação Matemática” (GHOEM) – e, de certa forma, dentro de suas possibilidades, avança no sentido de elaborar ainda mais algumas questões. Isso, entretanto, reitero, é um trabalho cooperativo, de amplo espectro, não um tema específico deste nosso trabalho.

Quais possibilidades de continuidade você vê para seu trabalho de pesquisa?

Embora tenhamos esboçado as primeiras compreensões sobre o tema focado, não estabelecemos um “diálogo” com os trabalhos elaborados por SOUZA (1998), BARALDI (2003) e MARTINS (2003), pesquisadoras que tratam de temas similares ao nosso. Pensamos, então, que uma continuidade natural de nosso trabalho, seria sistematizar o que já foi e está sendo produzido pelo Grupo “História Oral e Educação Matemática”, com o objetivo de ampliar o mapeamento ao qual já fizemos referência, tornando-o mais abrangente para focar, mais globalmente, o Estado de São Paulo, talvez em estudos comparativos. Este mapeamento, por sua vez, poderia vir a ser parte de um outro mais amplo, enfocando o Brasil.

Tentamos esboçar algumas orientações para compreender uma paisagem, no sentido específico que a citação inicial desse trabalho estabelece: uma paisagem da Nova Alta Paulista não só como uma região meramente político-administrativa, mas recortada por lembranças e práticas, historicamente situada, dependente da perspectiva de quem a deseja compreender. Tentamos, em síntese, oferecer ao leitor uma dentre as várias orientações possíveis para situar esse entremeado de chão, rios, estradas, pessoas, memórias e ações, colocando em relevo nessa paisagem, mais especificamente, o professor de Matemática e suas práticas. Pensamos ser, isto, uma contribuição que o leitor poderá – ou não – considerar quando (re)constituindo, sob sua própria perspectiva, sua paisagem.

Em nossas lembranças já um passado fictício ocupa o lugar de outro, do qual nada sabemos com certeza – nem, ao menos, que é falso. (JORGE LUIS BORGES, apud LOWENTAL, 1998:67)

BIBLIOGRAFIA

Era de fato uma grande máquina do Tempo, esse sótão... se você tocasse em prismas aqui, maçanetas de portas acolá, arrancasse borlas, fizesse soar os cristais, assoprasse a poeira, arrebeantasse as fechaduras do baú e provocasse uma rajada de vento com a voz humana no velho fole da lareira até que ele fizesse voar fuligem de milhares de fogos antigos nos seus olhos... cada uma das gavetas da escrivaninha, puxadas para fora, deveria conter tios e primos e avós brasonados no pó.
(LOWENTAL, 1998: 165)

AMADO, J. e FERREIRA, M. de M. (cord.). (2001). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: FGV.

ARENT, H. (2000). *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva.

AZEVEDO, A. de. (1970). *Brasil: A terra e o homem*. São Paulo: Companhia Editora Nacional. (A Vida Humana, v. 2).

AZEVEDO, F. de. [19--] *Um trem corre para o oeste: estudo sobre o noroeste e seu papel no sistema de viação nacional*. 2. ed. São Paulo: Melhoramentos. (Obras Completas, v. 12).

AZIZ, A. S, et al. (2003). *A época colonial: do descobrimento à expansão territorial*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. (História Geral da Civilização Brasileira, v. 1).

BACELLAR, C. de. A. P. (1997). *Os senhores da terra: família e sistema sucessório de engenho do Oeste paulista*. Campinas: Área de Publicações CMU/ UNICAMP. (Coleção Campiniana, 13).

- BARALDI, I. M. (2003). *Retraços da Educação Matemática na Região de Bauru (SP): uma história em construção*. (Tese de Doutorado). Instituto de Geociências e Ciências Exatas, UNESP, Rio Claro
- BLOCH, M. (2001). *Apologia da história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- BOSI, A. (2002). *Dialética da Colonização*. São Paulo. Companhia das Letras.
- BOSI, E. (1994) *Memória e sociedade: lembrança de velhos*. 9. ed. São Paulo: Brasiliense.
- BURKE, P. (1997). *A escola dos Annales*. São Paulo: UNESP.
- CALDAS, A. L. (1999) Transcrição em história oral. *Nêho-História*, São Paulo, n. 1, p. 71- 80, nov/99.
- CERTEAU, M. de. (1999) *A invenção do cotidiano*. Petrópolis: Vozes.
- CERTEAU, M. de. (2002). *A escrita da História*. Rio de Janeiro: Forense.
- DEFFONTAINES, P. [19--]. *El Brasil: la tierra y el hombre*. Barcelona: Juventud, [19--]. 184 p.
- DOSSE, F. (2001). *A história à prova do tempo: da história em migalhas ao resgate do sentido*. São Paulo: UNESP.
- FOUCAULT, M. (2003). *A verdade e as formas jurídicas*. Rio de Janeiro: Nau.
- FRANCO, F. de A. C. (1964). *História das minas de São Paulo: administradores gerais e provedores: século XVI e XVII*. São Paulo: Conselho Estadual de Cultura. (Coleção História).
- FREITAS, S. M. de. (2002). *História oral: possibilidade e procedimentos*. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/USP: Imprensa Oficial do Estado.
- FREYRE, G. (1961). *Casa grande & Senzala: Formação da família brasileira sob o regime de economia patriarcal*. 10. ed. Rio de Janeiro: José Olympio.

- FURTADO, C. (2001) *Formação econômica do Brasil*. 30. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional. (Biblioteca Universitária, Ciências Sociais, v. 23).
- GARNICA, A.V.M. (2003). História Oral e Educação Matemática: do inventário à regulação. *ZETETIKÉ*, v.11, n.19, p. 9-55. Campinas: FE/CEMPEM.
- GARNICA, A.V.M. (2002). *História Oral e Educação Matemática: um inventário*. Faculdade de Ciências – UNESP – Bauru (mimeo).
- GARNICA, A.V.M. (2004a) *(Re)traçando trajetórias, (re)coletando influências e perspectivas: uma proposta em História Oral e Educação Matemática*. In BICUDO, M.A.V. e BORBA, M. de C.. *Educação Matemática: pesquisa em movimento*. São Paulo, Cortez.
- GARNICA, A.V.M. (2004b) *Historia Oral e Ed. Matemática*. In BORBA, M. de C. e ARAÚJO, J de L. *Pesquisa Qualitativa em Educação Matemática*. Belo Horizonte: Autêntica.
- GATTAZ, A. C. (1998). *Meio século de história oral*. IN *Revista do Núcleo de Estudos de História Oral*, São Paulo, nº 0.
- GINZBURG, C. (1889). *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras.
- GURIÊVITCH, A. (2003). *A síntese histórica e a escola dos Anais*. São Paulo: Perspectiva.
- HELLER, A. (1970). *O cotidiano e a história*. 4 ed. São Paulo: Paz e Terra. (Série Interpretações da História do homem, v. 2).
- HOBBSAWN, E. (1998). *Sobre História*. São Paulo: Companhia das Letras.
- HOLANDA, S. B de. (1975). *Raízes do Brasil*. 8. ed. Rio de Janeiro: José Olympio. (Coleção Documentos Brasileiros, v. 1).

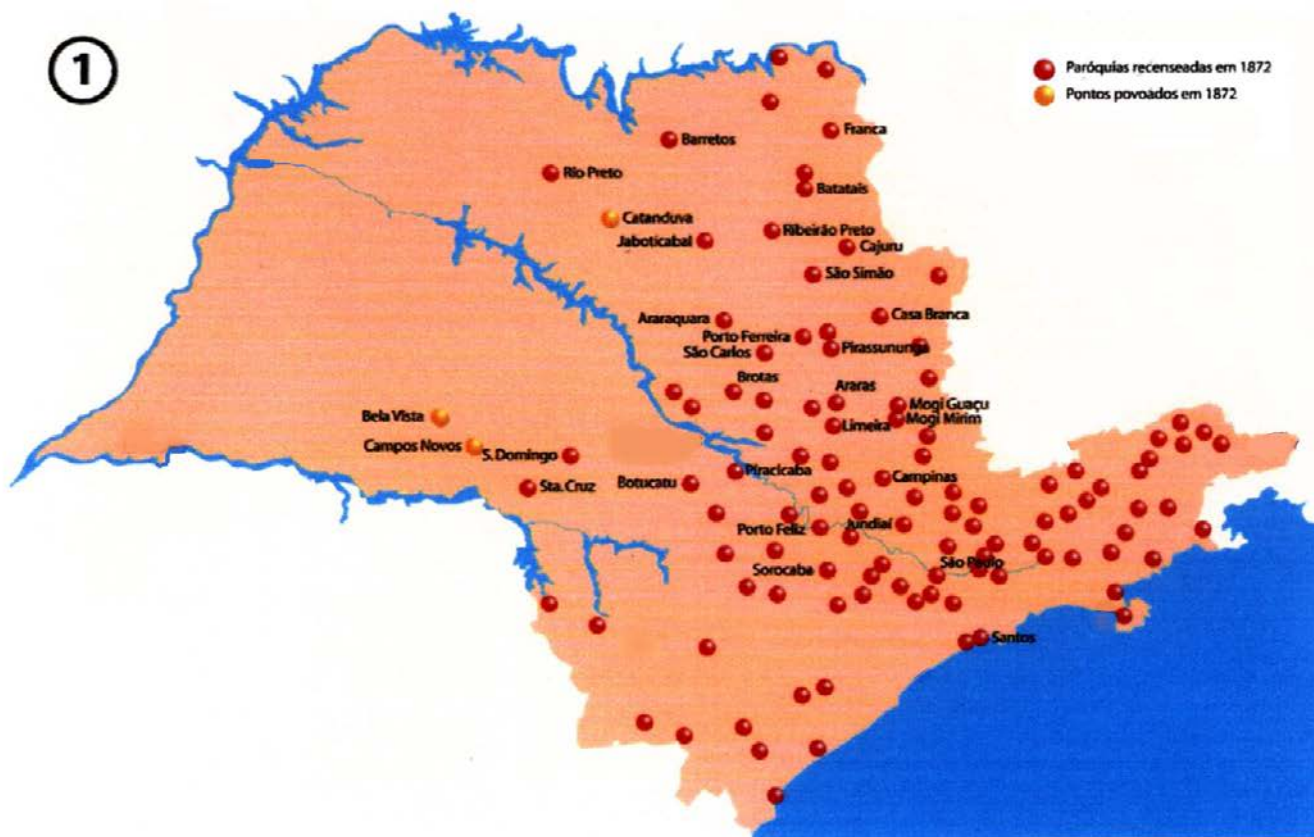
- HOLANDA, S. B. de. (1995). *Raízes do Brasil*. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. 220 p.
- HOLANDA, S. B. de. (2003). *História Geral da Civilização Brasileira*. 13. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil Ltda. (História da Civilização Brasileira, t. 1, v. 1).
- JOHNSON, P. (2001). *O Renascimento*. Rio de Janeiro: Objetiva
- LAPA, J. R. do A. (1986). *A economia cafeeira*. 3. ed. São Paulo: Brasiliense. (Coleção Tudo é História, 72).
- LE GOFF, J. (2000a). *História e Memória (Volume I: História)*. Lisboa: Edições 70.
- LE GOFF, J. (2000b). *História e Memória. (Volume II: Memória)*. Lisboa: Edições 70.
- LE GOFF, J. (1996). *História e memória*. ed. Campinas: Editora da UNICAMP. (Coleção Repertórios).
- LOPES, M. A. (2003). *Fernand Braudel: tempo e história*. Rio de Janeiro: FGV.
- LORENZO, H. C. de; COSTA, W. P. da. (Org.). (1997). *A década de 1920 e as origens do Brasil moderno*. 1º reimp. São Paulo: Editora UNESP.
- LOWENTHAL, D. (1998). *Como conhecemos o passado. Projeto História*, São Paulo, nº 17.
- MARTINS, M. E. (2003). *Resgate Histórico da Formação e Atuação de Professores de Escolas Rurais da Região de Bauru (SP)*. Relatório Final pesquisa Iniciação Científica. FAPESP/Departamento de Matemática-UNESP-Bauru.
- MATOS, O. N. de. (1990). *Café e ferrovias: a evolução ferroviária de São Paulo e o desenvolvimento da cultura cafeeira*. 4 ed. rev. Campinas: Pontes.

- MEIHY, J. C. S. B. (1999). História de vida: Lourdes Sánchez y Sánchez. *Neho-História*, São Paulo, n. 1, p. 94-103, nov/99.
- MEIHY, J.C.S.B. (2002). *Manual de história oral*. 4. ed. São Paulo: Loyola.
- MENEGUETTE, A. A. C. (2001). *Atlas interativo do Pontal do Paranapanema: uma contribuição à educação ambiental*. (Tese livre-docência) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP, Presidente Prudente.
- MILLIET, S. (1982). *Roteiro do café e outros ensaios: contribuição para o estudo da história econômica e social do Brasil*. 4. ed. São Paulo: HUCITEC.
- MONBEIG, P. (1998). *Pioneiros e fazendeiros de São Paulo*. São Paulo: Polis.
- MONTEIRO, J. M. (2000). *Negros da terra: índios e bandeirantes nas origens de São Paulo*. 3°. reimp. São Paulo: Companhia das Letras.
- MONTENEGRO, A. T. (2001). *História oral e memória: a cultura popular revisada*. 3. ed. São Paulo: Contexto. (Caminhos da História).
- NEME, M. (1959). *Notas de revisão da história de São Paulo: século XVI*. São Paulo: Anhembi.
- POLLAK, M. (1992). *Memória e identidade social*. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10.
- PRADO Jr., C. (1999). *Formação do Brasil contemporâneo: colônia*. São Paulo: Brasiliense.
- PRADO Jr., C. (1994). *História econômica do Brasil*. 41. ed. São Paulo: Brasiliense.
- PRADO, J. F. A. (1956). *O Brasil e o colonialismo europeu*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1956. (Brasiliense, v. 288)
- PRADO, P. (1972). *Província & nação paulística: retrato do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio. (Coleção Documentos Brasileiros, v. 152).

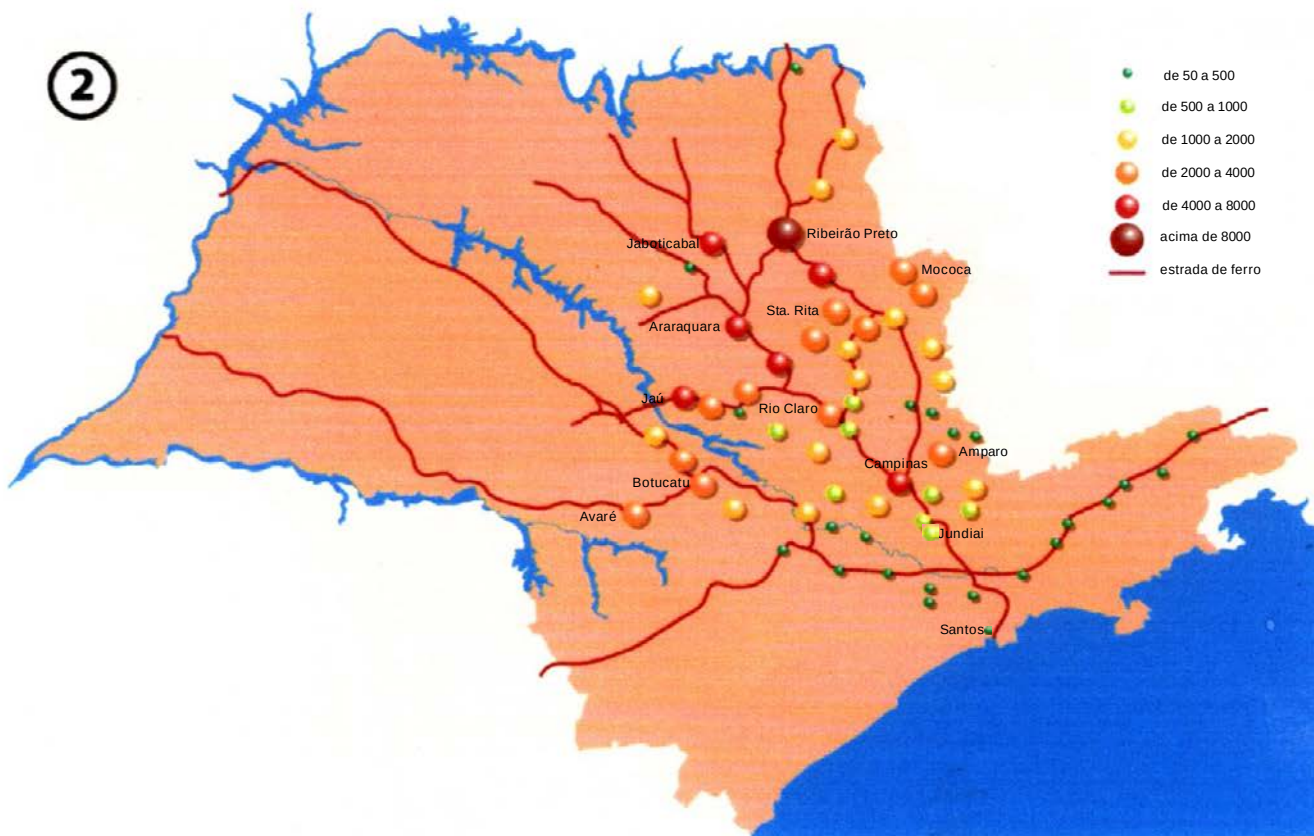
- REIS, J. C. (2000). *Escola dos Annales – a inovação em história*. São Paulo: Paz e Terra.
- REIS, J. C. (2003). *História & teoria*. Rio de Janeiro: FGV.
- RIBEIRO, D. (1997). *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*. 2. ed. 8º reimp. São Paulo: Companhia das Letras.
- SCHAFF, A. (1998). *História e verdade*. Lisboa: Editorial Estampa.
- SILVA, R. G. da. (1989). Incorporação da nova alta paulista ao setor produtivo do Estado de São Paulo: município de Adamantina (1937 a 1955). (Dissertação de Mestrado) – Instituto de Letras, História e Psicologia, UNESP, Assis.
- SOUZA, G. L. D. de. (1998). *Três décadas de educação matemática: um estudo de caso da baixada santista no período de 1953 – 1980*. (Dissertação de Mestrado) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, UNESP, Rio Claro.
- SOUZA, A.C.C. de. e SOUZA, G.L.D. de. (2001). *Cotidiano e Memória. Teoria e Prática da Educação*, Maringá: UEM. 4(8): 63-72.
- SOUZA, A.C.C. de. (1999). *O reencantamento da razão: ou pelos caminhos da História Cultural* In BICUDO, M.A.V. (org). *Pesquisa em Educação Matemática: concepções & perspectivas*. São Paulo: UNESP.
- TETARD, P. (2000). *Pequena história dos historiadores*. Bauru: EDUSC.
- THOMPSON, P. (1992). *A voz do passado: história oral*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- VAIDERGORN, J. (2003). *As seis irmãs: as FFCL do interior paulista*. Araraquara: FCL-Laboratório Editorial/Cultura Acadêmica.
- VIANA, H. (1967). *Monarquia e República*. In VIANA, H. *História do Brasil*. 6 ed. São Paulo: Melhoramentos.

WEINRICH, H. (2001). *Arte e crítica do esquecimento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

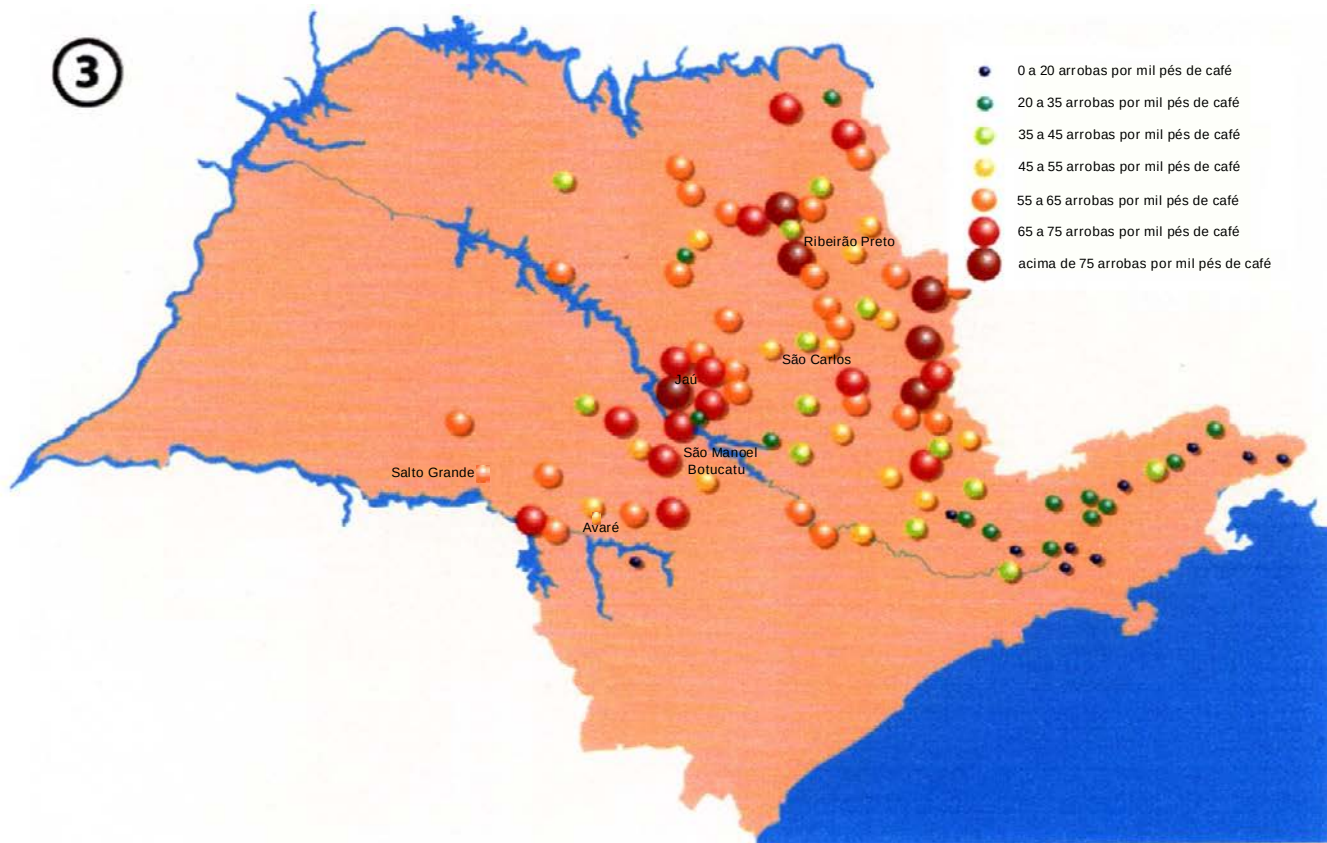
WHITE, H. (2001). *Trópicos do discurso*. São Paulo: EDUSP



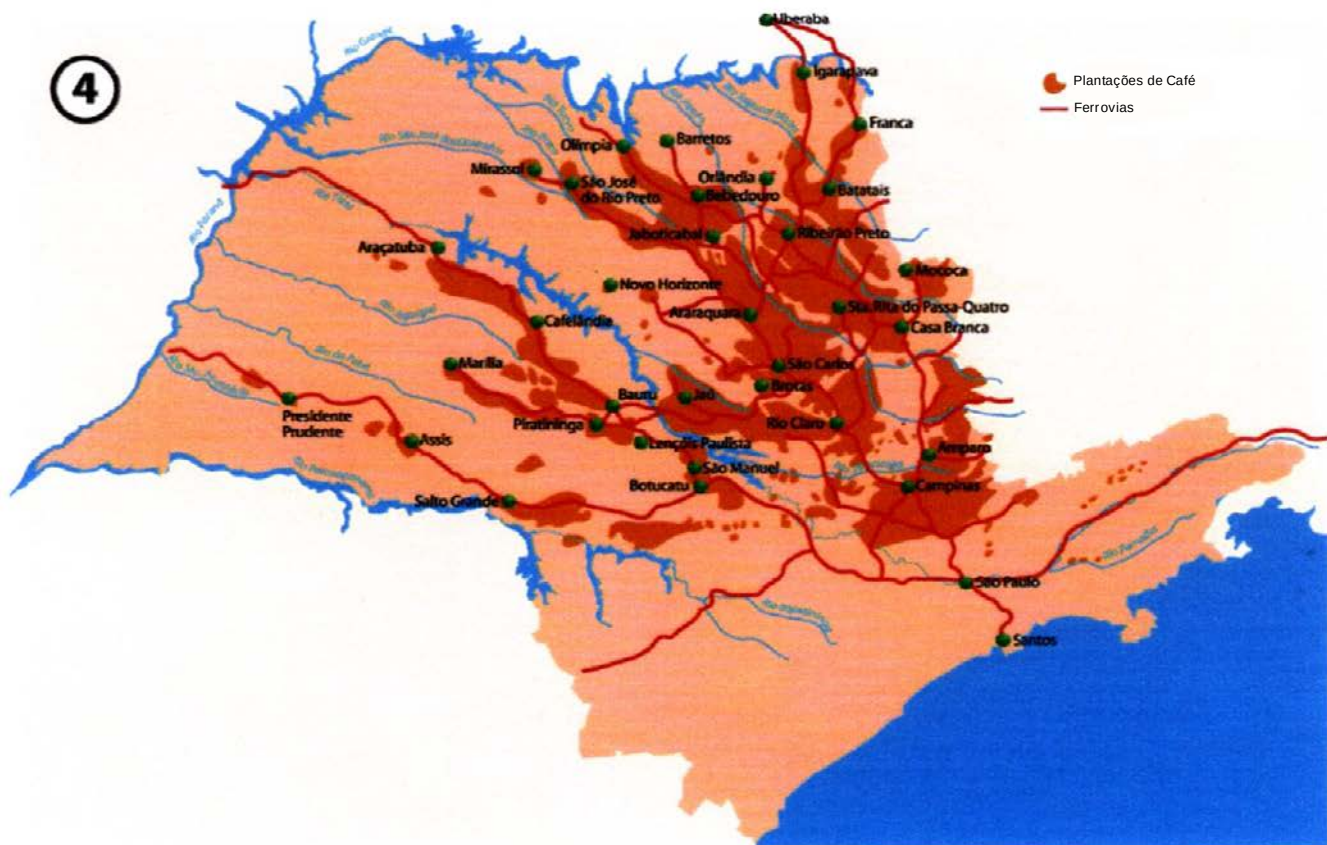
Povoamento do Estado de São Paulo por volta de 1872. Mapa traçado à luz do recenseamento imperial de 1872.



Localização dos Imigrantes que passaram pela Hospedaria dos Imigrantes de São Paulo, no período de 1898 a 1902.



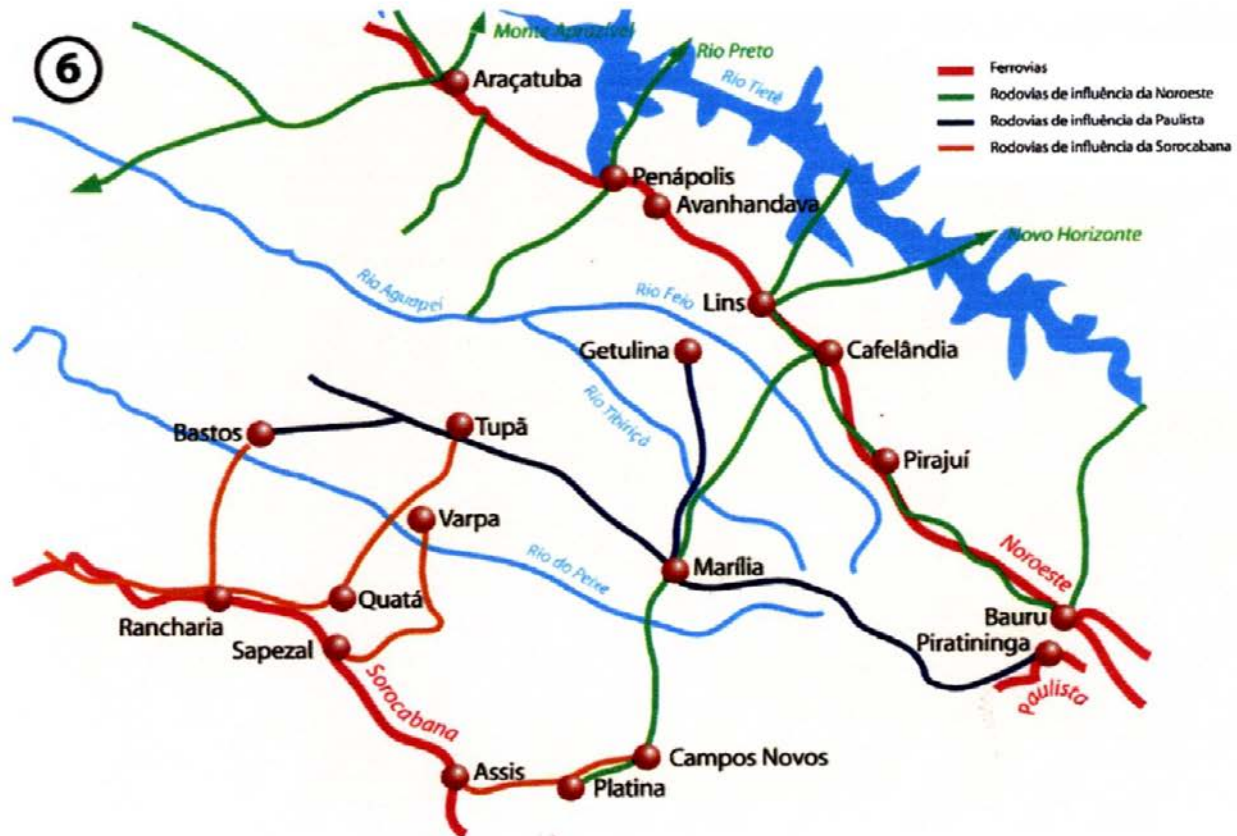
Rendimentos de café no Estado de São Paulo, de 1912 a 1918



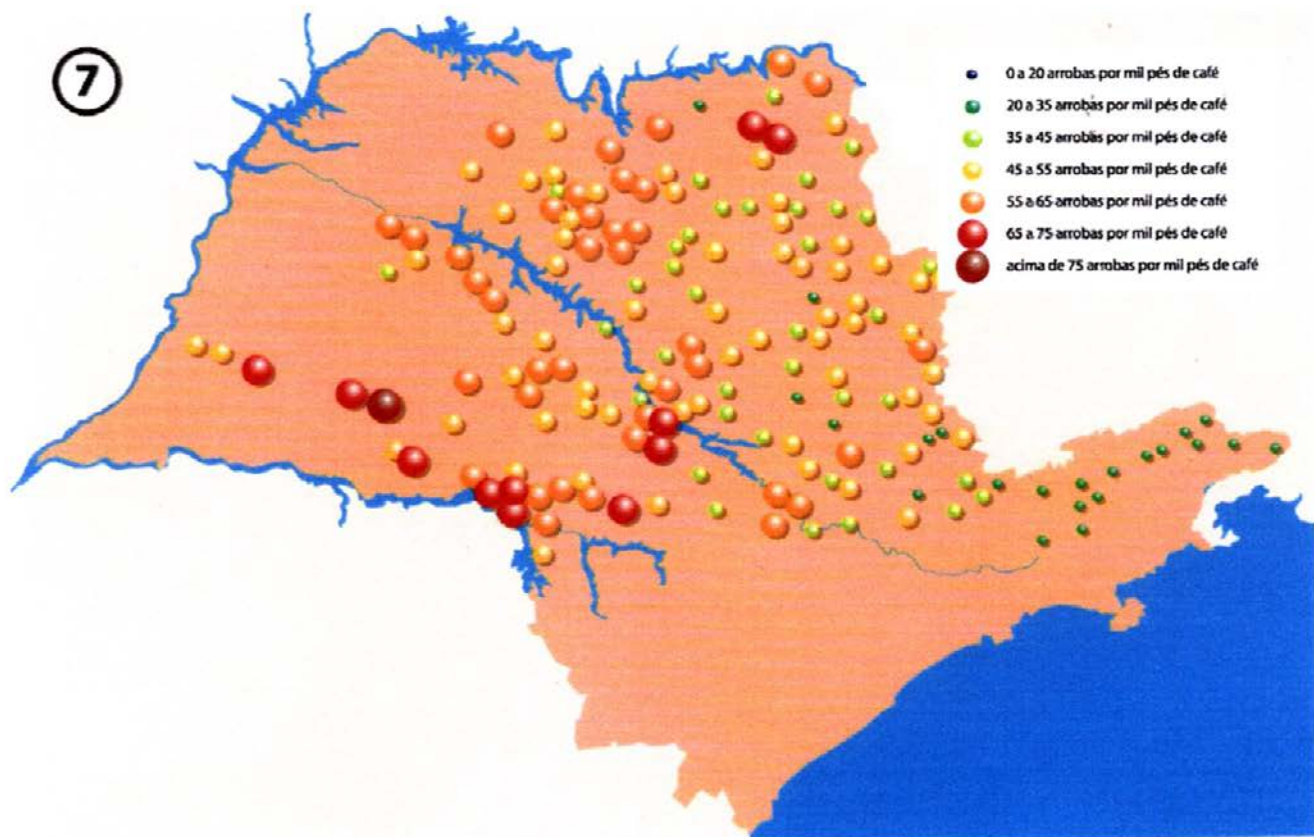
Cultura do café e vias férreas às vésperas da crise de 1929



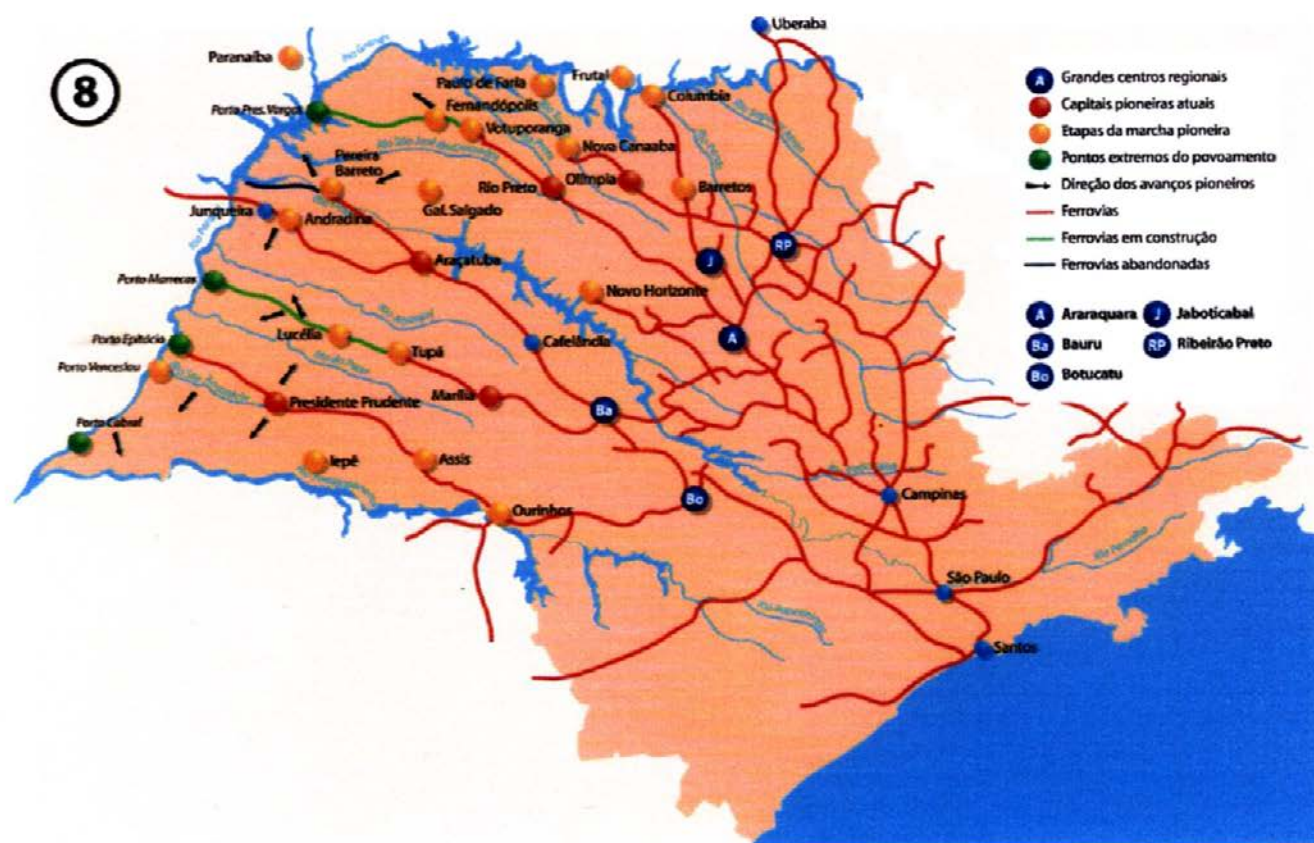
Localização dos Imigrantes que passaram pela Hospedaria dos Imigrantes de São Paulo, no período de 1926 a 1930.



A concorrência rodoviária entre as redes ferroviárias da Noroeste, Paulista e Sorocabana, na altura de 1929.

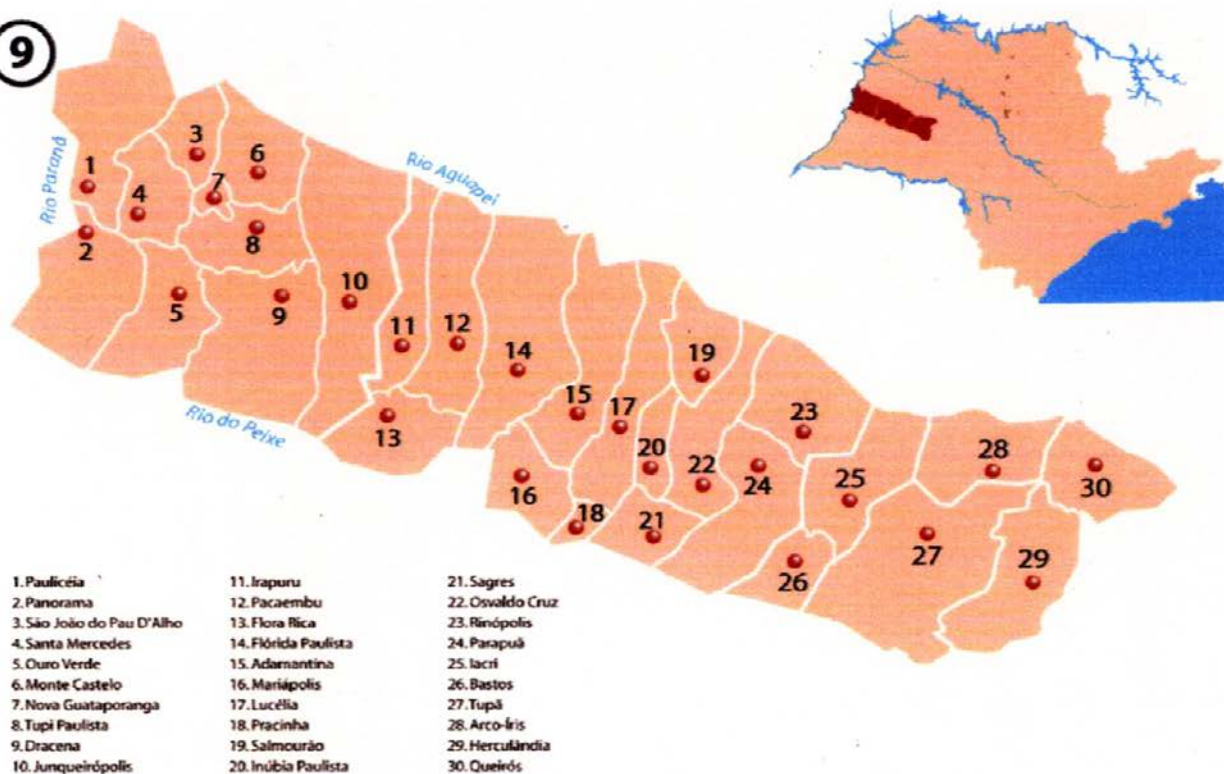


Rendimentos de café no Estado de São Paulo durante o período 1926-27 a 1930-31 (ano agrícola)



Povoamento e Ferrovias do Estado de São Paulo e do Norte do Paraná em 1946

9



Nova Alta Paulista - Divisão Política